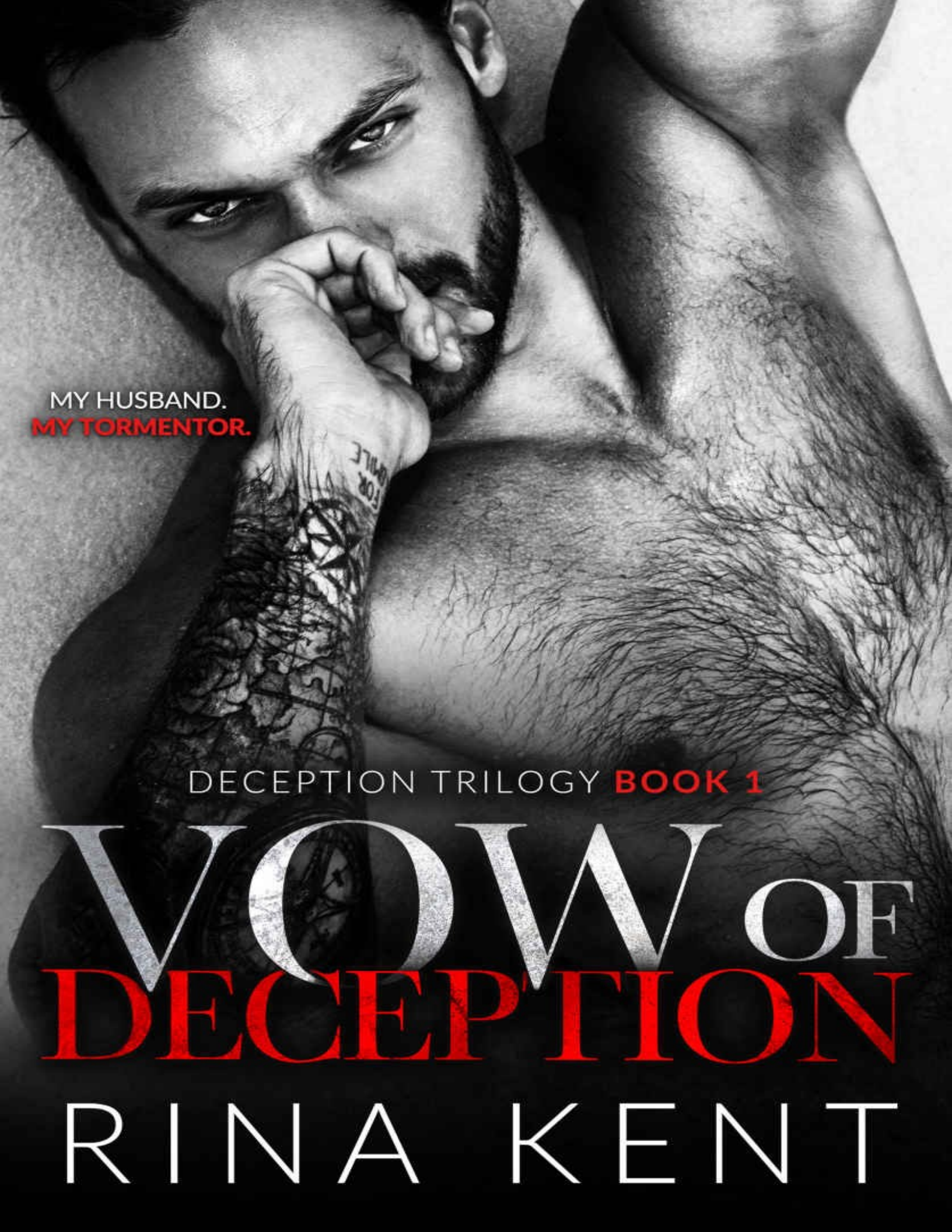




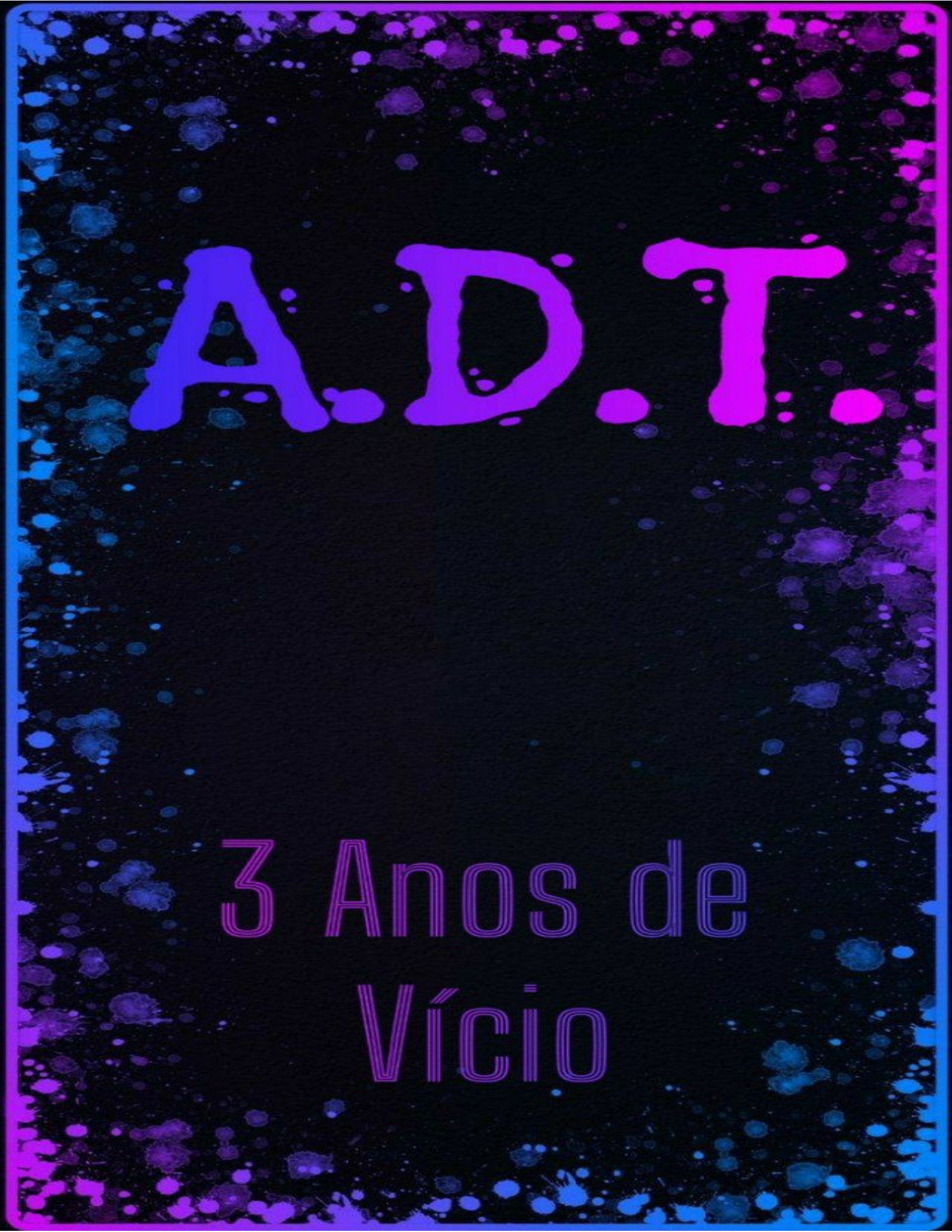
MY HUSBAND.
MY TORMENTOR.

DECEPTION TRILOGY **BOOK 1**

VOW OF DECEPTION

RINA KENT





A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Meu marido. Meu algoz.

O homem mais famoso da cidade me oferece um emprego.

Agir como sua esposa morta.

Adrian Volkov não é o tipo de pessoa que aceita um não como resposta.

Ele comanda com punho de ferro e todas as suas ordens são atendidas.

Quando ele me aborda com a oferta, tenho duas opções.

Ir para a prisão ou me colocar sob sua ira.

Eu escolho ter um teto sobre minha cabeça. O que há de tão difícil em atuar, certo?

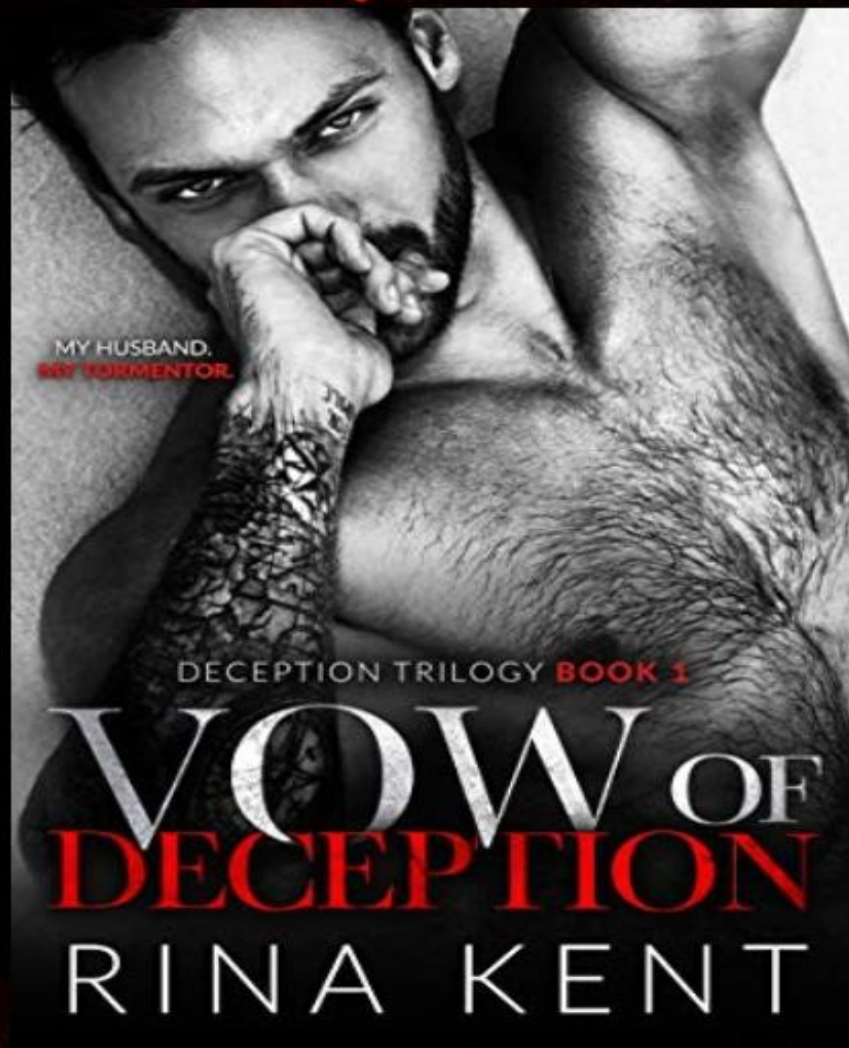
Errado.

No momento em que me coloco no lugar de sua esposa, tudo sai de controle.

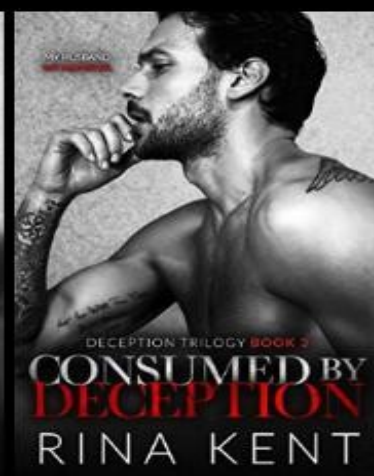
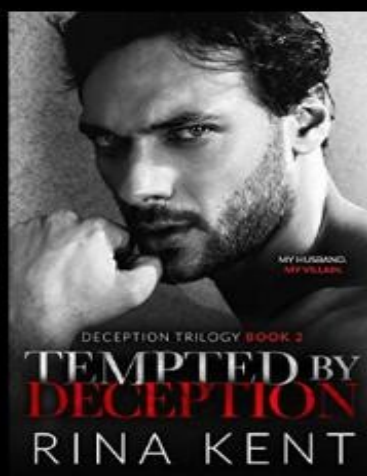
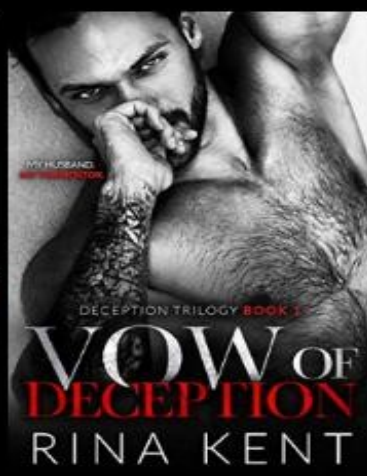
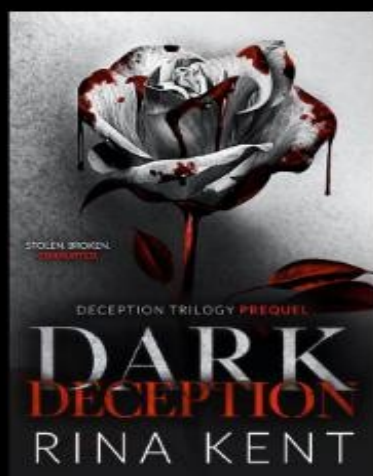
Minha única forma de sobrevivência é através de Adrian.

Ou é?

Lançamento



A Serie



Para cada um de nós que desafiou a lógica e se apaixonou por vilões.

Playlist

Snuff – Slipknot

Demons and Angels – LOWBORN

Darkness in Me – Fight The Fade

I Don't Know What to Say – Bring Me The Horizon

Designer Drugs - FNKHOUSER

Virgin – Manchester Orchestra

Simple Math – Manchester Orchestra

Pale Black Eye – Manchester Orchestra

Warning Sign – Coldplay

Hemorrhage – Red

Crawling – Dream State

Ashes – Claire Guerreso

Survivin' – Bastille

Heavy Rain – Solence

Apprehension – Manchester Orchestra

Mighty – Manchester Orchestra

Flares – The Script

Haunted – Acacia Ridge

In The Shadows – Amy Stroup

Under Your Scars - Godsmack

You can find the complete playlist on [Spotify](#).

Prologo

A morte pode vir na forma de um *doppelgänger*¹.

Existe um mito tão antigo quanto o tempo que diz que quando você conhece alguém que se parece com você, um de vocês morre.

Quem, é a questão.

Quem morreria primeiro? Eu ou ela?

Segundo o mito, o primeiro a ver o outro está fadado a encontrar o seu fim. Na mesma década. Mesmo ano. Talvez até no mesmo dia.

Eu levanto minhas mãos trêmulas e olho para o sangue que as cobre, se entrelaçando com meus dedos e rastejando sob minhas unhas.

Oh.

Acho que isso significa que a vi primeiro. Fiz contato visual primeiro.

Que má sorte. Mas acho que nunca tive o tipo bom. Não quando nasci, e certamente não quando fui empurrada para esta vida.

Minha atenção permanece no carmesim profundo que cobre minhas mãos como uma segunda pele. É espesso, pegajoso e sua cor escura queima na minha cabeça. Esfrego as palmas das mãos para limpar, mas isso não

¹ Doppelgänger é um sócio ou duplicata não-biologicamente relacionada com a pessoa que imita.

melhora. Na verdade, o sangue fresco e quente mancha ainda mais, como se já tivesse escolhido minhas mãos como local de residência permanente.

Fecho os olhos com força, inspirando ar forte. O som é rouco, gutural, arranhando a superfície dos meus pulmões como longos pregos enferrujados.

Tudo bem. Quando eu abrir meus olhos, vou acordar. Isso não é real. É apenas minha imaginação selvagem e minha superstição juntando forças para torturar minha mente.

Isto. Não. É. Real.

Minhas pálpebras parecem ter sido coladas quando se separam.

O sangue ainda é o mesmo, quente, pegajoso e quase preto devido à falta de luz. Eu cerro meus punhos, meu corpo ficando rígido como um chicote tenso.

Acorde. Acorde, porra.

Minhas unhas cavam em minhas palmas, mas nada do que faço me puxa para fora. Nada interrompe esse ciclo desagradável.

Eu levanto minha cabeça e estudo meu entorno. Árvores selvagens me envolvem como um casulo. Elas são tão altas que o céu escuro mal é visível através da pequena abertura no alto.

Nuvens se condensam sobre o tom prateado da lua e eu estremeço. O suéter fino sobre meu vestido de algodão mal me protege do frio.

Sentir frio deveria ser um bom sinal, mas não é. Não é uma indicação clara se isso é real ou não.

O sangue em minhas mãos não vai desaparecer e nem o tremor disparando pelo meu corpo.

Ele está atrás de mim.

Se ele me encontrar, ele vai me matar.

Eu aperto minhas pálpebras e conto em voz alta: — três, dois, um.

Quando os abro novamente, as árvores são as mesmas, assim como o frio. O sangue está mais frio agora. Mais espesso. Mais pegajoso. Como um demônio possuindo minha mente e começando com minhas mãos.

Não.

Eu afundo minhas unhas na longa cicatriz em meu pulso e agarro a pele o mais forte que posso, com a intenção de removê-la e olhar sob ela. Para ver o sangue realmente fluindo, para diferenciar este pesadelo da realidade.

Se não houver dor, isso não é real. É apenas outra manifestação cruel do meu subconsciente e outra autopunição. Em breve, tudo estará acabado e eu vou acordar, sã e salva.

Minha pele se rompe com o ataque de minhas unhas e uma dor lancinante explode no ferimento.

Minha boca se abre e uma lágrima pende da minha pálpebra.

Isso é real.

Isso não é um pesadelo. Eu não dormi e acordei no inferno. Eu fui lá com meus próprios pés.

Não.

Não...

Meus lábios secos tremem, algumas gotas de sangue caem da minha ferida e se juntam ao massacre em minhas mãos.

Tanto sangue só pode significar uma coisa.

Eu tirei uma vida.

Meus demônios finalmente venceram.

Eles estão em silêncio agora, nem mesmo tentando sussurrar essas coisas maliciosas, aqueles pensamentos que me atormentam dia e noite. Eles aumentaram de volume, batendo e arranhando os limites da minha cabeça até que eu os ouvi.

Até eu realizar o desejo deles.

— Eu não sou uma assassina. Isso não é um assassinato... — Murmuro as palavras para mim mesma. Talvez se eu continuar fazendo isso, eu possa desfazer o que aconteceu.

Talvez eu possa voltar e mudar isso.

Eu fico olhando para o céu escuro e sombrio, as lágrimas se agarrando às minhas pálpebras. — Se houver alguém aí, por favor, me deixe voltar para mudar isso. Eu não sou essa pessoa. Não me deixe ser essa pessoa. Por favor...

Apenas o vento uivante me responde, seu som ecoando na floresta vazia como espíritos vingativos com olhos amarelos e bocas abertas.

— P-Por favor... — eu imploro. — Por favor, pare de me torturar comigo mesma. Por favor.

Eu sei que meus apelos não surtiram nenhum efeito, mas é a última esperança que posso manter. O último tópico que pode me salvar. Porque eu preciso desesperadamente ser salva agora.

E eu não confio mais em mim mesma para fazer isso. Se eu tentar, só vou piorar as coisas. Vou ficar fora de controle e deslizar pelo caminho sem volta.

A próxima coisa que sei, serei meus próprios demônios.

Eu serei minha própria ruína.

Serei aquilo de que fugi durante toda a minha vida.

— Por favor, faça parar. — Minha voz engasga e eu fungo. — Por favor. Eu farei qualquer coisa.

Desta vez, o vento não é minha resposta. O barulho de passos vem em torno das árvores.

Meus pés vacilam e eu paro de respirar. Meus demônios não poderiam ter me encontrado tão cedo.

Embora... espere. Isso é realidade. Meus demônios não aparecem na realidade. Isso significa que os passos pertencem a alguém mais perigoso do que eles.

Eu giro e corro à frente, empurrando os galhos baixos para fora do meu caminho. As folhas caídas rangem sob meus sapatos baixos, mas não paro para pensar no som que estou fazendo, o que dá uma indicação clara de onde estou. Isso não é importante agora. Se eu for pega, serei morta.

Na verdade, meu destino será muito pior do que a morte.

Viva. Você é uma lutadora. Você nasceu para viver.

As palavras da mamãe ecoam na minha cabeça, me carregando com uma grande dose de adrenalina. Eu tenho que viver e permanecer assim para nós duas.

Eu *preciso* viver

Os passos ficam mais próximos a cada segundo que passa, até que seu ruído surja bem atrás de mim. Eu não olho para trás ou mesmo tento. Em vez disso, uso as árvores como camuflagem, correndo entre elas tão rápido que meus tendões gritam de dor.

Se meu padrão for irregular, ele não me encontrará. Se eu for imprevisível, poderei escapar das garras da morte.

Fui ensinada a nunca pegar o canudo mais curto ou ter menos do que mereço. É irônico que ele tenha me ensinado isso, mas agora está vindo atrás de mim.

Tão irônico.

As árvores se dissipam e eu paro bruscamente no topo de um penhasco. Pedregulhos escapam de meus pés e rolam sobre as enormes pedras e,

finalmente, para a água escura e turva que está batendo contra as rochas. O som das ondas furiosas ecoa no ar como uma sinfonia de morte.

O céu está completamente nublado agora, lançando uma sombra sombria no mar bravo.

Enquanto eu olho para baixo, um pensamento estranho, porém familiar, passa pela minha cabeça.

Seria tão fácil acabar com isso. Tão fácil.

Basta um passo. Um passo e afogarei meus demônios com minhas próprias mãos.

Um passo e vou matá-los de uma vez por todas, então eles nunca mais sairão.

— Faça.

Um arrepio percorre minha espinha com a voz sinistra que vem atrás de mim.

Ele me *encontrou*.

Eu giro tão rápido que perco o equilíbrio e balanço para trás. Eu estendo a mão para ele e agarro seu braço com as duas mãos, as unhas cravando em sua camisa. Manchas de sangue no pano cinza claro como evidência do meu desespero por viver.

Ele está imóvel, como uma estátua fria, enquanto eu permaneço suspensa no ar. Seu rosto está sombreado e não consigo ver nada, exceto os contornos de seu queixo e cabelo.

Como eu sei que ele não fará nenhum movimento para me ajudar, tento usar meu aperto em sua manga para me puxar para cima.

— Você acabou com uma vida. — Seu tom calmo, mas ameaçador, me faz parar no meio do caminho.

Eu balanço minha cabeça violentamente. — Eu n-não queria.

— Ainda aconteceu.

— Não, por favor... não...

— Morra por seus pecados. — Ele puxa a mão livre e eu tropeço para trás e descí o penhasco.

Abro a boca para gritar, mas nenhum som sai. A queda não é tão dolorosa quanto eu esperava. Se qualquer coisa... é pacífica.

Depois de dar uma última olhada na silhueta que olhava para mim, eu fecho meus olhos, deixando as lágrimas caírem.

É finalmente o fim.

Capítulo Um

Adrian

O cheiro de rosas se transformou no fedor da morte.

Eu fico olhando para o sangue jorrando de suas feridas, para a vida teimosamente deixando seu corpo sem pausa ou segundos pensamentos.

A cor vermelha está estragando sua pele clara, pintando riachos por seus braços e pernas e contornando seu rosto macio.

Seus olhos estão abertos, mas ela não está olhando para mim. Seu olho azul está em branco, desapareceu, já existindo em algum outro lugar onde eu não pertenço.

Eu embalo sua cabeça em meus braços, acariciando suavemente seu cabelo castanho escuro. Levantando uma mecha molhada, eu inalo profundamente, em busca do que é possivelmente minha última dose de rosas. Não importa se elas são espinhosas e me picariam no processo. O método não tem importância para mim, desde que eu faça as coisas.

O que me saúda é a coisa mais distante das rosas. Não é nem morte. É pior.

Nada.

Entorpecimento.

Um lugar onde ela não pode e não vai me sentir. Onde ela acabou com tudo apenas para que ela pudesse selar seu coração e sua alma.

Só para que ela pudesse... desaparecer.

Eu afasto seu cabelo de seu rosto e escovo meus lábios sobre sua testa.

— Eu vou te encontrar de novo.

As pessoas dizem que a morte é o fim.

Para mim, é apenas o começo.

Capítulo Dois

Winter

Acho que parei de sentir.

Não é que eu tenha desligado minhas emoções, mas tenho certeza de que perdi as sensações em minhas mãos e pés.

Quase posso ver as bolhas de frio em meus dedos dentro das luvas rasgadas e entre os dedos dos pés, que estão cobertos por meias velhas e sapatos masculinos que são um tamanho grande demais, deixando meus pés desajeitados a cada passo que dou. O ar gelado está até mesmo passando pela barreira de meus quatro suéteres finos e o casaco que é três vezes maior.

A temporada de neve atingiu fortemente este ano na cidade de Nova York. Eu me sinto como um boneco de neve ambulante com o peso das roupas que estou vestindo. Nenhuma delas é macia ou protetora o suficiente, mas é melhor do que morrer de hipotermia.

Seria irônico se eu morresse de frio quando meu nome é Winter.

O destino é um pouco cínico demais ou o quê? Ele deve ter pensado neste momento em que sussurrou para minha mãe que ela deveria me dar o nome da estação mais fria e difícil.

O destino também escolheu o pior estado para me jogar. Não só os invernos aqui são frios, ventosos e úmidos como o inferno, mas os verões também são insuportáveis com toda a umidade.

Mas quem sou eu para reclamar? Pelo menos aqui, posso deslizar pela multidão sem ser notada.

Como se eu não existisse.

A invisibilidade é uma ferramenta poderosa. Em uma cidade que abriga mais de oito milhões de habitantes, é realmente fácil para alguém como eu passar despercebida.

O frio me obriga a me destacar mais, no entanto. Enquanto caminho pelas ruas molhadas entre centenas de milhares de pessoas, às vezes recebo olhares. Eles nem sempre têm pena, muitas vezes, eles são críticos. Posso ouvi-los dizer: *Você poderia ter feito melhor, mocinha.*

Mas a maioria dos nova-iorquinos está tão insensível que não dá a mínima para um ninguém como eu.

Tento não me concentrar nas pessoas que saem das padarias com comida para viagem, mas não posso ignorar os cheiros divinos que passam por mim. Abro a boca e, em seguida, fecho como se isso fosse me dar um gostinho das guloseimas.

Se ao menos eu pudesse tomar uma sopa quente agora ou comer um pedaço de pão quente.

Eu engulo a saliva que se forma em minha boca com o pensamento. Sempre que estou morrendo de fome e não tenho acesso a comida, imagino

uma mesa cheia de refeições deliciosas e finjo que estou me deliciando com elas. Mas meu estômago só acredita por meio minuto antes de começar a roncar novamente.

É difícil enganar aquele.

Por mais faminta que eu esteja, no entanto, o que eu realmente amo mais é beber.

Eu levanto a lata de cerveja que está embrulhada em um saco de papel marrom e tomo o resto. Lá se vão as gotas finais que deveriam me ajudar no meu dia.

É apenas a tarde e comi pela última vez... quando foi de novo? Dois dias?

Talvez eu devesse voltar ao abrigo para uma refeição e um pedaço de pão...

Eu descarto o pensamento assim que ele surge. Jamais voltarei àquele lugar, nem mesmo se tiver que dormir na rua. Acho que devo procurar outro abrigo onde possa passar o resto do inverno ou então morrerei de frio lá fora.

Meus pés param na frente de um pôster emoldurado pendurado na lateral de um prédio. Eu não sei por que paro.

Eu não deveria.

Eu não paro normalmente.

Eu não paro e fico olhando, porque isso chamaria a atenção para mim e arruinaria minhas chances de ter superpoderes de invisibilidade.

Mas por razões desconhecidas, eu paro desta vez. Minha lata vazia está aninhada entre meus dedos enluvados, suspensa no ar enquanto estudo o anúncio.

O pôster é para o New York City Ballet, anunciando uma de suas apresentações. Todo ele é ocupado por uma mulher usando um vestido de noiva e parada na ponta dos pés. Um véu cobre seu rosto, mas é transparente o suficiente para distinguir a tristeza, a aspereza, o... desespero.

‘Giselle’ está escrito em sua cabeça. Na parte inferior estão os nomes do diretor e da primeira bailarina, Hannah Max, além das demais bailarinas participantes do show.

Pisco uma vez e, por um segundo, posso ver meu reflexo no vidro. Meu casaco engole meu corpo pequeno e meus tênis de cano alto enormes parecem sapatos de palhaço. Meu chapéu de pele sintética cobre minhas orelhas, e meu cabelo loiro está desgrenhado e oleoso, com as pontas escondidas dentro do meu casaco. Meu chapéu está um pouco puxado para trás, revelando minhas raízes escuras. Sentindo-me de alguma forma autoconsciente, puxo o capuz do meu casaco sobre a cabeça, permitindo que obscureça meu rosto.

Agora pareço uma serial killer.

Ha. Eu riria se pudesse. Um serial killer é inteligente o suficiente para não acabar nas ruas. Eles são espertos o suficiente para não se afogar tanto em álcool a ponto de se tornar impossível manter um emprego.

Eu pisco novamente e o pôster volta a ser visto. Giselle. Ballet. Primeira bailarina.

Um desejo repentino de arrancar os olhos da mulher me oprime. Eu inspiro, depois expiro. Eu não deveria ter uma reação tão forte em relação a uma estranha.

Eu a odeio. Eu odeio Hannah Max e Giselle e balé.

Girando, eu saio antes de ficar tentada a quebrar o pôster.

Amasso a lata e jogo em uma lata de lixo próxima. Essa mudança de humor não é boa, de jeito nenhum.

É por causa da falta de álcool no meu sistema. Não bebi cerveja suficiente hoje para ficar bêbada à luz do dia. O frio se torna mais tolerável quando minha mente está entorpecida. Meus pensamentos não são tão altos e eu não tenho sentimentos assassinos por causa de um pôster de balé inofensivo.

Eu distraidamente atravesso a rua como faço todos os dias. Tornou-se minha rotina, e eu nem presto mais atenção a isso.

Esse é o meu erro, tomar as coisas como certas.

Eu não ouço a buzina estridente até estar no meio da rua.

Meus pés param no lugar como se pedras pesadas os mantivessem colados ao chão. Enquanto eu olho para as luzes de emergência da van e ouço sua buzina contínua, acho que minha vida de 27 anos, desde o nascimento até agora, vai passar na frente dos meus olhos. Isso é o que acontece na hora da morte, certo? Eu deveria me lembrar de tudo.

Desde o momento em que mamãe nos mudou de uma cidade para a outra, até que a vida me jogou em Nova York.

Desde o momento em que floresci, até o acidente que me transformou em uma alcoólatra incurável.

No entanto, nenhuma dessas memórias veio. Nem mesmo um fragmento delas. As únicas coisas que invadem minha cabeça são os dedinhos dos pés e das mãos. Um rosto e um corpo minúsculos que a enfermeira colocou em meus braços antes de ser levada embora para sempre.

Um nó se forma na minha garganta e eu tremo como uma folha insignificante nas ruas frias de inverno de Nova York.

Eu prometi viver para ela. Por que diabos estou morrendo agora?

Eu fecho meus olhos. *Eu sinto muito, menina. Sinto muito.*

Uma grande mão me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás com tanta força que tropeço em meus próprios pés. A mesma mão gentilmente me segura pelo braço para me manter de pé.

Eu lentamente abro meus olhos, meio que esperando encontrar minha cabeça embaixo da van. Mas, em vez disso, a buzina soa quando passa por

mim, o motorista gritando pela janela: — Olhe para onde você está indo, sua vadia louca!

Encontrando seu olhar, eu dou o dedo com minha mão livre e continuo fazendo isso para ter certeza de que ele vê no espelho retrovisor.

Assim que a van desaparece na esquina, começo a tremer de novo. A breve onda de adrenalina que me atingiu quando fui insultada murcha, e agora tudo em que consigo pensar é que poderia ter morrido.

Que eu *realmente* decepcionaria minha garotinha.

— Você está bem?

Eu giro ao som da voz com sotaque. Por um segundo, esqueci que alguém havia me puxado para fora do caminho daquela van. Que se ele não tivesse, eu estaria morta agora.

O homem, que é russo, a julgar pelo sotaque sutil com o qual acabou de falar, está na minha frente, sua mão ainda segurando meu cotovelo. É um toque suave em comparação com a força bruta que ele usou para me puxar de volta.

Ele é alto e, embora a maioria das pessoas seja mais alta do que meu um e sessenta e dois, ele vai muito além disso. Provavelmente um e oitenta e oito ou mais. Ele está vestindo uma camisa preta e calças com um casaco de cashmere cinza escuro aberto. Podem ser as cores, ou o comprimento do casaco, que vão até os joelhos, mas ele parece elegante, composto, meio que um advogado, e provavelmente trabalhou como modelo para pagar as mensalidades da faculdade.

Seu rosto conta uma história diferente, no entanto. Não que ele não seja bonito, porque ele é, características agudas e angulares que se encaixam em seu corpo modelo. Ele tem maçãs do rosto salientes que projetam uma sombra em sua mandíbula grossa.

Seus olhos são de um tom intenso de cinza beirando o preto. A cor de suas roupas pode estar intensificando sua aparência, no entanto. O fato é que eles são muito... desconfortáveis de se olhar. Sabe quando algo ou alguém é tão bonito que chega a doer só de olhar para ele? É esse estranho. Olhar em seus olhos, por mais bizarros que sejam, me atinge com um sentimento de inferioridade que não consigo me livrar.

Embora suas palavras transmitam preocupação, não vejo nenhuma escrita em sua expressão facial. Nenhuma empatia da qual a maioria das pessoas é capaz.

Mas, ao mesmo tempo, ele não parece o tipo que finge preocupação. Se qualquer coisa, ele seria como o resto dos transeuntes que mal olharam na direção do quase acidente de trânsito.

Eu deveria estar me sentindo grata, mas a única coisa que quero é escapar de suas garras e de seus olhos inquietos. Seus olhos profundos e suplicantes que vão decifrando meu rosto, aos poucos.

Peça por peça minúscula.

— Eu estou bem, — eu respondo, torcendo meu cotovelo livre.

Sua testa franze, mas é breve, quase imperceptível, antes que ele volte à sua expressão anterior, me deixando ir tão suavemente quanto ele estava

me segurando. Espero que ele se vire e vá embora, para que eu possa contabilizar toda a experiência como uma infeliz tarde de inverno.

Mas ele apenas fica ali, imóvel, sem piscar, sem dar um único passo em qualquer direção. Em vez disso, ele opta por me observar, suas sobrancelhas grossas desenhando sobre os olhos que eu realmente não quero olhar, mas me encontro arrastada para o seu cinza selvagem de qualquer maneira.

Eles são como a dureza das nuvens acima e a rajada impiedosa do vento em todas as direções. Eu posso fingir que eles não existem, mas eles ainda me fazem perder a sensação de meus membros. Eles me causam bolhas e dores.

— Tem certeza de que está bem? — Ele pergunta de novo e, por algum motivo, parece que ele quer que eu diga a ele que não estou.

Mas por que? E com que fim?

Eu sou apenas um dos milhares de sem-teto nesta cidade. Um homem como ele, que está rodeado por um ar impenetrável de confiança, insinuando que está em alguma posição de destaque, nem deveria ter olhado em minha direção.

Mas ele fez.

E agora, ele está perguntando se eu estou bem. Estar acostumada com a invisibilidade me deixa inquieta quando estou de repente visível.

Desde que este estranho russo me agarrou pelo braço, senti uma coceira sob minha pele, me incitando a pular de volta para as sombras.

Agora.

— Sim, — eu deixo escapar. — Obrigada.

Estou prestes a me virar e sair quando a autoridade em sua voz me impede. — Espere.

Meus sapatos grandes fazem um barulho estridente no concreto quando sigo seu comando. Eu normalmente não faria. Não sou boa em ouvir ordens, é por isso que estou neste estado.

Mas algo em seu tom chama minha atenção.

Ele enfia a mão no casaco e dois cenários surgem na minha cabeça. A primeira é que ele vai sacar uma arma e atirar na minha cabeça por desrespeitá-lo. A segunda é que ele vai me tratar como muitos outros e me dar dinheiro.

Essa sensação de inferioridade bate novamente. Embora eu geralmente aceite troco das pessoas para comprar minha cerveja, eu não imploro por isso. A ideia de pegar o dinheiro desse estranho me faz sentir suja, menos que invisível e mais como uma partícula de poeira em seus sapatos de couro preto.

Pretendo recusar seu dinheiro, mas ele apenas pega um lenço e o coloca na minha mão. — Você tem algo em seu rosto.

Sua pele roça nas minhas luvas por um segundo e, embora o contato seja breve, eu vejo isso.

Uma aliança de casamento em seu dedo esquerdo.

Eu pego o pedaço de pano na minha mão e aceno em agradecimento. Não sei por que esperava que ele sorrisse ou até mesmo desse um aceno de cabeça em troca.

Ele não fez.

Seus olhos penetram nos meus por alguns segundos, então ele se vira e sai.

Bem desse jeito.

Ele me apagou de sua tarde infeliz e agora está voltando para sua esposa.

Considerando o extremo desconforto que senti em sua presença, achei que ficaria aliviada quando ele fosse embora.

Pelo contrário, parece que meu esterno está cavando na carne sensível do meu coração.

Que diabos?

Eu fico olhando para o lenço que ele colocou na minha mão. Possui as letras A.V. bordado nele e parece ser feito à mão. Algo de valor.

Por que ele me daria isso?

Algo em seu rosto.

Tem muita merda na minha cara. Uma camada de sujeira, na verdade. Já que eu não estou em um banheiro público há algum tempo. Ele realmente achava que um lenço maldito seria a solução?

Irritada com ele e com a minha reação em relação a ele, jogo o lenço em uma lata de lixo e corro na direção oposta.

Eu preciso de uma refeição quente e uma cama esta noite, e se isso significa encontrar o diabo novamente para tê-los, que seja.

Capítulo Tres

Winter

Eu paro antes de virar a esquina em direção ao abrigo.

Dizer que vou enfrentar o diabo e realmente fazer isso são duas coisas diferentes. Afinal, arranhei seu rosto, chutei suas bolas e o empurrei contra a mesa na última vez em que o vi.

Ele pode realmente me pegar e me forçar a passar um dia na delegacia.

Um rosnado baixo escapa do meu estômago e estremeço quando ele se contrai. Quase posso senti-lo abrindo a boca e, quando não encontra nada, emite um som horrível.

Eu envolvo um braço em volta da minha cintura como se isso fosse apaziguar magicamente a dor.

Certo, vou apenas tentar pegar um pouco de sopa e ir embora. Muitos moradores de rua que não passam a noite aqui vêm apenas para comer, então meu plano não deve ser estranho.

Eu puxo meu capuz sobre minha cabeça e esfrego minhas mãos em uma tentativa meia-boca de aquecê-las enquanto eu viro a esquina.

Dois carros da polícia estão estacionados em frente ao abrigo com as luzes azul e vermelha acesas. Algumas vans de notícias estão espalhadas pelo prédio pobre. Repórteres e cinegrafistas estão por toda parte, como insetos em busca de um pedaço de lixo suculento para morder.

Não me diga que aquele idiota nojento chamou a polícia e a mídia por minha causa? Eu só chutei ele. Certo, talvez eu agarrei seu rosto e o soquei também, mas isso foi em legítima defesa. Foi ele quem me chamou em seu escritório e estava me apalpando onde não deveria estar tocando.

Posso ter pouco, tudo bem, nada, mas posso me proteger contra bastardos como ele.

Mas se eu contar isso para a polícia ou a mídia, eles não vão acreditar em mim. Por que o respeitável diretor de um abrigo para sem-teto, que também está concorrendo a prefeito, tocaria em uma pessoa insignificante e suja como eu?

Eu realmente deveria procurar outro abrigo. Mas eles vão me deixar entrar se Richard já me colocou na lista negra?

Foi arranhar, o soco ou o chute que selou o acordo para ele? Se fosse o último, que fosse. Porque chutá-lo nas bolas não é algo de que me arrependo no mínimo.

Uma pedra me atinge na cabeça e eu estremeço, me virando. Um sorriso levanta minha boca quando eu faço contato visual com a única pessoa que eu chamaria de meu amigo neste buraco de merda.

— Larry! — Eu sussurro-grito.

— Venha aqui. — Ele faz um gesto para que eu me junte a ele em um pequeno beco que é usado para jogar o lixo.

Eu rapidamente me movo para o lado dele e estremeço com o cheiro de lixo. Não que Larry e eu sejamos as pessoas mais cheirosas por aí, considerando o tempo limitado que temos para tomar banho.

A pele bronzeada de Larry parece ainda mais escura nas sombras. Ele é um homem de meia-idade, por volta dos cinquenta anos, como ele me disse e tem as rugas ao redor dos olhos como prova do tempo que passou nesta terra. Suas feições são duras, angulosas e o osso do nariz se projeta devido a ter sido quebrado antes.

Ele está vestindo um casaco de cashmere laranja escuro de segunda mão que ganhou de uma instituição de caridade. Suas botas e luvas são azul marinho. Obviamente, seu senso de moda é definitivamente melhor do que o meu.

Nós nos conhecemos há algumas semanas em uma das estações de metrô e ele compartilhou seu jantar comigo. Dei a ele metade da minha preciosa cerveja e, de alguma forma, nos tornamos melhores amigos. A única coisa que mais amo na companhia de Larry é que ele não é do tipo falante. Nós dois sonhamos acordados na presença um do outro, sem nos preocupar em fazer muitas perguntas. Encontramos camaradagem no silêncio. Em fechar a porta para o mundo. Ele sabe sobre meu problema com o álcool, porém, e me disse que é um veterano.

Larry foi quem me trouxe a esta merda, dizendo que teríamos refeições grátis e uma cama quentinha. Ficamos um pelo outro, então quando um

está dormindo, o outro fica de guarda para que ninguém nos toque. Quando não há camas disponíveis, sentamos um ao lado do outro, coloco minha cabeça em seu ombro e dormimos assim.

— Estive procurando por você por toda parte. — Ele arqueja. — Onde você esteve?

— Por aí.

— Você roubou cerveja de novo?

— Não!

— Winter... — ele aperta a ponta do nariz como se eu fosse uma criança insolente.

— Tudo bem. Apenas uma. Eu não tinha nenhum trocado.

— Nós concordamos em nunca roubar.

— Tempos desesperadores, Larry. Além disso, você sabe que não gosto do meu estado sóbrio. Ela tem problemas. — Talvez seja por isso que estou me sentindo desequilibrada a tarde toda. Tenho baixa tolerância ao álcool, mas até eu preciso de mais do que uma única cerveja para ficar bêbada.

— Winter...

— Esqueça. — Eu jogo a mão desdenhosa na direção geral do abrigo. — O que aconteceu aqui?

Ele afina os lábios antes de liberá-los. — Eu deveria te perguntar isso.

— Eu?

— Sim você. Por que você acha que a polícia e a mídia estão aqui?

— Porque Richard os chamou para me demonizar?

— Não exatamente.

— Então o que?

— Richard foi encontrado morto em seu escritório esta manhã.

Eu paro, uma sensação estranha me agarrando pela garganta e confiscando meu suprimento de ar. Quando eu falo, é em um sussurro tenso. — O que?

— A equipe de limpeza o encontrou em uma poça de seu próprio sangue e a polícia suspeita que você tenha feito isso.

— Eu?

— Sim. Não sei se Richard ligou para eles antes de morrer ou se a equipe e os outros testemunharam que você foi a última pessoa que o viu vivo.

Meus punhos se fecham de cada lado do meu corpo. — Eu não o matei, Larry. Eu não fiz isso.

Suas sobrancelhas franzem os olhos enrugados enquanto ele suspira. Ele tem pele grossa com algumas manchas, provavelmente devido a ter ficado tantos anos ao sol. — Eu sei.

— Mesmo?

— Realmente, Winter. Você é uma coisinha maluca, mas não é uma assassina.

Eu sorrio um pouco com isso. — Quem você está chamando de louca, meu velho?

— Eu não sou velho, sua merdinha.

— Você age como um, Larry.

Ele me abraça, então rapidamente me empurra para longe. Larry sempre manteve distância entre nós, como se tivesse medo de me tocar, e sou grata por isso. Não porque seu toque seja ruim, mas porque eu não gosto de ser tocada. É por isso que prefiro a invisibilidade.

— De qualquer forma, você precisa sair antes que eles te encontrem.

— Não. Não fiz nada de errado e, se me esconder, significa que estou admitindo um crime que não cometi.

— Então o que você planeja, mulher? Você está pensando em se intrometer no meio desses policiais? O que você vai dizer? Tipo, ‘umm, olá, oficiais, eu sou aquela que vocês acham que matou Richard, mas na verdade eu não matei, então vamos apenas apertar as mãos?’

— Vou simplesmente dizer a eles o que aconteceu.

— Ninguém vai acreditar em você, Winter. Suas impressões digitais estão em todo o escritório e você foi a última pessoa que o viu com vida antes de desaparecer. Você é culpada aos olhos deles. E se você entrar lá,

eles vão prendê-la por vinte anos. Você também não vai conseguir um bom advogado, porque os indicados pelo Estado são uma merda.

Suas palavras penetram em meu cérebro, lentamente fazendo sentido, mas quero descartá-las o mais rápido possível. Eu quero que elas sejam falsas. Porque eu não posso aceitar essa opção.

— Então o que você sugere que eu faça, Larry? Fugir?

O homem mais velho estala os dedos. — Exatamente. Fique quieta por um tempo e então descobriremos uma maneira de tirar você desta cidade.

É a coisa mais lógica a se fazer nessas circunstâncias. Isto é. Mas eu sempre fui apegada a esta cidade impiedosa com supercola. Além disso, é onde eu tenho memórias com minha filha, e se eu for embora, será como se estivesse abandonando um pedaço de mim.

— Mas... Larry...

Ele suspira, colocando ambas as mãos em seu casaco laranja. — Você não quer ir embora?

Eu balancei minha cabeça.

— Mas você pode ficar presa. Você tem que ir.

— Eu sei. Você está vindo comigo?

— Absolutamente, mulher. Montamos juntos e morremos juntos.

— Isso soa como o slogan de algum clube de motociclismo.

— Eu roubei. Role com isso. — Ele espia a cabeça pela esquina, seus olhos castanhos brilhando de concentração antes de se concentrar em mim.

— Agora vá. Não fique em lugares abertos e evite câmeras. Eu te dou cobertura.

Eu envolvo meus braços em volta dele em um breve abraço. — Como vamos nos encontrar de novo?

— Eu tenho minhas informações sobre os sem-teto. Vou te encontrar. Apenas fique quieta.

Depois que eu relutantemente o solto, eu cuidadosamente faço meu caminho através da parte de trás do beco.

Eu olho para trás para lançar um último vislumbre de Larry, mas ele já se foi.



Normalmente, quando não estamos em um abrigo, Larry e eu passamos a noite na estação de metrô. Os bancos são nossos amigos e o silêncio marginal é melhor do que a cidade barulhenta lá fora.

Então é aí que eu vou primeiro, mas logo percebo meu erro quando vejo a notícia sobre a morte de Richard na TV da estação.

Dois homens de meia-idade, que parecem fãs de futebol, a julgar por seus bonés azuis do Giants, param na minha frente para assistir ao noticiário. Eu me encolho para trás e me misturo a uma parede, caso alguém aqui me reconheça.

— Que bagunça, —, diz um deles, acendendo um cigarro, apesar das placas de proibido fumar.

— Talvez seja um sinal de que ele não deveria se candidatar a prefeito, — o outro responde, encolhendo os ombros.

— Não era para isso? Cara, você mora nessa cidade?

— Por que? O que?

— Richard Green foi o principal candidato a prefeito. — O homem do cigarro se inclina em direção ao amigo e abaixa a voz como se estivesse compartilhando segredos da Agência Central de Inteligência. — Há rumores de que ele era apoiado pela máfia.

— A máfia? — O outro homem sussurra-grita.

— Fale baixo, seu idiota. Você quer nos matar?

Eu ridicularizo a maneira como ele imita os famosos filmes de mafiosos, mas me encontro me aproximando, mantendo distância, para sentir o cheiro da conversa deles. Se Richard era apoiado pela máfia, então os homens assustadores vestidos com ternos escuros faziam mais sentido, já que apareciam ocasionalmente e iam direto para seu escritório.

— São os italianos? — O não fumante pergunta.

Homem do Cigarro sopra uma nuvem de fumaça e eu bloqueio meu nariz e boca com as costas da mão para não tossir. — Não. O Bratva.

— Russos?

— Isso é o que dizem os rumores.

— Os imundos russos estão se envolvendo em nossa política de novo?

— Sim cara. E sua máfia não é brincadeira. Ouvi dizer que matam pessoas como se fossem moscas.

— Este é um país com leis.

Homem do Cigarro começa a rir, acenando com a mão para recuperar o fôlego com a força disso. — Que lei, cara? Esses monstros fazem a lei onde quer que vão.

— Você está dizendo que a morte de Richard não é tão simples quanto parece que a mídia diz?

— Sim eu estou. Tudo isso é uma diversão. — Homem do Cigarro faz um gesto na linha que diz: *Richard Green, candidato a prefeito de Nova York, foi morto por um dos moradores de rua no abrigo que dirigia.*

Eu olho para a TV e franzo a testa. Minha foto deve estar em todas as notícias com uma legenda de procurada no topo. Por que eles nem mencionaram meu nome? A polícia ainda não deu declarações concretas à mídia?

Mas isso não faz sentido. Minhas impressões de mãos estão por toda parte no escritório de Richard, e eu sou, sem dúvida, a principal suspeita.

Então, por que sou apenas *um sem-teto* em seu abrigo? Mesmo meu gênero não é mencionado.

— Os russos são assustadores, cara, — diz o Homem do Cigarro.

— Pior que os italianos?

— Agora mesmo? Muito pior. Seu poder e influência são mais profundos do que qualquer outro círculo criminoso. — Ele joga o cigarro no concreto sem apagá-lo enquanto ele e seu amigo correm para pegar um trem.

Eu caminho até onde eles estavam e apago o cigarro com a sola do meu sapato. O assunto na TV mudou para algumas outras notícias do mundo e eu continuo olhando para a bituca queimada. Como o fogo deixou uma linha preta no exterior branco. Então, mesmo depois de sumir, a evidência permanece.

Assim como minha vida.

Eu toco a parte inferior do meu abdômen, onde minha cicatriz está cuidadosamente escondida sob as inúmeras camadas de roupas. Ainda queima como se as pontas dos meus dedos estivessem pegando fogo, queimando através das roupas e pegando fogo na minha pele.

Outro protesto de fome vem do meu estômago e eu suspiro, saindo da estação. Eu preciso ir para um lugar mais silencioso porque, mesmo que eles não revelem minha identidade, eles irão eventualmente.

A conversa dos fãs do Giants continua tocando na minha cabeça enquanto eu me esgueiro de um beco para outro, meus passos leves e rápidos.

Quando o Homem do Cigarro mencionou os russos, o único pensamento que me veio à mente foi o estranho da manhã de hoje. Seu sotaque era muito russo, mas não muito áspero como eu já ouvi antes. Era tranquilo, sem esforço, quase como eu imaginaria que a realeza russa falasse se algum dia aprendesse inglês.

Ele poderia fazer parte da máfia que o Homem do Cigarro mencionou?

Eu balanço minha cabeça internamente. Por que eu o colocaria com a máfia só porque ele tem sotaque russo? Ele poderia ser um empresário russo, como os milhares que fervilham em Nova York o tempo todo.

Ou um espião.

Um arrepio sacode minhas entranhas com o pensamento. Eu realmente preciso controlar minha imaginação selvagem. Além disso, em que mundo um espião é tão atraente? Exceto James Bond, mas ele é ficção. O estranho russo atraiu muita atenção, e a parte mais estranha é que ele parecia meio alheio a isso. Ou talvez ele estivesse incomodado com isso, como se não quisesse ser o centro das atenções, mas foi forçado a essa posição de qualquer maneira.

Enfio a mão no bolso e pego o lenço que ele me deu. Tudo bem, então eu joguei no lixo, mas depois peguei. Não faço ideia do porquê. Pareceu um desperdício, eu acho.

Correndo meus dedos enluvados sobre as iniciais, me pergunto se sua esposa fez isso para ele e se ela vai questioná-lo sobre seu paradeiro. Embora ele parecesse ser do tipo que questiona, não o contrário.

Empurrando o lenço de volta no bolso, empurro o estranho para fora da minha cabeça e dou algumas voltas até chegar a um estacionamento subterrâneo que Larry e eu frequentamos.

O guarda está roncando na entrada, resmungando sobre algum jogador de beisebol ser um idiota. Não é preciso muito esforço para passar por ele. Agora, tudo que tenho a fazer é sair de manhã cedo antes que ele acorde.

O estacionamento não é grande ou chique, apenas serve para cerca de cem carros e metade das vagas não estão ocupadas. Apenas um terço das luzes de néon funcionam, mas mesmo se todas elas me cegassem, não faria diferença. Eu já dormi em lugares piores, com iluminação mais forte e ruídos mais altos.

A chave para se manter seguro é dormir com um olho aberto. Não literalmente. Mas, basicamente, tendo o sono leve, o menor movimento me desperta.

Quando me sento no chão de concreto entre dois carros e fecho os olhos, estou bem ciente do zumbido das luzes meio queimadas e do barulho dos carros passando nas ruas lá em cima. Posso até ouvir o guarda resmungando, embora não consiga entender suas palavras.

Se ele parar, saberei que está acordado e preciso estar alerta. Ele poderia chamar a polícia por mim, e isso é a última coisa que eu quero na minha situação atual ou em qualquer situação, na verdade.

Tento ficar o mais confortável possível na minha posição, embora o frio esteja vazando pelos meus ossos, vindo da parede atrás e do chão embaixo de mim.

Tento não prestar atenção ao meu estômago roncando ou à necessidade pulsante de ficar bêbada.

Tento pensar sobre aonde ir a partir daqui, quando for oficialmente uma pessoa procurada.

Logo, a exaustão me afeta e eu caio em um sono sem sonhos.

Eu não sonho. Nunca. É como se minha mente tivesse se tornado uma tela em branco desde o acidente.

O resmungo para e o guarda começa a falar. Meus olhos se abrem e eu olho para a pequena abertura na minha frente que serve como uma janela. Ainda é noite e, a julgar pela falta de carros zumbindo, é tarde o suficiente para que nenhum outro veículo venha aqui.

E ainda assim, um carro preto desliza lentamente para dentro da garagem. É tão silencioso que eu não teria ouvido se não estivesse tão sintonizada com os ruídos do mundo exterior.

Arrasto meus joelhos até o peito e envolvo meus braços em torno deles, em seguida, puxo o capuz do meu casaco sobre a cabeça para cobri-lo

completamente. Apenas um dos meus olhos espia por uma abertura estreita.

Contanto que não estacione no local oposto a mim, eu ficaria bem. É mais lógico escolher um dos incontáveis locais perto da entrada.

O som se aproxima e avisto o carro preto. Eu me escondo no espaço apertado entre um Hyundai e a parede, agradecendo a tudo que é sagrado pelo meu pequeno corpo. Isso ajuda no meu esquema de invisibilidade.

Mas, ao fazer isso, bloqueei minha visão do que o carro está fazendo. Por longos segundos, não há som. Não há abertura de portas ou o sinal sonoro de uma fechadura.

Agachando, espio embaixo do carro e vejo um par de pés masculinos em frente ao Hyundai. Eu coloco uma mão enluvada na minha boca para abafar qualquer som que eu possa fazer.

O cheiro podre de qualquer merda em que toquei provoca uma sensação de náusea e me dá vontade de vomitar.

Eu respiro pela boca enquanto continuo observando seus pés. Ele está usando sapatos marrons e não está se movendo, como se estivesse esperando por algo.

Vá embora. Vai!

Repito o mantra em minha cabeça várias vezes, como se isso fosse fazer acontecer.

Mamãe costumava me dizer que se você acreditar em algo com força suficiente, isso se tornará realidade.

E, como mágica, os sapatos marrons vão embora. Eu solto um suspiro de alívio, mas é interrompido quando uma mão forte me puxa de trás do carro pelo capuz.

A força é tão forte que fico momentaneamente suspenso no ar, antes que um homem corpulento com feições assustadoras diga com sotaque russo. — Peguei ela, chefe.

Capítulo Quatro

Winter

Peguei ela, chefe.

Não paro para pensar no que essas palavras podem significar. Meu primeiro e mais importante papel na vida é sobreviver. Eu não estou vivendo para mim. Estou vivendo em nome da minha filhinha. Pela vida que ela não poderia ter.

O homem que me capturou é corpulento e grande como uma montanha. Sua expressão é severa, dura, como se ele tivesse nascido com uma carranca permanente. Seu cabelo é curto, louro-claro, e seus olhos claros são frios e implacáveis como gelo.

Assim que ele me coloca de pé, eu me movo para escapar do aperto que ele tem em meu capuz. Torcendo e me contorcendo, pego sua mão e tento arrancá-la, mas posso muito bem ser um rato lutando contra um gato.

Ele parece totalmente desinteressado enquanto me puxa, minha luta não o detém de forma alguma. Eu piso em seu pé, mas ele apenas agarra meu capuz com mais força enquanto continua a me levar embora. Meus pés arrastam no chão e eu perco um dos meus sapatos.

— Socorro! — Eu grito a plenos pulmões. — Socorro... — O homem coloca uma mão de pedra na minha boca, cortando qualquer som que eu possa fazer.

Ao contrário do fedor das minhas luvas podres, sua mão cheira a couro e metal. Apesar do odor um tanto tolerável, ainda é sufocante como se eu estivesse sendo enfiada em um lugar pequeno onde não cabia.

Meus membros tremem com essa perspectiva. Tento arrancar minha mente disso, mas ela já cresceu e se expandiu, rasgando carne e ossos para se materializar na minha frente.

Estou em um espaço fechado, está tão *escuro*, tão escuro que não consigo ver minhas próprias mãos. O cheiro de urina enche minhas narinas e minha própria respiração soa como o monstro de olhos vermelhos dos meus pesadelos mais terríveis.

Estou presa.

Eu não consigo sair.

— Me deixe sair... — eu sussurro com desespero rouco. — Por favor, me deixe sair...

— *Onde está o monstrinho?*

Não!

Eu arranho a mão que me segura, aquela que vai me matar. Eu não vou deixar.

Eu tenho que viver.

Antes que eu perceba, sou jogada no banco de trás do carro preto. Devo ter ficado tão presa naquele momento do passado que não prestei atenção à distância que ele me arrastou. Loiro Volumoso me solta e bate a porta.

Meus dedos estão tremendo e os resquícios do flashback daquele espaço escuro e apertado ainda batem sob minha pele como um demônio prestes a erguer sua cabeça feia. Normalmente, após esses episódios, corro para um espaço aberto e continuo correndo e correndo até que o ar queime meus pulmões e apague a imagem.

Mas agora não.

Agora, eu preciso forçar meu corpo a ficar em alta para que eu possa sobreviver.

A sobrevivência vem antes de tudo. Antes da dor. Antes das prisões mentais.

Tudo.

Tento abrir a porta antes que Loiro Volumoso possa entrar no banco do motorista e me levar para Deus sabe onde.

Mas ele não sobe no carro.

Em vez disso, ele fica na frente dele de costas para mim. Outro homem se junta a ele e quando ele se vira para o lado, vejo de relance seu perfil. Ele é menor em tamanho e parece mais jovem do que o Loiro Volumoso. Seu físico também é mais magro e seu paletó não se apegua aos ombros como o do homem maior. Ele tem cabelos castanhos compridos presos em um coque baixo e um nariz torto que tenho certeza de já ter visto, mas onde?

O momento de hesitação desaparece quando Nariz Torto e Loiro Volumoso ficam de frente para mim.

Eu puxo a maçaneta, mas a porta não abre. — Merda.

Colocando meu pé coberto pela meia contra ela, eu empurro e puxo até que o calor sobe pelas minhas bochechas. Eu clico no botão para baixar o vidro, mas também está bloqueado.

— É inútil. Economize seu esforço.

Eu recuo, meus movimentos chegando a uma parada brusca. Em minha névoa induzida pela adrenalina, não percebi que havia outra pessoa no banco de trás comigo.

Ainda segurando a maçaneta, eu viro minha cabeça lentamente, esperando como o inferno que o que acabei de ouvir fosse uma brincadeira da minha imaginação.

Por ter pensado nele por tanto tempo, comecei a ter alucinações.

Eu não estou.

Meus lábios se abrem enquanto eu sou puxada para aqueles intensos olhos cinza desta tarde. Eles parecem mais escuros, mais sombreados, como se a noite os tivesse enfeitiçado.

Eu interrompo o contato visual assim que faço isso, porque se eu continuar olhando, minha pele vai arrepiar, minha cabeça vai ficar tonta e vou sentir vontade de vomitar meu estômago vazio.

Usando meu pé na porta, puxo e empurro a maçaneta com todas as minhas forças. No início, pensei que o homem corpulento poderia estar com a polícia e que ele vai me pegar por matar Richard, mas não há como esse russo estranho ser um policial.

Ele não se parece com um.

Talvez ele seja um espião, afinal. Isso parece estranhamente semelhante ao início de algum filme de espionagem sobre um oprimido 'eu' que será recrutado para trabalhar em segredo para uma agência de inteligência.

Quando todos os empurrões e puxões não trazem nenhum resultado, eu bato meu cotovelo no vidro. Uma pontada de dor percorre todo o meu braço, mas não vou parar, não até que esteja fora deste lugar.

Está começando a parecer aquela maldita caixa fechada. Eu preciso sair.

Estou prestes a socar o vidro com meu punho, quando a voz do estranho preenche o ar. — É à prova de balas, então você só vai se machucar.

Meu braço está flácido ao meu lado. Posso estar disposta a sacrificar a dor, mas não o farei sem resultado.

— Você terminou? — Ele pergunta naquele tom calmo, quase sereno, assim como a realeza. Sua voz é aveludada, suave como seda, mas ainda profunda e masculina.

Eu não olho para ele e, em vez disso, pulo para o banco da frente. Se eu conseguir abrir a porta ou sair pela janela, vou correr e...

Mãos fortes me agarram pelos quadris e me puxam para trás com facilidade e sem esforço. Agora estou tão perto dele que sua coxa toca a minha.

Espero que ele me deixe ir agora que me tem ao seu lado, mas não o faz. Se qualquer coisa, ele aperta meus quadris com mais força e, embora eu esteja usando várias camadas de roupas, posso sentir o calor controlador em suas mãos. É diferente do calor no carro. Isso está queimando, abrindo buracos nas minhas roupas e mirando na minha pele.

Tão perto que eu posso sentir o cheiro dele, ou melhor, sou forçado a inalar ele com cada inspiração. Seu perfume é uma mistura de couro e madeira. Poder e mistério.

Ele fala contra o meu ouvido, seu tom caindo na faixa com o propósito de cimentar as palavras em meus ossos. — É inútil lutar comigo, porque você só vai se machucar. Você não está no meu nível, então não me cause problemas ou não hesitarei em jogá-la para os lobos. Estou lhe dando minha mão, então seja grata, agradeça suas estrelas da sorte e pegue-a sem fazer nenhuma maldita pergunta.

Meus lábios ficaram secos o tempo todo que ele falou. Ele está emitindo ameaças claras, mas parece um advogado calmo apresentando um caso na frente de um juiz.

Ele tem um jeito particular de falar. Suas palavras são deliberadas, seguras e têm um tom de comando, sem ser muito evidente.

— O que você quer de mim? — Eu quero me chutar pela pequena voz. Quase pareço assustada. Risca isso. Eu definitivamente pareço assustada, porque puta merda, eu estou. Acabei de conhecer esse homem hoje e, no espaço de algumas horas, minha vida virou de cabeça para baixo.

Até agora, meu único propósito era viver, mas até isso parece impossível no momento.

— Eu tenho uma oferta para você, Winter.

Como você sabe meu nome? Eu quero perguntar isso, mas seria inútil. Ele parece o tipo de homem que sabe tudo o que precisa.

— Que oferta?

Seus lábios roçam a concha da minha orelha enquanto ele murmura. — Seja minha esposa.

Capítulo Cinco

Winter

Minha mãe costumava dizer que a melhor maneira de desarmar alguém é dizer o que menos espera.

Não sei o que pensei que o estranho russo diria, mas — *Seja minha esposa*, — certamente não era.

Demoro alguns segundos olhando fixamente, pega em um estado de choque do qual não consigo me livrar. Ele permanece calmo, composto. Desenrolado.

Desde que o conheci esta tarde, ele tem sido tão robusto quanto um carvalho e imóvel como uma estátua. Agora, eu percebo porque eu meio que queria que ele sorrisse mais cedo, porque eu esperei por isso com a respiração suspensa. Isso o teria humanizado um pouco, e eu estava desesperada e irracionalmente procurando por algum traço humano em suas características robóticas.

Agora, entretanto? Ele parece uma espécie de força. Uma corrente. Uma tirania que está prestes a varrer tudo em seu caminho antes de mudar de faixa para outra coisa.

Seja minha esposa.

Suas palavras, embora ditas com calma, explodem em minha cabeça como os fogos de artifício do Quatro de Julho. Elas são tão altas que afogam meus próprios pensamentos em uma teia de nada. Eles estão presos em algum lugar fora do alcance, naquela minúscula caixa preta que me provoca calafrios sempre que penso nisso.

A reação mais adequada a sua oferta ridícula é rir de verdade. Mas não tenho senso de humor para isso. E eu suspeito que ele não aceitaria bem se de alguma forma eu explodisse em gargalhadas na frente dele.

Ele é tão sério, está gravado em suas feições, seus maneirismos e até mesmo na maneira como ele fala, como se ele nunca tivesse sorrido um dia em sua vida.

Como se o ato de sorrir fosse ofensivo para ele.

Ele e os homens lá fora não são normais. Posso ver isso sem precisar saber quem eles realmente são. Pode ser degustado no ar. Ele mudou instantaneamente depois que eles entraram em cena.

Pessoas perigosas precisam ser tratadas com cautela, não com força, porque a segunda opção só vai me machucar.

— Ser sua esposa? — Repito, meu tom baixo, mas projeta a incredulidade que sinto.

O estranho russo, solta meus quadris e eu corro para o outro lado do carro, colocando a maior distância possível entre nós.

A falta de seu toque é como perder o calor no meio de uma tempestade de gelo. Mas eu prefiro congelar a ser queimada até a morte por ele.

— Correto. — Ele entrelaça os dedos no colo. Eles são longos e bem cuidados, e não posso deixar de olhar para a aliança de casamento em sua mão esquerda.

— Você já é casado.

Seu olhar desliza para seu anel como se ele tivesse esquecido que ele estava lá o tempo todo. Seus cílios grossos e pretos emolduram seus olhos enquanto ele leva um momento, estudando ele. Sua expressão é estranha. Quando alguém pensa em seu cônjuge, normalmente ou se suaviza por adoração ou se torna sombrio por causa da tristeza ou do desespero.

Ele não está fazendo nenhum dos dois.

Seus lábios se estreitam em um movimento que sugere que ele quer estrangular o anel e aquela que o deslizou em seu dedo.

Antes que eu possa ler mais sobre sua reação, sua atenção desliza de sua mão para mim, e as emoções que pensei ter visto em seus olhos de aço desaparecem como se nunca tivessem existido. — Você vai fingir ser minha esposa.

— Fingir? — Não sei por que continuo fazendo essas perguntas, entretendo-o, mas a situação é tão surreal que parece que fui empurrada para um daqueles contos de Natal.

— Minha esposa faleceu há algumas semanas e não há mais ninguém que possa desempenhar suas funções, então você será sua substituta.

— Oh. — Não quero dizer isso em voz alta, mas escapa de mim de qualquer maneira.

Eu fico olhando para ele de uma perspectiva diferente. Em sua postura ereta e confiante, em sua escolha de guarda-roupa escuro, em seu cabelo preto e na barba por fazer, nas sombras causadas por suas maçãs do rosto. E, finalmente, na escuridão em seus olhos cinzentos que parecem ter sido cortados do céu sombrio de Nova York.

Eu me senti desconfortável perto dele por causa dessa energia negativa que ele projeta? Agora que aprendi que a razão por trás dessa energia é a morte recente de sua esposa, não sei como me sentir.

Ainda assim, o desconforto está espreitando sob minha pele como um vaso sanguíneo coagulado, bloqueando o fluxo normal de oxigênio para o meu coração.

Suas mãos, embora descansando em seu colo, parecem estar empurrando contra minha alma, aplicando pressão e tentando estourar.

Isso é perigoso. Aterrorizante, na verdade.

Posso ter acabado nas ruas, mas meus instintos estão intactos e eles podem pelo menos reconhecer o perigo.

Este homem é a definição disso.

Sua boa aparência, físico forte e confiança sem esforço não me enganam. Na verdade, eu os vejo como suas ferramentas de destruição.

— Sinto muito pela sua esposa, — digo o mais calmamente possível. — Mas eu não posso ajudar.

— Eu não preciso de suas desculpas insinceras. Apenas faça o que lhe é dito.

— Você não ouviu o que eu disse? Eu não posso ser sua esposa.

— Sim você pode. Na verdade, você é a única capaz de se encaixar nessa função.

— A única? Você já me viu?

Ele bate os dedos contra as coxas enquanto seu olhar desliza do meu rosto para o meu torso e desce para o meu pé que está sem um sapato. Fui eu quem perguntou se ele me viu, mas agora que estou presa sob seu escrutínio, a sensação de inferioridade desta tarde me domina novamente.

Ele deve estar vendo um monstro fedorento, e embora eu raramente me sinta constrangida sobre meu estilo de vida, sinto agora. A sensação indesejável bate em mim com uma aspereza que me rouba o fôlego.

Eu começo a me contorcer, mas me contenho.

— Eu vejo você. — Ele fala devagar, quase como se tivesse um significado diferente por trás das palavras. O bater de seus dedos para. — Claramente.

— Então... você deve ver que não sou adequada para ser esposa de ninguém. — Muito menos a dele.

Ele enfia a mão no bolso do casaco e espero que ele puxe uma arma e atire no meu rosto por estar perdendo seu tempo. No entanto, ele retira uma carteira de couro preta, abre e tira uma foto.

Um pequeno suspiro deixa meus lábios enquanto eu olho para a mulher nela. É uma foto solitária dela em um vestido de noiva. Seu cabelo castanho escuro está preso em um coque elegante, revelando sua garganta delicada. O decote do vestido cai de seus ombros, acentuando suas curvas e sua clavícula.

Seu nariz é pequeno e o contorno de seu rosto é definido enquanto permanece macio. A maquiagem leve cobre sua pele clara, realçando sua beleza tranquila. Seus lábios carnudos são pintados na cor nude e sua sombra é de um tom semelhante.

Seus olhos são turquesa tão azul que é como se ela estivesse perscrutando minha alma e esperando que ela espiasse de volta.

Um pequeno sorriso aparece em sua boca. É misterioso, quase como se ela não quisesse sorrir, ou talvez ela tenha um propósito diferente por trás disso.

Mas sua beleza e elegância não são a razão de meus dedos trêmulos.

É tudo dela.

Estou olhando para uma versão de mim mesma de cabelos escuros, limpa e bem cuidada. Eu mal me lembro da última vez em que estive tão limpa quanto ela, mas me lembro do meu reflexo no espelho do hospital algumas semanas atrás, e definitivamente parecia essa mulher, só que com cabelo loiro.

— É por isso que tem que ser você.

Eu me assusto com a voz do estranho. Enquanto eu estava perdida na foto de sua esposa, quase esqueci que ele estava lá o tempo todo.

— Mas como...?

— Como? — Ele repete com uma leve ruga na testa.

— Como isso é possível? Eu era filha única, então ela... — Eu lanço outro olhar para ela. — Ela não pode ser minha irmã gêmea ou minha irmã.

— Ela não é parente de você pelo sangue.

— Então... como você explica a semelhança? — Assustador, por sinal. Ela ainda tem a minha cor de olhos esquisita, que sempre pensei que fosse rara como o inferno.

— Você acredita em sócias, Winter?

— Sócias? — Eu zombo. — Você está brincando?

— Eu pareço o tipo que brinca? — A autoridade em seu tom me faz grudar na porta fechada do carro. Merda. Ele realmente é assustador.

— N-Não.

— Correto.

— Você está dizendo que ela e eu somos sócias? Como isso é possível?

— É mais comum do que você pensa.

— Eu ainda... não acredito.

— Não importa em que você acredita. Já está acontecendo.

— Já está acontecendo?

— Sim. Você será minha esposa.

— Não. Eu não concordei com isso.

— Não concorda com isso, — ele reflete, como se minhas palavras fossem cômicas. — Você acredita que tem essa opção? Quem diabos você pensa que é?

Eu me aproximo da porta até que a maçaneta se enterra na minha lateral. — Eu sou uma pessoa livre.

— Livre? Como você define liberdade? É estar dormindo em garagens de estacionamento e implorando por comida?

— A maneira como eu vivo não é da sua conta.

— Não me responda de novo ou você não vai gostar da maneira como eu reajo. — Ele é tão calmo em fazer sua ameaça, mas isso não diminui seu impacto. Eu gostaria de poder me tornar um com o piso ou a porta, não sou exigente. Ele me encara por muito tempo, certificando-se de que suas palavras acertem o alvo, antes de continuar. — Você terá um teto sobre sua cabeça, uma cama quente para dormir e refeições quentes o dia todo.

O quadro que ele está pintando é tentador, mas ele não é. Ele está longe de ser tentador. Ele é tão assustador que até mesmo sentar ao lado dele está me dando uma sensação de ansiedade. Eu sinto que preciso estar no modo lutar ou fugir perto dele. Na verdade, terei que ir com a fuga porque a opção de luta definitivamente me matará.

Então, embora eu queira todas as coisas que ele listou, seu preço, estar com ele, não é algo que eu possa pagar.

Eu preciso encontrar uma maneira de sair dessa.

— Se você ainda não está convencida, tudo bem.

Minha cabeça vira para encontrar seu olhar vazio. — Você está me deixando ir?

— Se você desejar.

Eu estreito meus olhos. — Mesmo?

— Sim, mas a polícia está em espera a alguns quarteirões de distância. Assim que você sair deste carro, será presa pelo assassinato de Richard Green.

Eu suspiro. Como... como diabos ele sabe disso?

— Eu bloqueei a polícia e a mídia de divulgar seu nome e foto, mas se você preferir viver nas ruas, então você não se importará com a prisão. Você deveria me agradecer, de verdade. Eles pelo menos te dão refeições lá.

Posso sentir o carro se aproximando de mim, seus assentos se transformando em tentáculos de polvo para me sufocar.

Ele planejou tudo, desde o assassinato, à polícia, até como eles nunca mencionaram nenhum detalhe sobre mim. Mas ele está jogando suas cartas, uma por uma, de uma forma metódica e psicopática. Ele nunca planejou me dar qualquer escolha para começar. Ele veio aqui com o

propósito de me tornar sua esposa, e não posso fazer nada para escapar desse destino.

— Por que... — Eu engulo as lágrimas e o entupimento na minha garganta. — Por que você não usou essa ameaça desde o início? Por que você me deu esperança de que eu poderia recusar isso?

— Não era minha intenção dar esperança. E você não poderia ter me recusado, Winter. Você não é ninguém. Uma praga que todo mundo pisa sem olhar duas vezes. Um rosto sem nome e esquecível de que ninguém se lembra ao longo da linha. Seja grata por estar lhe dando esta oferta. Agradeça e vá em frente.

Eu levanto minha mão e dou um tapa no rosto dele com tanta força que a dor explode na minha palma e desce pelo meu braço. Um tipo estranho de raiva tomou conta de mim com suas palavras, e eu precisava aliviá-la em algum lugar. Esta é a única solução que meu cérebro encontrou.

Um que agora percebo que pode me custar a vida. Os olhos do estranho escurecem e um músculo tica sob sua barba por fazer. Eu realmente espero que ele me acerte ou dê um soco nas minhas costas, e eu aperto meus lábios trêmulos em preparação para o impacto.

No entanto, sua mão passa em volta da minha nuca e ele me puxa para que meu rosto fique a poucos centímetros do dele. — A última pessoa que se atreveu a me tocar agora está enterrada a quase sete palmos no chão.

Eu engulo o nó na minha garganta. Apenas suas palavras estão me sufocando e cavando minha sepultura. Eu teria preferido que ele me batesse em vez disso.

— Esta é a primeira e última vez que você faz isso. Repita e você encontrará um destino pior do que ser enterrada em uma cova.

Ele me solta com um empurrão e eu tropeço de volta para a porta, meu coração batendo tão alto que posso ouvir o zumbido em meus ouvidos.

— O que você vai fazer comigo? — Minha voz está baixa, com medo.

— O que eu desejar.

Meus dentes batem por um motivo diferente do frio, mas não consigo resistir à necessidade selvagem de fazer a pergunta. — Você vai me machucar?

Sua atenção se fixa em mim, seus olhos ficando pálidos, vazios. — Depende.

— De que?

— Se você é ou não boa em seguir ordens.

Eu olho para ele com outro olhar. Eu não sou, realmente não sou. Mas eu preciso começar a ser, porque não quero dar a este homem um motivo para me machucar. Não que ele precisasse de um.

— Você estará limpa antes de vir para minha casa. — Ele me lança um olhar condescendente, cimentando o fato de que ele realmente pensa em mim como uma praga.

– Quando será isso?

– Agora.

– A-Agora?

– Você tem uma objeção?

Eu balancei minha cabeça uma vez. Quero ver Larry novamente, mas isso provavelmente o colocará em perigo com esses homens, então opto por não fazer isso. Terei oportunidades de ir vê-lo quando for... outra pessoa.

Essa percepção me atinge mais profundamente do que eu esperava. Eu vou viver como outra pessoa. Eu não serei mais Winter Cavanaugh.

Meus pensamentos são reforçados quando o russo diz. – De agora em diante, você é Lia Volkov. Esposa de Adrian Volkov.

Capítulo Seis

Adrian

Nunca acreditei em segundas chances.

Confiar que alguém pode mudar é uma ilusão em noventa e nove por cento dos casos. É uma perda de tempo e energia. No entanto, sempre há aquele incômodo um por cento. A anomalia.

O desvio do comportamento humano.

O fato de ser quase impossível prever ou captar tal momento é o que o torna especial. Desejável, até. É um pecado esperando para ser cometido. Uma rosa intocada prestes a ser arrancada para murchar em um lugar que fica longe de seu habitat natural. E mesmo esse um por cento não é confiável. Não é que as pessoas mudem por vontade própria. Eles são forçados por esforços externos, por circunstâncias e tragédias.

De certa forma, segundas chances realmente não existem. Elas são um mito contado de vez em quando para apaziguar as pessoas emocionalmente frágeis, para que possam esperar novos dias em vez de entrarem em depressão. Mais cedo ou mais tarde, no entanto, eles percebem que essas coisas não existem e são atingidos por uma forma mais profunda de depressão, uma forma que acabará por levar à sua ruína.

Eu não acredito em mitos. Eu sou um homem de fatos. Posso distorcê-los a meu favor, posso usar uma versão distorcida para chegar a um determinado fim, mas não busco ilusões.

E, no entanto, há uma exceção. Uma ilusão que perseguirei. A mulher sentada ao meu lado no banco de trás do meu carro é um mito, ela mesma.

Uma sósia.

– *Você acredita em sócias?* – *Lia uma vez me perguntou quando nos sentamos para o café da manhã.*

Eu levantei uma sobrancelha. – Sócias?

– *Não me olhe assim. Eles são reais! Diz-se que todo mundo tem quarenta pessoas que se parecem exatamente com eles. Eles estão espalhados por todo o tempo e espaço, por isso é extremamente raro encontrar seu sósia no mesmo tempo e lugar.*

– *Adorável.*

Ela estreitou os olhos. – Você não acredita em mim.

– *Eu apenas disse 'adorável.'*

– *Você está sendo sarcástico.*

– *Eu estou?*

– *Sim, você está, Adrian!*

– *Hmm. Como você pode ter tanta certeza?*

– *Essa não é a questão.*

– *O que é, então?*

– *Imagine minha sócia em algum lugar do mundo agora. – Ela me deu um sorriso suave. – Se você a visse, não seria capaz de nos diferenciar.*

– *Isso é impossível.*

– *É possível. Espero que aconteça com você.*

– *Você parece ter a intenção de conhecê-la. Por que você não deseja isso?*

– *Não, Adrian! Não podemos encontrar nossos sócias. O primeiro que vir o outro morrerá, – ela sussurrou as últimas palavras em um tom assustado.*

O primeiro que vir o outro morrerá.

Isso é exatamente o que aconteceu. Lia viu essa coisa de sem-teto e simplesmente desapareceu como se ela nunca tivesse existido. Quando você não acredita em algo e acaba acontecendo, você culpa esse algo porque você não pode simplesmente começar a acreditar no que você nunca acreditou.

Essa mulher é alguma coisa. Foi ela quem levou Lia embora e pensou que ela poderia desperdiçar sua vida nas ruas sujas sem repercussão.

Ela olha pela janela enquanto meu guarda sênior, Kolya, dirige o carro pelas ruas movimentadas. Meu outro guarda mais próximo, Yan, está sentado no banco do passageiro, de olho na estrada, com a mão perto da arma na cintura. Eles são homens fortes, leais e silenciosos, que falam mais com ações do que palavras. Exatamente como eu prefiro.

Winter está segurando a maçaneta da porta com as duas mãos. Não pode ser por causa da direção de Kolya, já que é suave. Não pode ser porque ela está hipnotizada pela visão noturna de Nova York, porque seus olhos estão desfocados.

É quase como se ela estivesse fantasiando sobre abrir a porta e pular enquanto o veículo está acelerando na estrada. Ela é um pouco imprevisível, então eu não colocaria essa ação além dela. Ainda posso sentir a pontada de seu tapa na pele, e uma parte de mim exige que eu a castigue por esse insulto. Mas tudo ficará bem no devido tempo.

Durante o resto da viagem, ela não olhou para mim, provavelmente com medo de que eu agisse de acordo com minhas ameaças anteriores. Ela é inteligente às vezes, mas tem padrões tolos em outras. Ela ainda não sabe quem eu sou ou o que faço, mas ela já descobriu que eu não sou um homem com quem ela pode se dar ao luxo de mexer. E para isso, todas as suas paredes estão cheias de fios enrolados em volta delas.

O que ela não percebe é que eu posso e irei destruir essas paredes até conseguir o que quero. Se há algo que aprendi com meus pais fodidos, é como um rio com uma corrente forte. Não só os outros vão pensar duas vezes antes de me cruzar, mas também vou limpar tudo no meu caminho, sejam amigos, inimigos ou ela.

Chegamos a um de nossos shoppings no centro. É propriedade da frente jurídica da Bratva, V Corp, a empresa que atualmente é administrada pela sobrinha neta de *Pakhan*, Rai.

Eu não passei por ela para vir aqui, porque ninguém precisa saber sobre isso. Kolya e Yan saem primeiro e ficam de guarda ao lado do carro, de costas para mim. Winter me encara por baixo de seus cílios, questionando silenciosamente o que estamos fazendo aqui.

— Remova o casaco, — eu digo a ela.

— Por que?

— Pare de responder e faça o que lhe foi dito.

Eu posso ver a centelha de rebelião em seus olhos água, a necessidade de me questionar novamente. Eu espero por isso, com a intenção de esmagá-lo de uma vez por todas, mas ela pisca para afastar esse desejo e opta por escolher suas batalhas.

Ela desabotoa o casaco e desliza para baixo o zíper antes de removê-lo e colocá-lo no colo. Eu puxo a coisa de debaixo de seus dedos e jogo pela janela. Kolya o pega e caminha com ele em direção ao lixo.

Seu olhar segue a ação, olhos arregalados, como se eu tivesse assassinado seu cachorrinho favorito. — Porque você fez isso?

— Cheira mal e faz você parecer um mendigo.

— Eu *sou* uma merda de uma mendiga, — ela retruca, então aperta os lábios quando percebe seu erro.

— O que eu disse sobre responder? Você deseja alguns anos de prisão? É isso?

— N-Não.

— Parece que sim.

— Eu sinto muito. Tudo bem?

Não gosto do tom com que ela fala comigo. Não parece nada apoloético. Na verdade, é um pouco sarcástico. Essa mulher é muito diferente da minha Lia.

Decidindo deixar para lá por enquanto, eu a estudo, batendo meus dedos na minha coxa. Ela está vestindo jeans largos e um suéter listrado feio que engole seu corpo minúsculo, fazendo-a parecer uma criança adolescente em fuga. Mas suas roupas não fedem como a urina e vômito de seu casaco. Porém, algo mais cheira mal.

— Remova as luvas.

Desta vez, ela não pergunta por que e faz o que mando. Eu também as jogo pela janela. Linhas pretas de sujeira se refugiaram sob suas unhas ásperas e algumas bolhas vermelhas estragam seus dedos devido ao frio.

Eu alcanço o console ao lado do banco do motorista e pego alguns lenços umedecidos. Ela enrijece quando pego suas mãos, suas pupilas dilatam enquanto eu as limpo. Elas são tão frágeis e pequenas quanto as de Lia, e elas são pálidas, quase a um nível doentio. Apenas as bolhas vermelhas e as veias verdes aparecendo por baixo de sua pele mostram uma quebra de cor.

Colocando a mão no bolso, pego a aliança de casamento da minha esposa e coloco em seu dedo. Sua expressão se alarga e ela enrijece, mas felizmente mantém a boca fechada.

Em vez de pedir a ela para tirar o chapéu, eu mesmo faço isso. Ela permanece imóvel enquanto seu cabelo loiro gorduroso ou meio loiro, cai sobre seus ombros. Depois de jogar o pedaço de pele imundo pela janela para se juntar ao outro lixo, uso os lenços umedecidos para limpar seu rosto.

Ela tenta fazer isso sozinha, mas um único olhar meu a faz colocar as mãos no colo. Eu deslizo o pano sobre sua testa, os contornos suaves de suas bochechas e a crista de seu nariz. Quando eu me movo para seus lábios rachados, eles se separam ligeiramente. Tento encontrar seu olhar para ver o que ela está pensando, mas ela está olhando para as mãos caídas frouxamente em seu colo.

Quando meu polegar para na linha de seu lábio inferior, um desejo escuro se apodera de mim, e fico tentado a mordê-lo na boca e festejar o exterior rachado. Para ver se ela grita.

Como se sentisse meus pensamentos, Winter treme, mas é por algo muito diferente do que desejo. Medo. Medo puro e potente. Eu a solto e ela empurra para trás contra o assento de couro.

Abrindo a porta do carro, saio e respiro profundamente o ar noturno. Eu ando para o lado dela e abro o dela também. — Saia.

Ela o faz, com cautela e instantaneamente estremece, envolvendo os braços em volta de si mesma. Quando eu tiro meu casaco e coloco em volta dela, ela me encara com uma expressão estranha, uma que diz que ela nunca esperou que alguém como eu fizesse isso.

Kolya tira sua jaqueta e a oferece para mim, mas eu balanço minha cabeça. Eu não estou com frio. Se qualquer coisa, eu estive mais quente do que o normal hoje.

— Me siga, — digo a ela e ela começa a mancar.

Quando me viro para inspecionar o problema, ela para, com o pé coberto pela meia apoiado no outro. Eu envolvo meu braço em volta de suas costas, coloco o outro sob os joelhos e a carrego em estilo de noiva. Ela é muito magra e ossuda, deveria ser um crime.

Ela enrijece, embora seus dedos agarrem minha camisa. — Eu posso andar sozinha.

— Está faltando um sapato.

— Eu posso administrar.

— Ou você pode ficar parada.

— Você... — ela limpa a garganta e, como se não quisesse que Kolya e Yan, que estão seguindo de perto, ouçam, ela sussurra. — Você disse que eu cheiro mal.

— Deixe eu me preocupar com isso.

Ela abre a boca para discutir, mas parece pensar melhor e a fecha com força. Uma vez que estamos dentro de uma das lojas de departamentos e entramos em um dos elevadores, eu aperto o botão e nós quatro vamos para o décimo andar. O shopping está fechado, mas a gerente ficou até tarde a meu pedido.

Assim que as portas se abrem, somos recebidos por ela e três de seus funcionários mais confiáveis, a quem Kolya forçou a assinar um contrato de não divulgação com sangue antes de irmos buscar Winter. A gerente, uma mulher na casa dos cinquenta que parece ter um sorriso pintado nos lábios, acena com a cabeça quando chegamos.

Winter perde o gesto porque ela está completamente hipnotizada pela vista à nossa frente, as roupas de grife penduradas sob as fortes luzes brancas, as luxuosas áreas de estar e a decoração de alta classe.

Suas unhas cravam na minha camisa como se ela estivesse considerando este lugar uma ameaça. No entanto, ela também me considera uma ameaça, então o gesto não significa nada.

Eu a coloco de pé e ela cambaleia antes de ficar reta. Quando seus olhos enormes examinam os arredores, ela se encolhe visivelmente com a grandiosidade de tudo isso. Demora cerca de um minuto antes de finalmente olhar para a gerente, reconhecendo seu sorriso com um aceno de cabeça.

— Eu a quero como nova, — eu digo.

O nariz de Winter torce com as minhas palavras, mas ela não protesta como eu esperava que fizesse.

— Sim senhor, — a gerente me diz e direciona seu sorriso para Winter novamente. — Por favor me siga.

Winter levanta o nariz e faz o que foi mandada. Meu olhar a segue enquanto ela manca em seu único sapato até que ela desapareça na

esquina, mas meu foco permanece no lugar vazio que ela deixou para trás por um segundo a mais. O limpar de uma garganta me puxa para fora do momento.

— Você vai ficar aqui, senhor? — Kolya pergunta em russo. — Yan ou eu podemos levá-la de volta.

— Está bem.

Sento em um sofá de couro vermelho e pego meu telefone. Kolya e Yan estão um de cada lado de mim, as mãos cruzadas na frente deles. Yan, em particular, não é fã do que eu decidi, e suas feições carrancudas, que rivalizam com as impassíveis de Kolya, foram uma constante durante toda a jornada.

— Relaxe, sim? — Eu digo em russo.

Cada um deles amplia sua postura, mas não muda de posição. Eles podem ser meus dois guardas mais próximos, mas são tão diferentes quanto a noite e o dia. Kolya, que tem a minha idade, é o mais diplomático, o falador, o pacificador, que pode ou não carregar uma bomba consigo o tempo todo, caso esses métodos pacificadores não funcionem.

Yan é mais jovem, mais imprudente, menos pensador e mais musculoso, que está sempre pronto para quebrar o pescoço de alguém e amputar o braço de outra pessoa ao mesmo tempo. Seu caráter é evidente em seu cabelo, que ele mantém comprido, mesmo que todos os meus outros homens deem a ele uma merda sobre isso. Ele lhes dá pouca ou

nenhuma atenção, porque ele também é cabeça quente e já tem ataques que ele precisa responder.

Eles estão comigo desde que eu era jovem. Kolya e eu basicamente criamos Yan, no entanto. Eles foram preparados por meu pai para serem meu círculo íntimo. Na verdade, ele só os trouxe para me espionar, mas as coisas mudaram há muito tempo.

Os músculos de Kolya flexionam enquanto ele pega seu telefone. Yan sempre o chamou de montanha, por causa de seu físico e de sua personalidade. Meu guarda mais jovem é magro, o que o torna mais rápido, mas ele ainda está com ciúmes porque nenhuma quantidade de treinamento poderia torná-lo tão grande quanto Kolya.

Meu segundo em comando coloca seu telefone no bolso. — Igor está tentando entrar em contato com você, senhor.

— Ignore-o.

— Mikhail também.

— Não preste atenção nele. A menos que seja o *Pakhan*, não tenho ninguém a quem responder.

Ele dá um breve aceno de cabeça enquanto leio meus e-mails. Mudo meu número de telefone periodicamente e, como fiz isso recentemente, o grupo de elite da irmandade está ligando para Kolya em meu nome.

Minha posição na Bratva é alta o suficiente para que eu saia impune por desrespeitar os outros líderes. Existem quatro chefes de brigadeiros, Igor e

Mikhail sendo dois deles. Eu sou um *Obshchak*, o que significa que a única pessoa para quem respondo é o próprio *Pakhan*.

O único outro membro no meu nível é o *Sovietnik*, Vladimir, mas ele não é exigente. Coexistimos para o Bratva como temos sido nos últimos vinte anos, desde que fomos oficialmente recrutados por Nikolai aos quinze anos.

Ou, melhor dizendo, Vladimir foi recrutado. Eu nasci neste mundo. Mas, embora meu pai fosse uma espécie de nobreza na Bratva, tive de fazer um trabalho extra para chegar onde estou. Eu até ultrapassei sua posição e continuo a fazê-lo.

Outros pensam que estou fazendo isso pela honra da família, quando, na verdade, estou interessado em esmagar tudo que meu pai fez. Se eu o suprimir, ninguém fala sobre ele. Minha sessão de leitura de meus e-mails é interrompida por um número piscando na tela. Eu não salvo nomes no meu telefone, mesmo que ele seja criptografado e eu possa destruí-lo virtualmente no momento em que for roubado.

Um dos benefícios da tirania de meus pais é que eles me ensinaram a estar sempre pronto. Nunca tome nada ou ninguém como garantido.

Então, quando reconheço os dígitos na tela, olho para Kolya. — Desde quando Kirill tem meu novo número?

Ele franze a testa. — Não faço ideia, senhor.

Penso em ignorá-lo como fiz com os outros dois brigadeiros, mas Kirill não liga para conversar.

- Volkov, – eu respondo.
- Morozov, – ele imita meu tom fechado.
- O que você quer, Kirill? – Eu falo em russo
- Isso significa que não posso verificar você depois que você se ausentou da reunião da Bratva? – Ele pergunta na mesma língua.
- Vou desligar.
- Jesus Cristo. Afrouxe um pouco.
- Vou me soltar na morte.
- Eu duvido.
- Você tem um ponto por trás de sua ligação, Kirill? Porque você acabou de perder tempo, eu poderia ter usado para descobrir a melhor rota de investimento que a V Corp pode tomar nos próximos meses.
- Estou esperando um carregamento chegar, então você não é o único ocupado, idiota.
- Quer ajuda com a alfândega?
- Está resolvido. Essa não é a razão por trás da minha ligação.
- Então o que é?
- Informações e rumores que eu pensei que você deveria ter cuidado. Com o que devo começar?

Kirill não é do tipo que oferece qualquer coisa pela bondade de seu coração. Ele é astuto e só dá quando sabe que pode receber o dobro. Se eu

receber algo dele agora, ele não hesitará em me pedir coisas no futuro. Eu poderia desligar e ignorá-lo, mas ele tem suas maneiras de obter detalhes cruciais que nem eu consigo saber.

A diferença entre nós é que sou estratégico de uma forma metódica. Ele é estratégico, mas no sentido caótico. Ele espera que as coisas aconteçam antes de reagir a elas, tornando-se o melhor oportunista.

— Informação, — eu digo.

Ouve-se um farfalhar de sua extremidade e uma conversa distante em russo. Posso imaginá-lo e seus homens esperando em um armazém isolado no frio pela chegada do carregamento. — O assassinato de Richard Green está sendo investigado.

— Isso não é nada novo. Eu sei que a polícia meteu o nariz nisso.

— Esta não é uma investigação policial. É de Vladimir. O Pakhan ordenou que ele investigasse.

Eu paro enquanto suas palavras são registradas. Eu esperava que Sergei me pedisse para investigar mais a fundo, não Vladimir.

— Eu sei o que você está pensando, — continua Kirill. — Eu tive os mesmos pensamentos. Por que pedir a Vladimir se você é quem normalmente cuida dessas coisas? Para sua sorte, sou um pensador rápido e descobri dois cenários possíveis. Você quer ouvir?

— Derrame. E pare de perder meu tempo.

— Como eu acompanho você é um mistério. Enfim, de volta aos meus cenários. Um, o *Pakhan* não quer distraí-lo de aumentar nossa aliança com os italianos. Dois, — ele faz uma pausa para um efeito dramático. — Ele suspeita de você.

Eu bato meus dedos no braço do sofá quando o significado por trás de suas palavras me alcança alto e claro. Se Sergei suspeita de mim, todo mundo suspeita também. Então eu escolho investigar Kirill. — Por que ele suspeitaria de mim?

— Eu não sei, deixe-me *adivinhar*. — Ele fala devagar, devagar demais, extraíndo as palavras de maneira provocativa. — Vamos ver. Estávamos todos contando em conseguir que Richard se tornasse prefeito, para que pudéssemos colocar nossas mãos em remessas fáceis sem ter que ameaçar a DEA em cada turno, mas de repente, ele está morto. De repente, o candidato dos italianos está prestes a ser prefeito. Se eu fosse Sergei, suspeitaria daquele que está ficando confortável com os italianos.

Faz sentido. Pelo menos nenhum deles descobriu o verdadeiro motivo.

— Eu apareceria mais se fosse você, — continua Kirill. — Sua ausência só permite que os outros falem pelas suas costas.

— Os *outros*? Tipo, você não está envolvido na traição?

— O que você pensa que eu sou? Eu não mordo a mão que me alimenta. Jesus.

— Desligando.

— Você não vai perguntar sobre os rumores?

— Não estou interessado em rumores.

— Trata-se de sua esposa.

Meus dedos param de bater por um segundo antes de retomar. Se eu mostrar a Kirill até mesmo um grama de interesse, ele vai se agarrar a isso como um cachorro louco.

Ele é um oportunista, implacável nisso.

— Ainda não estou interessado. — Pareço entediado, até mesmo para meus próprios ouvidos.

— Ouça de qualquer maneira e responda com sim ou não. — Os barulhos russos ficam mais baixos enquanto ele fala. — Mikhail nos contou que sua esposa viu Lia entrando na mansão de Sergei sozinha à noite. Alguns dizem que ela o está traindo ao contar todos os seus segredos para Sergei ou Rai. Alguns dizem que ela está tendo um caso com alguém lá. Isso é verdade?

Minha mandíbula fica tensa. — Não.

— *Mesmo?* — Ele arrastou a palavra.

— Você acha que eu a deixaria respirar mais um segundo se fosse esse o caso?

— Certo. Você não faria. — Ele faz uma pausa enquanto ruídos surgem do outro lado da linha. — Minha remessa está aqui.

O som de bipe é a única coisa que ouço depois que ele desliga. Eu removo o telefone do meu ouvido, apertando meu controle sobre ele até que meus dedos ficam brancos.

— Kolya. Yan. Preciso que você descubra todos os boatos que circulam sobre Lia. Comece investigando o que a esposa de Mikhail está dizendo e siga em frente. Não deixe nenhuma merda de fora.

— Sim senhor, — diz Kolya.

Eu encaro Yan com um olhar quando não ouço sua confirmação. — Você tem um problema?

Ele me encara de volta, seus olhos claros colidindo com os meus. — Além do problema que você criou, senhor?

— Yan! — Kolya o encara por causa de sua demonstração de comportamento insubordinado.

Eu dispenso meu guarda sênior com uma mão. — Deixe ele continuar. Você parece ter muito a dizer. Vamos ouvir, Yan.

Ele nem mesmo suaviza seu tom. — Isso está errado e você sabe disso, senhor. Pare com essa loucura.

Kolya dá um soco no rosto dele. — Cale-se.

O soco é tão forte que Yan cambaleia para trás, segurando o queixo e olhando para Kolya com mágoa misturada com raiva. Ele acha que Kolya bateu nele para causar dor, mas Yan às vezes é um idiota. Ele não consegue perceber que o sempre tão diplomático Kolya saiu do seu caminho e deu

um soco nele porque isso diminuiria minha reação em relação à sua insolência.

Mas mesmo o gesto de Kolya não salvará Yan.

Eu me levanto e meu segundo em comando tenta ficar no meu caminho.

— Ele não vai repetir, senhor.

— Boa tentativa, Kolya. — Eu bato em seu braço enquanto desvio dele em direção a Yan e o agarro pelo ombro.

Meu guarda está de pé, um hematoma vermelho já se formando em sua bochecha. Falo com calma, não deixando minhas emoções tomarem conta de mim, embora ele tenha muitos golpes para contar. — De quem é você o guarda, Yan?

— Seu.

— Correto. Então por que você está agindo de outra forma?

— Eu não queria...

— Há quanto tempo você me conhece?

— Desde os três anos.

— Você tem vinte e cinco anos agora, então são vinte e dois anos. É tanto tempo, não acha?

— Sim.

— Seria uma pena acabar com eles com a cabeça decepada. — Eu o agarro pela nuca, olhando em seus olhos. — Kolya e eu criamos você e transformamos você em um homem. Não me faça me arrepender.

— Mas, chefe...

— Cale a boca, Yan, — Kolya grita ao meu lado, e isso consegue silenciar o guarda mais jovem.

Eu solto Yan, e Kolya agarra sua nuca e o força a balançar a cabeça em desculpas. Ignorando sua presença taciturna, me concentro no trabalho. Passei as próximas duas horas abrindo e-mails e vasculhando as informações que meus vários hackers me enviaram. Algumas são insignificantes, mas outras são salvas até que eu possa garantir sua integridade.

O tempo todo, meu foco está disperso pelo que Kirill disse. Embora a primeira parte, que o Pakhan suspeita de mim, deva chamar minha atenção, é a última metade que está em minha mente. Os malditos rumores.

Vou erradicar cada um deles até que a verdade seja misturada com mentiras. Eu sou bom o suficiente em exercitar essa tática a ponto de mesmo aqueles mais próximos de mim serem enganados. Como Yan.

Um movimento à minha frente me faz levantar a cabeça.

— Ela está pronta, senhor. — A gerente sorri com orgulho absoluto, como se ela tivesse feito um cisne de um patinho feio.

Mas não é esse o caso. Ela sempre foi um cisne, apenas escondido. Winter sai de trás da gerente para ficar na minha frente. Como solicitei, seu

cabelo está castanho escuro. Está amarrado em um coque e seu rosto está radiante, embora um pouco magro.

Um vestido bege simples atinge os joelhos, moldando-se contra a curva de seus seios e quadris. Saltos pretos cobrem seus pés. Ela está usando a mesma maquiagem da foto do casamento que mostrei a ela antes.

A única diferença é que ela não está sorrindo. Quase como se ela já estivesse no lugar da minha esposa. Como ela deveria. Winter não é mais Winter. Ela é Lia. Ela tirou a vida da minha esposa, e sua punição é passar o resto de sua existência sendo a substituta de Lia.

Vou tirar minha Lia dessa mulher, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Capítulo Sete

Winter

Eu permaneço imóvel como um cadáver sob o escrutínio do estranho. Adrian. O nome do estranho é Adrian Volkov e eu deveria ser sua esposa agora.

A equipe me levou a uma sala de massagem especial, me despiu e me colocou em um banho de espuma cheio de rosas, que agora é o meu perfume. Depois de ser a definição de lixo, atualmente me sinto como uma rosa arrancada de um campo.

E não de uma forma que irei para um lugar melhor, mas de uma forma provavelmente irei definhar e perecer.

As meninas fizeram todo tipo de coisa com meu corpo. Elas pintaram meu cabelo, me depilaram, fizeram minhas unhas e minha maquiagem. Em seguida, elas me colocaram em um vestido marrom reto que é um pouco maior do que meu corpo magro. Os saltos são de um tamanho perfeito, embora sejam desconfortáveis e eu mal possa ficar em pé com eles, quanto mais andar.

O tempo todo em que me viraram para a esquerda e para a direita, fazendo isso e aquilo, me senti como uma boneca. O tipo que é jogado e

virado de lado quando a diversão acaba. Já sentia que estava perdendo minha vontade.

Eu não queria mudar a cor do meu cabelo. Por mais horrível que fosse, o loiro era algo que eu tinha escolhido. Quando eu disse isso, a gerente, que se apresentou como Emily, disse que estava seguindo a ordem do Sr. Volkov e que nenhuma de nós tinha uma palavra a dizer em nada.

Decidi não tornar seu trabalho ainda mais difícil, considerando que ela e o resto de sua equipe ficaram até tarde apenas por minha causa. Adrian pode se sentir normal fazendo isso com outras pessoas, mas eu não sou como ele. Não gosto de ser a fonte do desconforto dos outros é um lugar horrível para se estar.

Adrian parece cada vez mais um sociopata, então duvido que ele se importe com quem pode sofrer por causa de suas demandas. Contanto que ele consiga o que quer, para o inferno com todos os outros.

Portanto, embora Emily e sua equipe estivessem atentas, senti minha pele se arrepiar. Nenhuma quantidade de banhos de rosas ou roupas luxuosas me faria sentir confortável.

É como se eu tivesse sido empurrada para uma realidade alternativa e vivido no ar denso e tenebroso desde esta tarde. Desde que fiquei presa em seus olhos cinzentos. Desde então cometi o erro de existir no seu espaço. E agora, estou começando a pensar que será impossível encontrar uma saída.

Mas mesmo se eu fizesse, para onde iria? Para a prisão? Certamente, o desconforto de estar aqui é melhor do que na prisão. Ou então eu gostaria de acreditar.

No momento em que me olhei no espelho depois que Emily e as outras terminaram, vi o reflexo da mulher na foto do casamento que Adrian me mostrou. Lia.

Eu me tornei ela e uma lágrima quase escapou dos meus olhos com esse pensamento. Existe algo mais cruel do que apagar a identidade de alguém? Do que limpar a essência de seu ser como se ela nunca tivesse existido?

Porque é isso que sinto agora, enquanto estou na frente dele. Eu não sou Winter aos olhos dele. Já sou Lia, e ele pretende cimentar esse fato na própria medula dos meus ossos daqui para frente. Ele não será capaz de ter sucesso.

Eu sou Winter Cavanaugh e vivo para mim e para minha filha. Ninguém será capaz de apagar esses fatos da minha cabeça, nem mesmo um homem assustador como Adrian.

Loiro Volumoso e Nariz Torto estão em cada lado dele. O volumoso não olha para mim, mas Nariz Torto me encara por um segundo antes de desviar sua atenção para as mãos que estão cruzadas na frente dele. Há um hematoma vermelho em sua bochecha que eu não tinha notado antes e não sei por que não gosto de vê-lo. Eu não conheço esse homem, e tenho certeza que se seu chefe lhe dissesse para me executar, ele o faria em um piscar de olhos.

Adrian se levanta, me assustando dos meus pensamentos. Ele é alto, moreno e bonito enquanto está sentado. Mas quando ele se levanta, se elevando sobre meu corpo baixo, sinto a necessidade de sair correndo da minha pele.

Ele acena para mim com o dedo para se virar. Eu faço, minhas bochechas queimando com raiva reprimida. Eu sei que ele pensa que eu sou de uma classe baixa, mas ele realmente me considera seu animal de estimação ou algo assim?

— É do seu agrado, senhor? — Emily pergunta, esperançosa, ansiosa, como se a aprovação dele fosse a ruína de sua existência.

Ele acena com a cabeça uma vez quando eu paro, de frente para ele. Emily sorri largamente como se tivesse acabado de agradar o rei da selva e ele vai lançar uma recompensa em sua direção.

— Aqui está o seu casaco, Sra. Volkov. — Ela me oferece e eu visto, grata que esconde o vestido decotado e sem mangas. Posso ter seios pequenos, mas suas curvas estavam aparecendo.

Adrian me agarra pelo cotovelo e me leva até os elevadores. Loiro Volumoso e Nariz Torto nos seguem, mas mantendo distância. Emily e o resto de sua equipe estão em frente ao vidro transparente do elevador como uma demonstração de respeito.

Adrian deve ser alguém importante se ele tem guardas o seguindo em todos os lugares e funcionários esperando quando ele sai. Não acho que ele seja um espião, mas parece mais perigoso do que um simples empresário.

Eu olho para ele. Ele ainda está me segurando pelo cotovelo, seu toque suave, mas firme. Eu sei porque quando tento remover meu braço, ele aperta seu aperto, proibindo qualquer movimento.

Sua mensagem é clara: devo concordar com o que ele quiser. Eu assinei meu destino para ele no momento em que ele me coagiu a isso. Ou talvez tenha sido quando ele me viu pela primeira vez e decidiu que eu seria sua esposa.

Quando foi isso exatamente? Quando ele me salvou da van que passava? Ou foi quando ele me pediu para limpar meu rosto como se as manchas nas feições semelhantes de sua esposa o ofendessem? Ou será que ele me viu no abrigo e me seguiu desde então?

O tempo todo em que Emily e as outras me transformaram em Lia, fiquei pensando em como ele me encontrou na garagem. Não senti ninguém me seguindo e tenho uma consciência aguda do que me rodeia, considerando minha condição de sem-teto.

Ex-sem-teto agora.

Qualquer um dos meus companheiros sem-teto se sentiria lisonjeado com esta oportunidade, mas meu estômago tem dado um nó desde que Loiro Volumoso me agarrou pelo capuz e me empurrou na direção de seu chefe.

Quando saímos do elevador, Loiro Volumoso corre para o carro e abre a porta dos fundos. É quando eu noto que Adrian está vestindo apenas uma camisa e calças. — Seu casaco está lá em cima. Devemos ir buscá-lo?

— Não.

— Mas está congelando.

Ele me encara por um instante. — Você está quente?

— Sim, mas já estou usando um casaco.

— Está tudo bem então. — Ele achata a palma da mão na parte inferior das minhas costas e coloca a outra mão em cima do carro para impedir que minha cabeça bata contra ele enquanto me guia para dentro.

Meus dedos tremem e eu os aperto no colo enquanto estou rodeada pelo cheiro de couro dos assentos. O que é esse sentimento? Ninguém deveria ser tão cavalheiresco, mas terrivelmente perigoso ao mesmo tempo.

Mas eu tenho que lembrar que ele não está me vendo agora. Ele está vendo Lia em mim. Não sei por que isso me faz querer entrar em contato e... o quê? Me remover de sua pele? Isso ainda seria possível?

Assim que Adrian se junta a mim e os guardas tomam seus assentos na frente, meu estômago ronca. O som é tão alto que Loiro Volumoso e Nariz Torto congelam.

Eu franzo os lábios, mas posso sentir o sangue subindo pelo meu rosto. Caramba. Eu nunca fiquei envergonhada com minha fome até este momento. O olhar calmo de Adrian desliza para mim, não afetado, entediado, até. Eu me pergunto se ele fica bravo, então imediatamente empurro esse pensamento para fora da minha mente. Ele é assustador em seu modo calmo e não quero imaginar como ele fica quando está com raiva.

— O que você quer comer? — Ele pergunta.

— Estou bem.

Ele bate com o dedo indicador na coxa antes de parar. — Você está obviamente com fome. A comida vem com o negócio e, portanto, você não precisa se sentir constrangida pedindo por ela.

Isso mesmo. É uma das principais razões pelas quais concordei com isso em primeiro lugar.

— Qualquer coisa. — Minha voz é quase um sussurro.

— Qualquer coisa não é comida. Escolha algo.

— Eu não me importo, contanto que seja... comida.

— E se eu pegar baratas fritas para você?

Meu nariz torce enquanto eu olho para ele.

Ele levanta uma sobrancelha com a minha reação. — Você disse qualquer coisa.

— Isso não.

— Então especifique. Se você não se expressar, não receberá nada de mim.

Uau. Ele é sempre tão... irritante?

— Um sanduíche, — eu estalo e fecho meus lábios, esperando que ele não tenha entendido.

Se ele desaprova meu tom, ele não diz nada e, em vez disso, se dirige a Nariz Torto em uma língua estrangeira que suponho ser o russo.

Ele parece um pouco diferente enquanto fala, mas não exatamente de uma maneira melhor. Mais como autoritário e não negociável. Ele emite essa vibe com seu sotaque russo sutil também, mas é mais claro com sua língua materna. Pode ser porque eu não falo a língua, no entanto.

Nariz Torto acena com a cabeça e sai. Após dez minutos de silêncio absoluto, ele volta com uma sacola de comida. Minha boca saliva com o cheiro de pão quente e vegetais frescos. Gostaria que Larry estivesse aqui comigo, ele geralmente rouba sanduíches para mim e eu compartilho, mas ele sempre diz que está cheio. Ele não gosta que eu roube álcool, mas não tem problema em roubar comida. Esse velho tem um senso de moralidade distorcido.

No entanto, nenhum dos sanduíches que ele me trouxe jamais cheirou tão divino. Como se tivesse saído do forno. Meu estômago ronca de novo e, desta vez, não tento esconder. Nariz Torto entrega a sacola para Adrian, não para mim. Nem ele nem Loiro Volumoso olham na minha direção.

Adrian abre a sacola e me entrega o sanduíche. Eu nem mesmo paro para ver o que há dentro dele. Eu mordo direto, enchendo minha boca de uma vez. Ele derrete na minha língua e eu não mastigo corretamente antes de engoli-lo. Estou prestes a dar outra mordida quando ele é puxado dos meus dedos.

— O-O que... — Eu fico olhando incrédula para o culpado, Adrian, que agarrou meu sanduíche. Por favor, não me diga que ele me comprou comida só para levar embora.

— Coma mais devagar ou você terá indigestão. — Ele arranca um pedaço e o coloca na frente da minha boca. Tento tirar dele, mas ele balança a cabeça.

Eu realmente não me importo com o método, contanto que eu coma agora, então eu abro bem e deixo ele colocar na minha boca. Assim que está dentro, eu engulo de uma vez.

— Mais devagar, — ele repete, com mais firmeza dessa vez. — Mastigue primeiro.

É então que percebo que estamos realmente nos movendo. Estive tão focada no sanduíche que perdi toda a consciência do que estava ao meu redor. Exceto por Adrian.

De uma forma ou de outra, ele está presente desde que o conheci. Ele é uma força silenciosa que lentamente se arrasta sob minha pele e me deixa ofegante por mais ou menos. De qualquer forma, ele está lá, sob minha pele, e é impossível respirar sem sentir sua presença. É desconcertante pensar que vivi vinte e sete anos e nunca experimentei tanta intensidade. Uma exibição tão... crua e silenciosa de poder.

Sempre pensei que aqueles no poder garantiam isso por métodos brutos, que matavam ou tramavam. Que eram ordens barulhentas e latidas, como Richard. Adrian é o completo oposto dessa noção, ele é silencioso,

calmo, mas exala uma autoridade tão crua que é ainda mais aterrorizante do que aqueles com alto poder.

Quando Adrian me dá outro pedaço do sanduíche, eu mastigo, deixando o gosto picante explodir na minha boca. É rico e requintado e pode muito bem ser a refeição mais deliciosa que já tive... de todos os tempos.

Eu não protesto enquanto ele continua a me alimentar, seus dedos roçando meus lábios a cada mordida. Ele tem dedos realmente masculinos, longos, magros e calejados o suficiente para causar uma sensação estranha sempre que encontram minha pele, não importa o quão breve seja o contato.

Ele é paciente, não tentando apressar o processo, como se tivesse todo o tempo do mundo para me alimentar. Ele me encara com um olhar de desaprovação, parando quando eu não mastigo por tempo suficiente ou quando faço rápido, e essa é a minha deixa para diminuir o ritmo ou ele vai levar minha refeição embora

Quando o sanduíche termina, estou cheia. Não estou inchada como quando Larry decide ir de kamikaze e roubar três sanduíches, mas estou cheia o suficiente para engolir o pedaço final com um suspiro. Eu fecho meus olhos para guardar o gosto na memória, caso seja a última refeição deliciosa que tenho em meses.

Seria perfeito se um pouco de álcool também viesse com ele. Posso sentir a dor de cabeça começando na parte de trás do meu crânio e não posso me dar ao luxo de ficar sóbria por muito tempo. Quando eu abro

meus olhos, encontro Adrian me observando atentamente. Seu dedo indicador bate na coxa em um ritmo tranquilo, como se estivesse participando de sua observação.

Estou prestes a quebrar o contato visual, porque ainda é tão enervante quanto o inferno, quando seu próximo gesto me impede. Eu não conseguia desviar o olhar, mesmo se quisesse.

Adrian mergulha o indicador e o dedo médio na boca, chupando as pontas um pouco gordurosas de quando ele me alimentou. A forma como seus lábios envolvem sua pele envia uma sensação estranha através de mim. Eu quero que pare, mas ao mesmo tempo, não sei se vou gostar se parar.

Ele tira os dedos e termina lambendo o polegar antes de usar um guardanapo de papel. Eu forço meu olhar para longe para olhar pela janela. Os intermináveis edifícios da cidade voam por nós, mas só posso ver a maneira como ele enfiou os dedos na boca como se ele... os estivesse empurrando para outro lugar e...

Meus pensamentos muito inadequados são interrompidos quando o carro para em frente a um portão de metal preto que é tão alto e tão alto quanto o de um palácio. Ele abre lentamente com um rangido alto que pode ser ouvido de dentro do carro. O Loiro Volumoso entra antes de estar totalmente aberto.

Eu fico olhando para trás e, com certeza, o portão está se fechando. É aqui que Adrian mora?

Eu não estava exatamente focada na estrada no caminho para cá, mas dirigimos longe o suficiente para estar em algum lugar nos arredores da cidade.

Eu deixei meu olhar deslizar para frente, pensando que deveria gravar os detalhes em meu cérebro caso eu precisasse usá-los mais tarde. Mas para quê e para onde? No momento em que o portão preto se fecha, me sinto como se estivesse presa em um labirinto. O fato de Loiro Volumoso continuar dirigindo e descendo a garagem pode ter algo a ver com isso, mas essa não é a única razão pela qual sinto que entrei em um lugar que não deveria.

A única coisa que consigo distinguir são as sombras das árvores que parecem fantasmas na soleira do portão de um príncipe rico, esperando para tirar sua vida por sua crueldade. Não existia uma história de era uma vez como essa? Um príncipe que se recusou a alimentar os pobres foi amaldiçoado por uma bruxa a se tornar uma fera.

O carro finalmente para em frente a uma gigantesca mansão. Não. É mais como um castelo da época medieval, mas construído nos tempos modernos. A lua é a única luz que se projeta sobre ela, e mal é o suficiente, já que está parcialmente escondida atrás das nuvens. Uma sombra assustadora cai sobre o prédio escuro com sua arquitetura de dois andares e seu tamanho imponente que fica em um grande pedaço de terreno.

Quando as pessoas veem um edifício grandioso, elas reagem com admiração ou intimidação, ou ambos. Eu, por outro lado? Estou com

vontade de fugir. Como se eu devesse correr em direção ao portão preto e escalá-lo para escapar.

Adrian e seus guardas saem do carro primeiro. Não estou com pressa. Posso até passar a noite aqui. É quente e os assentos de couro são mais confortáveis do que qualquer coisa em que eu já tenha dormido.

Adrian, no entanto, tem outros planos. Ele abre a porta e estende a palma da mão para mim. Estou tentada a recusar, mas isso apenas iniciaria uma batalha indesejada. Estou tão exausta com os eventos deste dia, e tudo o que quero fazer é rastejar para um canto e dormir.

Então pego sua mão com um suspiro retumbante. Ele me puxa para fora e coloca a palma da mão nas minhas costas. O gesto de possessividade, de marcar sua reivindicação, não me escapa, mas também não me importo muito com isso, porque ele não está fazendo isso comigo.

Ele está fazendo isso com sua esposa. Contanto que eu não me considere sua esposa e possa separar a realidade do papel que estou desempenhando, tudo ficará bem. E o mais importante, vou sobreviver. Eu permito que ele me leve a uma porta dupla de metal com uma trava de código no topo. Ele passa a ponta do dedo sobre o sensor e a porta se abre com um bipe.

Ele gentilmente me empurra à frente dele e eu quase tropeço com os saltos atrozes que machucam meus pés. Adrian envolve um braço em volta da minha cintura, me mantendo firme. Assim que me certifico de que posso ficar de pé, tento me afastar. Sua presença ainda me dá uma sensação

estranha. Os arrepios misturados com medo e... outra coisa que prefiro não identificar.

— Pare de tentar se afastar de mim, Lia.

— Eu não sou Lia, — eu sussurro.

— Sim, você é, e você vai começar a agir como tal.

— Eu não posso simplesmente agir como outra mulher.

Ele faz uma pausa, seu dedo batendo uma vez contra sua coxa. — Você acabou de me responder?

— Não. — Minha voz é baixa. Eu realmente não quero induzir sua ira agora. Ou nunca, por falar nisso.

Ele não parece convencido, mas diz com muita calma. — Sua presença aqui é por um único motivo, ser Lia. Você aprenderá a agir como tal. Na verdade, você será ela.

Tudo bem, certo.

Mas eu não expresso esse pensamento, porque a julgar por sua breve demonstração de raiva agora, isso só me colocaria em apuros.

Espero que Loiro Volumoso e Nariz Torto nos sigam, mas eles não fazem. A porta se fecha atrás de nós com um clique e uma luz automática acende em cima de uma vasta área de recepção com paredes de um branco puro, piso de madeira escura e um lustre redondo pendurado no teto.

Há uma mesa branca simples no meio do chão, cercada por cadeiras de encosto alto de cor creme. Uma escadaria larga e extensa com corrimão

branco leva ao andar de cima. O salão é elegante e sugere um gosto minimalista e refinado, mas há algo errado.

Não há fotos de família, nem pinturas. Nada. É como se nenhum humano vivesse nesta casa. É limpo, mas impessoal. Ainda estou estudando os arredores quando um som de batida suave vem do andar de cima. Eu congelo, os dedos afundando na palma da minha mão. Talvez minha premonição sobre esta casa esteja se tornando realidade, afinal, e eu serei atacada.

Mas então eu reconheço o som. Não é ameaçador, se alguma coisa, parece que...

Meus pensamentos morrem quando os passos se aproximam e um pequeno humano aparece no topo da escada. Ele desce, segurando o corrimão a cada passo, seus minúsculos dedos envolvendo-o como um torno. Ele não parece ter mais de cinco anos, mais ou menos.

Não há dúvida de quem é o menino.

Ele é a cara de Adrian com seu cabelo escuro e olhos cinzentos. Apenas, os seus são mais leves e maiores.

Minhas suspeitas são confirmadas quando ele desce os dois últimos degraus gritando. — Papai!

Enquanto ele corre em nossa direção, a cabeça focada em seus pés, como se não fosse perder de vista seus passos, meus pés vacilam. Um peso duro e inflexível empurra minhas costelas como se pretendesse esmagar os ossos e perfurar meu coração.

A visão do menino traz de volta memórias que mantive enterradas por tanto tempo. Mãos e pés minúsculos. Um pequeno rosto. O cheiro de um bebê.

— Calma Jeremy, — diz Adrian ao meu lado, mas estou ouvindo ele como se estivesse debaixo de água.

O menino, Jeremy, levanta a cabeça e para no meio da corrida. Seus enormes olhos cinza encontram os meus e eles se arregalam ainda mais quando ele sussurra. — Mamãe...?

Não sei se é a palavra ou a maneira como ele olha para mim ao dizê-la, como se ele tivesse encontrado o mundo depois que o perdeu, mas lágrimas que não derramei por muito tempo explodiram de meus olhos. Elas escorrem forte e rápido pelo meu rosto, encharcando minha pele e arrancando um soluço da minha garganta.

— Lia? — Adrian me agarra pelos ombros, abaixando a cabeça para olhar meu rosto. Minha visão está tão embaçada que não consigo vê-lo. É quando eu percebo que estou tremendo e meus membros não podem mais me carregar. — Lia!

— Eu *não* sou Lia, — sussurro enquanto a escuridão me leva embora.

Capítulo Oito

Adrian

O corpo de Lia cai mole em meus braços, suas pálpebras fechadas e o suor cobre suas têmporas. Eu seguro seu pequeno corpo contra mim pela cintura enquanto suas pernas perdem toda a força.

Colocando meu braço sob seus joelhos, eu a levanto como fiz antes. Sua cabeça pende em uma posição estranha antes de pousar no meu ombro. Seus lábios se contraem e seu rosto fica tão pálido, suas veias espiam mais visivelmente através de sua pele.

— Mamãe...?

Eu fico olhando para Jeremy, que está segurando um soldadinho de brinquedo e lutando contra as lágrimas. Ele deveria estar em sua cama sendo tão tarde, mas aqui está ele. Ele deve ter enganado sua babá para que pudesse descer e me encontrar. Ele tem feito muito isso nas últimas semanas, querendo me ver e tendo acessos de raiva, então vou prestar atenção nele.

Eu sei exatamente por que ele está agindo assim. Depois de perder sua mãe, ele não queria me perder também. Ele às vezes entra no meu quarto apenas para se certificar de que estou lá.

— Ela acabou por adormecer, *Malysh*, — digo com um sotaque americano. O sotaque russo é para certas situações e o americano é para outras.

Tendo sido criado por uma mãe meio americana e um pai russo puro, os sotaques vêm naturalmente para mim. Jeremy, porém, passa a maior parte do tempo com Lia, que só fala inglês, e, por isso, fica confuso quando falo com ele em russo. Embora isso vá mudar no futuro, não vou forçá-lo a entender agora. É a pior hora para aumentar seu estresse.

— Sua mãe acabou de adormecer.

— Mesmo? — Ele funga.

— Correto.

— Mas... mas você disse que ela estava passando muito tempo em uma viagem. Isso significa que a viagem acabou, papai?

— É, *Malysh*.

— E ela estará aqui todos os dias? — Sua voz se quebra enquanto a esperança sobe em seus olhos enormes.

Minha atenção desliza para seu corpo imóvel antes de me concentrar de volta no meu filho. — Todos os dias.

— Promete, papai?

— Prometo.

— Você sempre mantém sua palavra.

— Eu faço. Ela vai te ver amanhã, certo?

Ele vira a cabeça, bufando. — Eu não vou ver ela.

— Você ainda está bravo com ela?

— Não é, papai? — Ele funga e enxuga as lágrimas com as costas da mão. — Ela saiu sem se despedir.

— Mas ela está aqui agora.

— Eu ainda não vou ver ela. — Ele pisa escada acima, seu pequeno corpo emanando mais energia do que uma criança com o dobro de sua idade.

Ele definitivamente tem o temperamento de sua mãe.

Ainda carregando Lia, me aproximo da entrada e clico no interfone que se conecta ao rádio de Kolya. — Entre e se certifique de que Jeremy vá dormir.

— Sim senhor.

Eu a levo para cima dois degraus de cada vez e vou para o quarto principal. Quando a coloco na cama alta da plataforma, permito que sua cabeça caia suavemente no travesseiro.

Ela não se mexe enquanto eu lentamente removo seus sapatos e os coloco ao pé da cama. Alguns cortes cobrem seus tornozelos e as solas dos pés são ásperas ao toque. Eles também estão frios, então eu os coloco na cama e puxo o edredom para cobri-los. Quando eu a manobro para remover o casaco, ela ainda não mostra qualquer reação.

Eu seguro suas mãos nas minhas e olho para as bolhas que não deveriam estar em sua pele. Elas também estão congelando, como se seu cérebro ainda pensasse que ela está dormindo nas ruas, em garagens sujas e frias.

Levando as palmas das mãos à minha boca, assopro até que estejam quentes o suficiente, em seguida, coloco-as sob as cobertas. Estou prestes a deixar ela mais confortável quando uma batida soa na porta.

Eu puxo o edredom até seu queixo e dou uma última olhada em seu rosto. — Eu já volto, *Lenochka*.

Depois de sair, eu lentamente fecho a porta atrás de mim, me certificando de não fazer nenhum som. Kolya está parado no corredor, seu corpo bloqueando minha visão e sua testa franzida.

— Jeremy está dormindo?

— Sim, mas ele estava estressado. — Ele faz uma pausa.

— Se você tem algo a dizer, diga, Kolya. Eu não tenho a noite toda.

— Ele parecia assustado depois que me disse que... bem, sua mãe adormeceu em pé.

Pelo menos ele acredita que ela adormeceu.

— Senhor.

— O que?

— Posso falar livremente?

Eu levanto uma sobrancelha. — Quando não foi?

— Isso não está certo.

— Isso?

— Tudo isso. — Ele aponta com a cabeça para a porta fechada do quarto. — Ela aqui. Agora.

— Yan está reclamando para você?

— Não.

— Você não tem que protegê-lo, Kolya. Você o está estragando.

— Não se trata de Yan e você está bem ciente disso.

— Me deixe preocupar com as coisas aqui enquanto você fica de olho no que está acontecendo no resto da irmandade. Não podemos ficar para trás.

— Não vamos, mas ela...

— Pare de falar sobre ela, Kolya. Está feito. Ela está aqui e é isso.

— Ela desmaiou, senhor.

— Como você saberia disso?

— As pessoas não dormem apenas em pé. Eu não sou Jeremy.

— Ela vai ficar bem.

— E se ela...

— Kolya, — eu o interrompi, minha voz endurecendo. — Largue isso.

— Isso pode sair pela culatra.

— Eu disse para parar de falar sobre ela.

Ele me lança um olhar de desaprovação, que diz, ‘você está ferrado e eu me arrependo de estar ao seu lado por trinta anos,’ mas ele sabe que não deve me testar em circunstâncias como essas, então ele balança a cabeça e sai.

Eu desabotoei minha camisa no caminho de volta para o meu quarto.

Esta será uma longa noite pra caralho.

Capítulo Nove

Winter

— *Lenochka.*

Murmuro em meu sono, minha cabeça está pesada e dolorida, como se um martelo a estivesse remexendo. Minha respiração foi cortada.

Eu suspiro, apenas para ser encontrada por algo... macio? Meus olhos se abrem e me encontro de bruços, meu rosto aninhado contra um travesseiro.

Dedos longos abrem o zíper do meu vestido e deslizam o pano pelo meu corpo. Por um segundo, estou tão desorientada que nem sei onde estou, muito menos o que está acontecendo. Eu não deveria estar dormindo em uma cama, e não em qualquer cama, esta é quente, macia, sinto o cheiro de madeira misteriosa e couro rico.

A realidade volta com uma força cambaleante que me mantém sem fôlego. Eu vim com Adrian para sua casa. Depois que vi seu filho, tive uma lembrança visceral de minha filha e então... o quê? O que aconteceu depois disso? Onde estou? Mais importante, o que está acontecendo agora?

O ar colide contra minha pele nua, formando arrepios. O vestido se foi e eu estou usando apenas um sutiã sem alças e a calcinha de renda que Emily me deu antes. Meus ombros formam uma linha rígida enquanto o

suor cobre minha testa. Estou com medo de olhar para trás e ver a expressão em seus olhos agora. Se eu fizer isso, estarei presa e conduzida a um ponto sem volta. No entanto, se abster de olhar para ele não diminui com sua presença ou com o calor opressor que ele emana. Ele irradia da minha pele como chamas lambendo-o ou a morte beijando-o.

Minha mente dispara em todas as direções enquanto a realidade do que está acontecendo se instala no fundo do meu estômago com um baque. Adrian não poderia ser tão cruel para fazer isso, certo?

O que eu estou pensando? Claro que ele é. Tudo o que ele fez até agora para me ter sob seu controle apenas prova o que ele fará para conseguir o que deseja. Talvez... talvez se eu fingir que estou dormindo, ele pare. Talvez ele só quisesse tirar meu vestido.

Mesmo quando penso isso, sei que estou apenas me enganando. Ele não é do tipo que pode ser interrompido. Eu sei disso, eu vi em seus olhos e atualmente estou sentindo isso com seu toque firme.

— O que você está fazendo? — Minha voz está lenta, quebrada e tão terrivelmente aterrorizada.

— Não fale. — Ele está falando com sotaque americano. Não há sotaque russo presente agora.

Ele abre a alça do meu sutiã e eu endureço quando ele o puxa debaixo de mim, me deixando seminua. Meus seios encontram o colchão macio, mas parece metal frio, um que está pronto para cortar meus mamilos.

— Adrian, por favor... — eu sussurro enquanto uma lágrima rola pela minha bochecha. — Não faça isso.

— Fazer o que?

— O que quer que você esteja fazendo. Eu estou assustada.

— Você gosta de ficar com medo.

— N-Não...

— Sim, você faz. Você também gosta de implorar, *Lenochka*, então me implore.

Seus dedos agarram o cócs da minha calcinha e um soluço fica preso na minha garganta. — Por favor... por favor... não...

Ele puxa a calcinha pelas minhas pernas de uma vez e eu grito, um soluço alto ecoando no ar. Suas mãos grandes que eu notei hoje cedo, até mesmo continuei pensando, me agarram pelos quadris em um aperto implacável enquanto ele mergulha dentro de mim por trás.

Meu grito rouco perfura o silêncio enquanto seu pau me rasga. É duro, impiedoso e destinado a punir. Ele não me dá tempo para me ajustar e empurra com um ritmo crescente. Minhas paredes queimam com o desconforto, o poder, a violação. Meus gritos e soluços ecoam no ar enquanto eu imploro e lamento. Mas meu corpo não se move. Nem um pouco. Eu não tento atacar ele, resistir ou me contorcer.

Eu não tento nada. Se eu fizer isso, ele vai me machucar. Ele vai me bater. Ele vai me fazer sangrar. Portanto, continuo como uma boneca sendo usada e abusada sem luta.

Tento escapar dentro da minha cabeça, mas suas estocadas me proíbem. Há um poder animalesco por trás delas, algo que tem como objetivo me manter aqui e agora, para me fazer sentir a cada segundo do que está acontecendo.

Me proibir de ir a qualquer outro lugar é mais cruel do que o próprio ato brutal. Monstruoso, até.

Minha cabeça cai no travesseiro para abafar meus gritos, minhas lágrimas, tudo. Meus dedos cavam no colchão e meus dedos do pé enrijecem, mas nada apaga o pesar ou a mistura de sentimentos que passa por mim de uma vez. Rezo para que pare, mas continua indefinidamente. Ele não termina. Não me livra da minha agonia.

E logo, eu me encontro na minha cabeça novamente. Fecho meus olhos e tento pensar no lugar mais lindo que já estive. Um jardim verde com rosas coloridas e pássaros cantando. Mas então o céu escurece e todas as flores vazam um líquido carmesim que parece... sangue. Eu suspiro, os olhos se abrindo quando ele sai de mim e me vira para encarar ele.

Adrian está nu, seu peito musculoso coberto com uma camada de suor sobre os cabelos finos. Ele tem mangas duplas de tatuagens, mas não consigo distingui-las na escuridão.

Até mesmo seu rosto está sombreado como se ele fosse o ceifador vindo para tirar minha vida. — Onde diabos você foi, *Lenochka*? Mantenha sua atenção em mim quando eu estiver transando com você.

— Por favor... Adrian... por favor... — Minha voz falha a cada palavra. — Por favor pare...

Ele mergulha dentro de mim novamente e minha cabeça rola para trás com a força disso. Meus soluços e lágrimas saem cortados quando suas estocadas os separam.

Então estou fazendo sons estranhos, são mais longos, agudos e não são soluços. Meu corpo se contrai com algo diferente de desconforto quando um formigamento forte atinge o fundo do meu estômago.

— Você está estrangulando meu pau, *Lenochka*, — ele murmura. — Você vai gozar?

Eu balanço minha cabeça freneticamente, mas mesmo enquanto faço isso, uma onda de calor explode sob minha pele e eu grito por um motivo completamente diferente. Eu gostaria de estar de frente para o travesseiro para abafar minha voz, mas como isso não é possível, uso minha mão, mordendo-a com todas as minhas forças.

As sensações que passam por mim são como ser libertada daquela caixa preta. Estou tropeçando nos meus próprios pés, correndo em direção ao ar livre quando isso atinge meus pulmões com uma explosão.

O orgasmo é forte, duro e nada como eu já senti antes. Meu corpo inteiro está tremendo e minhas entranhas estão uma confusão de formigamentos e tremores.

Espero que Adrian termine, mas ele continua e continua, como uma máquina sem botão de desligar. Meu corpo desliza pelo colchão e a cabeceira da cama bate na parede com cada um de seus movimentos. Ele levanta minha perna no ar e bate em mim com energia renovada, como se ele tivesse acabado de começar. Seus dedos cavam em minha pele e ele aperta meu mamilo com tanta força que vejo estrelas de neon na escuridão.

A mesma onda de antes me bate de novo e, desta vez, nem tenho energia para gritar. Estou tão lá em cima, acho que nunca vou voltar. Mas eu volto sim. Meu corpo está mole no colchão enquanto o efeito colateral do orgasmo faz meus membros tremerem. Adrian ainda não terminou.

— Por favor... — eu soluço. — Eu não aguento mais... *por favor.*

— Você pode. Sua boceta foi feita para mim, *Lenochka.*

— Adrian... pare.

— Não.

— Pare! — Eu grito e meus olhos se abrem.

Estou de bruços na cama, de bruços. O suor me cobre sob minhas roupas e os lençóis. Estou usando o vestido que Emily escolheu para mim e... meus dedos estão dentro da minha calcinha, empurrando para dentro e para fora da minha boceta. Minha boceta encharcada. Minha outra mão está beliscando meu mamilo por baixo do meu sutiã.

Eu me assusto e sento, removendo minhas mãos como se tivesse sido pega me masturbando em uma praça pública. Minha boca fica aberta com a visão dos sucos revestindo os dedos que estavam entre as minhas pernas.

Levantando meu vestido, estou mortificada com a vista. Minhas coxas estão pegajosas e minha calcinha definitivamente está arruinada. Não só isso, mas meus mamilos doem, latejando contra o material do meu sutiã.

Tudo... isso foi um sonho?

Não. Eu não sonho, muito menos ser estuprada. E, no entanto, estou sozinha no quarto e minhas roupas estão intactas. Eu estava até coberta por um edredom. Sem mencionar a evidência que está olhando para mim em meus dedos. Por que diabos eu estava me levando a esse tipo de pesadelo?

Eu recuo contra a cabeceira da cama, puxando minhas pernas para o meu peito e espero por... o quê? Um sinal de que não tenho o tipo de mente depravada que me enche com esse tipo de pesadelo?

Controle-se, Winter. Foi só um pesadelo. Não é real.

Eu cuidadosamente saio da cama e olho embaixo dela. Prendo a respiração, esperando que algum tipo de monstro pule em mim. Nenhuma sensação de alívio me envolve quando não encontro ninguém.

Porque eu sei, só sei que monstros reais são mais perigosos. Eles parecem humanos também, antes de liberarem seu lado bestial no mundo. Como no meu pesadelo.

O quarto em que estou tem a cama king-size que acordei com uma cabeceira de metal, decorada com motivos dourados. Uma cômoda

combinando com um grande espelho está bem em frente a ela e eu quase me assusto até morrer quando passo por ela e sinto minha sombra.

Eu sigo para a única porta à vista e rezo para que seja um banheiro. Preciso me lavar, para remover toda a viscosidade grudada em meu corpo. Assim que eu abro, eu congelo na porta.

Adrian está dentro de uma banheira cheia de água. Seus olhos estão fechados, a cabeça tombada para o lado e os braços cruzados sobre o peito. Por um segundo, não sei se ele está realmente dormindo ou... morto.

Eu quero me virar e sair. Melhor ainda, quero minha vida despreocupada das ruas de volta. Depois do sonho cruel que acabei de ter, a última coisa que quero é falar com Adrian.

Mas ele pode estar morto ou estará se continuar dormindo em uma banheira. Meus passos são cuidadosos, lentos conforme me aproximo dele. Eu toco seu ombro e congelo. Marcas de mordida. Minha mão tem uma marca de mordida de quando a mordi no pesadelo.

Foi realmente um pesadelo?

Antes que eu possa pensar sobre isso, uma mão forte agarra meu pulso e me puxa. Eu grito enquanto perco o equilíbrio.

— Você finalmente acordou, *Lenochka*.

Capítulo Dez

Winter

Minha boca se abre quando meu joelho atinge a borda da banheira.

Por estar tão perto, sou feita refém por ele e não é apenas devido ao seu aperto em meu pulso. Ele está nu e, embora a água cubra a maior parte de seu corpo, é transparente e cada centímetro dele fica exposto

Seus ombros são largos, emoldurando bíceps definidos. Tatuagens pretas são feitas ao longo do comprimento do braço tenso que está me segurando. Sua outra mão repousa perto de sua cintura afilada que leva a um abdômen duro como pedra.

Não tenho certeza se é por causa da água, mas suas coxas parecem poderosas e duras como naqueles comerciais para jogadores de futebol. Eu me forço a olhar para outro lugar e não para seu pau meio ereto.

Como é possível que alguém exale tamanha perfeição física? Sua beleza não é barulhenta como a de uma estrela de cinema ou de uma modelo. É tranquilo, assim como sua personalidade. Letal também, porque se seus olhos fossem uma faca, eu estaria sangrando nesta banheira agora. Eu franzo a testa para essa imagem. Sangrando...

Adrian interrompe minha linha de pensamento quando leva minha mão ao nariz e um músculo se move sob sua mandíbula enquanto ele respira fundo. — Você estava se tocando, Lia?

— Não... — Minha voz está estrangulada, abafada e um pouco rouca, como se eu ainda estivesse presa naquele pesadelo.

— Não minta para mim. — Seu tom é calmo, mas ameaçador. — Sinto o cheiro de sua boceta nesses dedos.

— Eu disse não.

— Esse é o seu primeiro aviso. Minta para mim de novo e eu vou puni-la.

Memórias do pesadelo me estrangulam pela garganta e sufocam cada grama de ar ao meu redor.

Ele vai me deixar nua e me foder agora. Ele vai me levar como um animal e me deixar sem nada. Ele vai confiscar meu poder e minha vontade. Seu aperto em meu pulso é firme e aquece minha carne como mil chamadas, com a intenção de me queimar por debaixo da minha pele.

Meus lábios tremem e eu cravo minhas unhas na borda de cerâmica da banheira para me manter em uma posição dobrada. — Por favor... não... não...

Adrian libera minha mão e eu tropeço até minhas costas atingirem a porta de vidro do chuveiro. Eu permaneço lá, ambas as palmas das mãos achatadas na superfície fria e meus pés descalços se enrolando contra os azulejos.

— O que está errado? — Ele está falando com o sotaque russo, não o americano do meu pesadelo.

— N-Nada.

Ele se levanta todo molhado e... nu. Ele está completamente nu.

Embora eu o visse na banheira, nada poderia ter me preparado para essa visão. Suas coxas são musculosas e mais altas do que eu previ. Cabelos finos formam uma trilha em seu peito tenso e desce até...

Eu levanto meu olhar antes de começar a cobiçar seu pau. Na minha tentativa de estudar qualquer coisa, exceto ele, sou pega de surpresa por suas tatuagens. Eu vi um braço antes, mas não vi o outro. Ambos os braços estão marcados. Mangas cheias de tinta preta se entrelaçam em seus braços como um labirinto.

Exatamente como no pesadelo.

Embora eu pudesse ter alucinado sobre morder minha mão, isso não pode ser inventado. Eu nunca vi Adrian sem roupa, então de jeito nenhum eu acho que ele tem os braços tatuados.

Pego a coisa mais próxima que consigo encontrar, que por acaso é uma garrafa de sabão de cerâmica, e aponto na direção dele. — Fique longe de mim!

— Lia, — Adrian diz o nome suavemente.

— Eu não sou Lia! Eu sou Winter!

— Se acalme. — Ele continua se aproximando de mim, caminhando em minha direção com passos silenciosos que eu mal posso ouvir.

— Eu disse para ficar longe de mim! — Eu grito, minha voz ficando histérica.

Ele para, levantando uma das mãos. — Tudo bem. Eu vou ficar longe, então abaixe isso.

Eu balancei minha cabeça freneticamente, as unhas afundando na cerâmica sólida. — Estou indo embora. Não vou passar mais um minuto neste lugar esquecido por Deus ou com você!

Uma sombra passa por seu rosto, trovejante e silenciosa, quase como se ele estivesse... com raiva. Por que diabos ele estaria? Eu sou aquela que está com raiva. Eu sou aquela que foi forçada a sair do meu casulo seguro para estar aqui.

— Me dê essa garrafa, Lia.

— Não! E pare de me chamar de Lia!

Minhas mãos se agitam e ouço o estalo antes de ver isso. A garrafa bate na parede e se espatifa contra ela. O sabonete líquido branco escorre pela minha mão e cai no chão, e então um rastro de sangue se segue. Um pedaço de cerâmica quebrada afundou em minha pele. Uma pontada de dor explode na minha carne antes que o sangue escorra da palma da minha mão. Eu libero o que resta da garrafa, deixando cair no chão.

— Porra! — Adrian corre em minha direção, arranca o pedaço, deixando um pequeno corte que queima quando o sabão se mistura com a ferida.

Adrian joga o pedaço de cerâmica ensanguentada na pia e enxuga o sabão. Sua testa franze sobre seus olhos escurecidos e seus lábios se estreitam em uma linha.

Eu me contorço contra ele. — Me solta, seu monstro! Me deixe ir!

— Pare, — ele ordena e eu recuo, ficando mole.

A palavra, embora singular, é tão autoritária que meus músculos travaram ao ouvir ela. Adrian pega uma toalha bege, passa debaixo da torneira e pressiona na minha palma. Ele solta um suspiro quando o sangue não o embebe por muito tempo. Como se ele estivesse preocupado comigo. Como se meu bem-estar significasse uma merda em sua agenda.

Porque ele está agindo assim? Eu simplesmente não consigo entender por que ele não é o diabo insensível que deveria ser.

Sua atenção não sai da minha palma enquanto ele fala. — Não sei por que você está se comportando assim de repente, mas por que não me diz?

— Você está tentando fingir que não sabe?

— Sabe o que?

Eu franzo meus lábios. Um segundo atrás, eu tinha tanta certeza de que não era um pesadelo, mas agora, não tenho tanta certeza. No entanto, a

marca da mordida e as tatuagens não poderiam ter sido uma invenção da minha imaginação.

— Você me estuprou agora. — Minha voz começa baixa, depois aumenta de volume. — Você se forçou em mim, mesmo quando eu implorei para você parar!

A mão de Adrian faz uma pausa na minha ferida e ele encontra meu olhar com os seus mais escuros. Pela primeira vez desde que o conheci, eu realmente, realmente gostaria de poder ver por trás daqueles olhos. Só para saber o que está acontecendo lá. Que tipo de pensamentos entram em seu cérebro anormal?

— Eu não te estupro, — ele diz muito casualmente.

— Você espera que eu acredite nisso?

— Você deve.

— Eu sei o que senti. — Era um pesadelo muito vívido, muito... real. Tão real que ainda posso sentir suas estocadas em mim.

— Se eu quisesse transar com você, não precisaria estuprar você para isso. — Ele desliza a toalha sobre minha mão. — O que te fez pensar que fui eu?

— Eu acabei de te dizer, eu senti isso.

— Sentiu como? — Sua voz está calma demais para esta conversa. Muito irritante. Quero alcançar sua armadura e arrancá-la, isto é, se houver algo para arrancar. Às vezes, ele parece uma concha.

Um nada que não pode ser tocado ou alterado.

— Que tipo de pergunta é essa? Eu apenas senti isso. Além disso, eu mordi minha mão quando você me estuprou e olhe! — Eu mostro a ele as marcas de dentes em minha palma não ferida. — Como você explica isso?

— Você poderia ter mordido a mão enquanto estava dormindo.

— Isso não é possível, porque eu durmo completamente quieta. Além disso, — eu aponto para sua tinta. — Eu vi suas tatuagens quando eu nunca vi antes deste momento.

— Você poderia estar projetando vê-las agora no passado.

— Isso não faz sentido! Você acha que eu sou uma idiota?

— E você acha que tenho a obrigação de me explicar para você? — Sua voz perde toda a casualidade, baixando, endurecendo, *sufocando*. — Eu não preciso me forçar a você e, portanto, não te estuprei. Deve ter sido um pesadelo.

— Não pode ter sido um pesadelo. Eu não sonho.

— Você provavelmente apenas começou.

— Não tente me fazer parecer louca. Eu não estou.

Ele para de deslizar a toalha sobre o ferimento. — Você está dolorida?

Sua pergunta me pega desprevenida e faço uma pausa enquanto minhas pernas se apertam.

— Você está, Lia? Porque se, como você disse, eu te estuprasse, você não seria capaz de se mover.

— Eu...

— O que?

— ...não estou. — Além da calcinha encharcada, não há nenhum desconforto entre minhas pernas ou músculos. Considerando que já faz muito tempo que não faço sexo, ficaria dolorida.

— Aí. Sua Resposta. — Ele joga a toalha na pia e alcança o armário, pegando um kit de primeiros socorros.

Os músculos de seus ombros se tencionam com o movimento e suas tatuagens se expandem. Quero estudá-las, para ver se há um símbolo que reconheço, mas sua nudez total não me ajuda em minha busca para me concentrar. Eu realmente não quero ficar olhando para ele agora.

Forçando meu olhar para longe, eu me concentro em um ponto invisível na parede oposta. Uma sensação de alívio lentamente se apodera de mim com o pensamento de que foi realmente um pesadelo. Eu não me importo se foi o meu primeiro, ou se de alguma forma combinou tão perto da realidade. Talvez seja isso que acontece quando você não sonha, o primeiro é uma experiência visceral e horripilante.

A razão pela qual eu quero desesperadamente que seja um pesadelo não é apenas por causa de danos mentais. É o fato de que eu não lutei. O fato de eu ter um orgasmo. O fato de que eu estava me tocando para aquele ato nojento. Afastando esses pensamentos, tento respirar, mesmo

parcialmente, considerando que Adrian ainda está aqui e sua presença sempre rouba um pouco do meu ar, se não todo.

Ele pega um band-aid e coloca no pequeno corte na palma da minha mão. — Nunca mais faça isso.

— Que?

— A garrafa. Você deveria ter me dado quando eu mandei.

— Eu não estava exatamente pensando direito, — murmuro com desdém. Mas se eu pensei que isso o levaria a esquecer, estou longe de estar certa.

Os olhos de Adrian escurecem e o ar fica mais espesso em resposta ao seu humor. Ele se eleva sobre mim até que eu tenho que inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele enquanto ele repete lentamente. — Você não estava *pensando*.

— Eu... não estava.

— Você vai pensar antes de agir de agora em diante.

— Certo.

— Não está bem. Diga!

— Vou pensar. — *Caramba. O que está errado com ele?*

— Vá tomar banho e se trocar. Tomaremos café da manhã em meia hora.

Eu nem sabia que era de manhã, já que as cortinas do quarto estão fechadas. — Certo.

Ele estreita os olhos. — Largue essa palavra.

— Por que?

— E pare de me responder.

— Estou apenas perguntando por quê.

— Porque não combina com você.

— Parece que não combina com sua esposa, — murmuro.

— O que você acabou de dizer?

— Nada, — eu deixo escapar com a severidade em seu tom. Este homem realmente não é para ser confundido.

Usando a toalha, ele pega os pedaços de cerâmica quebrada, um por um, mas em vez de jogá-los no lixo, ele os leva consigo na saída.

Tento desviar o olhar, mas não consigo parar de olhar para sua bunda firme e pernas longas. Eu nunca testemunhei um físico tão perfeito antes, mas não é só sobre isso. É a maneira como ele se comporta e a confiança absoluta que exala, mesmo quando está nu.

É uma posição vulnerável para a maioria das pessoas, mas Adrian está agindo como se estivesse vestido com um terno elegante. É preciso muita disciplina mental para emitir tal vibração.

Isso é fascinante e perigoso. Um homem como Adrian realmente deveria vir com um aviso de perigo, e não apenas por causa de sua tenaz autoconfiança, mas por causa de tudo dele. Demoro alguns segundos para balançar a cabeça e parar de olhar para ele. Assim que ele sai, eu tranco a porta do banheiro antes de me despir e tomar um banho rápido. Não confio em ninguém e Adrian está no topo da lista.

Quando termino, me envolvo em um roupão, cubro meu cabelo com uma toalha e abro a porta do banheiro. Depois de me certificar de que ninguém está lá, entro no quarto e noto outra porta no canto que leva a um closet.

Eu cuidadosamente entro e me assusto quando uma luz branca automática acende. Paro para estudar filas intermináveis de roupas, acessórios e sapatos. À esquerda, há inúmeros ternos e camisas, principalmente pretos, cinza e azul escuro.

Adrian claramente não prefere roupas chamativas, e isso é compreensível. Ele é impressionante o suficiente sem elas, e esses tipos de cores combinam com seu personagem misterioso.

À direita, as cores são mais claras, mais variadas, mas são... enfadonhas. Assim como o vestido que usei ontem, a maior parte do que presumo seja o guarda-roupa de Lia é composto de saias de terno em cores suaves como bege, caramelo e cinza. Seus vestidos são retos e na altura dos joelhos. Não há um único jeans, uma jaqueta jeans ou qualquer coisa que não pareça imitar o estilo da Rainha da Inglaterra.

É estranho remexer nas roupas de uma mulher morta, mas eu faço isso de qualquer maneira porque eu realmente não quero usar outro vestido e sapatos de salto matadores hoje.

Depois do que pareceram horas de procura no fundo do armário, encontro um short jeans fofo e uma blusa rosa que diz 'Especial.' Embora eu geralmente prefira as roupas mais pesadas e quentes com o tempo, a casa de Adrian é quente, para que eu possa usar isso aqui dentro. Eu as visto e uso um lenço rosa como cinto para os shorts, já que eles são um pouco maiores. Afinal, Lia e eu não combinamos perfeitamente em tamanho.

Um item a menos na escala assustadora.

Não encontro tênis, então escolho sapatilhas rosa. Eu uso um lenço semelhante ao meu cinto para prender meu cabelo em um longo rabo de cavalo. Olhando no espelho, sorrio, satisfeita com o resultado. No entanto, meu sorriso logo desaparece quando me lembro que, quando estava grávida, comprei roupas de mãe e filha como essas para que pudéssemos nos vestir da mesma maneira. Eu nunca tive a chance.

Me recusando a me deixar levar pelas lembranças dela, saio do quarto e olho para a minha esquerda, depois para a direita, tentando determinar onde fica a sala de jantar. Presumo que esteja lá embaixo e desço as escadas sem pressa. Ou melhor, com cautela.

Mesmo à luz do dia, este lugar ainda me dá arrepios. Na verdade, risque isso. Não só me dá arrepios, eles continuam aumentando a cada

minuto que passo dentro dessas paredes. Eu paro na parte inferior da escada, me perguntando para onde ir a partir daqui.

— Sra. Volkov?

A princípio, não reconheço o nome, mas depois me viro, percebendo que é de Lia e, portanto, meu.

Uma mulher de meia-idade, que parece ter quase 50 anos, me encara com uma expressão vazia. Ela é alta, muito mais alta do que eu. Seu cabelo loiro com mechas brancas está preso em um coque apertado e ela tem um rosto quadrado que, somado à sua expressão rígida, a faz parecer aquela professora de ensino médio que todos nós tivemos, cuja aula ninguém ousava respirar.

Ela me dá uma olhada como se eu não estivesse respeitando o código de vestimenta da escola.

— Sim? — Não pareço convincente, mas também não tenho certeza de como agir. Se eu perguntar a ela onde fica a sala de jantar, isso não me tornará uma impostora imediatamente?

— O que você está fazendo aqui? — Seu sotaque é russo, embora sutil.

— Estou procurando Adrian. — Pelo menos isso parecia um pouco plausível.

— Me siga. — Ela se vira e caminha para a esquerda, sem esperar que eu a siga.

Não tenho escolha a não ser fazer isso, então vou atrás dela por um longo corredor. Ela abre um conjunto de portas duplas e faz sinal para que eu entre. Eu faço, consciente de cada passo que dou. Um suspiro me deixa quando eu encontro Adrian sentado com o garotinho de ontem, Jeremy.

Tenho certeza de que meu alívio tem a ver com a criança, não com o pai. Apesar da minha reação ao ver Jeremy pela primeira vez, não tinha nada a ver com ele e tudo a ver comigo e com o passado que ainda está enrolado em minha garganta como um laço.

Adrian está vestido com calças pretas e uma camisa azul escura. Sombrio, não chamativo e muito ele. Ele levanta a cabeça assim que eu entro, mas eu rapidamente desvio meu olhar, não querendo ficar presa naqueles tons de cinza na primeira hora da manhã.

A professora rígida caminha até uma cadeira vazia à sua esquerda e aponta para ela. — Seu café da manhã está pronto, Sra. Volkov.

Odeio esse nome, o fato de ser uma extensão de Adrian. Que o sobrenome dele é meu. Mas com a menção da palavra ‘café da manhã,’ não tenho tempo para refletir sobre isso. Quando foi a última vez que jantei e depois tomei café da manhã como uma pessoa normal?

Provavelmente uma semana atrás, quando Larry nos trouxe sanduíches. E eles não tinham um cheiro tão divino quanto o bacon e os ovos na mesa. Sinto falta de Larry e gostaria de poder levar para ele um pouco do que está aqui.

Assim que me sento, percebo que três pares de olhos estão me observando como se eu fosse um alienígena. O que? Eu nem comecei a comer ainda, e planejava comer devagar, não como o porco que fui ontem à noite.

Eu lentamente levanto minha cabeça para encontrar os olhos escuros de Adrian me segurando como refém.

— O que é? — Eu sussurro.

— O que você está vestindo?

Eu olho para mim mesma e percebo o que todos eles estão olhando. — Roupas.

— Eu sei que são roupas. — Ele abaixa a voz, e suponho que seja porque ele não quer que Jeremy ouça o quanto seu pai é um idiota. — Mas essas roupas não são suas.

— Sim, eles são. Eu as encontrei no armário. — Optando por mudar de assunto, pego um pedaço de pão e sorrio para Jeremy, que está arrastando a colher na geleia em seu prato. — Você quer um sanduíche em vez disso?

Eu não sabia o que esperava como uma resposta, mas uma carranca certamente não era. Ele me encara, a mão apertando sua colher. Eu não deveria ser sua mãe? Talvez eu seja sua madrasta?

— Eu não estou falando com você. — Ele faz beicinho.

— Jeremy, — Adrian repreende.

— Ela foi embora, papai! Ela vai fazer de novo. — Ele balança seus pezinhos antes de pular da cadeira. — Estou cheio.

E com isso, ele se vira para sair.

— Jeremy! — Eu chamo seu nome, mas ele já está correndo para fora da sala de jantar.

Eu ignoro meu café da manhã e me levanto para segui-lo. Eu não me importo se ele não é meu filho, a dor em seu rosto era tão crua. Nenhuma criança merece sentir emoções fortes como essa. Eu sei melhor do que ninguém, considerando minha própria infância.

Adrian aperta a mão em volta do meu pulso, me mantendo no lugar. — Não o siga.

— Mas...

Ele puxa meu braço e eu suspiro quando sou forçada a encontrar seu olhar enquanto ele diz. — Você tem que responder primeiro.

Capítulo Onze

Winter

Eu não posso acreditar neste homem. Seu filho estava obviamente ferido, e tudo o que ele está focado é em que eu responda? Que tipo de homem opressor ele é?

Tento soltar minha mão da dele, mas ele usa seu aperto para me puxar para a cadeira. — Sente.

— Jeremy precisa de mim.

— Precisa de você? — Ele repete com uma ameaça velada. — Quem diabos você pensa que é?

— Sua esposa. Você me transformou nela, lembra?

— E você acha que isso faz de você magicamente a mãe dele?

Certo. Eu não sou. Por que diabos estou com tanta raiva? Adrian é seu pai e ele não parece dar a mínima, então eu não deveria estar preocupada com isso.

E ainda estou.

Chamas quentes borbulham em minhas veias com a maneira como Adrian dispensou seu filho tão casualmente. Pessoas como ele não merecem filhos, ou ninguém, na verdade.

Ele volta a cortar seus ovos como se nada tivesse acontecido, seus dedos manuseando a faca com infinita facilidade. Franzindo os lábios, opto por tomar café também. Afinal, esta é a razão de eu estar aqui.

Comer.

Eu preparo um sanduíche duplo de manteiga e geleia, usando três fatias de torrada, em seguida, dou uma mordida generosa. Um suspiro involuntário deixa meus lábios enquanto a comida se instala em meu estômago.

Só depois de tomar um gole de café com leite, como prefiro, é que noto Adrian e sua professora severa me observando. Seus olhares são atentos, sem piscar, como se eu fosse uma espécie de animal no zoológico. Eu fiz algo contra a etiqueta ou algo assim? Fiz questão de comer devagar.

Meu falso marido toma um gole de seu próprio café, preto como sua alma e continua a me observar por cima da caneca. Ele tem um olhar assassino, eu juro. Sem dizer uma única palavra, ele consegue me empurrar para a beira da cadeira.

— Esta é Oglá. — Adrian aponta para a professora severa com a cabeça.
— Você pode perguntar a ela qualquer coisa sobre como você costumava agir. Ela sabe que você perdeu suas memórias.

Estou prestes a dizer a ele que não perdi minhas memórias, que estou apenas desempenhando um papel, mas então descubro o ângulo que ele está buscando. Se ele contar a todos que perdi minhas memórias, ele e eu

podemos nos safar de muitas coisas quando eu agir fora do personagem de como Lia costumava fazer.

Ele é inteligente, mas a maioria dos idiotas também. A severa professora, Oglá, me dá um aceno afiado que eu retorno com um inseguro. Ele continua a me observar comer daquela maneira enervante. Eu me forço a mastigar mais devagar, mas seu olhar é o que vai me dar indigestão.

— Você tem permissão para contornar a propriedade, exceto para a casa de hóspedes.

Ele tem uma casa de hóspedes? Estava escuro ontem à noite, então eu não poderia ter visto mesmo se tivesse tentado. Agora que ele mencionou isso e me disse especificamente para não ir lá, minha atenção foi despertada. A curiosidade é mórbida, como um animal faminto exigindo um pedaço de carne. Teria sido melhor se ele não tivesse me avisado em primeiro lugar.

— Você não deve sair de casa.

— Eu não sou sua prisioneira, Adrian.

Ele levanta uma sobrancelha. — Você é o que eu digo que você é. Os títulos têm pouco ou nenhum valor e você decide como usá-los. Se você prefere se chamar de princesa em vez de prisioneira, faça isso. O fato é que você não tem permissão para pisar fora, a menos que seja escoltada e com minha permissão.

Ele acabou de dizer escoltada? — O que exatamente você disse que faz de novo?

— Eu não disse o que faço.

— Bem, você deveria, porque eu não estou compreendendo totalmente essas medidas insanas.

Ele estreita os olhos em mim e Oglá me encara com firmeza, como se eu fosse uma criança petulante cujas mãos ela quer bater.

— O que? — Eu digo para os dois, então tomo um gole do meu café. — Estou fazendo uma pergunta genuína. Se você não quer que eu saiba, tudo bem, mas se você é de alguma forma um espião e eu ajo contra a etiqueta, você só pode se culpar.

Adrian coloca calmamente sua xícara de café na mesa. — Vá embora, Oglá.

Eu endurecei com sua quietude enganosa. Talvez o que eu disse também tenha sido considerado responder. Eu não fui sarcástica, no entanto. Tenho certeza que não. Oglá me encara e, mesmo com sua atitude, estou pronta para implorar a ela para ficar. Eu não quero ficar sozinha com Adrian agora.

A porta se fecha atrás dela com uma finalidade que ecoa em meu peito. O ar muda, engrossando com palavras não ditas e tensão que pode ser cortada com uma faca. Eu permaneço completamente imóvel, meus dedos envolvendo a xícara de café, mas não me atrevo a tomar um gole.

O corpo de Adrian se torna maior do que a vida. Ele ainda está sentado, mas eu quase posso sentir sua sombra pairando sobre mim como a desgraça. — O que foi que eu disse sobre me responder?

— Eu não queria, — eu deixo escapar. — Eu só estava perguntando.

Ele se levanta e minha coluna endurece enquanto ele paira sobre mim. Fico olhando para a torrada inacabada que deixei na mesa, esperando que de alguma forma me transforme nela ou na xícara de café ou em qualquer um dos utensílios, só para escapar de seu escrutínio.

Adrian desliza os dedos sob meu queixo e o levanta. Quero desviar o olhar, e não apenas por causa do desconforto geral que seus olhos me causam. Agora, eles estão mais concentrados, mais duros, como se ele tivesse recolhido toda a sua desaprovação comigo desde o momento em que nos conhecemos.

— Você não me desrespeita na frente da equipe. Você não me desrespeita. Ponto.

— Certo.

— Eu disse para perder essa porra de palavra.

— Tudo bem. Tudo bem.

— Isso é sarcasmo?

— Não?

— Por que isso foi uma pergunta?

— Não sei. — Tudo o que tenho certeza agora é que quero que ele me deixe ir.

Quanto mais sua pele está na minha, mais duro eu penso sobre o pesadelo. A forma como seu corpo violou o meu e como eu não lutei. A

frustração é tão profunda que quero compensar agora, na vida real, mas até eu sei que, se tentar machucá-lo, pagarei o preço.

Seus dedos viajam do meu queixo ao pescoço, provocando arrepios. Espero que ele me sufoque ou algo assim, mas ele me agarra pelo ombro, seus olhos cinza escurecendo como no pesadelo. — Curve-se.

— P-Por quê?

— Eu disse que se você responder, será punida.

Meus lábios se abrem com essa palavra. Punida. Uma guerra explode em meu peito e minhas coxas tremem enquanto tento negociar. — Mas eu não quis dizer isso.

— Eu não me importo. Você me desafia, você é punida. É simples assim.

— Eu não vou fazer isso de novo. Eu prometo.

— A menos que você saiba qual é o seu castigo, você continuará a aplicá-lo.

— Só me dê uma chance.

— Tenho sido indulgente desde a noite passada, Lia, mas você continua me desafiando e empurrando contra mim.

— Não, eu não.

— Pronto, um mero exemplo. Você não parece entender a realidade da situação, e estou feliz em gravá-la bem no fundo de seus ossos.

Seu tom, embora baixo, me arrepia até o canto mais profundo da minha alma. — Adrian... por favor...

— Cada minuto que você desperdiça meu tempo será extraído de sua carne. — Ele me agarra pelo ombro, me forçando a me levantar. Eu libero a xícara de café com um som de dor.

Minhas pernas tremem quando ele empurra a cadeira, seu rangido no chão imitando o som de arranhar nas paredes do meu coração.

Em vez de esperar que eu faça o que ele mandou, Adrian vira a toalha de mesa que contém todos os pratos e a afasta com um puxão impiedoso. Os pratos tilintam e as xícaras de café derramam no material e pingam no chão.

— Adrian... — eu digo, em uma tentativa de um apelo final. — *Por favor.*

— É muito cedo para implorar, Lia. Guarde para quando você realmente precisar. — Ele segura o meio das minhas costas e me empurra contra a mesa. Minha bochecha encontra a superfície fria de madeira e tento não começar a hiperventilar aqui e agora.

Eu odeio como meu corpo está em um modo completamente alerta. Como um choque estranho está formigando no fundo do meu estômago, apertando-o, acordando-o.

Adrian, no entanto, está seguro, confiante, cada um de seus movimentos tendo um propósito que deve ser cumprido. Ele alcança minha frente e desfaz meu cinto de echarpe, então meu botão.

Eu brevemente fecho meus olhos enquanto o pano desliza pelas minhas pernas e se enrola em volta dos meus tornozelos. Tento esquecer o que ele está vendo, minha posição, curvada com minha bunda para cima e em sua visão completa.

Não é duro quando sua mão encontra minha bunda. O primeiro tapa reverbera no ar, duro e feio. Mesmo que eu ainda esteja de calcinha, minha bunda pega fogo. No segundo tapa, todo o meu corpo cambaleia para a frente na superfície de madeira. Eu agarro a borda da mesa com dedos rígidos enquanto a dor flamejante aumenta.

Sua mão é dura, impiedosa, com o único propósito de me punir, de cimentar sua autoridade sob minha pele. Mas nessa demonstração de autoridade, por mais calmo e comandante que seja, ele me mostra uma parte dele que eu não tinha testemunhado antes.

O controle.

Ele prospera com isso. Na verdade, ele está me punindo para garantir que eu não o desafie, ou a ele. E com cada tapa na minha bunda, ele está gravando em todo o meu ser.

Eu gostaria de não ter reagido a isso. Melhor ainda, gostaria de ter visto isso como no pesadelo, como uma violação. Em vez disso, um choque de sensações explode na minha pele com cada uma de suas ministrações. É como se algo estivesse adormecido e ele o estivesse sondando, despertando.

A reação do meu corpo ao seu toque me assusta mais do que sua punição. Mais do que o pesadelo. Mais do que tudo que já experimentei antes.

Adrian agarra meu rabo de cavalo pela fita que usei para amarrá-lo e me puxa por ele. — Quem te deu permissão para se vestir assim?

Eu fecho meus lábios, mas não é apenas porque eu me recuso a falar com ele, é também para silenciar a estranha tensão que percorre minhas pernas, meu estômago e até mesmo meus malditos mamilos. Tem que ser por causa da ansiedade e do medo. Eu me recuso a acreditar que seja devido a qualquer outra coisa.

Adrian dá um tapa na minha bunda de novo e um som carente sai da minha boca. Prendo meu lábio sob os dentes com tanta força que sinto o gosto de metal no quinto tapa.

Estou pronta para sangrar meus lábios e cortar minha língua em vez de mostrar a ele que tipo de efeito ele está tendo em mim. Ele não terá a satisfação de me ver cair. Ninguém irá. Nem mesmo se minhas entranhas estiverem arranhando e se revoltando para liberar mais sons.

— Você saberá qual é o seu lugar. — *Tapa.* — Você não vai me desobedecer. — *Tapa.* — Está claro?

— Sim... sim... por favor, pare. — Eu soluço, mas é por algo diferente da dor.

Minhas coxas estão quentes, formigando, ficando estimuladas a cada tapa. Eu não gosto disso e faria qualquer coisa para acabar.

Ele faz uma pausa. — Você vai fazer o que lhe foi dito?

— Sim... — Minha voz está ofegante, abafada, até.

Quando ele não bater na minha bunda de novo, acho que ele vai me deixar ir, mas então dois de seus dedos deslizam contra minhas dobras sobre o tecido da minha calcinha.

Minha cabeça vira para trás para olhar para ele ao mesmo tempo em que um sorriso perverso pinta seus lábios. Isso o faz parecer um vilão que acabou de encontrar seu próximo alvo. — Então é por isso que você queria que eu parasse. Você gostou de ser punida? Você gostou disso?

Eu balanço minha cabeça freneticamente, refutando a evidência de que ele está deslizando seus dedos.

Ele se inclina até que seus lábios encontrem minha orelha. — Sua boceta encharcada diz o contrário.

— Não... — Eu continuo balançando a cabeça, não querendo acreditar que sou o tipo de pessoa que fica excitada com esse tipo de depravação.

Eu sou baunilha e sempre serei.

— Pare de negar, *Lenochka*.

Esse apelido novamente. Não sei o que significa, mas odeio isso. Eu não quero que ele me chame por isso. Não quero que ele me use como se eu fosse realmente sua esposa. Eu não sou. Eu estou apenas desempenhando um papel maldito para que eu possa sobreviver.

— Não, — eu digo, mais claro desta vez.

Ele continua acariciando minhas dobras sobre o pano e eu fecho meus olhos, esperando que a sensação desapareça, mas a cada toque, minha pele aquece a um nível alarmante. As marcas de mãos que ele deixou na minha bunda estão mais quentes do que quando ele estava me dando um tapa, aumentando a minha agonia.

— Você pode ser teimosa o quanto quiser, mas não pode negar a si mesma, *Lenochka*. — Ele desliza a mão por baixo da minha calcinha e seu polegar encontra a pele nua que seu povo limpou com cera.

Ele vai direto para a protuberância inchada do meu clitóris, como se soubesse exatamente onde está sem olhar. Ele esfrega uma vez e minhas costas arqueiam para fora da mesa. Juntamente com seu toque especialista, esfregando minhas dobras e a estimulação da minha bunda, eu sinto que vou pegar fogo.

Só com as mãos, ele está me empurrando para fora de uma borda íngreme. Eu posso sentir aqueles ruídos tentando se libertar e mordo meu lábio com mais força, sentindo o gosto de metal. Mas, desta vez, não posso controlar a explosão que se inflama no meu núcleo e explode por todo o meu corpo.

Isso rasteja para fora de mim lentamente, mas quando me engolfa, eu sou um caso perdido. Completamente e sem saída. Eu continuo mordendo meu lábio, mesmo enquanto tremo com o violento prazer que ele arrancou de mim.

Eu continuo mordendo meu lábio, mesmo quando a sensação fica tão intensa que eu quero gritar alto. Mesmo quando silenciar parece que estou roubando meu próprio prazer. Meu desejo. Minha terrível luxúria.

Um tremor ainda me percorre bem depois que Adrian remove a mão da minha calcinha. Ele não solta meu cabelo, no entanto, e permanece assim por tempo suficiente para que minha bunda esfrie um pouco.

Eu quero dar uma olhada nele, para ver como o diabo fica depois que ele consegue o que quer. Mas não tenho a chance de argumentar contra esse pensamento enquanto ele me vira. Minhas costas encontram a mesa, e acho que ele vai me foder ou algo assim, mas ele apenas continua me olhando daquela maneira inexpressiva e inquietante.

Não posso acreditar que estou pensando isso, mas prefiro a forma como seus olhos escurecem. Pelo menos eu posso dizer que ele está de alguma forma descontente. Mas agora? Ele parece uma parede alta e resistente, impossível de escalar ou destruir.

Quanto mais ele me observa, mais difícil fica minha respiração. Eu odeio estar sob seu escrutínio. Ou sob seu teto. Eu odeio estar sob o seu nada. Ele corre a ponta do dedo sobre meu lábio inferior e me força a soltá-lo de debaixo dos meus dentes. Eu esqueci que ainda estava abafando minha voz, mesmo depois que voltei do meu orgasmo.

Ele acaricia a pele cortada, mas está longe de ser um gesto de amor. É enganoso, secretamente rude e insensível. — Esconda tudo o que quiser, mas eventualmente irei trazê-la para fora.

Boa sorte para encontrar o que não está lá em primeiro lugar. Adrian Volkov pode ter pensado que tirou a sorte grande ao encontrar a sócia de sua esposa morta, mas o que ele não sabe é que caiu em uma concha. E dentro desta concha, não há nada para ele trazer para fora.

Capítulo Doze

Winter

Eu permaneço caída contra a mesa muito depois de Adrian ir embora. Eu não olhei para ele, porque se eu tivesse olhado, eu teria ficado assustada com a escuridão total em seus olhos.

Meu short ainda está amontoado em volta dos meus tornozelos porque eu não tinha energia para puxá-lo para cima. Minha dignidade está em algum lugar no chão, também, enquanto fico aqui, abraçando a mesa mesmo depois que o clique da porta ecoou na sala de jantar silenciosa.

Não quero pensar no que acabou de acontecer ou em como reagi de maneira constrangedora, mas isso não significa que não possa sentir. As impressões de mãos, as chamas na minha bunda. O maldito formigamento em meu núcleo.

Fechando lentamente os olhos, respiro fundo e me endireito. O movimento muda o formigamento, e é como se meu mundo estivesse pegando fogo. Tenho cuidado ao puxar meu short, mas minha bunda está queimando. O atrito me faz gemer. Não me incomodo em esconder agora, pois ele não está aqui e não será capaz de me ouvir.

Isso está tão bagunçado. Eu preciso de uma bebida. *Ou duas.*

Estou sóbria há muito tempo e é provavelmente por isso que estou reagindo dessa maneira. Se eu estiver meio bêbada, como de costume ou melhor ainda, completamente bêbada, vou voltar ao meu eu robótico, que quase não sente nada.

Larry nunca aprovou meus hábitos de bebida e eu sinto falta dele, mas não posso vê-lo, então isso exige mais bebidas. Procuro nos armários de madeira nas laterais da sala, mas não encontro nada. Eles provavelmente mantêm álcool na cozinha.

Depois de sair da sala de jantar, sigo o caminho que Oglá me mostrou antes até chegar à porta de entrada. Eu vou na direção oposta, supondo que é onde ficará a cozinha.

Com certeza, eu acho. O espaço é grande e muito mais limpo do que qualquer outro espaço para cozinhar que eu já tenha visto. As bancadas brancas estão brilhando e os utensílios de cozinha de aço inoxidável ocupam uma parte da bancada, esperando para serem usados.

Estou nervosa em tocar em qualquer coisa, caso eu estrague algo. Mas minha necessidade de uma bebida anula esse sentimento. Há uma dor constante na frente da minha cabeça que só vai diminuir com o álcool.

Começo com a geladeira. Tem água, frutas, vegetais e garrafas de suco. Mas não há sinal de cerveja. Então, passo para os armários, verificando-os um por um. Encontro cereais, provavelmente para Jeremy, especiarias, alguns utensílios, mas ainda não há vestígios de álcool. Minha busca torna-se mais apavorante quando abro e fecho todos os armários, vasculhando-os freneticamente.

— Você está procurando por algo, Sra. Volkov?

Eu paro, recuando, mas minha mão permanece na alça do armário enquanto eu encaro Ogla. Ela está na entrada, a expressão fechada como de costume.

— Eu... humm... você sabe onde está a cerveja?

— Não temos cerveja.

Adrian parece o tipo de esnobe que não bebe cerveja, então isso faz sentido. Eu tento de novo. — Uísque?

— Não.

— Vinho?

— Não.

— Você tem alguma bebida alcoólica aqui?

— Não.

— Como isso é possível? Adrian não bebe?

— Não em casa, Sra. Volkov.

Eu quero perguntar a ela por que diabos ele não bebe, mas seu tom fechado e rosto me impedem de fazê-lo. Eu duvido que ela responderia se eu perguntasse, de qualquer maneira.

A falta de álcool está doendo minha cabeça. É ainda pior do que alguns segundos atrás. Todo viciado como eu mantém a promessa do próximo copo, um gole, algo para aliviar a dor. Ao contrário da crença comum, nós

resistimos, mas apenas porque nossos cérebros estão sintonizados com a ideia de gratificação instantânea após um certo tempo de espera. Agora que meu cérebro descobriu que não haverá álcool, ele está ativamente tentando abrir minha cabeça, então eu cedo às suas demandas.

— Vou ao supermercado comprar cerveja. Posso dizer a eles para colocar na conta de Adrian? — Pergunto a Ogla muito casualmente, tentando passar por ela.

Ela levanta um braço, bloqueando minha saída. — Sr. Volkov deu instruções claras de que você não deveria deixar a propriedade.

O idiota mencionou isso.

— Não vai demorar muito, — eu nego.

— Não.

— Você não manda em mim, Ogla. Eu posso te afastar e ir embora.

— Eu não recomendaria isso, Sra. Volkov. Você será parada pelos guardas do lado de fora com métodos menos gentis.

Ele tem mais guardas lá fora? Achei que Loiro Volumoso e Nariz Torto fossem os únicos, e presumi que eles o seguiam aonde quer que ele fosse.

— Então você vai, — eu digo esperançosamente.

Ela balança a cabeça uma vez.

— Um dos guardas pode ir, então?

— Não é permitido álcool em casa. Você vai ter que se acostumar com isso.

Eu não posso simplesmente me acostumar com isso. Estive bêbada a maior parte da minha vida. Certo, isso é um exagero, mas eu sempre estive meio bêbada e é assim que consegui ficar fora da minha cabeça. É assim que anesthesiava meus sentimentos.

Se eu estiver sóbria, todas as minhas emoções não serão filtradas e serão cruas, como tudo que experimentei esta manhã. Pensando bem, provavelmente tive o pesadelo porque não dormi bêbada. Eu não quero descobrir o que vai acontecer se eu continuar assim. Não estou pronta para experimentar.

Eu gostaria de poder entrar em contato com Larry para que ele pudesse contrabandear um pouco de cerveja para mim. Mas isso seria tão difícil quanto procurar uma formiga específica em um formigueiro. Larry sempre foi o único a fazer a descoberta, não o contrário. Além disso, não tenho ideia de onde esta mansão está localizada e a que distância fica da cidade. E se eu tentar escapar, Adrian vai me entregar sem pensar duas vezes.

Oglá ainda está me olhando como se esperasse que eu barganhasse novamente, mas eu já sei que ela é uma causa perdida. Não tenho dúvidas de que ela vai relatar tudo o que eu disser ou fizer a Adrian, então tenho que ser inteligente ao lidar com ela. Eu a encaro de volta, encontrando sua maldade silenciosa com contemplação. Adrian disse que posso perguntar a ela sobre qualquer coisa ‘não me lembro.’ *Humph*. Bastardo manipulador.

— Ei, Oglá.

— Sim?

— O que Adrian faz exatamente?

Ela faz uma pausa como se não esperasse aquela pergunta e depois diz.

— Por que você quer saber?

— Ele disse para perguntar qualquer coisa e eu acredito que isso pertence a essa categoria. Tenho certeza de que sabia tudo sobre seu trabalho antes de perder minhas memórias, então você só vai ter que atualizá-las para mim.

Espero que ela me dê de ombros, mas ela diz. — Sr. Volkov faz parte da máfia russa.

Afinal, ele não é um espião, mas isso não é um choque. Ele pode se passar por um mafioso, embora seu estilo e características sejam sofisticados. A conversa que ouvi dos fãs dos Giants sobre a Bratva volta novamente e eu engulo. Eles disseram que eram pessoas perigosas que não hesitaram em matar. Não que eu deva ficar surpresa que Adrian seja um assassino, mas essa informação coloca tudo em uma perspectiva real e assustadora.

Ele é uma daquelas pessoas perigosas. Não é apenas a vibração que ele dá. Toda a sua existência está preparada para provocar medo nos corações de qualquer pessoa que fale sobre ele ou sua organização.

— Parte? — Eu pergunto, optando por continuar sondando Oglá. Eu preciso ter uma avaliação precisa da minha situação para que eu seja capaz de lidar com ela.

— Sim.

— O que significa parte?

— Isso significa que ele é um membro.

Tentar obter informações dessa mulher é como arrancar os dentes, mas controlo minha exasperação. — Ele parece mais bem colocado, tendo guardas e morando em uma mansão.

— Ele é.

— Quão bem?

— Bem embaixo do *Pakhan*.

Eu ouvi esse termo uma vez. — Aquele é o líder da máfia?

— O líder da irmandade, sim. O Sr. Volkov é o cérebro por trás da maioria das operações.

Novamente, eu deveria estar surpresa, mas não estou. Adrian parece o tipo de bastardo que cria estratégias em segundo plano para infligir mais danos com menos baixas. Mas agora que sei que ele está lá em cima, não sei por que estou repentinamente nervosa. Mil pensamentos ocupam minha mente e o mais proeminente de todos é que eu não deveria estar aqui. A segunda é que me meti em apuros.

No entanto, não é como se eu tivesse escolha. Ou me torno a esposa de um mafioso ou apodreço na prisão. Porém, quanto mais tempo eu passo na companhia de Adrian, mais seriamente eu considero a ideia da prisão.

— Se você terminou o café da manhã, precisa estudar, — Ogla chama minha atenção para o presente.

— Estudar?

— Me siga.

Eu sei, não tenho certeza de onde ela quer chegar com isso. Ela me leva a uma área de estar e faz gestos à mesa de centro, na qual há um iPad e um telefone.

— Esse será o seu telefone. Meu número é três na discagem rápida. Kolya o dois.

— Kolya?

— Ele é o segundo em comando do Sr. Volkov.

— Oh, ele é Loiro Volumoso ou Nariz Torto?

Ela faz uma pausa, provavelmente nos termos que usei. — O mais volumoso.

— Qual é o nome do Nariz torto?

— Yan. Ele é quatro na discagem rápida.

— Me deixe adivinhar. Adrian é um?

— Sim, mas você não deve ligar para ele, a menos que seja uma questão de vida ou morte e você não possa entrar em contato com nenhum de nós.

— Não vou ligar para ele, muito obrigada, — murmuro. Ela estreita os olhos, mas não comenta meu tom, então pergunto. — O iPad é para meu entretenimento?

— É para estudar.

— Estudar o quê?

— A Irmandade. Você é a esposa do Sr. Volkov e, embora ele não saia com você com frequência, você tem que fazer algumas aparições por ano ao lado dele. Para isso, você precisa saber sobre a estrutura, a hierarquia e aprender os nomes de todos na irmandade e seu círculo mais próximo.

— Mas por que? Achei que ele contaria a todos que perdi minhas memórias.

— Isso está fora de questão, Sra. Volkov. Você precisa agir como antes.

— Mas vocês sabem. Você, Kolya e Yan.

— Somos leais ao Sr. Volkov. Pessoas de fora, não. — Ela aponta o queixo em direção ao iPad. — Espera-se que você aprenda isso em uma semana. Se você tiver alguma dúvida, me pergunte.

Ela então se vira e sai, seus saltos batendo no piso de madeira. Caio no sofá e estremeço quando minha bunda queima, a sensação da mão de Adrian em mim voltando à minha mente. A maneira como ele me tocou com tanta firmeza, com certeza, sem qualquer hesitação. Ele provocou uma parte de mim que eu não pensei que existisse, uma parte que me intrigou e assustou ao mesmo tempo. O medo está definitivamente mais presente, no entanto.

Pego o iPad em minhas mãos e o abro para encontrar um documento com centenas de páginas. Santo inferno. Quem se deu ao trabalho de escrever isso? Nunca fui uma grande leitora, então isso será como arrancar dentes. Mas ei, pelo menos há fotos embaixo de cada nome. Estou prestes a começar quando me lembro de algo muito mais importante do que tudo isso.

Jeremy.

Eu estava muito preocupada com meu desejo por álcool antes, ainda estou, que me esqueci dele. Abandono o iPad e coloco o telefone no bolso antes de subir as escadas, onde presumo que esteja o quarto dele. Eu vou na direção do quarto de Adrian, pensando que ele e Lia teriam colocado seu filho perto deles.

Depois de tentar algumas portas, não encontro o quarto de Jeremy. Preciso de mais várias tentativas no lado oposto do corredor antes de localizar uma jovem fechando a porta. Ela é loira com o cabelo cortado curto, não de uma forma provocante, mas mais em um jeito meio nerd de livros. Sardas marcam suas bochechas e nariz e ela tem pele cor de mel. Ela carrega uma bandeja com cereais que parecem intocados e não me nota enquanto ela desce o corredor. Existem outras escadas ali? Vou explorá-las mais tarde.

Eu me arrasto para o quarto que ela saiu e paro na frente dele para respirar antes de abrir a porta. Com certeza, Jeremy está sentado no chão, rodeado por inúmeros brinquedos. Seu cabelo cai sobre a testa em uma necessidade desesperada de um corte. Seus olhos são de um tom de cinza

que parece misterioso, mesmo para uma criança. Ele se parece tanto com Adrian, é um pouco perturbador.

Embora ele esteja brincando, não há expressão de alegria. Apenas concentração e tristeza, como se houvesse algo dentro dele que está faltando e ele está tentando preencher brincando.

— Ei Jeremy, — eu digo baixinho.

Seus olhos se erguem, os dedos congelando em um soldadinho de brinquedo, mas então ele o levanta e o joga contra meu peito. Ele atinge meu esterno antes de cair no chão.

— Saia!

Agressivo, então.

Mas de alguma forma, eu posso ver além de sua agressividade e a razão pela qual ele está agindo dessa forma. O olhar em seus olhos diz tudo. É parte da razão pela qual me senti mal e desmaiei depois da primeira vez que o conheci. Eu compartilho esse olhar, mas do lado oposto. Ele sente falta de sua mãe e eu sinto falta da minha filhinha. Nós dois somos duas peças incompletas que podem ter sido reunidas pelo destino.

Ou seu pai idiota.

Quando eu não tento sair, ele joga outro soldado em mim. — Eu disse, vá embora.

Fecho a porta e me aproximo devagar para não provocar nenhuma reação negativa. Quando ele não joga mais nada em mim, agacho na frente

dele, ficando ao nível dele enquanto suavizo a minha voz. — Você está triste por eu ter partido antes, Jeremy?

— Não. — Seus lábios tremem com a palavra enquanto ele agarra um soldado em cada mão.

— Eu estava, no entanto. — Minha própria voz treme quando vejo minha filha através de seus olhos inocentes. — Senti tanto a sua falta que não poderia sobreviver no mundo sem você. Se tornou tão sombrio e enfadonho. Tudo que eu queria fazer era encontrar você.

— Então por que você não fez isso? — Ele sussurra, me espiando por baixo de seus cílios.

— Porque eu tenho que viver por nós dois. Eu não poderia morrer, baby.

— Você ia morrer? — Sua voz contém tanto medo, eu internamente me chuto na bunda por isso.

— Não, claro que não.

— Mesmo?

— Mesmo. Eu estou aqui, não estou?

Ele bate dois soldados cabeça com cabeça e os encara enquanto murmura. — Você vai embora de novo?

— Absolutamente não. — Eu quis dizer isso como uma mentira, mas as palavras saem da minha boca como a coisa mais verdadeira que eu já disse.

Antes que eu possa pensar nisso, Jeremy se lança contra mim em um abraço apertado. Seus braços envolvem minha cintura com uma força que caio de bunda.

Posso senti-lo fungar contra meu peito. — Eu s-senti sua falta, mamãe. Por favor, não me deixe.

— Nunca. — As palavras escapam da minha boca com tanta convicção que me deixa sem fôlego. Eu o abraço e beijo o topo de sua cabeça, levando meu tempo para cheirar ele. Ele é como um pequeno marshmallow, macio e bonito.

— Não se torne um fantasma também, — ele choraminga.

— Um fantasma?

Ele acena com a cabeça no meu peito sem levantar a cabeça. — Você era um fantasma outro dia. Eu não gosto de fantasma mamãe. Ela era assustadora.

Capítulo Treze

Adrian

Nossas reuniões para discutir negócios da fraternidade são a última das minhas preocupações agora. Ou na maioria das vezes, na verdade.

Tenho meu papel a desempenhar, e isso está nos bastidores. As decisões que o Pakhan toma são diretamente influenciadas por minha opinião, que é respaldada por minhas informações.

Minha ascensão na hierarquia da irmandade para me tornar um de seus pilares mais indispensáveis não aconteceu por pura sorte. Eu não vim tão longe devido ao uso de força como Damien ou pela manipulação como Kirill.

Foi por lógica.

Percebi logo no início que, para continuar crescendo na Bratva, eu precisava de sistemas no lugar. Homens de confiança, Kolya e Yan, embora este último esteja pressionando. Hackers. Informantes em todas as organizações possíveis.

Embora esses elementos estivessem em vigor durante o tempo de meu pai, eles não foram utilizados em sua capacidade total. Mudei isso e fiz deles a parte mais forte da irmandade. Poder não é latir ordens e levantar

armas. Não é declarar guerras e comandar sucessos em uma demonstração de masculinidade.

O verdadeiro poder ferve por baixo, abafado em voz baixa e temido em público. Isso é o que eu me tornei. Aquele cuja sombra todos sentem, mesmo quando eu não estou presente, seja na irmandade ou fora dela.

Eles podem não gostar de mim e muitos não gostam, mas têm medo de mim. Devido aos meus sistemas, eles não sabem se tenho imagens deles em posições comprometedoras. Em uma reunião não autorizada com um chefe do cartel na América do Sul. Em um iate navegando no Mar Mediterrâneo que eles desviaram de sua organização. Na casa do prefeito, transando com ele e sua esposa quando deveriam estar apenas de olho neles.

É fácil assistir a todos do confinamento da minha casa. O sistema que passei muito tempo construindo funciona perfeitamente, sem que eu tenha que interferir em seu curso.

Assim que meus inimigos e os chamados irmãos, souberem que sou poderoso o suficiente para esmagá-los, eles não ousarão me contrariar. Alguns deles ainda tentam me varrer de vez em quando, mas graças ao meu sistema, aos hackers e a Kolya, eles falham. Eles chegaram perto uma vez. Apenas uma vez. E vou descobrir o motivo pelo qual meu sistema falhou nessa instância, nem que seja a última coisa que eu faço.

Devido ao meu papel invisível na irmandade, não preciso comparecer às reuniões particularmente. Algo que os outros membros do grupo de elite sempre me reprovam. Mas o *Pakhan* anterior, Nikolai, e o atual, seu irmão, Sergei, sempre me dispensaram da tarefa de estar presente. Eles são

inteligentes o suficiente para reconhecer que é melhor colocar meu sistema em uso e trazer resultados. Ou, pelo menos, pensei que Sergei sabia.

Embora ele aceite minha maneira de fazer as coisas, suas suspeitas recentes sobre mim são problemáticas. Agora, eu tenho que provar minha lealdade mais uma vez, mas não posso ser óbvio sobre isso, porque isso aumentará ainda mais o seu alarme. Estamos em sua mansão que fica nos arredores do Brooklyn. Esta casa foi usada como o complexo da irmandade em Nova York por décadas. Quando meu pai me trouxe aqui quando criança, eu pensei que era um monstro, mas bem menos monstruosa do que nossa própria casa.

Sento à direita de Sergei na mesa de reunião, segurando um copo de conhaque do qual não bebi. O *Pakhan* está na casa dos 60 anos e esconde seu câncer da irmandade. Eu já descobri logo depois que ele soube. Sim, tenho até espiões em meu próprio *Pakhan*. As pessoas transbordam de segredos e são esses segredos que me mantêm um passo à frente deles. Os homens aqui usam revólveres como armas. As minhas são informações. É mais mortal, rápido e eficiente.

A razão pela qual não derrubei Sergei usando sua fraqueza, o câncer, é porque isso causará uma mudança de poder. Embora eu não dê a mínima para instigar o caos, não estou com humor para lidar com isso em um momento como este. Apenas os superiores da irmandade estão autorizados a participar do café da manhã na casa do *Pakhan*. Por respeito, o número de guardas presentes é limitado aos nossos soldados superiores. Kolya está

atrás de mim tão seguro e forte como uma montanha. Yan permanece do lado de fora.

Os outros quatro reis ocupam os demais assentos. Igor e Mikhail são da época de Sergei, então eles são antigos e preferem falar russo do que inglês. Os outros dois, Kirill e Damien, viveram na América por tempo suficiente para falar em um inglês quase sem sotaque. Eu estou no meio. Uma espécie de bastardo russo.

Dois outros membros se juntam a nós. A primeira é Rai, sobrinha-neta de Sergei, neta do anterior *Pakhan* e a única mulher que tem coragem suficiente para invadir uma reunião da fraternidade. Ela agora é regular, embora esteja grávida de três meses. Sua barriga está começando a aparecer, mas isso não a impede de vir aqui como se ela tem todo o direito.

Ela não tem. E se ela fosse qualquer outra mulher, ela teria sido banida, mas sua relação com o *Pakhan* anterior e atual impede a maioria dos homens aqui de expulsar ela efetivamente. Também pode ter a ver com seu marido, que está sentado ao lado dela. Ele é um assassino de aluguel, um atirador de elite aliás e todo mundo sabe que não deve provocá-lo, especialmente quando se trata dela.

A razão pela qual eu quero atirar entre os olhos dela não é por ela ser uma mulher, ou porque ela está ativamente tentando eliminar meus espiões da V Corp, a frente legítima da irmandade na qual ela é a diretora executiva. É porque ela se intrometeu em algo que não deveria. Ela é a razão de eu perder Lia, e não vou parar até saber o porquê.

Enquanto Sergei fala sobre nosso recente confronto com os irlandeses e uma possível trégua com seu novo líder mais jovem, fico olhando para a cadeira vazia à sua esquerda. De Vladimir. Ele não perde reuniões. Eu sim. Portanto, sua ausência não apenas confirma as palavras de Kirill, mas também significa que Vladimir está indo além disso.

— O que você acha, Adrian? — Sergei me pergunta.

— Os irlandeses não aceitarão uma aliança logo após nossa recente disputa. Matamos muitos de seus homens e isso não vai embora com uma mera mudança de liderança. Devemos dar-lhes tempo, — digo, como se estivesse ouvindo tudo o que eles têm falado. Sou excelente na arte de enganar. Eu tenho feito isso desde que eu era criança.

Meus pais se certificaram disso. Depois de um aceno de Sergei, a reunião continua sobre algumas estratégias que deixei passar por mim. Estou esperando uma chance de perguntar sobre Vladimir sem ser óbvio sobre isso.

Embora meu sistema seja eficiente, Vladimir sabe sobre ele e, portanto, é capaz de evitá-lo. Não inteiramente, mas mesmo essa pequena lacuna é suficiente para distorcer meu curso de ação. Não posso tomar nenhuma decisão antes de saber o que ele está fazendo. Caso contrário, elas seriam punhaladas ineficazes no escuro que poderiam e iriam sair pela culatra contra mim.

Assim que Kirill menciona algo sobre um auxílio para remessa de drogas, tomo um gole da minha bebida e falo casualmente. — Vladimir não deveria ajudar?

— Vladimir está ocupado com outra coisa, — diz Sergei com desdém. — Damien, você ajuda.

— Mas isso é chato, *Pakhan*, — lamenta este último como uma criança que não consegue brincar com seus brinquedos, também conhecidos como armas.

— Você está me dizendo não?

— Claro que não. Estou feliz em ajudar. — Ele suspira e pega um cigarro, então murmura baixinho para Kirill. — Filho da puta.

Kirill apenas sorri enquanto ajusta seus óculos de armação preta com o dedo médio.

— Com o que Vladimir está ocupado? — Eu pergunto sem rodeios, ao que Kirill levanta uma sobrancelha. Ele sabe que eu não prefiro o conflito direto, a menos que seja absolutamente necessário.

— Todos vocês saberão quando eu permitir. — Sergei se levanta, sinalizando o fim da reunião. — Falaremos mais no aniversário de Igor que irei apresentar em sua homenagem. Todos estão convidados.

— Sim, *Pakhan*. — Todos os outros concordam.

Em vez de sair, Sergei me encara, fixando-se em mim com uma expressão solene. — Traga Lia também.

— Ela não está bem, — eu digo calmamente, embora uma parte de mim esteja avançando para um ponto de ignição.

— Ela não pode estar muito indisposta para comparecer ao aniversário de Igor a convite do próprio *Pakhan*. — Ele figurativamente torce meu braço com suas palavras propositadas.

— Sim, Adrian. — Rai se junta a seu tio-avô, falando em um americano perfeito. — Traga Lia. Temos muito que pôr em dia.

Eu não perco o jeito que ela diz 'muito.' Eu poderia pegar minha arma, atirar nela e em seu tio-avô no rosto e torturar seus guardas para obter respostas. Mas isso me mataria pelo restante dos homens aqui ou por seus guardas, e não posso morrer ainda.

— Certifique-se de que ela estará lá, — Sergei ordena em um tom que não permite negociações.

— Sim, *Pakhan*, — digo com indiferença, quase como se estivesse completamente bem com a perspectiva de trazer Lia quando ela não estiver pronta.

Sergei sai, seguido por todos os outros, exceto Kirill, que deliberadamente fica para trás. Somos apenas nós dois, Kolya, e seu guarda sênior, Aleksander, que é alto, mas magro e tem rosto de mulher ou adolescente.

Kirill reajusta seus óculos de armação preta, seus lábios se movendo em um sorriso sardônico. — Perguntar sobre o querido Vladimir foi imprudente, Adrian. Eu sei que você não é imprudente.

— Às vezes, a melhor defesa é um bom ataque.

— E às vezes, o ataque direto faz você mostrar todas as suas cartas.

— Você não precisa se preocupar, Morozov. Tenho mais cartas para revelar.

Seus lábios se inclinam em um sorriso malicioso. — Não me ameace quando posso ser seu aliado, Adrian.

Eu me levanto e Kolya fica em espera ao meu lado. — Eu não preciso de aliados.

— Isso é o que você diz agora, mas chegará um dia em que você mudará de ideia.

— Duvido.

— Quer apostar?

— Tente novamente em dez anos, Morozov.

Ele ri. — Salve meu número, Volkov. Você pode precisar. — Sua voz ecoa atrás de mim enquanto me dirijo para a entrada.

Assim que estou no carro e Yan sai da propriedade, digo a Kolya. — Quero olhos em Kirill.

— Já temos alguém que o está seguindo.

— Eu quero outra pessoa. Faça três pessoas, se necessário.

— Sim senhor.

— Aleksander também. Siga-o.

— Considere isso feito.

— O que aconteceu? — Yan encontra meu olhar pelo espelho retrovisor, então o desliza para Kolya antes de voltar a focar na estrada.

Eu bato meu dedo contra minha coxa. — Kirill sabe de algo, ou então ele não estaria agindo de forma presunçosa.

O silêncio cai sobre o carro antes que Yan diga em voz baixa. — Você acha que ele sabe sobre a Sra. Volkov?

— Não tenho certeza, mas tudo o que ele sabe precisa ser conhecido por mim também. Isso está entendido?

— Sim senhor, — ambos dizem.



Passo a maior parte do meu dia em meu escritório na V Corp, verificando relatórios financeiros para evitar que minha cabeça gire em direções indesejadas. Mas, ao mesmo tempo, proponho soluções. Isso é o que eu faço quando sou dominado pelo trabalho. Eu penso e permito que minha mente fique acelerada.

Tento encurralar Rai, mas, aparentemente, ela tem uma consulta médica hoje e foi para casa mais cedo. Haverá outro dia e ela responderá a mim, não importa quais métodos eu tenha que usar. Perco a noção do tempo e só percebo que são dez da noite quando Kolya me informa do fato. Estive tão

focado em encontrar uma solução que permitiria a Lia faltar o aniversário de Igor que me esqueci dela.

Isso está incorreto. Não é que eu me esqueci dela. Eu apenas tentei tirá-la dos meus pensamentos imediatos, porque se eu a mantiver lá, não vou conseguir fazer nada.

Especialmente depois do jeito que ela gozou em meus dedos depois de algumas palmadas. Ela se desvencilhou totalmente, sem restrições, como se estivesse esperando pelo meu toque todo esse tempo. A visão de sangue em seus lábios não vai deixar minha mente, o jeito que ela abafou sua voz ainda me dá nos nervos.

Isso vai mudar. *Ela vai mudar.*

Kolya, Yan e eu chegamos em casa por volta das dez e meia. Não me incomodo em encontrar Oglá, porque agora que não estou ativamente tentando manter Lia fora dos meus pensamentos, ela é a única coisa que está ocupando meu cérebro.

Vou para o nosso quarto e congelo na porta. Ela não está lá. Depois de procurar no banheiro, saí de mãos vazias. Por um segundo, permaneço enraizado ali no local, pensando onde ela poderia ter ido. Ela não poderia ter deixado a propriedade, porque Oglá ou meus guardas teriam me informado do fato. Eu sei disso, mas a possibilidade está atormentando o lugar vago em meu peito.

Ela está aqui. Eu sei que ela está. Posso sentir a presença dela nas paredes da casa, posso ver sem ter que me esforçar. Eu caminho para o

quarto de Jeremy e, quando abro a porta, a visão diante de mim me deixa de boca aberta. Lia está dormindo na cama do meu filho, segurando-o contra o peito.

Seus minúsculos dedos estão enrolados em sua cintura e um pequeno sorriso roça seu rosto sonolento. O quarto está caótico, como se um exército de crianças brincasse aqui. Seus soldadinhos de brinquedo estão espalhados pelo chão, cercados por uma dúzia de desenhos e lenços coloridos.

Ela passou o dia inteiro com Jeremy?

Meu olhar desliza para eles de novo, para a forma como seu short jeans sobe por suas coxas nuas e como sua blusa abraça sua cintura, revelando seu umbigo. Todo o visual é incomum, mas isso não impediu meu pau de endurecer esta manhã ou de começar a agora.

Eu ouço passos suaves nas minhas costas e não me incomodo em me virar quando Oglá para atrás de mim.

— Ela entrou aqui depois que você saiu, senhor.

— O que eles fizeram?

— Eles brincaram, depois pintaram e então...

Meu foco desliza para ela por um breve segundo. — O que?

Ela limpa a garganta. — Ela tocou uma música horivelmente alta e fez Jeremy dançar com ela enquanto ela enrolava todos os tipos de lenços em volta deles.

Meus lábios se contraem. — Como Jeremy se comportou?

— Ele estava rindo e sorrindo o dia todo e não queria sair do lado dela.

— Algo mais?

— Ela não aprendeu nada com o iPad que você deixou para ela, senhor.

Por que não estou surpreso?

— Você vai visitar a Sra. Volkov, senhor? — Oglá pergunta.

Eu dou a ela um olhar interrogativo.

— Esse não. A outra. — Sua voz abaixa. — Algo estranho aconteceu com ela e precisa da sua atenção.

Capítulo Quatorze

Winter

Um rangido me acorda.

Eu coloco uma mão protetora em torno de Jeremy, mas felizmente, ele não se move.

Eu estudo meu entorno em busca do som. O quarto está vazia, além de mim e Jeremy, mas o rangido continua, mais alto desta vez, aumentando a uma intensidade aterrorizante antes de explodir música clássica de fora.

Meu olhar se volta para Jeremy, que ainda está dormindo pacificamente, sua mãozinha amarrada em volta da minha cintura. Ele não queria me deixar ir, com medo de que o fantasma me levasse embora.

Não tenho certeza do que ele quis dizer com isso, mas crianças da idade dele têm imaginação selvagem, então pode ser qualquer coisa. Jeremy é especialmente inteligente e entende as coisas rapidamente. Sempre que ensino algo a ele, seu cérebro o absorve rapidamente e, em breve, ele me imita.

Uma vertigem avassaladora toma conta de mim sempre que ele me chama de mamãe. Certamente não mereço, mas é a melhor coisa que me aconteceu desde que entrei no lugar de Lia. Com o apego de Jeremy por

mim, posso fingir que minha existência realmente tem um propósito, afinal.

A música clássica está mais alta agora, angustiada, quase como se fosse o clímax de uma cena. Quem diabos tocaria música alta no meio da noite com uma criança dormindo?

Removendo suavemente os dedos de Jeremy, eu o cubro com o edredom e lentamente me aproximo da borda do colchão. No meu caminho para a porta, eu piso em alguns de seus brinquedos, mas, felizmente, não doeu do jeito que eu pisei quando eu o estava carregando para a cama mais cedo.

Eu silenciosamente abro a porta, em seguida, fecho atrás de mim quando estou do lado de fora. A música está ensurdecadora agora, quase como se eu estivesse em uma casa de ópera. Uma sensação estranha me agarra pela nuca como cordas de marionete enquanto desço as escadas. Eu agarro o corrimão para me equilibrar, porque parece que quem está segurando as cordas vai me empurrar para a morte.

A música está vindo da sala de estar para onde Oglá me levou esta manhã. Paro na entrada quando descubro o motivo da música. Uma mulher.

Ela está parada no meio da sala, usando um vestido de noiva que acaba abaixo dos joelhos. É idêntico ao que vi no pôster da Giselle. Sapatilhas de balé cobrem seus pés, as fitas enroladas em torno de suas panturrilhas. Ela está de pé na ponta, as costas arqueadas em um ângulo sublime. Um véu cobre seu rosto, e eu não posso ver porque ela se afastou de mim.

Quem é ela? E por que diabos ela está dançando no meio da sala de Adrian? Não me diga que esta é sua amante ou algo assim. Ela gira com a música em uma perna, a outra tensa no ar. Isso deve doer. Ficar na ponta por tanto tempo é pura tortura e tenciona seus músculos e tendões; é por isso que deve ser feito em intervalos curtos.

Tento me aproximar dela para poder vê-la ou impedi-la, mas ela salta, pulando, girando e arqueando as costas. Em seguida, ela está correndo de um lado para o outro da sala, segurando a cabeça e enfrentando a música angustiada com um ato de pura loucura. Meus pés congelam no lugar enquanto vejo sua insanidade se desdobrar com seus passos de dança.

É Giselle.

A música atinge um crescendo quando ela cai no chão antes de pular na ponta novamente, balançando de um lado para o outro. Manchas de sangue explodiram em seus pés, ensopando as sapatilhas de bailarina de cetim cor de marfim.

Eu suspiro. — Ei, pare!

Ela não para. Seus movimentos ficam frenéticos, severos e fora de controle. O sangue estraga seus pés, mas é como se ela não sentisse a dor ao ficar parada na ponta repetidamente.

— Pare... — Eu soluço sobre a música alta. — Pare!

Ela gira para longe de mim, inclinando a cabeça em posições irregulares antes de voltar ao lugar. Salpicos de sangue em sua pele clara e manchas em todo o tapete. Eu quero correr para ela, segurar e fazer ela acabar com

isso, mas meus pés não se movem. As cordas da marionete estão me mantendo no lugar e não consigo chegar atrás de mim e cortá-las.

— Pare com isso! — Minha voz está histérica, à beira de algo que nem eu reconheço.

Ela para na ponta e se vira para me encarar ainda naquela posição. Meus lábios se abrem ao ver ela. Sou eu. Ou uma réplica próxima a mim, de qualquer maneira. O rosto sob o véu é a minha imagem cuspidada. Lágrimas de sangue escorrem por seu rosto, deixando manchas vermelhas em seu véu e vestido.

— Você parou? — Ela sussurra.

Um estalo nauseante de ossos ecoa no ar e suas pernas cedem debaixo dela.

— Não! — Eu grito.

Eu corro em direção a ela, mas sou puxada para trás pelas cordas de marionete presas à minha nuca.

Meus olhos se abrem e eu suspiro com um soluço.

Por um segundo, acho que vou me encontrar no meio do sangue, ou que vou testemunhar a fratura em suas pernas, os ossos protuberantes ou a pele cortada e ensanguentada. Em vez disso, estou na cama de Jeremy, os braços em volta de seu pequeno corpo enquanto ele se aconchega em mim.

Nenhuma música toca lá fora e nada perturba a paz.

Um longo suspiro deixa meus pulmões enquanto murmuro. — Não era real. Nada disso foi.

— O que não é?

Eu grito por causa da voz calma vindo de trás de mim e viro minha cabeça lentamente, meus dedos, ainda tremendo, mas não solto Jeremy. Desde que o abracei esta manhã, tenho tido essa necessidade mórbida de proteger ele, pensando que se eu não fizer isso, será como perder minha garotinha de novo.

Adrian está sentado no quarto mal iluminado. Apenas a luz do telefone que está aninhado entre seus dedos longos é uma quebra no escuro. Pode ser por causa da sombra que a tela projeta em seu rosto, mas ele parece mais assustador agora. Nenhuma luz presente em sua escuridão. Nenhuma escapatória. Sem prorrogação.

Ele é como um senhor das trevas sentado em seu trono. Um demônio. Um monstro. *Um vilão.*

A necessidade inata de correr que sinto desde que pisei nesta casa, inferno, desde que o conheci, me atinge novamente.

— Você não respondeu minha pergunta, Lia, — ele me lembra muito casualmente. Ou o que parece casual, porque é fingido. Quase posso ouvir seu tom real, que é fechado, áspero e está sugando a essência da minha alma.

Tudo nele é afiado e tem uma vantagem. Os botões superiores de sua camisa estão abertos, revelando uma sugestão de seu peito poderoso. Ele

está meio relaxado em sua cadeira com as pernas longas cruzadas nos tornozelos. Metade, porque sua postura ainda está ereta e ele parece que está pronto para atacar a qualquer segundo se sentir necessidade.

Há quanto tempo ele está sentado nas sombras, afinal?

E por que diabos estou tendo um pesadelo após o outro, desde que ele me trouxe aqui?

— Lia. — A única palavra contém mais advertência do que deveria ser possível.

— Você não precisa saber. — Eu lentamente me sento, retirando suavemente os dedos de Jeremy da minha cintura. Ele murmura algo em seu sono, e eu escovo seu cabelo escuro enquanto o coloco sob as cobertas que são decoradas com naves espaciais e estrelas.

— São duas punições.

Minha cabeça se vira para encarar Adrian. — Mas por que?

— Uma por não aprender a lista que Ogla deu a você e a segunda por agora.

Eu sabia que Ogla era sua espiã. — Mas eu não respondi agora.

— Me desafiar é equivalente a responder. Não responder às minhas perguntas também merece punição.

— Talvez você devesse me fazer uma lista de merda como a da máfia para que eu possa aprender e magicamente ficar na ponta dos pés.

— E isso é três.

— Você não pode estar falando sério.

— Perfeitamente estou. Quatro.

— Eu não tenho permissão para falar? — Eu estalo.

— Não nesse tom, não. Cinco.

— Apenas pare com isso, e admita que você é um bastardo doente que começou a me espancar.

— Seis.

Abro minha boca para dizer algo, mas logo a fecho, percebendo que tudo o que eu disser só vai piorar meu estado.

Maldito seja.

Ele me sacode tanto que continuo brincando com suas mãos e me enfiando em um buraco com ele. O pesadelo visceral que acabei de experimentar também não está ajudando. Desde que acordei, estou nervosa e desorientada, tendo pouco ou nenhum controle sobre minhas reações.

— Vá em frente, Lia. — O tom calmo mas ameaçador de Adrian ressoa no ar. — Estou muito interessado em ver até onde o número pode subir. Quando eu permaneço em silêncio pela força do meu autocontrole, um pequeno sorriso puxa seus lábios. — Agora, me diga o que você achou que não era real.

— Um pesadelo, — eu digo baixinho, porque se eu falar mais alto, vou estourar com ele. Ele está me provocando para que ele possa aumentar o número de minhas punições, e eu não vou dar a ele essa satisfação.

Seu dedo bate contra sua coxa uma vez. — Que tipo de pesadelo?

— Nenhum de seus negócios.

— E isso é sete.

— *O que?*

— Oito.

— Eu não posso nem manter meus pesadelos para mim?

— Não desde que você entrou na minha casa, não. — Ele deixa o telefone cair no colo, coloca os cotovelos nos joelhos e se inclina para a frente, entrelaçando os dedos sob o queixo.

Mesmo que esteja escuro, quase posso ver a escuridão de seus olhos. Não é apenas algo visual, mas também pode ser sentido no ar, deixando um travo forte na minha língua.

— Você não parece entender a situação, então me deixe explicar pela última vez, Lia. Você é minha esposa, minha propriedade, minha coisa. Isso significa que você segue a linha que traço e toma as decisões que permito. Se eu disser para você deixar sua vontade na porta, você deixa. Se eu disser que você entrará cegamente em um poço, você o fará. Na minha casa, minha palavra é lei e minhas decisões são finais. Se você sentir necessidade de me desafiar, por favor, desafie. Vou aproveitar cada segundo em que você se submeta.

Minha mandíbula dói, e eu percebo que é porque eu a estive cerrando com força durante todo o tempo em que ele falou. Eu nunca senti a

necessidade de sair da minha pele como sinto neste exato momento. Eu quero voar para fora daqui, ir para algum lugar, qualquer lugar, onde sua presença não esteja apertando minha garganta com mãos imaginárias.

Mas a parte sã do meu cérebro sabe que não tenho escolha, que não posso lidar com a vida na prisão, não importa o quão dura eu pense que sou. Estar com ele não é uma escolha, é o único meio de sobrevivência que tenho.

O destino não é cruel? Por que minha segurança está ligada a um dos homens vivos mais perigosos?

Adrian se levanta e eu me afasto mais para o lado de Jeremy, como se uma criança pudesse me ajudar nessa situação.

— Levante-se, — ele ordena.

— Por que?

— Nove. A cada segundo que você não fica em pé, a contagem aumenta.

— Só estou perguntando, — tento não explodir, mas acabo fazendo isso de qualquer maneira.

— Dez. Nesse ritmo, você terá uma *longa* noite, Lia.

Eu não perco a pitada de sadismo quando ele diz 'longa.' O bastardo realmente fica louco com a ideia de me punir. Ele é um maldito depravado. Eu me levanto com dificuldade porque realmente não quero que a contagem chegue a onze.

— Me siga. — Adrian vai até a porta sem esperar por mim.

Eu arrisco um olhar para o rosto pacífico adormecido de Jeremy, esperando que eu possa de alguma forma me tornar um com seu colchão ou suas cobertas. Minha hesitação não dura muito enquanto sigo os passos de Adrian e silenciosamente fecho a porta de Jeremy atrás de mim. Minhas pernas tremem a cada passo que dou. O suor se acumula em minha testa e meus nós dos dedos ficam brancos de tanto apertá-los em punhos.

As pessoas dizem que conhecem o medo. Como quando seu carro quase bate ou quando eles testemunham uma cena sangrenta nas ruas, mas isso não é medo verdadeiro. O verdadeiro horror é o desconhecido. A ignorância sobre o próprio destino é o pior tipo de terror. Ele se enrosca em minha caixa torácica como fios, tentando quebrar os ossos e picar meu coração no processo.

A escuridão não é assustadora, é o que está dentro dela. E agora, essa escuridão está preenchida com a presença silenciosa, mas letal de Adrian. Meu olhar permanece focado em suas costas, na ondulação de seus músculos sob sua camisa e na tinta saindo por baixo de suas mangas meio enroladas. Seus passos são firmes, como se essa situação fodida fosse normal.

Como se pegar uma mulher sem-teto e forçá-la a assumir o papel de esposa fosse algo completamente aceitável. O homem sente alguma vez? Ele tem um órgão pulsante como o que bate dentro de mim ou é uma espécie diferente cujo coração apenas bombeia sangue em suas veias? Se

ele se importava tanto com sua esposa, como poderia trocá-la por uma falsa tão facilmente?

Mas talvez ele a tenha usado como está me usando. Homens como ele não formam apegos e são monstros sem coração que só sabem tomar. Enquanto Adrian entra no quarto e fecha a porta atrás de nós, gostaria que o medo fosse o único sentimento que habita em mim. Eu gostaria que meu estômago se apertasse por causa de uma descarga de adrenalina e não por causa de alguma outra sensação demente que eu não quero dar um nome.

Porque eu sei que ele não me chamou aqui só para dormir. Eu sei que algum plano selvagem está sendo arquitetado em sua cabeça bagunçada agora. Minha necessidade de fugir diminui lentamente, substituída por um tipo estranho de aceitação. Isso vai passar, assim como tudo na minha vida. Enquanto ele não ver minha reação, ele não vai me atingir.

Adrian desabotoa o cinto e eu fico olhando, paralisada, presa em um estado de torpor, enquanto ele o envolve em torno de sua mão, uma expressão vazia em seu rosto. — Fique de joelhos.

Capítulo Quinze

Winter

Meu olhar selvagem voa de seus olhos vazios para o cinto em volta de sua mão. Ele deve estar brincando. Mas ele não está. Adrian disse que ele não é do tipo brincalhão, e eu acredito nele.

Tenho me contorcido o dia todo com a sensação das marcas de mãos que ele deixou na minha bunda, então acredito sinceramente que ele vai me chicotear com o cinto agora.

— Por favor, não... — Eu não quero recorrer a implorar, e assim que digo as palavras, sei que é um desperdício de energia. Eu sei que alguém como ele não é desencorajado por apelos ou lágrimas. Se qualquer coisa, ele se diverte. Assim que ele começar a me punir.

Então, quando ele fala suas próximas palavras, eu fico surpresa. — O que você está disposta a fazer em vez disso?

— Qualquer coisa, — eu deixo escapar.

— Eu vou te foder contra a parede.

— Tudo bem... — Hesito por um segundo, um pouco apreensiva sobre sua intensidade. Eu vi seu tamanho, eu sei que vai doer como o inferno, e um homem como Adrian parece que gosta de coisas duras.

No entanto, concordar com isso é a melhor escolha. Foder ou sendo chicoteada. Sim, não é preciso ser um gênio para decidir.

— E você não vai morder o lábio. Você não vai sufocar seus gemidos enquanto sua boceta estrangula meu pau.

— Não, — eu respondo.

Ele inclina a cabeça para o lado como se eu fosse algum tipo de problema e ele está pensando se quer resolvê-lo ou erradicá-lo de uma vez por todas. — Não?

— Você só consegue me foder, você não pode me dizer como eu reajo a isso. — Meu silêncio é meu único mecanismo de defesa contra ele, minha última peça de armadura, e se eu o deixar pegar isso também, então estou totalmente ferrada. Minha identidade será apagada e eu serei apenas uma versão desbotada de sua esposa.

— Eu recuso então.

— O-O quê?

— Ou você goza completamente desfeita ou aceita sua punição.

Eu olho para ele, meus punhos queimando de dor com a força que estou apertando. Minhas unhas cavam com tanta força em minhas palmas que estou surpresa por não tirar sangue. Chupando uma longa respiração em meus pulmões, eu me abaixo de joelhos. Ao fazer isso, noto uma sombra de decepção e algo mais cruzando seu rosto.

Que se foda ele. Ele não vai me quebrar.

Meu nome é Winter Cavanaugh. Eu não sou Lia Volkov e de jeito nenhum sou a esposa desse louco.

Eu canto isso na minha cabeça em preparação para o que está por vir. Dizer que não estou com medo seria mentira, mas minha dignidade me mantém de pé.

— É uma pena que você escolheu o caminho certo comigo. Muito infeliz. — A suavidade em sua voz envia calafrios pela minha espinha.

— Você tem suas condições e eu tenho as minhas.

— Manter suas condições só aumentará seu sofrimento. Entenda isso, Lia. Eu não devo ser contrariado ou desafiado. Quanto mais você me empurra, mais implacável eu me torno. Quanto mais você me desafia, mais duramente eu reajo. Você não quer que eu reaja e certamente não quer ver meu lado desumano. Eu tenho mostrado misericórdia a você, então seja grata por isso.

— Misericórdia? — Quero zombar, mas meus lábios tremem devido ao ataque de suas palavras. — Em que mundo suas ações são uma demonstração de misericórdia?

— Acredite em mim, elas são.

— Você pode pensar neles como tal, pode se considerar uma espécie de deus gracioso e distorcido, mas não é. Você é cruel e insensível. Você é brutal e sádico. Você também é pervertido, porque começa a infligir dor. Seu comportamento calmo e quieto não me engana, e nem o seu senso distorcido de benevolência. Seu único propósito é machucar e levar como

achar melhor. Então não fique aí, segurando a porra de um cinto, e diga que você está mostrando misericórdia.

Estou respirando pesadamente depois da minha explosão e estou totalmente preparada para o número de punições aumentar, porque é isso que bastardos doentes como Adrian fazem, eles usam qualquer chance para virar as circunstâncias contra você.

Valeria a pena. Pela primeira vez desde que pisei em seu radar, dei a ele um pedaço da minha mente.

Um objeto frio toca minha bochecha, o cinto. Ele bate suavemente contra a minha pele afetuosamente até, mas sua expressão permanece a mesma, impassível e inalcançável.

— Se sou um pervertido por gostar de infligir dor, o que isso torna você se você gosta disso?

Minhas bochechas ficam vermelhas, tanto com sua declaração quanto especialmente com sua admissão velada. Que ele gosta de infligir dor. Que eu não estava errada em reconhecer sua necessidade de controle. Mas eu empurro para a parte de trás da minha cabeça enquanto levanto meu queixo. — Eu *não* gosto disso.

— Você gozou em todos os meus dedos esta manhã depois de uma mera surra. O que você acha que vai acontecer quando eu te chicotear?

— Nada.

— Você realmente acredita nisso ou está esperando por isso? Se for o último, recomendo que você abandone essas esperanças, porque você

aprenderá da maneira mais difícil que eu fui realmente tolerante. Que eu estava te dando margem de manobra e que você perdeu esses privilégios ao resistir a mim.

— Apenas acabe com isso.

— Você vai se arrepender de sua impaciência quando sua pele ficar vermelha, Lia.

A ameaça friamente falada me cobre de arrepios e para a minha perdição, nem todos eles são devidos ao medo. Adrian me pega em seus braços e eu suspiro enquanto ele me carrega para a cama. Estou momentaneamente distraída por quão pequena sou em seu domínio, como ele poderia facilmente me esmagar em pedaços irredimíveis sem esforço.

Ele me deixa cair no colchão, de bruços, e ele mergulha sob nosso peso. Ele mudou de ideia?

Eu me levanto de quatro, mas não posso comemorar o pensamento antes que ele aplique a palma da mão nas minhas costas, me mantendo no lugar. Meu coração salta e acelera quando sua mão deixa minhas costas e roça no meu cabelo.

Ao contrário de seu comportamento anterior, seu toque é gentil, ou fingindo ser, de qualquer maneira. Seus dedos afundam em minhas mechas, e percebo com horror que estou apoiando em sua palma. Tento resistir a ele, mas ele enrijece os dedos no meu cabelo para que eles agarrem meu crânio, comunicando sem uma palavra que não devo lutar com ele.

Eu não poderia, mesmo que quisesse.

Estou congelada no lugar, fisgada nas profundezas de sua calma arrepiante. É na superfície, uma fachada, e estou aprendendo da maneira mais difícil que existem várias camadas para ele. Quanto mais eu descasco, mais profundo e escuro ele se torna. Cada um é mais alarmante do que o anterior.

— Última chance, Lia. — Ele acaricia meu cabelo como um amante apaixonado.

Eu fico olhando para a cabeceira da cama de metal com seus motivos dourados exóticos, me recusando a olhar para ele. — Última chance para permitir que você me quebre? Nunca.

— Como quiser, *Lenochka*.

Meus músculos travam sempre que ele me chama assim, e não tenho ideia se é de uma maneira boa ou ruim. Assim como a maioria das coisas que ele faz ao meu corpo, seja a maneira como ele me toca ou me trata. Quero me convencer de que os odeio, que não suporto eles ou ele. No entanto, uma coisa mórbida dentro de mim fica fora de controle sempre que ele coloca as mãos em mim. Sempre que ele está em qualquer lugar perto de mim. Eu quero pensar que sou atraída pelo quão diferente ele é, quão silencioso, mas letal, mas é mais sombrio e nítido do que eu gostaria de admitir.

Adrian remove sem pressa o lenço que está segurando meu cabelo. Ele então puxa meus pulsos para cima e os amarra a um recanto de metal perto da cabeceira da cama que parece ter sido projetado para esse propósito.

Ele também fez isso com a esposa?

Afastando esse pensamento, eu testo o nó, mas ele não se move. Não é apertado o suficiente para causar dor ou interromper minha circulação, mas vai me impedir de mover ou libertar minhas mãos. Um pânico repentino se expande em minhas costelas como um incêndio, corroendo tudo em seu rastro. Ele pode me machucar e eu não serei capaz de me defender.

— Você não precisa me amarrar. — A emoção é aparente em meu tom, e eu odeio isso. Eu odeio estar permitindo que ele me veja assim.

— Então você vai fazer o que eu pedi? Você vai se oferecer completamente?

— Não!

— Então faremos do meu jeito.

— Adrian...

— Sim? — Eu posso senti-lo se posicionando atrás de mim, e isso me enche de horror e um tipo de antecipação doentio que eu só experimentei uma vez, quando ele me curvou sobre a mesa esta manhã.

— Existe alguma maneira de você parar com isso?

— Não, a menos que você escolha minha outra opção, não.

— Você já se saciou? Se eu te der mais, isso será o suficiente para você? Você tirou tudo de mim, tudo. Por que você está exigindo mais?

Seu calor irradia contra minhas costas, mesmo que ele não esteja me tocando, e isso me faz coisas estranhas, coisas que me fazem apertar minhas coxas. — Eu não tirei tudo de você, Lia. Você quer acreditar nisso porque é fácil culpar os outros por seus erros, mas isso não significa que seja verdade.

— Você me trouxe aqui e me tirou da minha vida.

— Correção: eu te salvei disso.

— Primeiro, você pensa que é misericordioso, e agora, você acredita que é um salvador? Você precisa de uma chamada de atenção!

Seus dedos se enfiam sobre minha clavícula e eu enrijeço enquanto eles traçam meu queixo, apoiando-o enquanto seus lábios encontram meu ouvido e sussurram em palavras quentes e escuras. — Talvez você faça.

Meus pulmões queimam e é então que percebo que não tenho respirado desde que ele me segurou. Seus dedos são cuidadosos, mas não poderiam ser mais brutais.

— Me diga para foder você, — ele raspa.

— Me foda, — murmuro. — Mas você não vai ouvir nada.

Percebo que meu desafio atingiu uma linha vermelha invisível quando suas unhas cavam em minha pele por um breve segundo antes de ele me soltar.

— Fui generoso o suficiente para lhe dar duas chances, mas você escolheu mal. Como já mencionei, me desafiar só resultará em quebrar a teimosia de você. Me desafiar é como nadar contra as marés, você acabará se cansando e será arrastada pela corrente. Entenda isso, eu faço os desafios, não o contrário. É hora de você aprender isso.

Sua voz impassível não deveria ter nenhum efeito sobre mim, mas bloqueia meus músculos em uma linha rígida. Ele abaixa meu short pelas minhas coxas e, embora seja semelhante ao que ele fez esta manhã, parece totalmente diferente, dez vezes maior. Suas mãos são como lava de um vulcão ativo, ou talvez seja minha pele.

Seu dedo enrola na faixa da minha calcinha. — Você ainda está usando ela desde de manhã. Você gostou de andar por aí o dia todo, lembrando como sua boceta se desfez dos meus dedos?

Minhas bochechas pegam fogo, apesar de tudo, quando digo. — Claro que não. Não encontrei tempo para mudar.

— Você não encontrou tempo para mudar.

— Eu realmente não tive.

— Eu disse alguma coisa?

— Seu tom diz tudo. Você acha que eu estou mentindo.

— Você está? — Ele traça minha entrada suave e eu estremeço com o contato. — É por isso que você já está molhada, hmm?

Eu fecho meus olhos enquanto ele tira minha calcinha e desliza seus dedos sobre minhas dobras escorregadias, acariciando-as, avaliando-as com o máximo cuidado.

— Eu não comecei a tocar em você, e ainda assim, seu corpo está queimando de ansiedade pelo castigo. Para alguém que estava agindo de forma elevada e poderosa apenas alguns minutos atrás, parece que a promessa de punição foi o suficiente para provocar seus segredos mais profundos e sombrios. Você reconhece o que é isso, *Lenochka*?

Eu balanço minha cabeça violentamente, mas paro quando ele puxa meu cabelo para o lado para que seus lábios possam encontrar minha orelha novamente. Com meus olhos fechados, tudo é intensificado, seu toque insensível, seu hálito quente e seu cheiro, aquela mistura perigosa de madeira e couro.

— Você é uma masoquista para o meu sadismo, Lia.

— Cale-se!

— E isso é onze. Abra os olhos ou serão doze.

Eu o faço lentamente, olhando para minhas mãos amarradas, sentindo o desamparo em meus ossos. E, no entanto, um certo tipo de liberdade me oprime. Algo que eu só senti quando estava bêbada, vagando pelas ruas sem nenhum propósito além de permanecer viva.

— Agora conte ou vai subir.

Eu não sei o que ele quis dizer até o cinto assobiar no ar antes de cair na minha bunda. Um grito borbulha na minha garganta enquanto uma dor

lancinante explode na minha pele. Se eu achei que sua mão fez doer, seu cinto estava em uma categoria à parte. O vergão que deixa em minha carne dói e queima, trazendo lágrimas ardentes aos meus olhos. Quero gritar, expressar a agonia física, mas me recuso a mostrar a ele minha dor, assim como meu prazer. Eu mordo meu lábio.

— Você quer que a contagem aumente, Lia, hmm?

— Um. — Minha voz treme com a palavra.

Mal sai antes de o cinto bater novamente. Eu pulo, prendendo meu lábio com tanta força que quase corto a pele mal curada desta manhã. Demoro alguns segundos para murmurar, — D-Dois...

— Eu me pergunto, por quanto tempo você acha que pode se isolar de mim? Vale a pena? — *Tapa. Tapa.*

— Três, quatro. — Estou soluçando agora, minhas lágrimas molhando o travesseiro enquanto meus dentes rompem a pele. O sangue cobre meus lábios, me forçando a sentir o gosto do metal, mas eu não grito. Nem uma vez. Eu também não imploro que ele pare, porque isso só vai roubar minha dignidade.

— Faça do seu jeito. — Sua voz é tão calma, mas tão sombria que um arrepio por algo muito diferente da dor toma meu corpo como refém.

No sétimo golpe, acho que vou parar de sentir minha bunda de vez, mas não é o caso. Longe disso. E é com horror que entendo o motivo da mudança.

Adrian passa os dedos sobre os vergões e eu assobio, mas o som está prestes a se transformar em outra coisa quando ele desliza suavemente o polegar sobre a pele machucada, misturando a dor com uma suavidade que eu nunca pensei que ele fosse capaz. Uma suavidade que confisca meu ar e interrompe meus soluços angustiados. Algo em mim se sacode e estremece com a necessidade de fricção.

Espera. O que?

— O que você está fazendo? — Minha voz está tão trêmula quanto minhas entranhas, cheia de lágrimas e confusão, tanto com o comportamento dele quanto com o meu.

— Shhh. — Ele mergulha um dedo dentro de mim e eu pulo da cama com a intrusão dura.

É como ser arrancada de uma fase do ser e empurrada para outra.

— Ahhh... — Eu abafa minha própria voz mordendo o travesseiro. Merda. Uma mistura eufórica de sensações sobe e pousa dentro de mim com um baque tão ressonante que ouço a vibração em meu ouvido.

Seu cinto entra em contato com minha bunda três vezes seguidas e eu grito no travesseiro. A mistura de agonia e tudo o que está acontecendo na minha boceta me transforma em uma confusão de choro. Eu quero que isso acabe, mas ao mesmo tempo, eu mal consigo me impedir de empurrar sua mão para aliviar a dor dentro de mim.

— Isso não está contando, não é?

Por um momento, meu cérebro confuso me diz para parar de contar, para deixar a contagem aumentar, para ver até onde posso ir antes de desmaiar. Mas meu cérebro não é totalmente confiável agora. Está sucumbindo às necessidades do meu corpo e perdendo toda a lógica.

Eu libero o travesseiro, deixando uma mancha de sangue e lágrimas enquanto eu choramingo, — O-Oito... Nove... D-Dez.

Adrian adiciona outro dedo e eu me sinto desintegrando, dizimando no caminho de sua destruição. Minhas paredes apertam em torno de seus dedos e eu choro de alívio quando ele os empurra, me dando a fricção que eu precisava desde a primeira vez que seu cinto veio na minha bunda.

Tento me mexer e me contorcer, mas as amarras me mantêm presa no lugar, sem espaço para me mover. Estou completamente indefesa em suas mãos, uma marionete com a qual ele pode fazer o que quiser. E por um segundo, eu me rendo a esse destino quando ele me bate pela última vez.

— Onze! — Eu grito quando meu orgasmo me atinge ao mesmo tempo que a dor. Meu coração dispara na minha garganta e acho que realmente vou parar de respirar e morrer nas garras do prazer e da dor.

É um êxtase sombrio, uma felicidade demente que joga à beira da insanidade. Mas cada parte de mim anseia por isso, se apaixona por isso sem qualquer pensamento. Eu mordo o travesseiro para abafar meus gemidos, o desafio em mim queimando tão brilhante quanto o orgasmo. Algo frio e tenso envolve minha garganta, e eu suspiro quando percebo que é o cinto. Adrian me levanta usando isso. Minhas costas arqueiam, mas eu aperto meus dentes no travesseiro, trazendo-o comigo.

Seus lábios provocam arrepios na minha alma enquanto ele sussurra contra a concha do meu ouvido em palavras baixas. — Deixe para lá.

Eu balanço minha cabeça freneticamente.

— Deixa para lá, Lia.

Eu encontro seus olhos vagos com os meus ousados e balanço minha cabeça novamente. Adrian puxa o travesseiro e remove o cinto enquanto me vira. A dor explode em minhas costas ao atingir o colchão.

Minhas mãos amarradas se torcem antes de se acomodarem em uma posição fácil acima da minha cabeça. Agora que não estou mais mordendo o travesseiro, posso sentir alguns outros sons tentando escapar. Eu ataco meus lábios novamente, indiferente ao sangue que continua escorrendo em minha boca.

Adrian separa minhas pernas e abre caminho entre elas. Ele é tão grande e forte que eu sinto que ele é capaz de me rasgar ao meio com cada movimento.

Cada movimento contra o colchão causa um atrito esmagador na minha bunda. Eu queria que isso fosse tudo. Eu gostaria que a dor e o ressentimento fossem tudo que eu estivesse sentindo agora. Eu gostaria que não houvesse uma descarga de prazer disparando dos vergões em chamas e direto para minha boceta. Os formigamentos restantes do meu orgasmo aumentam a um nível insuportável. Eu preciso de algo. Eu não sei o quê, mas aquele orgasmo não foi suficiente.

Adrian abre suas calças e eu prendo minha respiração enquanto ele libera seu pau. Foi uma visão magnífica quando meio ereto da outra vez, mas agora que está totalmente duro com veias raivosas visíveis na superfície, estou com medo. Mas, para meu horror, não estou apenas com medo. Uma sensação mórbida de antecipação se infiltra em minhas costelas e se aninha entre meus ossos.

Saber que ele ficou duro me chicoteando, que começou a me causar dor, deveria ser degradante, uma blasfêmia até mas não é. Adrian agarra seu pau inchado e o acaricia não tão gentilmente, como se ele estivesse com raiva dele ou talvez seja comigo que ele está bravo.

Seus músculos flexionam sob a camisa com o movimento, e seus antebraços pintados parecem etéreos, firmes e prontos para infligir tanto prazer quanto dor. Uma gota de pré-sêmen escorre pelo seu eixo e eu mordo meu lábio com mais força, incapaz de desviar o olhar disso ou dele. Meu coração dói e minhas coxas se contraem. Eu acho que estou quebrada. Porque agora, estou tendo pensamentos que não devo, sob nenhuma circunstância, entreter por este homem.

Pensamentos que acabarão em minha ruína.

— Você quer que eu te foda, Lia? — Sua voz é rouca, cheia de escuridão desequilibrada e luxúria. Elas parecem andar de mãos dadas para ele. Como se ele não pudesse sentir nenhum prazer se não fosse tão perturbado quanto sua cabeça bagunçada.

Eu não sou como ele. Digo a mim mesma que sou normal. Eu sou uma baunilha do caralho. E ainda, eu não balanço minha cabeça. Eu sei que

deveria. Eu deveria dizer a ele para se foder, que eu nunca quero que ele me foda. Mas eu não digo.

Ainda estou presa ao vê-lo se masturbando. Como seus músculos e tatuagens se contraem com o movimento. Como seus olhos brilham e cintilam do cinza para uma cor mais escura. Eu quero saber se sua expressão permanecerá a mesma enquanto ele estiver dentro de mim. Preciso saber se terei um efeito sobre ele como tive enquanto ele me puniu, e se esse efeito será mais violento.

Então abro mais minhas pernas em uma forma de convite, que sei que me arrependerei quando amanhecer. Mas já estou aqui e não tenho para onde ir. Ele deixou claro desde o início que acabaria por me foder, então de que adianta adiar o inevitável?

— Você quer que eu bata nessa sua boceta apertada até que você grite?

Quero desviar o olhar, porque tenho quase certeza de que ele pode ler o constrangimento em minhas bochechas queimando, mas me forço a continuar olhando para ele.

— Você vai me deixar te foder cru, não vai? Você vai me deixar te encher com meu esperma como uma boa esposa.

Eu não sou sua esposa. Eu quero gritar, mas não o faço, porque isso definitivamente vai arruinar o momento, e minha boceta está apertando para outra liberação. Isso é tão fodido. Estou praticamente implorando ao homem que machucou minha bunda com seu cinto para me foder logo depois que ele me trouxe ao orgasmo.

— Solte o lábio, — ele ordena, seus movimentos de punhos ficando mais rápidos.

Eu balancei minha cabeça uma vez. Ainda segurando seu pau, Adrian passa o cinto em volta da minha garganta e me levanta para que eu fique suspensa no ar com minhas mãos amarradas à cabeceira da cama atrás de mim. Eu esperava que a posição fosse desconfortável, mas surpreendentemente não é.

— Abra sua boca.

Eu não abro, balançando minha cabeça uma vez. Adrian agarra minha blusa e a rasga no meio. Eu suspiro quando ele puxa o sutiã, expondo meus seios. Eu quero me virar para não ter que testemunhá-lo olhando para eles. Eles são pequenos e eu sempre achei que eles eram a parte menos lisonjeira sobre mim. Adrian, no entanto, continua estudando-os como se fossem peças de arte de um museu. Meus dentes afrouxam um pouco do meu lábio ao olhar em seus olhos.

Putá merda.

Eu sei que ele pensa que está olhando para a esposa, e não para mim, mas quão sortuda pode ser uma mulher por ter um homem olhando para ela desse jeito? Como se ele fosse destruir o mundo enquanto ela permanecesse segura? Meus mamilos atingem o pico sob seu exame, endurecendo a ponto de doerem, e então algo quente os cobre.

Seu esperma.

Pinta meus seios e escorre pelo meu estômago e pela minha boceta latejante. Quase choro de decepção ao perceber que ele fez isso para não ter que me foder.

Como se meus pensamentos estivessem escritos em meu rosto, Adrian enxugou o sangue do canto do meu lábio. — Se você continuar com esse comportamento, nunca vai conseguir meu pau, *Lenochka*.

Eu fecho meus olhos para não chorar de frustração, tanto comigo mesma quanto com ele. Por que diabos estou tão decepcionada que ele não me fodeu?

Eu não deveria. Eu o *odeio*. Adrian libera minhas mãos e elas caem moles de cada lado meu. Ele desaparece no banheiro, e meus olhos começam a fechar, a exaustão levando o melhor de mim. Então, vejo sua silhueta reaparecendo ao meu lado. Ele está todo composto nas calças como se nada tivesse acontecido.

Um kit de primeiros socorros está pendurado em sua mão direita e um pano úmido em sua esquerda. Ele remove suavemente meu top rasgado e sutiã antes de limpar seu esperma do meu peito. Eu quero lançar um som, não sei o quê, mas eu o prendo dentro. Depois que ele termina, ele me vira e eu suspiro de contentamento enquanto a pressão diminui na minha bunda. Ele aplica algo frio nela, e eu assobio quando queima.

— Vai parar em um segundo.

Murmuro algo que soa como um protesto, mas então estou adormecendo enquanto ele continua esfregando minha bunda em círculos

calmantes. Seus dedos são longos, ligeiramente calejados e parecem muito bons. Eles não deveriam. Eles realmente não deveriam.

Acho que adormeci, porque de repente, ouço um telefone tocando e sinto os dedos de Adrian acariciando meu cabelo enquanto ele diz. — O que ela fez agora? — E então seguido por um suspiro. — Eu estou indo.

Não vá. Eu grito na minha cabeça. Ela não é eu. Não vá até ela.

Mas seus dedos deixam meu cabelo e o colchão afunda. Mesmo que eu não veja o vazio, eu sinto isso nos cantos mais escuros do meu coração. Eu estou sozinha.

Uma lágrima desce em cascata pela minha bochecha, e eu não tenho ideia do por que ou quem é a ‘ela’ que eu internamente disse a ele para não ir.

Capítulo Dezesseis

Winter

— *Você tem uma missão. Puxe a porra do gatilho.*

Não.

— Mamãe?

Abro os olhos, o coração batendo tão forte que tudo que ouço é sua batida. Jeremy está empoleirado sobre mim, sua mãozinha puxando minha camisola.

Espera. Uma camisola. Eu pensei ter adormecido nua. Quando eu coloquei isso?

— Mamãe? — Jeremy chama novamente, seu pequeno queixo tremendo.

— Ei, bebê. Bom dia.

— B-Bom dia. — Ele funga, enxugando os olhos com as costas da mão.

Eu corro meu polegar sobre suas lágrimas. — Porque você está chorando?

— Porque você não estava lá quando acordei esta manhã. Eu pensei que você tinha ido embora de novo.

— Eu disse que não vou embora. Você não acredita em mim?

Seus olhos cinzentos borram com lágrimas. — Mas você sempre desaparece, mamãe.

Eu faço? Quer dizer, Lia faz? Por que ela iria? Na verdade, tendo provado Adrian, sei exatamente por que ela faria. Ele não é o tipo de homem com quem alguém ficaria de boa vontade. Ele é a encarnação do diabo. Um idiota odioso cujo único propósito é varrer qualquer um em seu caminho.

Mesmo assim, Jeremy é filho dela. Ela não deveria tê-lo deixado com aquele tipo de homem. Nenhum deles merece a bênção que é Jeremy.

Suavizando minha voz, eu sorrio para ele. — Não vou fazer de novo, meu anjinho.

— Mesmo?

— Absolutamente não, então pare de chorar. — Limpo suas bochechas com as pontas dos meus dedos.

— Você disse que dormiria comigo, mamãe.

— Seu pai tinha outros planos. Converse com ele. — Leva tudo de mim para não dizer seu pai idiota.

Eu me movo para uma posição sentada e a dor explode em toda a minha bunda e na parte interna das minhas coxas. Eu estremeço, agarrando a coluna da cama para me equilibrar. Estou dolorida como nunca antes e ele nem me fodeu e não faria, de acordo com suas palavras.

Minhas entranhas queimam com a lembrança dos golpes impiedosos de Adrian e o tipo depravado de prazer que seus dedos arrancaram de mim. Não importava o quanto eu resistisse, o quanto eu queria odiar isso. Ele me dobrou à sua vontade a tal ponto que eu realmente ansiava por isso. Eu queria como nunca quis nada. Mas agora eu gostaria de poder incinerar a noite passada e tudo o que veio com ela de minhas memórias.

— Você está machucada, mamãe?

Eu sorrio. — Um pouco

— Vou beijar para melhorar.

Eu rio e dou a ele minha bochecha. — Vá em frente.

Ele me beija, suas pequenas mãos envolvendo meu pescoço. Não posso deixar de sentir a necessidade de abraçá-lo, então eu o pego e o sento no meu colo, ignorando a pontada de dor na minha bunda.

— Você adora aconchego, Jer?

— O que significa aconchego?

Oh, o pobre bebê tem pais horríveis. Eu o puxo para baixo do cobertor e o seguro perto, afastando seu cabelo de seus olhos. — Isso é chamado de aconchego.

Ele sorri. — Você vai me aconchegar todos os dias?

— Todos os dias e então... — Eu paro, fazendo cócegas em sua barriga.

— Eu vou atacar você.

Ele cai em risadas incontroláveis. — Não, mamãe, não!

— Você está acabado, Jer.

— Mamãe! — Ele bufa rindo enquanto tenta proteger seu estômago.

Sua alegria é contagiante e eu caio na gargalhada com ele. E assim, meu dia começou da melhor maneira possível.

Exceto pela dor na minha bunda e a outra na parte de trás da minha cabeça. Posso ter ignorado minha necessidade de álcool ontem, mas não acho que posso continuar em outro dia como este.

Depois de tomar banho e ajudar Jeremy com o dele, nos vestimos com cores iguais. Calças pretas e camisas de flanela verdes. Eu uso um lenço como cinto. Não encontro nenhuma outra camiseta sem mangas, depois que o selvagem rasgou a única disponível. Então, visto uma camisa de mangas curtas e torço na parte inferior, em seguida, prendo com um nó para que fique à mostra meu umbigo. Estou usando salto hoje porque sinto que preciso da altura para combinar com o corte das calças.

Jeremy coloca seus óculos de sol de armação branca e encontro outros semelhantes na minha gaveta. Não importa que estejamos dentro de casa. Eu tiro várias selfies com o anjinho porque acreditamos que somos a dupla mãe-filho mais legal. Jeremy posa e sorri como um modelo profissional, rindo incontrolavelmente sempre que tento fazer cócegas em sua barriga.

Depois da nossa sessão de fotos, abandonamos nossos óculos de sol e toco uma música pop espanhola no meu telefone no quarto dele. Os olhos de Jeremy saltam quando pego sua mão e começo a dançar com ele. Ele

move seus quadris um pouco e quando eu o giro, ele engasga no meio de sua risada.

— Você faz isso, mamãe! — Ele exclama.

— Fazer o que? — Eu grito por cima da música.

— Girou como a linda garota. — Ele aponta para uma bailarina em um globo de neve que está descansando em sua mesa de cabeceira.

Meu sorriso desaparece enquanto eu a estudo, a maneira como ela está parada na ponta enquanto a neve a cerca. A primeira imagem que vem à mente são pernas quebradas, ossos salientes e sangue.

Muito sangue, porra.

— Mamãe? — Jeremy para de dançar e eu percebo que é porque parei.

Eu tiro meu olhar do globo de neve e sorrio para ele. — Sim?

— Não se preocupe. Você é mais bonita do que ela.

A inocência deste anjo.

— Eu sou?

— Você é a mais bonita de todas.

— Obrigada, meu anjo. — Eu escovo seu cabelo. — Está com fome?

— Sim!

— Vamos então.

Eu desligo a música e seguro sua mão na minha enquanto descemos as escadas. Assim que estamos na sala de jantar, o clima muda. Oglá está esperando por nós com cara de poucos amigos e óbvio desprezo por nossas roupas. Mas aquele que eu mais temia ver e continuei empurrando na parte de trás da minha cabeça desde que acordei, não está aqui.

— Onde está Adrian? — Eu pergunto antes que eu possa me impedir.

— Trabalhando em seu escritório. — Ela faz uma pausa para uma boa medida. — Ele não deve ser perturbado.

Eu com certeza não iria perturbá-lo. No mínimo, estou aliviada por não ter que enfrentá-lo esta manhã e posso tomar um café da manhã tranquilo com Jeremy. Ou principalmente em paz, já que Oglá continua nos observando em seu nome como um falcão. Eu a ignoro enquanto me sento ao lado de Jeremy. Minha bunda queima e eu fecho meus olhos para que a dor passe. Não passa, no entanto. Cada mudança provoca vergões e, para meu horror, começa um formigamento no meu núcleo.

Caramba. Eu ignoro o estado entre minhas coxas e me concentro em alimentar Jeremy e eu.

Parece quase surreal que tomei café da manhã dois dias seguidos e não pulei uma refeição desde aquele sanduíche que comi no carro de Adrian. Parece que foi há muito tempo, embora tenha se passado menos de 48 horas.

Mas eu acho que tanto aconteceu em um espaço de tempo tão curto que eu caí mecanicamente na rotina. A principal coisa a que não estou

acostumada é a falta de álcool. Não importa o quanto eu encho meu estômago, minhas têmporas latejam, exigindo bebida.

Há mais uma coisa com a qual não estou acostumada. A dor na minha bunda. São como agulhas, desconfortáveis como o inferno, mas minha mente continua rodando ontem à noite como se fosse o filme mais recente e emocionante que eu já vi. Todos os detalhes estão gravados em minhas memórias como uma escritura sagrada. Incluindo a parte em que eu disse a Adrian para não ir até ela. Deve ter sido outro pesadelo.

Este lugar foi feito pelo próprio Satã, também conhecido como Adrian. Desde que entrei, tive um pesadelo terrível após o outro. Depois do café da manhã, levo Jeremy para brincar no jardim. Algo pelo qual Oglá torce os lábios, e eu a lembro muito casualmente que Adrian disse que eu tenho acesso a qualquer parte da casa. Já estou confinada aqui do jeito que está. Quero pelo menos cheirar um pouco de ar fresco.

Está frio hoje, embora o céu não esteja completamente cinza, então eu me certifico de que Jeremy e eu estejamos vestindo nossos casacos antes de sairmos.

Alguns guardas vestidos com uniformes e jaquetas pretas do exército estão espalhados por toda a propriedade a cada poucos metros. Alguns deles carregam rifles gigantescos pendurados nos ombros ou no peito, e seus rostos são solenes, fechados e sem qualquer emoção. Assim como seu chefe ditador.

Eu aperto meu aperto na mão de Jeremy, com medo de que eles de alguma forma o machuquem, mas ele parece alheio a eles. Ele deve ter se

acostumado com a presença deles ao longo dos anos. O quão triste é para uma criança crescer no meio de pessoas perigosas e armas como esta?

Ele me leva a um gazebo de madeira embutido sob uma grande árvore. Há uma mesa no meio e dois bancos longos de cada lado. Soldados sem fim e brinquedos já estão esperando por ele lá.

Larguei o iPad que Oglá enfiou na minha mão esta manhã para aprender sobre a Bratva e blá-blá sobre a mesa. Vou dar uma olhada nisso mais tarde, porque com certeza não quero dar a Adrian mais um motivo para me punir. Assim que nos acomodamos, um guarda se posiciona bem atrás de nós. Por favor, me diga que ele não estará cuidando de nós com um rifle pendurado no ombro.

Eu levanto minha cabeça e imediatamente sinto uma sensação de familiaridade. Nariz Torto, Yan, está na entrada do gazebo e, embora ele esteja vestido com um uniforme preto como o resto deles, ele não está exibindo seu rifle. Tenho certeza de que ele tem uma arma em algum lugar, mas agradeço que ele não a esteja enfiando na minha cara.

— Bom dia, Yan, — Jeremy diz distraidamente, enquanto reúne alguns de seus soldados de brinquedo. Ele está sentado tão perto de mim que sua coxa toca a minha e seus pés estão pendurados para fora do banco.

— Bom dia, — Yan responde, acenando com a cabeça em minha direção.

— Bom dia, — eu deixo escapar, sem saber como devo falar com ele.

Agora que ele não está sendo ofuscado por Kolya e Adrian e posso observá-lo de perto, vejo como Yan realmente é lindo. Sua constituição é mais magra do que a de Adrian e Kolya, seus traços são mais suaves, menos duros e ele tem cílios grossos que são quase femininos. Isso e seu cabelo comprido o tornam de alguma forma mais acessível do que os outros dois.

Ele também não tem uma carranca permanente como o resto deles. Sua expressão também não é acolhedora, apenas neutra. Tudo isso combinado faz de Yan a única pessoa que eu acho que poderia chegar mais perto daqui. Por alguma razão, sinto que preciso de aliados além do anjo sentado ao meu lado.

— Você cuida de Jeremy o tempo todo? — Eu pergunto.

— Sim.

— Yan brinca comigo às vezes, — Jeremy me informa. — Está tudo bem, Yan. Eu tenho mamãe agora.

Eu sorrio com isso, e mesmo que Yan não retribua, sua expressão se suaviza.

— Você está aqui há muito tempo? — Eu pergunto a Yan.

— Desde que eu tinha três anos. — Percebo que, enquanto ele fala, Yan não faz contato visual comigo, optando por se concentrar em Jeremy, então faço o mesmo enquanto pego alguns de seus brinquedos, sem ideia do porquê.

— Isso é muito tempo.

– Você poderia dizer isso.

– Você... conheceu Lia? – Murmuro, não querendo que Jeremy ouça.

– Quero dizer, eu antes de... você sabe...

– Kolya e eu pegamos você daquela garagem, Sra. Volkov. Nós sabemos.

Certo. Eles sabem. Assim, junto com Adrian, Kolya e Yan também sabem que sou uma impostora. Isso me faz sentir mais perto e mais à vontade com Yan. – Por favor, não me chame de Sra. Volkov.

– Você é.

– Você sabe que não.

Ele amplia sua postura, mas não diz nada, então eu repito. – Então você a conhecia?

– Sim. – Sua resposta é curta, mas não cortada, o que significa que ele não se opõe a outras perguntas.

– Quantos anos ela tinha?

– Não faz muito tempo que ela completou trinta anos.

– Há quanto tempo ela é casada com Adrian?

– Desde que ela tinha vinte e quatro anos.

Isso é seis anos, muito tempo para passar na companhia do diabo. Estou aqui há apenas dois dias e eles parecem uma eternidade.

– Quantos anos tem Adrian?

— Trinta e seis e essa é a única pergunta que vou responder sobre ele.

Seu significado é óbvio. Yan irá satisfazer minha curiosidade sobre Lia, mas não Adrian. É um tipo admirável de lealdade, mesmo que isso me deixe no escuro sobre meu marido falso.

Eu deveria começar a chamá-lo de meu captor e desumanizá-lo um pouco.

— Você era próximo da Lia?

— Eu era a guarda dela quando o chefe não precisava de mim.

— Me deixe adivinhar. Agora, você está preso a mim?

— É o meu dever. — Sua voz está baixa com uma pitada de hesitação, como se ele quisesse dizer outra coisa.

Meu olhar desliza para ele para que eu possa ler sua expressão, mas ele balança a cabeça um pouco, ainda olhando para Jeremy. Eu abaixo meus olhos e passo meus dedos pelo cabelo do menino enquanto ele luta com um jogo interminável de Lego.

— Como ela morreu? — Eu murmuro.

— Ela acabou morrendo. — Agora sua voz está cortada, fechada, não oferecendo espaço para mais.

A mensagem é clara, o tempo das perguntas acabou.

Mas uma multidão delas continua se multiplicando em minha cabeça. Tipo, que tipo de mulher ela era? Mãe? Esposa? Adrian a amava?

Eu zombei internamente dessa pergunta. Esse diabo não é capaz de emoções, muito menos de algo que exige mais do que receber. Mas ele fez um grande esforço para substituir ela por mim, então talvez ele sentisse algo por ela.

Ou talvez ele estivesse apenas obcecado por ela e vai infligir isso a mim. Ele me chamou de coisa dele, e pessoas como Adrian não gostam que suas propriedades sejam roubadas. Não é que gostem delas, mas mais que anseiem pela sensação de poder que vem com a posse dessas coisas.

As coisas sendo Lia e agora, eu.

Dedos fantasmagóricos arranham minha espinha com esse pensamento e eu rapidamente afasto o sentimento, escolhendo me concentrar em Jeremy. Aparentemente, ele está tentando construir uma zona de guerra para seus soldados de brinquedo usando coisinhas de plástico semelhantes a Lego. Parece bastante fácil.

Errado.

Montá-los é muito mais difícil do que eu esperava e tenho que trapacear usando o YouTube. Yan me pega procurando no meu telefone pelas costas de Jeremy, mas não diz nada, sua atenção rapidamente voltando para olhar para lugar nenhum.

Quero pedir ajuda a ele, mas meu orgulho me impede. Certamente eu posso fazer isso, não importa o quão complicado seja. O que diabos eles estão vendendo para as crianças hoje em dia?

Depois de tentar sem sucesso juntar duas partes incompatíveis, Jeremy me olha carrancudo como se eu tivesse chutado seu cachorro. — Não é assim, mamãe.

— Estou tentando, Jer. — Mesmo com o YouTube, essa coisa é sofisticada como o inferno de montar.

— Você nunca faz direito, mamãe. — Seus olhinhos me julgam como os de seu pai. Jesus. Adrian recebe um A+ por clonar a si mesmo.

Eu bagunço seu cabelo. — Ei, você está dizendo que eu sou péssima?

— Não, mas papai os faz melhor.

— Ele brinca com você? — Eu pareço tão incrédula quanto me sinto. Tive a impressão de que Adrian mal presta atenção em seu filho.

Meu foco desliza para Yan, em busca de algum tipo de confirmação. Mas ele não mostra nenhuma reação, continuando ali como um pilar.

Jeremy levanta um ombro. — Às vezes.

— Sinto muito, Jer.

— Tudo bem. — Ele sorri, me mostrando os dentes. — Papai está ocupado.

Deus. Este garotinho foi criado para ser um homem em uma idade jovem. Nenhuma criança deve achar que está tudo bem que seu pai passe mais tempo com seu trabalho do que com ele. Nenhuma criança deve ficar feliz por brincar com ela apenas algumas vezes. Se ele não podia criar um filho, por que trazê-lo ao mundo?

A parte de trás do meu pescoço arrepiava como se Adrian estivesse sentindo meus pensamentos sobre ele e fosse atacar seus castigos por tê-los. Jeremy pega duas peças e as junta. Jesus. O malandro sabe fazer isso melhor do que eu. Eu realmente espero que seja porque ele já viu isso feito inúmeras vezes antes e não porque eu sou uma merda.

— Você não se sente mal por ele não estar mais por perto? — Eu pergunto.

— Não.

— Por que não?

— Porque papai ficou comigo quando você era um fantasma, mamãe.

Capítulo Dezessete

Winter

Eu franzo a testa. É a segunda vez que ele diz essa palavra. — Por que você diz que eu era um fantasma, Jer?

— Porque você era, — diz ele com indiferença, balançando os pés para frente e para trás. — Eu fui ver você.

— Você veio me ver?

— Uh-huh. — Ele aponta para a direita. — Bem ali.

Meus olhos seguem a direção de seu polegar. É um pequeno prédio branco, separado da casa. Não parece tão bem cuidado quanto a mansão principal. Rachaduras cobrem o exterior e trepadeiras de hera crescem em suas paredes, cobrindo a maioria delas. O lugar instantaneamente me dá uma sensação horrível, como um gosto amargo misturado com vômito.

Sei que esta é a casa de hóspedes da qual Adrian me disse para ficar longe, e tenho toda a intenção de fazê-lo. Mas as palavras de Jeremy sobre mim, a verdadeira Lia, sendo um fantasma me deixam perplexa. O que poderia estar lá para uma criança pensar nisso como ‘fantasmagórico?’

Estou prestes a perguntar a Yan, mas meu olhar muda para a esquerda e eu congelo. Na casa principal, Adrian me encara pela janela do chão ao

teto. Ele está atrás de uma mesa no que presumo ser seu escritório. Três monitores estão ligados na frente dele, mas sua atenção está inteiramente em mim enquanto ele bate o dedo indicador na superfície da madeira.

Ele está me observando tão atentamente, parece que ele está parado bem sobre minha cabeça e sugando minha alma. Tento quebrar o contato visual, mas a pura intensidade de seus olhos cinza acinzentados me toma como refém. Adrian está apenas me observando, mas atinge mais profundamente, como uma demanda, uma chamada, para quê, eu não sei.

O que diabos você quer de mim? Eu grito com meus olhos, franzindo os lábios, mas seu foco não muda.

Eu sou a primeira a desviar o meu olhar, porque olhar em seus olhos ainda é desconfortável. Ainda parece ser sufocada por mãos invisíveis. O ato não é real, mas é tão palpável quanto a queimadura em meus pulmões e as contrações em meu estômago.

Isso é um passo além do que quando o conheci. Naquela época, era apenas uma sensação de mal-estar. Agora, posso decifrar a razão por trás desse sentimento, é o terrível despertar de um lado meu que tanto odeio. Cada vez que vejo seus olhos, tudo que consigo pensar é em quanta depravação se esconde por trás dessa calma. E o quanto eu anseio, como nada antes.

Depois de perder minha mãe e minha filha, pensei que tinha acabado com esta vida. Eu estava cansada de querer coisas. Adrian provou que estou errada. O homem é casado, ou viúvo, e eu descaradamente gozei em seus dedos. *Duas vezes*. Eu balanço minha cabeça internamente. Não é

como se eu tivesse vindo até ele ou pudesse me afastar disso. Ele é o culpado por substituir sua esposa tão cedo.

Eu continuo brincando com Jeremy, tentando ignorar a forma como o olhar de Adrian cava em mim como se ele estivesse arrancando minha maldita pele, camada por camada agonizante. Eu só solto um suspiro quando Kolya se junta a ele e sua atenção é momentaneamente distraída de mim.

Jeremy e eu almoçamos juntos e peço a Yan que venha conosco. Depois de viver nas ruas por tanto tempo, aprendi a compartilhar minhas refeições, especialmente com pessoas com quem me sinto à vontade. Queria que Larry estivesse por perto e, como não tenho como entrar em contato com ele, de alguma forma finjo que Yan é seu substituto.

O guarda balança a cabeça enquanto Ogla me encara com um de seus olhares de julgamento por ter sugerido isso. Adrian ainda está enfiado em seu escritório e não se junta a nós para o almoço. Algo que quero ignorar, mas penso durante toda a refeição. Depois de colocar Jeremy para dormir, uma sensação de vazio ecoa em meu peito.

Até agora, o anjinho tem me mantido ocupada, mas agora que está dormindo, nada consegue. O vazio é ruim pra caralho no meu caso. Se eu não ocupar minha mente, isso vai me consumir, e isso é a última coisa que eu quero, à luz dos malditos pesadelos que normalmente não tenho. Tento procurar álcool na cozinha e volto de mãos vazias. Na minha saída, Ogla me assusta ao aparecer do nada, em sua postura rígida. A mulher está em todo lugar, eu juro.

Eu coloco a mão no meu peito. — Você me assustou.

— Você aprendeu alguma coisa sobre a Bratva?

— Sim, fiz alguns progressos. — Enquanto eu lia uma história para Jeremy.

— Que tipo de progresso?

— Eu sei que o nome do Pakhan é Sergei Sorlov.

— É Sokolov.

— Mesma coisa.

— Não é a mesma coisa, — ela repreende com severa seriedade. — Se você disser o sobrenome do Pakhan errado, o Sr. Volkov pagará o preço.

— Adrian não está bem classificado?

— Isso não o torna à prova de balas. No mínimo, ele é mais examinado do que qualquer outra pessoa e sua punição seria a mais brutal possível para dar o exemplo. Então, para tudo que é sagrado, pare de brincar e leve isso a sério.

Eu odeio que ela esteja me fazendo sentir como uma criança petulante, mas ao mesmo tempo, posso ver a sinceridade em seus olhos. Sua lealdade para com Adrian é seu incentivo e não importa o quanto eu odeie o homem, se algo acontecer com ele, Jeremy ficará órfão de pai e toda a família provavelmente irá desmoronar. Não é isso que eu quero. Uma ideia surge na minha cabeça. Como meu papel é bastante importante para Adrian, posso usar isso a meu favor.

— Eu entendo, Oglá. — Eu suavizo meu tom. — Adrian vai sair para uma pausa em breve?

— Não.

— Ele não tem que ir trabalhar ou algo assim?

Ela estreita os olhos. — Se você tivesse passado da primeira página do documento, teria visto por si mesma.

E com isso, ela se vira e sai, seus saltos bateando no corredor. Eu realmente não quero chamar ninguém de vadia, mas Oglá está indo nessa direção com louvor. Depois que pego o iPad, fico vagando até encontrar o escritório de Adrian. Como fica no andar térreo e eu já vi do jardim, não demoro muito para descobrir onde está localizado.

A porta está fechada e Oglá disse que não devo incomodá-lo quando ele estiver trabalhando, então ando na frente dela, logo desisto e decido ocupar meu tempo até que ele saia. Não é como se eu estivesse morrendo por outro confronto com o diabo.

Há uma pequena área de estar em frente ao escritório. Eu deito de costas no sofá e chuto meus sapatos, suspirando de contentamento. Uma das minhas pernas está pendurada no apoio de braço e eu uso meu braço como travesseiro enquanto leio no iPad.

Com certeza, como disse Oglá, os deveres de Adrian estão descritos na segunda página do documento. Seu trabalho consiste em encontrar as pessoas certas para subornar para a irmandade. Sua inteligência crítica permite que a Bratva de Sergei Sokolov esteja à frente de todas as outras

organizações criminosas. Como ele desempenha um papel mais secundário, Adrian geralmente trabalha em casa e raramente aparece em público.

Criminoso. Confere, confere e confere.

Não que eu esperasse algo diferente. Afinal, ele me incriminou por assassinato com muita facilidade.

Eu franzo o cenho para sua foto no topo da página. Ele está em uma grande inauguração, vestindo um smoking e segurando uma tesoura grande para cortar uma fita vermelha. O idiota é muito bonito para seu próprio bem. Ele poderia ser um pouco mais baixo ou ter uma barriga de cerveja. Inferno, ele pelo menos podia não ser tatuado. Mas não, ele tem que marcar as caixas em todas as questões.

A imagem é focada principalmente nele, mas à sua direita, há uma mulher loira vestindo um terninho elegante e um sorriso firme. Ela é deslumbrante, tão deslumbrante que um sentimento estranho cutuca meu intestino ao vê-la ao lado dele. Eu viro as páginas para ver se consigo encontrá-la no documento. Eu não tenho que procurar por muito tempo. Há uma foto dela em um vestido de noiva, e uma sensação ainda mais estranha de alívio me atinge.

Rai Sokolov é a sobrinha neta do *Pakhan* e uma figurona da empresa da irmandade, V Corp. Enquanto eu a estudo, uma sensação diferente da anterior toma conta de mim. Eu sinto que a conheço, mas de onde? Ela estava talvez em uma das instituições de caridade de quem Larry e eu recebemos comida?

A porta do escritório se abre e eu fico olhando para a frente para ser saudada por Kolya carrancudo. Adrian o segue logo depois e para ao lado de seu guarda, seus olhos escurecendo tão rápido que fico sem fôlego.

O que?

Eu fico olhando para mim mesma no caso de um dos botões da minha camisa estar desabotoado ou algo assim.

— Levante-se, — Adrian ordena.

— Por que? Estou lendo o documento que você me deu. Se eu não ler, terei problemas e, se ler, também terei problemas? Se decida.

Adrian me alcança em dois passos e me agarra pelo braço, fazendo com que o iPad caia no sofá. Eu grito quando ele me puxa para ficar de pé e desfaz o nó da minha camisa para que ela cubra suavemente minha bunda. Estou olhando, sem palavras, quando Kolya dá um breve aceno de cabeça e segue pelo corredor.

— Não se vista assim de novo. — A voz de Adrian está misturada com uma ameaça.

— Eu não gosto do guarda-roupa. É chato.

Ele enrola minha camisa em seus dedos e me puxa contra seu peito. Minhas mãos pousam em sua parede de músculos enquanto meus olhos arregalados colidem com os seus olhos frios. — Eu não poderia me importar menos sobre isso ser chato. Você não se veste assim na frente dos meus homens e com certeza não se deita como estava agora. Está claro?

— Não vejo qual é o grande problema.

— O grande problema é que ninguém olha para você do jeito que eu olho. Ninguém consegue ver o que é meu.

Aí está. O senso de propriedade. A sutil obsessão de que ele não mostra abertamente, mas pode ser sentida, no entanto.

— Eu não sou sua, Adrian.

— Isso é um não, Lia? — Sua voz abaixa e quando permaneço em silêncio, ele continua. — Eu disse ou não que você deve fazer o que eu digo? Ou sua bunda está com vontade de mais uma surra?

Eu o encaro, então rapidamente suavizo minha expressão porque o que tenho em mente é mais importante. Respirando fundo, aliso uma ruga invisível em sua camisa, algo pelo qual ele estreita os olhos, provavelmente questionando meus motivos. Eu realmente preciso fazer isso direito. Se eu ligar seus alertas, ele nunca vai me conceder meu desejo.

— Tudo bem, — eu digo a ele. — Eu farei o que você disser.

— *Mesmo?* — Ele diz a palavra, abertamente afirmando que não acredita em mim.

— Mesmo. Eu não quero ser punida novamente.

— Você não quer ser punida, — ele repete, o que estou começando a achar que é sua maneira de ler nas entrelinhas das minhas palavras.

— Eu não quero.

— Vamos ver.

— Se... — eu engulo. — Se eu for boa, não devo ser recompensada?

— Recompensada. Então é isso que você quer. Como você gostaria de ser recompensada, Lia?

— É realmente simples. Por tudo que você goste, eu recebo algo em troca.

— Você já está tendo um teto sobre sua cabeça, refeições grátis e imunidade da prisão. Você acha que pode pedir outras coisas?

— Esse era o acordo original. Você não mencionou punição naquela época, e ainda assim você os incluiu. Eu os aceitei, então agora, você deve aceitar minha sugestão.

— Você fez, entretanto?

— Eu o quê?

— Aceitou suas punições. — Seus olhos estão implorando tão intensamente que a sensação de estar sufocado retorna com força total.

— Faria diferença se eu tivesse aceito?

— Na verdade não, mas eu gostaria de saber.

— Se não faz diferença, por que importaria se você soubesse?

— Serei capaz de afirmar se devo quebrar você ainda mais, *Lenochka*. — Sua voz escurece com uma intenção oculta. — Então me diga, eu preciso melhorar meus métodos? Ou você se preparou para largar o hábito de me questionar?

Quero cravar minhas unhas em seu peito, rasgar a superfície e espiar em sua caixa torácica para ver se ele realmente tem um coração negro. Quanto mais falo com ele, mais certeza tenho de que ele não sente emoções. Que ele é um demônio com tendências psicopáticas destinadas apenas a causar estragos em tudo que está em seu caminho.

Embora eu odeie me curvar a ele tão facilmente, tenho um propósito, e antagonizá-lo é a maneira mais certa de me impedir de alcançar meu objetivo. O que eu mostro do lado de fora não importa de qualquer maneira. Por dentro, eu o abomino completamente, e isso é o suficiente para minha autoestima.

— Estou me acostumando com as punições. É justo que as recompensas também estejam incluídas.

— Eu não me importo em ser justo.

— Adrian, por favor. — Estou implorando, mas estou dizendo em um tom exasperado. — Prometo não pedir nada extravagante.

— Ainda não.

— Certo, vamos fazer assim...

— Essa é uma para o dia.

— O que? Por quê?

— O que eu disse sobre a palavra certo?

Urgh. — Certo, quero dizer, tudo bem. Tudo bem. Que tal se eu pedir apenas uma recompensa por dia?

Ele balança a cabeça.

— Uma vez a cada dois dias?

— Não.

— Duas vezes por semana?

— Uma vez por semana e irei julgar se é ou não razoável.

Eu grito. — Sim!

Na minha alegria por ter ganho uma contra o próprio diabo, me pego a ponto de abraçá-lo antes de me lembrar de quem ele é. Não importa o que ele me conceda, não serei grata. Eu não vou humanizá-lo. Adrian me encara com o que parece aprovação, e eu tento não ser pega nisso. Palavra-chave sendo *tentar*.

A atenção de Adrian é como um poderoso ímã do qual não posso escapar. Um buraco negro que engole tudo ao seu redor. Mas a verdade permanece, ele só está vendo Lia em mim. E estou longe de ser ela ou seu fantasma. Eu sou uma concha que precisa voltar ao seu estado entorpecido antes de me tornar um perigo para a vida dele e de seu filho.

Capítulo Dezoito

Adrian

Meus dedos batem contra a madeira da minha mesa enquanto eu olho para a imagem na minha tela. Kolya se senta à minha frente, me contando sobre os últimos relatórios da V Corp, mas minha concentração está dispersa e mal estou prestando atenção em suas palavras.

Lia está abraçando Jeremy, as pernas enroscadas uma na outra enquanto dormem em sua cama. Seu vestido sobe por sua coxa pálida, mal escondendo a fenda de sua bunda. Mesmo através do monitor, posso ver os vergões vermelhos na parte de trás de suas coxas da punição da noite anterior. Eu não me segurei, e ela se contorceu e se contorceu mais do que das outras vezes.

Ela quase gritou. *Quase.*

Ela desenvolveu o hábito de cochilar com Jeremy nos últimos dias. Algo que deixa meu filho em êxtase. Já se passou uma semana desde que ela se tornou parte de sua vida, e ele não tem dúvidas de que ela é sua mãe.

Nesse curto período de tempo, Lia tem feito coisas estranhas, como vesti-lo para combinar com ela e dançar com ele nos corredores, coisas que Oglá não gosta. A babá dele quase não fez nenhum trabalho, porque Lia garante que ela seja a única cuidadora, professora e companheira de jogos

de Jeremy. Em um momento, eles se tornaram inseparáveis, seu vínculo crescendo naturalmente, sem a necessidade de minha interferência.

No entanto, sua influência não é exatamente muito positiva. Embora eu esteja feliz por Jeremy estar saindo de sua concha, ela o está ensinando coisas desnecessárias, como assobiar ou correr para dentro de casa enquanto eles brincam de esconde-esconde. Costumo esbarrar neles e ela usa a presença de Jeremy como um escudo para escapar do meu questionamento.

À noite, porém, quando Jeremy está dormindo, ela não pode me evitar. No início, ela tentou me convencer de que é melhor dormir com ele porque ele precisa mais dela, mas depois que acabou sendo punida, ela começou a vir para o quarto por vontade própria.

Seus movimentos permanecem hesitantes com uma leve pontada de medo em seus olhos azuis claros. Mas no momento em que a toco, ela cai em queda livre, sem asas para mantê-la de pé. Não é por falta de resistência, porque ela resiste, lutando com unhas e dentes.

Lia ainda morde o lábio ou o travesseiro para abafar qualquer som que faça. Ela ainda me encara com desafio depois do orgasmo. Ela ainda se afasta de mim quando dorme e se aproxima da beira da cama para manter o máximo de distância possível. Ela ainda enrijece como uma tábua sempre que envolvo um braço em volta de sua cintura e aplico meu peito contra a pele delicada de suas costas.

Estou esperando que ela venha com o tempo, mas não sou um homem paciente. Correção. Eu não sou um homem paciente quando se trata dela.

Em outras partes da minha vida, sou o epítome de decisões firmes. Não me permito ficar agitado ou perder a cabeça; isso só me levará a decisões precipitadas e, eventualmente, à minha queda.

Quando se trata de Lia, porém, pareço perder de vista meu modo operante. Não ajuda que ela me desafie a cada passo do caminho. Mesmo quando ela está quebrando em meus dedos. Ela parece tão complacente quando dorme, seus lábios ligeiramente entreabertos e as linhas suaves de seu rosto em paz eterna. Se ao menos ela fosse tão dócil enquanto estava acordada. Talvez seja o rosto adormecido dela que me impede. Talvez seja o relacionamento dela com Jeremy.

Mas eu tenho evitado o inevitável há algum tempo. Eu preciso dar o próximo passo com ela antes que seja tarde demais.

— Kirill não mostrou nenhuma atividade suspeita, — diz Kolya, digitando rapidamente em seu laptop.

Quando recebeu treinamento militar, Kolya se destacou tanto no departamento intelectual quanto no físico. De certa forma, ele é o segundo em comando mais valioso de toda a irmandade. E ele é inteligente o suficiente para esconder seu valor real para que o *Pakhan* não o leve para si. Nikolai Sokolov chegou perto uma vez, mas morreu antes que pudesse lutar por ele.

— Não permita que os homens relaxem em torno de Kirill, — eu digo, ainda observando Lia. — Ele provavelmente está esperando uma oportunidade para atacar.

— Eles são meus melhores homens. Eles não o desapontariam.

— Vamos ver. — Eu paro, batendo na mesa. — Que tal Vladimir?

— Não podemos dizer com certeza. — Kolya faz uma pausa e olha por um momento para a tela de seu laptop antes de seus olhos castanhos voltarem para mim. — Ele está mantendo suas cartas perto do peito, mas como o *Pakhan* não disse nada, ele não sabe de nada.

— Ele não sabe de nada ainda. Isso pode mudar a qualquer segundo.

Kolya digita mais algumas coisas em seu laptop. — Os movimentos de Vladimir têm sido normais. Ele não fez nada incomum, exceto ir para a delegacia.

— Ele pode estar recebendo ajuda.

— De quem?

— Mikhail. Igor. *Rai*, — eu enunciei o nome dela. — Fique de olho nos três e no marido dela. Ele tem amigos assassinos e não hesitaria em usar suas informações se achar que isso a beneficiaria.

— Não é Damien e Kirill?

— Kirill não teria me dito se ele fosse escolher o outro lado. Seu jogo é diferente de assuntos internos. E Damien não se envolve em nada que não permita que ele use os punhos.

— Vou cuidar disso.

— E Kolya?

— Sim? — Ele levanta a cabeça.

— Precisamos ter um encontro com os italianos.

Seu pomo de adão balança para cima e para baixo com um engolir. Nada consegue essa reação do meu segundo em comando. Nem sangue, nem matar, nem mesmo bombardear um lugar só para me tirar de lá. Quando tínhamos vinte anos, ele matou sozinho cinco homens para me salvar de uma tentativa de assassinato.

Ele é o homem mais corajoso e leal que conheço, e foi testado ao longo dos vinte e cinco anos que nos conhecemos. O fato de ele estar até mesmo mostrando uma ponta de desconforto agora é por um motivo, e apenas um motivo.

Ele está preocupado com a minha vida.

— Eu sou contra, senhor.

— Não pedi sua opinião. Eu só disse que isso vai acontecer.

— Com todo o respeito, se Sergei ou qualquer um dos outros descobrirem, será o último golpe. Eles terão todos os motivos para questionar sua lealdade.

— Eles já fazem. Pode muito bem fazer as coisas logo.

— Suspeitar de você e ter provas são totalmente diferentes. Isso vai te matar. Você deve ficar longe dos italianos por algum tempo, até que pelo menos saibamos o que Vladimir está tramando.

— Você sabe muito bem que não tenho tempo.

– Você poderia esculpir algum.

– O tempo é como uma bomba-relógio, quanto mais espero, mais rápido estou indo para o fim.

Ele suspira pesadamente, passando a mão pelo cabelo claro.

– O que é, Kolya? Se você tem algo a dizer, diga.

– Lembra quando aquele homem tentou matar você algum tempo atrás? Corremos atrás dele, acompanhados por Damien e Kirill, mas então o encontramos morto?

– Sim. – Eu nunca poderia esquecer a única tentativa de assassinato que meu sistema falhou em identificar. Normalmente, eu encontraria o autor do crime e faria dele um exemplo. Mas não dessa vez. Não apenas o mercenário que foi enviado para me matar foi baleado na nuca, mas também encontramos evidências de alguém removendo a bala dele.

– Tenho o pressentimento de que o passado se repetirá e a solução será assassinada diante de nossos olhos.

– Desde quando você se tornou supersticioso?

– Desde aquilo. – Sua voz está dura e, embora eu saiba que suas preocupações são genuínas, também tenho certeza de que, se eu não der um passo agora, tudo vai cair como um castelo de cartas.

– Faremos a reunião no aniversário de Igor. – Eu bato meus dedos na mesa. – Faremos com que pareça normal. Se eu convencer Lazlo Luciano a nos dar um acordo com seu candidato a prefeito, isso vai apaziguar Sergei.

- Você pode jogar seu trunfo.
- Não, – eu digo com firmeza.
- Mas são tempos de desespero.
- Eu disse não, Kolya, e ponto final.

Ele afina os lábios, mas se impede de jorrar mais bobagens. Essa é uma das melhores qualidades de Kolya. Ele sabe quando ficar quieto e quando falar.

Meu olhar desliza de volta para o monitor quando percebo algum movimento. Lia envolve os braços com força em torno de Jeremy, a ponto de ele acordar. Meu corpo inteiro fica rígido e estou prestes a ir lá até que Jeremy começa a rir enquanto ela faz cócegas em seu estômago.

Meu corpo relaxa um pouco, mas continuo observando-os enquanto ela o ajuda a colocar o casaco e enrola um lenço em volta do pescoço antes de colocar seu próprio casaco e eles irem para fora. Eu navego pela câmera do corredor, depois pelas escadas, seguindo cada movimento deles.

Logo, eles se dirigem para o gazebo no jardim. Há uma câmera lá, mas eu os vejo pela janela em vez disso. Eu vejo Yan, que está parado em um canto do gazebo, postura relaxada, mas alerta. Jeremy e Lia ainda estão lutando para construir sua zona de guerra, ou melhor, ela está lutando. É a centésima tentativa, e Jeremy continua trazendo um modelo após o outro, querendo que todos terminem.

Suas sobrancelhas se juntam em concentração e ela solta um suspiro de frustração quando não funciona. Ela não tem absolutamente nenhuma

paciência, e é por isso que ela consegue obter uma punição, ou poucas, todas as noites. Ela ainda responde e berra coisas, mesmo quando sabe muito bem que isso a colocará em apuros. Às vezes, eu vejo o arrependimento, mas outras vezes, sua expressão diz sem palavras: — *Vai se foder, vai acontecer de qualquer maneira, então por que atrasar?*

Depois de algumas tentativas fracassadas, Lia chama Yan, que se junta a eles. Ela gesticula no banco, provavelmente o convidando a se sentar, mas ele balança a cabeça uma vez. Então ela se levanta, o agarra pela mão e o arrasta para o assento ao lado dela. O olhar alerta de Yan encontra o meu através da janela, e estou prestes a ir lá e espancá-lo até virar uma polpa.

Eu sei que não é culpa dele que ela tenha feito isso, mas meu cérebro não consegue olhar além da mão dela na dele. *A mão dela está na dele.*

Como se sentisse meus planos assassinos, Yan rapidamente se afasta, mas isso não apaga o fogo que está queimando meu peito. Olhando-o para baixo, faço um gesto para ele se levantar, e ele imediatamente começa a obedecer, mas Lia coloca a mão em seu joelho, forçando-o a ficar.

É isso. Eu vou matá-lo.

Eu inclino minha cabeça para o lado e faço um gesto para ele sair. Naquele momento, Lia se vira e me encara, com os olhos apertados e os lábios franzidos, então ela murmura. — Pare com isso.

Eu, parar com isso?

Eu pego meu telefone e digito uma mensagem para ela.

Adrian: *Entre aqui.*

Ela encara a tela por um segundo, seus lábios franzindo ainda mais antes de digitar de volta em alta velocidade.

Lia: Não. Estou brincando com Jeremy.

Adrian: Isso é três, Lenchka.

Seus olhos se arregalam e ela encontra meu olhar através da janela.

Lia: Não fiz nada de errado hoje.

Adrian: Você tocou em Yan duas vezes e apenas recusou uma ordem direta. Três.

Lia: Você é impossível.

Adrian: Eu vou te mostrar o quão impossível eu posso realmente me tornar se você não entrar aqui no próximo minuto.

Lia me encara pela janela, seu temperamento aumentando a cada segundo antes de digitar.

Lia: Não.

Adrian: Então diga a Yan para vir.

Uma carranca marca sua testa delicada.

Lia: Por quê?

Adrian: Então ele pode pagar por tocar em você.

Lia: Ele não fez isso. Eu fiz.

Adrian: Não importa.

O fato de ela o estar defendendo torna seu caso pior, e quanto mais ela fica do lado de Yan, mais profundo fica seu túmulo.

Lia: Você precisa de ajuda, certo?

Adrian: E são quatro.

Lia se endireita, jogando o telefone ao lado de Jeremy. Ele a encara com olhos inseguros, mas logo sorri quando ela beija suas bochechas e provavelmente diz a ele que não vai demorar. Yan também está de pé, mas permanece ao lado de Jeremy.

Kolya, que deve ter testemunhado a coisa toda, se levanta e pega seu laptop. — Eu estarei no anexo se você precisar de mim.

— O que? — Eu pergunto quando ele não tenta ir.

— Por que você mantém Yan como sua guarda quando não confia nele perto dela?

— Estou testando ele.

— Você está quebrando ele.

— Mesma coisa.

— Ainda.

— Pare de estragá-lo, Kolya. Ele não é mais uma criança. Na verdade, ele é mais astuto e trabalha sob a superfície mais profundamente do que você nem imagina.

— Você só está dizendo isso porque ele é próximo da Sra. Volkov.

— E você só o está defendendo porque se recusa a reconhecer no que ele se transformou. Você não pode ver isso?

Ele franze a testa. — Ver o que?

— Yan não é a criança que costumava te seguir aonde quer que você fosse.

Ele faz uma pausa como se quisesse dizer algo, mas pensa melhor, acena com a cabeça e sai. Eu fecho meus monitores e sigo para o meu frigobar para me servir de um copo de conhaque com gelo. No momento em que me acomodo de volta na minha cadeira, a porta se abre não tão suavemente quanto uma Lia furiosa entra e bate a fechando atrás dela.

Tomando meu tempo, eu a observo. Ela tirou o casaco e está usando um vestido rosa claro que achatou contra a curva de seus seios e cintura antes de cair nos joelhos. Suas bochechas estão vermelhas, seus lábios franzidos, acentuando o corte de quando ela os mordeu a ponto de tirar sangue.

Isso vai mudar. Mais cedo ou mais tarde, esse hábito desaparecerá. Mais cedo ou mais tarde, ela será completamente minha. Literalmente. Figurativamente. Em todos os sentidos da palavra. Eu clico no controle remoto, fazendo com que as cortinas se fechem, protegendo-nos do mundo exterior.

— O que diabos você quer? — Ela explode.

— E são cinco, *Lenochka*. — Eu aceno para ela se aproximar. — Agora, venha aqui.

Capítulo Dezenove

Winter

Meu temperamento está prestes a explodir e quebrar todo o inferno. Estou tão tentada a sair de seu escritório, para o inferno com suas punições todas as noites. O bastardo doente sempre encontra um motivo para me bater ou me chicotear, de qualquer maneira, então não é como se esta noite fosse diferente.

Ele está tornando sua missão não permitir que eu me sente confortavelmente e sentir cada chicotada de sua punição sempre que me movo. Eu constantemente sinto sua presença comigo, mesmo quando não nos vemos. É um lembrete persistente dos meus orgasmos vergonhosos e como meu corpo responde à dor como estímulo em vez de desconforto.

A pior parte é que estou ansiosa pela noite agora. Estou ansiosa para todas as coisas que ele vai fazer comigo no confinamento das paredes do quarto. Às vezes, fico imóvel pela manhã e me sinto uma vagabunda por assumir o papel de outra mulher e gozar na cama em que ela dormiu por anos. Sinto-me uma impostora e um ser humano horrível. Mas ao anoitecer, todos esses pensamentos desaparecem, exceto pela sensação de sua pele na minha. O cheiro de sua colônia. O poder absoluto de sua presença.

Digo a mim mesma para odiar, detestar, me rebelar contra isso, mas qual é o ponto? Posso abafar meus orgasmos e me afastar dele, mas ele é uma constante da qual é impossível se livrar. Ele pode ter me confiscado das ruas, mas não me forçou a desfrutar de seus cuidados. Isso foi tudo por minha conta. Eu escolhi desfrutar de sua brutalidade, seu toque, e até desejá-lo depois de uma única prova. Agora que estamos em seu escritório, parece diferente do quarto. Não há vozes me dizendo que está errado ou que este lugar pertenceu à esposa dele.

Desde o dia em que esperei por ele no sofá do lado de fora, evitei ativamente este lugar, então esta é a primeira vez que venho aqui. Como ele, seu escritório exala uma vibração masculina intensa. A área de estar tem um sofá de couro preto com encosto alto e cadeiras. Até o vidro da mesinha de centro é preto. Sua mesa de madeira marrom escura é coberta por três monitores e ele se senta em uma grande cadeira que é diminuída por seu corpo musculoso. Estou surpresa ao encontrar prateleiras do chão ao teto cheias de livros intermináveis de cada lado dele.

Eles provavelmente são apenas para se exibir.

Ele acena para mim com um dedo. — Venha aqui.

Meus olhos se arregalam quando ele leva um copo à boca e os pedaços de gelo fazem um som rodopiante, tilintando tentadoramente.

Putá merda. Álcool.

Aquela mentirosa Oglá me disse que não havia nenhum em casa. Adrian está obviamente bebendo um pouco agora. Tenho tentado ao

máximo não cometer erros para ser recompensada e pedir álcool. No entanto, minha boca geralmente me coloca em apuros, porque eu não suporto a tirania de Adrian, então acabo sendo punida todas as noites.

Ou talvez você queira ser punida todas as noites.

Enfio essa ideia na caixa preta no fundo da minha mente. Todo esse tempo, tenho mantido a esperança de ser capaz de ficar pelo menos um pouco bêbada. Agora, as coisas mudaram. Adrian tem álcool neste lugar. Se eu soubesse, teria invadido seu escritório antes.

Um plano imediatamente se forma em minha cabeça enquanto eu lentamente me aproximo dele. Sua fachada calma não me engana, porque é apenas uma camada de camuflagem para esconder sua natureza observadora. Já perdi a conta do número de vezes que o peguei me observando, seja pela janela do escritório ou enquanto estou dormindo.

É assustador e faz minha pele arrepiar, mas não é apenas por causa do ato em si. É porque ele realmente parece estar me vendo às vezes. Devido a essa habilidade, ele será capaz de descobrir se estou sendo falsa ou genuína, então escondo minha raiva enquanto balanço suavemente meus quadris.

Estou usando um vestido rosa suave que tem uma saia skatista em vez das retas com que o armário de Lia está cheio. Desnecessário dizer que demorei muito a cavar para encontrá-lo. Eu também estou usando saltos altos para adicionar um pouco de altura às minhas pernas curtas.

Meu cabelo está solto e eu fiz minha maquiagem depois que Jeremy e eu acordamos de nosso cochilo. Portanto, tenho confiança na minha aparência. O que eu não tenho confiança é na minha habilidade de jogar um jogo de sedução em alguém como Adrian. Ele não é apenas observador, mas também tem a capacidade de invadir a alma de alguém sem armadura.

Eu paro a um braço dele e inalo uma lufada de ar em meus pulmões. O cheiro de conhaque é quase suficiente para me embriagar. Eu mataria por um gole. *Apenas um único gole.* Mas não importa o quanto eu deseje, me forço a não olhar para o copo aninhado entre seus dedos magros. Se eu fizer isso, Adrian verá através de mim.

Ele inclina a cabeça para o lado como se estivesse tentando passar pelo meu crânio e espiar dentro da minha cabeça. — O que você achou que estava fazendo com Yan agora?

— Eu só o estava convidando para brincar conosco. Está frio fora do gazebo.

— Yan não brinca com você. Se ele está com frio ou congela, não é da sua conta.

— Você é sempre tão cruel, mesmo com seus próprios homens?

— Por que? — Ele inclina ainda mais a cabeça. — Você está ofendida em nome dele, *Lenochka*?

— Claro que estou. Você não merece a lealdade dele para com você.

— Não toque nele novamente. Não o convide de novo, e você nem mesmo fale com ele.

— Era inocente.

— Inocente, — ele repete, como se a perspectiva fosse impossível.

— Era.

— Inocente ou não. Isso não vai acontecer de novo.

— Ou o que? Você vai me punir? — Eu resisto à vontade de zombar, porque isso faz parte de seu *modus operandi*.

— É óbvio. No entanto, esse não é o único preço. Qualquer pessoa que se atrever a tocar em você também pagará. Na verdade, se eu pegar alguém olhando para você, eles vão desejar nunca ter nascido.

— Você está falando sério? — Eu sei que ele está, então minha pergunta é retórica na melhor das hipóteses, mas Adrian concorda mesmo assim.

— Vá em frente e me teste, *Lenochka*. Se você preferir ver esse lado meu mais cedo ou mais tarde, se quiser testemunhar Yan sendo espancado até que alguns ossos sejam quebrados, você pode manter essa atitude.

— Você é louco. — Minha voz treme quando as imagens de Yan sendo espancado atingem minha cabeça.

— Você não viu nada da minha loucura, então não me provoque.

— Você é um ditador de merda. Eu não sei como diabos Lia ficou com você todo esse tempo. Se eu fosse ela, já teria ido embora há muito tempo.

Lamento as palavras assim que as digo. Adrian acredita piamente que sou Lia, e acabei de quebrar o feitiço que ele aceitou como verdade por uma semana inteira. Sua expressão escurece e fico tentada a sair correndo

da sala. Melhor ainda, toda a maldita casa. Mas algo me mantém enraizada no lugar.

Deve ser o álcool. Não. É definitivamente o álcool que está me fazendo ficar aqui. Adrian me agarra pelo pulso e eu grito quando minha bunda latejante encontra a borda da mesa. Ele rola a cadeira para frente e abre as pernas, me prendendo entre elas.

O calor de sua pele me captura em suas profundezas escuras, me puxando para baixo, apesar de tudo. Estamos separados por sua calça e meu vestido, mas isso nem importa. O controle que ele tem sobre mim é magnético e está cada vez pior, não melhor.

Ele envolve uma mão possessiva em volta do meu quadril e eu estremeço enquanto ele fala calmamente. — Você teria ido embora?

— Sim, — eu sussurro com sinceridade, porque não adianta mentir agora. Ele vai ver através disso.

— Mas como você teria saído quando era monitorada?

Eu levanto meu queixo. — Eu teria encontrado uma maneira.

— Como...

— Me vestindo de empregada doméstica ou de entregador ou algo assim.

Seus lábios se inclinam no que se assemelha a um sorriso, mas não é. Eu o vi todos os dias durante uma semana inteira e nunca o vi sorrir, nem

mesmo quando ele fala com seu filho. — Como você escaparia dos meus guardas e segurança?

— Não sei. Um deles certamente teria pena de mim e me ajudaria.

— Teria pena e ajudar você. Interessante. — A maneira como ele medita sobre as palavras faz parecer que tudo isso é uma situação real, não hipotética.

Eu encolho os ombros. — Nem todo mundo é tão cruel quanto você.

— E depois? — Ele investiga.

— Então o que?

— Digamos que você tenha conseguido escapar. Como você sobreviveria no mundo exterior?

— Eu deixaria o estado e iria para o Sul e trabalharia como garçoneiro ou algo assim.

— E você acha que se livraria de mim tão facilmente?

— Eu poderia tentar.

— E se eu te pegasse? E se você falhasse?

— Eu tentaria novamente. Eu não pararia de tentar até conseguir.

Sua mandíbula aperta como se eu tivesse acertado um soco em seu rosto, e seus dedos cavam dolorosamente na minha lateral. — Você não terá sucesso, Lia. Nunca.

— É apenas uma situação hipotética. — Eu me contorço. — Aí. Isso machuca.

Ele afrouxa o aperto no meu quadril, mas não me deixa ir. Seu rosto ainda está fechado e não sei por quê. É porque Lia já tentou fugir antes? Espero que ela tenha conseguido. Uma sensação estranha se apodera de mim com o pensamento de que sua fuga só poderia ter sido bem-sucedida porque ela acabou morta.

A conversa escureceu suas feições, suas maçãs do rosto parecem mais nítidas, mais duras, como se fossem capazes de cortar. Eu realmente não quero que ele fique mal-humorado quando eu precisar daquela bebida agora, então eu limpo minha garganta, apontando para a biblioteca. — Você leu algum desses?

— Por que? Interessada em ler um?

— Não, obrigada. Eu mal estou terminando aquele documento grosso como o inferno.

— Não é uma leitora?

— Não. Eu prefiro música. — Eu faço uma pausa. — Você provavelmente também não é um leitor e só os guarda para mostrar.

— Eu li todos os livros deste escritório.

— De jeito nenhum.

— Sim, eu costumava sentar e ler o máximo possível quando meu pai estava trabalhando aqui.

Lembro dos memorandos do documento que mencionava seu pai, Georgy Volkov, que também era um líder da *Bratva*. Sua foto mostrava que ele tinha feições sombrias e assustadoras, como se ele fosse partir uma pessoa em duas se ela apenas falasse com ele. Adrian compartilha algumas de suas características, mas sua aparência e físico são mais sofisticados que os de seu pai. Ele pode facilmente ser considerado um cavalheiro honrado em público, quando na verdade ele é um servo do diabo.

Georgy faleceu quando Adrian tinha vinte e poucos anos, e Adrian herdou tudo, expandindo sua influência até se tornar quem é hoje.

No entanto, não houve menção à mãe dele, então pergunto. — Sua mãe influenciou seus hábitos de leitura?

Ele levanta uma sobrancelha como se não esperasse essa pergunta. — Pode ser.

— Isso é um sim ou um não?

— Nenhum. É por isso que é um talvez.

Eu estreito meus olhos para ele. Ele está me provocando?

— Por que sua mãe não estava no documento?

— Porque ela não existia.

— Oh. Ela morreu quando você era jovem?

— Algo parecido.

Todas as suas respostas são, na melhor das hipóteses, vagas. Não consigo descobrir o que ele está tentando dizer ou não, mas, ao mesmo

tempo, ele não recusa completamente minhas perguntas. Se qualquer coisa, a pequena conversa o deixou um pouco mais solto ao ponto em que seu aperto em volta da minha cintura parece íntimo. Não é mais para garantir seu controle sobre mim, mas mais como se ele quisesse me tocar.

— Você teve uma infância como a de Jeremy? — Eu pergunto.

— Como a de Jeremy?

— Tipo, seu pai estava ausente e sua mãe teve que cuidar de você?

— Foi o contrário.

— Sua mãe estava ausente? — Ele não diz nada, seus olhos olhando para mim, mas não parecendo que estão me vendo. Sinto como se estivesse perdendo o controle dele, então deixo escapar. — Se você teve um pai ausente, não deveria sentir mais a situação de Jeremy?

Parte da luz volta para seus olhos com a menção de seu filho. — O que tem a situação de Jeremy?

— Ele mal vê você, embora você trabalhe principalmente em casa.

— Nós nos vemos muito bem.

— Você já leu para ele uma história de ninar?

— Ele superou aquilo.

— Ele tem apenas cinco anos, Adrian. Ele não superou as histórias de ninar. Além disso, ele sente sua falta.

— Como você saberia disso?

— Toda vez que fazemos algo, ele nunca deixa de mencionar quando fez com você ou o que você disse a ele sobre isso. Ele está olhando para você o tempo todo; por que você não olha para ele? — Minha voz engasga e tento limpar minha garganta.

Ele não sabe a sorte que tem por ter um anjo como Jeremy como filho. Adrian enxuga o polegar sob meu olho, sua expressão mais calorosa, quase como se ele não quisesse que eu chore. O idiota não parece se importar quando estou soluçando meus orgasmos enquanto ele está me punindo.

— E você? — Ele sussurra.

— Eu?

— Você olha para mim?

— Eu não tenho nenhuma razão para olhar para você.

— Não?

— Não. Lamento se você pensa que sou sua esposa, mas não sou.

— Sim, você é, Lia.

— Meu nome é Winter.

A escuridão que pensei ter desaparecido bate de volta em seus olhos. — São seis.

— Você não pode apagar meu nome. É Winter. Pelo menos me chame assim quando formos nós dois.

— Sete, Lia.

Eu aperto meus lábios, sentindo mais lágrimas brotando dos meus olhos. Não sei por que o fato de ele se recusar a me chamar pelo meu nome tem esse efeito sobre mim, por que parece que ele está me abrindo mais do que qualquer uma de suas punições faria. Não deveria, e ainda assim, um sentimento mórbido corrói minhas entranhas, exigindo que eu ganhe isso.

Porque a cada dia que passa, minha verdadeira identidade está se desintegrando e eu sinto que vou me tornar Lia em um momento.

— Você pode jogar seus jogos doentios o quanto quiser, Adrian, mas não será capaz de apagar quem eu sou. O *que* eu sou.

— Oito.

Eu deveria cortar minhas perdas e manter minha boca fechada, mas não o faço. Eu não posso. Ele tem que saber que eu sou eu mesma, que ele não pode me transformar em sua esposa morta.

— Meu nome é Winter Cavanaugh e nasci em Michigan. Meu pai morreu quando eu era um bebê, e minha mãe nos mudou para Nova York por motivos de trabalho.

— Cale-se.

— Não! Você vai ouvir, porque eu não sou apenas uma boneca inflável que está interpretando o papel doentio de sua esposa morta. Eu sou humana. Eu tenho sentimentos. Eu sinto. — Eu respiro fundo antes de continuar. — Depois que minha mãe nos mudou para cá, eu fiz aulas de balé, mesmo sendo caras pra caralho. Quando mamãe não podia mais pagar por elas, minha professora me colocou sob sua proteção como um

caso de caridade e pagou por elas em nome da minha mãe, porque ela não suportava ver meu talento ir para o lixo. E sabe de uma coisa? Eu era uma bailarina brilhante do caralho. Eu deixei todos os meus colegas verdes de inveja porque eu tinha tornozelos fortes e podia ficar na ponta desde os malditos onze anos. Eu era muito boa. Mas foi também quando as meninas ricas começaram a me atacar, me chamando de caso de caridade. Você sabe o que é crescer pobre, Adrian? Claro, você não sabe. Você teve seu pai rico da máfia.

— Você vai calar a boca?

— Não. Você vai ouvir. Desta vez, você vai ouvir, porra. Fui recrutada como reserva no New York City Ballet quando tinha dezesseis anos. Achei que a vida de minha mãe e eu se tornaria um arco-íris. Mas não, os dançarinos de lá não gostaram de mim e me informaram disso. Eles me intimidaram, trocaram meus sapatos amaciados por novos. Eles roubaram meus band-aids, protetores de dedo e minhas bandagens elásticas e rasgaram minha malha antes de apresentações importantes para me impedir de subir no palco. Mas eu tinha uma amiga que me ajudou. Ela me deu uma mão e me protegeu. Ela me deixou dançar em seu nome às vezes. Ela me protegeu ao longo dos anos e, embora suas habilidades não fossem diferentes das minhas, ela se tornou a primeira bailarina aos vinte anos. Não fui muito longe. Eu só fiquei lá, em segundo plano, como uma ninguém, mas não me resenti dela por isso. Fiquei feliz por ela. Comemorei com ela e fiquei grata por poder manter um teto sobre nossas cabeças. Mas você sabe o que aconteceu a seguir? Descobri que foi ela quem me manteve em segundo plano. Todo o seu bom comportamento foi

um estratagema para me manter sob seu controle. Eu fui tão estúpida. Tão estúpida pra caralho. Eu odiei tanto dançar depois disso, então parei. Deixei aquele mundo e tudo o que veio com ele. Mas ela nunca saiu da minha mente. Ela ficou por trás disso e em meus pesadelos. Ela estava lá quando eu era uma garçonete ninguém, vendo seus pôsteres nas ruas. Ela disse que queria um último favor. Ela teve a porra da coragem de pedir um favor. Mas eu não poderia dizer não, e você sabe por quê? Porque minha mãe estava morrendo e eu estava grávida de um maldito homem cujo nome não me lembro e minha filha nasceu com pulmões fracos. Aceitei a oferta da bailarina famosa, que incluía ter minha filha recém-nascida arrancada de minhas mãos logo depois que ela nasceu. Quando contei a minha mãe o que estava fazendo para garantir nosso futuro, ela me amaldiçoou, mas não parei. Eu não tinha o luxo de parar. Eu não tinha sucesso, no entanto. Tive um acidente onde minha cabeça quase rachou. Quando acordei no hospital, minha mãe havia partido. — Estou chorando agora, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Os pulmões da minha garotinha desistiram dela e ela a seguiu logo depois. Foi assim que acabei nas ruas. Foi assim que me tornei a sombra de uma pessoa, uma sem-teto, uma ninguém. Então não, Adrian. Eu não sou Lia. Meu nome e identidade são as últimas coisas que tenho, então não se atreva a tirá-los também.

Estou ofegante quando termino de contar minha história a ele. Eu nunca esperei deixar escapar como se as palavras estivessem queimando minha língua. A única outra pessoa que sabe sobre minha história é Larry, e eu só contei a ele aos poucos. Não de uma vez como eu acabei de fazer.

Se eu esperava simpatia de Adrian, ele não mostra nenhuma. Sua expressão permanece a mesma. — Qual foi o favor que ela pediu a você?

— O que?

— Você disse que ela te pediu um favor. O que foi isso?

— Por que você quer saber?

— Me diga.

— N-Não.

Ele estreita os olhos. — Por que não?

— Porque não tenho orgulho disso.

— Você disse que não deu certo.

— Eu queria. Acho que é isso que conta para mim.

Ele fica em silêncio por um segundo e eu acho que ele vai me fazer outra pergunta, mas ele não faz. Seus ombros ficaram visivelmente tensos sob sua camisa cinza claro e a intensidade sutil em seus olhos está se intensificando a cada segundo. Se eu não soubesse melhor, diria que ele estava com raiva. Mas por que? Porque eu não respondi sua pergunta?

— Suba na mesa, Lia.

Qualquer esperança que eu tivesse de que ele me chamasse pelo meu nome se estilhaça e se dispersa no fundo. Dói mais do que qualquer coisa que ele fez para mim. Pior do que as chicotadas do cinto e o tapa das mãos. Pior do que ele me privando de álcool. Porque, neste momento, eu percebo

que ele nunca vai me ver. Que, assim como no balé, sou apenas a sombra de outra pessoa.

Um ninguém insignificante.

Capítulo Vinte

Winter

Quando levo mais de um segundo para chegar na mesa, Adrian passa as mãos em volta da minha cintura, me levanta e me coloca nela.

Agora estou em visão direta de seu olhar implacável. Eu quero gritar e berrar, bater e arranhar. Eu posso sentir um ataque de raiva ou um colapso, ou ambos, crescendo no fundo do meu cérebro, mas eu os controlo enquanto olho para a parede atrás dele.

— Levante as pernas e abra, — ele ordena.

Eu faço o que ele diz, meus saltos plantados na beirada da mesa. Meus movimentos são mecânicos na melhor das hipóteses e sou grata por isso. Espero que o entorpecimento me domine, porque é disso que preciso agora. Se eu estiver entorpecida, não vou sentir as pontas afiadas cavando em meu coração. Se eu estiver entorpecida, não irei odiar uma mulher morta porque ela ainda vive através de mim. Porque ela ainda está viva para Adrian enquanto eu não existo.

— Olhe para mim.

Eu não olho, meu olhar foi roubado pela parede branca atrás dele.

— Lia.

Eu não sou Lia. Pare de me chamar de Lia. Mas eu não digo isso, porque não importa. Não para Adrian.

— Isso é nove.

Eu permaneço em silêncio. Ele pode fazer o que quiser com meu corpo. Ele já pensa que é Lia em vez de meu, de qualquer maneira.

— Dez. — Ele olha para o relógio. — A contagem aumentará a cada minuto que você não olhar para mim, porra.

Meu olhar desliza para o dele, e espero que esteja tão morto quanto eu me sinto. Espero que ele veja a crueldade do que está fazendo comigo, da maneira como está apagando minha identidade. Mas ele se importaria se fosse esse o caso? Será que ele perderia um segundo de seu precioso tempo pensando no que sente a mulher que trouxe da rua?

Ele não se importa.

Adrian leva o copo de conhaque aos lábios e a maior parte do gelo derreteu. Eu quero um gole mais do que qualquer coisa no mundo. Isso vai apagar meus sentimentos e me deixar entorpecida novamente. Se eu estiver bêbada, não vai doer que ele esteja vendo outra mulher através de mim.

Parecendo notar minha concentração em sua bebida, Adrian faz uma pausa antes de se levantar. — Fique aí e levante seu vestido.

Eu faço o que ele diz, observando enquanto ele se dirige ao frigobar e enche o copo com mais gelo e um pouco de álcool.

Quando ele volta, estou segurando o vestido contra a barriga, sentada na mesa, seminua, apenas com minha calcinha de renda branca cobrindo minha boceta. Ele senta em sua cadeira e toma outro gole de seu conhaque como se estivesse me provocando. Quando ele libera seus lábios do copo, ele chupa algo em sua boca antes de se inclinar e pressionar seus lábios frios na minha coxa.

Eu suspiro e me seguro em uma mão. Ele beija o caminho até minha coxa, correndo a ponta do gelo sobre minha pele aquecida. Ele derrete em questão de segundos, deixando trilhas geladas e quentes em seu rastro. Adrian pega outro, com os dentes desta vez, e pinta um novo rastro, pegando de onde o primeiro parou.

Eu momentaneamente perco o conhaque, toda a minha atenção concentrada em onde o gelo encontra minha pele, em como seus lábios roçam levemente minha coxa, sua barba criando um atrito insuportável. Minha cabeça rola para trás e mordo meu lábio inferior enquanto tento fechar minhas pernas.

- Mantenha aberta, — ele ordena, com o copo a meio caminho da boca.
- Quantos?
- O-O quê?
- Você se esqueceu de contar, *Lenochka*?

Oh, então esta é sua versão doentia de punição hoje. Eu prefiro a dor lancinante. Pelo menos assim posso pensar nele como um psicopata pervertido que deveria odiar.

— Lia...

— D-Dois. — Minha voz treme e odeio esse nome e ele e a maneira como ele está me fazendo sentir invisível.

Ele umedece os lábios e desliza mais dois cubos de gelo pela parte interna da minha coxa antes de passar para o outro, dando-lhe a mesma atenção atormentadora. Estou delirando pelo oitavo. Ele sempre para bem antes de seus lábios ou o cubo de gelo tocarem a bainha da minha calcinha, como se ele estivesse fazendo isso de propósito, me torturando de propósito, me transformando em uma versão de mim mesma que não reconheço de propósito.

Estou uma bagunça ofegante, meu coração batendo mais forte e fora de sincronia, enquanto ele abaixa minha calcinha pelas minhas pernas, em seguida, joga no chão. Ele é deliberado, lento, como se soubesse exatamente o efeito do que está fazendo comigo.

— Quantos, Lia?

— Oito... — eu expiro.

Ele toma um gole do conhaque e coloca outro cubo de gelo entre os dentes. Eu respiro fundo ao vê-lo molhando seus lábios, pingando em seu queixo mal barbeado. Mas essa é toda a visão que eu tenho antes que ele desapareça entre minhas pernas. Ele coloca o gelo contra minhas dobras encharcadas e eu empurro a superfície rígida.

Não importa o quanto eu antecipei o contato, no momento em que acontece, é como se todos os fogos de artifício e explosões que eu nunca pensei que seriam possíveis.

Adrian agarra minhas coxas, me prendendo no lugar enquanto empurra o cubo contra meu ponto mais sensível. A temperatura fria supostamente afoga minha libido, mas ela só fica mais forte. Pode ser porque minha temperatura quente derrete em um segundo ou por causa do toque deliberado de Adrian ou sua língua contra o meu clitóris.

Assim que o cubo desaparece, ele pega outro e abandona o copo sobre a mesa. Eu deveria aproveitar a chance e tomar um gole, mas não consigo me mover. Estou presa no lugar e não é por causa de seus dedos cravando em minhas coxas. Se eu remover minha mão, sinto que de alguma forma vou cair.

Adrian empurra o gelo contra minha entrada e eu grito antes de morder meu lábio para esconder o som. Ele não para por aí, no entanto. Sua língua mordisca meu clitóris enquanto dois de seus dedos empurram o gelo dentro de mim. Minhas costas arqueiam e a ponta do calcanhar quase cai da borda da mesa.

Ele me bate com força, diligentemente, como se estivesse me punindo e recompensando ao mesmo tempo. Como se ele estivesse adorando meu corpo e lhe ensinando uma lição, tudo de uma vez. Eu posso sentir o gelo derretendo dentro de mim, e isso só aumenta o prazer que posso sentir através do meu clitóris. Seus dentes estão enviando choques elétricos ao

meu núcleo. Ele chupa, mordisca e depois passa a língua contra aquela parte secreta de mim que ele não deveria conhecer tão bem.

Minha cabeça bate contra um dos monitores curvos quando gozo com um grito abafado. Incapaz de segurar o vestido, eu o deixo cair, cobrindo sua cabeça enquanto cavalgo na onda. Minhas pernas desistem da luta de ficar na mesa e caem, tremendo e pendendo da beirada da mesa.

Adrian emerge de debaixo do meu vestido, lambendo os lábios. Eu olho para longe dele enquanto recupero o fôlego. Eu não quero olhar para ele, para a arrogância gravada em seu rosto, para a maneira como ele é tão presunçoso por me possuir. Sobre como eu sou a porra da *Lenochka* dele.

Eu não sou.

Ele agarra meu queixo com os dois dedos e me força a olhar para ele. — Você não contou.

— Nove. Dez. — Minha voz está um pouco acima de um murmúrio quando olho para sua mão. Ele leva o copo de conhaque aos lábios e meu coração se parte.

Ele vai terminar e eu não vou ganhar nada com tudo isso.

— Você quer esta bebida? — Ele pergunta com indiferença, como se não estivesse vendo a ansiedade no meu rosto.

Ele está jogando um jogo doentio, mas não importa o quanto eu queira aquela bebida, não vou jogar em sua mão.

— Qual é o ponto? Você apenas dirá não.

— Você pode provar.

— Mesmo? — Pareço tão desconfiada quanto me sinto.

— Venha aqui. — Ele me puxa pelo braço e eu tropeço até ficar de pé com as pernas trêmulas na frente dele. Ele me vira e me senta em seu colo, então eu fico de frente para a mesa.

Minhas costas estão coladas à sua sólida parede de músculos e minhas pernas estão enfiadas entre as dele. Uma protuberância cutuca meu traseiro dolorido, e leva tudo de mim para permanecer imóvel, para não me contorcer ou me mexer contra ele.

— Prenda seus pés na cadeira, *Lenochka*. Eu quero ter acesso à sua boceta enquanto você bebe.

Eu faço o que me foi dito e coloco meus pés em volta da cadeira, o que naturalmente abre mais minhas pernas. Sua mão livre serpenteia por baixo do meu vestido até que ele me abraça. Um arrepio me atinge e tento não me transformar em uma folha trêmula em seus braços.

Adrian esvazia o copo, deixando apenas um gole para trás. — Abra sua boca.

Eu não quero, eu realmente não quero, porque minha boca é o lugar de onde todos aqueles ruídos embaraçosos virão, mas ele não está realmente me estimulando agora. É sobre álcool.

Eu lentamente abro minha boca. Mas em vez de me oferecer as gotas restantes de conhaque como eu esperava, Adrian engole, e antes que eu possa protestar, ele deixa o copo cair na mesa enquanto os dedos da outra

mão envolvem minha garganta e levantam meu queixo. Seus lábios encontram os meus e eu reconheço o gosto rigoroso do álcool. É leve, mas é o suficiente para subir à minha cabeça.

Na verdade, não. Não é o álcool que sobe à minha cabeça. É um sabor totalmente diferente. Adrian.

Ele chupa minha língua em um beijo de boca aberta, tomando, explorando e roubando todo o meu bom senso. É macio, mas duro. Apaixonado, mas exigente. Assim como ele me lambeu nem um minuto atrás.

Adrian nunca me beijou antes e, ainda assim, parece que estamos nos beijando desde que nos conhecemos. Como se beijar fosse o ponto alto de nossas existências. Ele está tão interessado nisso, como se estivesse tentando atrair algo para fora de mim usando minha boca. Seu vigor desencadeia o meu e eu não posso evitar a necessidade de beijá-lo de volta, de tentar dar o quanto ele dá. Estou tão em sintonia com ele que meu corpo parece que está se fundindo com o dele.

Eu fico bêbada com ele, não com o álcool. Ele mergulha dois dedos dentro de mim e eu gemo em sua boca. Um gemido escapa dele como se o som fosse a melhor excitação que ele já ouviu. Quero me afastar de sua boca, abafar minha voz como costumo fazer, mas Adrian me mantém no lugar enquanto enfia os dedos dentro e fora de mim. Eu suspiro quando ele adiciona um terceiro, me enchendo como nunca antes.

Jesus.

Adrian devora meus lábios e minha língua enquanto bate seus dedos dentro e fora de mim. Eu mexo minha bunda contra sua coxa, desesperada pela liberação que só ele pode trazer. Ele fica duro como uma rocha, seu pau crescendo a cada segundo. Um toque de medo misturado com antecipação rola por mim.

Se seus três dedos estão me enchendo, como seu pau se sentiria? Eu vi algumas vezes quando ele me fez vê-lo gozar com as próprias mãos. Eu sei que é enorme quando é duro, e eu realmente não deveria estar pensando sobre isso dentro de mim agora, em vez de seus dedos. Mas o mero pensamento é suficiente para me levar ao limite.

Eu me afasto de seus lábios e mordo seu braço que está segurando minha garganta enquanto eu gozo. Deve doer como o inferno, mas Adrian não faz nenhum som. Se qualquer coisa, ele permanece parado, até mesmo seus dedos param enquanto eu cavalgo a onda do meu orgasmo.

Estou respirando pesadamente, meus dentes e lábios ainda enrolados em seu braço, quando ele pergunta baixinho. — Você vai me deixar ouvir sua voz?

Eu libero seu braço para olhar para ele, para a ligeira ruga em sua testa, para a decepção que posso sentir em sua postura.

— Você vai me chamar de Winter? — Eu murmuro de volta.

Ele balança a cabeça uma vez.

Eu quero chorar. Eu quero cair da cadeira e me tornar um com o tapete. Mas, em vez disso, digo. — Então você nunca ouvirá minha voz, Adrian. Porque é minha, não de Lia.

Há uma pequena batida na porta antes que ele possa dizer qualquer coisa. Eu congelo, meu coração trovejando no meu peito. Eu não tranquei, e se alguém entrar, eles vão me ver sentada no colo de Adrian com seus dedos bem dentro de mim.

— Quem é? — Adrian pergunta com sua voz forte, sem tentar me deixar ir. Ele tem tanta certeza de que ninguém abrirá a porta, mas, novamente, este é o seu castelo. Por que alguém em sã consciência o desafiaria?

— Papai, a mamãe está aí?

Eu engasgo com a voz de Jeremy e tento escapar do aperto de Adrian, mas ele me mantém unida a ele pelos dedos dentro de mim.

— Me deixe ir. Seu filho está lá fora.

Ele está olhando para mim quando fala com Jeremy. — Sim.

— Posso entrar? — O menino pergunta.

Eu balanço minha cabeça freneticamente, mas Adrian diz. — Sim.

— Você é louco? — Eu assobio baixinho.

— Você disse que eu não passo muito tempo com ele.

— Não foi isso que eu quis dizer... — minhas palavras morrem quando a porta se abre e Jeremy trota para dentro, carregando um de seus soldados

de brinquedo. Eu coloco meus pés para baixo e aliso o vestido nas minhas coxas para esconder a posição em que seu pai está me segurando.

— O que você está fazendo? — Jeremy para à nossa direita, seus olhos inocentes indo de mim para Adrian.

Seu pai permanece em silêncio, deixando a bola no meu campo. Idiota. Eu engesso um sorriso. — Seu papai estava me mostrando algo.

— Mesmo?

Adrian envolve um braço em volta da minha cintura e encosta o queixo no meu ombro. O gesto é novo e parece íntimo, ainda mais do que seus dedos dentro de mim, e isso me faz estremecer. — Mesmo.

— Posso ver também?

— Não! — Eu estalo, então sorrio. — Quer dizer, eu estava indo até você para que pudéssemos brincar juntos.

— Papa pode vir também? — Jeremy pergunta lentamente, quase timidamente, e eu quero dar um soco em Adrian por fazê-lo se sentir assim.

— Eu vou, *Malysh*.

Os olhos de Jeremy se erguem ao mesmo tempo que os meus, e nós dois dizemos. — Você vai?

Adrian me lança um olhar divertido. — Eu vou.

Jeremy pega minha mão e tenta me puxar com ele. Dou uma cotovelada em Adrian para que ele me solte e ele o faz, mas não antes de morder.

minha orelha. Ele pega um lenço de papel e limpa a mão antes de rapidamente pegar minha calcinha do chão. Minhas bochechas em chamas. Eu esqueci completamente que ela estava lá.

Em vez de jogá-la no lixo ou esconder em uma de suas gavetas, Adrian enfia no bolso da calça. Abro a boca para protestar, mas me lembro de Jeremy está aqui. Ele enfia o soldado no bolso e coloca a mão na de seu pai, não a que estava dentro de mim, graças a Deus.

Adrian segue o exemplo de seu filho enquanto ele nos leva para fora do escritório, falando sobre seus soldados. Pelo menos um de nós está confortável. Sinto que minhas pernas vão parar de me segurar de tanto tremer.

— Ei, papai. — Jeremy encara seu pai.

— Sim? — Percebo que a voz de Adrian é mais suave quando ele fala com seu filho. Ainda tem essa intensidade, mas ele não direciona para Jeremy.

— Posso ficar com a mamãe?

Os olhos cinzas de Adrian deslizam para mim antes que ele se concentre em seu filho novamente. — Você já faz.

— Agora não. À noite. Quero que a mamãe durma comigo, mas ela disse que tenho que pedir isso a você.

As chamas sobem pelas minhas bochechas. O garoto levou a sugestão a sério.

— Ela disse, hein? — Adrian encontra meu olhar com um pequeno sorriso que me deixa sem fôlego. Puta merda. Não é nem mesmo um sorriso completo, mas sinto que estou sendo atacada.

— Uh-huh, — Jeremy diz, alheio à tensão que está crescendo no ar. — Então, eu posso ficar com ela?

— Você já a tem durante o dia, então não.

— Por favor, papai.

— Você quer que eu fique sozinho, *Malysh*?

— Não.

— Então você tem que me dar sua mãe durante a noite.

— Você também precisa da mamãe, papai?

Adrian faz uma pausa antes de dizer calmamente, assertivamente. — Eu faço.

Meu coração dispara, trovejando e apertando contra minha caixa torácica como se quisesse escapar de seu confinamento. Suas palavras não deveriam ter esse efeito em mim. Eu deveria pensar que ele só precisa de mim porque ele quer sua dose diária de me punir, mas o olhar em seus olhos diz algo completamente diferente. Seus olhos, que eu sempre achei desconfortáveis, agora estão sufocando, tentando colocar palavras que eu não quero ouvir.

— Tudo bem, papai. — Jeremy sorri para mim. — Vamos compartilhar a mamãe então.

— Obrigado, *Malysh*. — Adrian sorri para seu filho, e sou mais uma vez pega de surpresa por isso.

Que direito ele tem de sorrir assim?

Adrian me ajuda a colocar meu casaco e abotoá-lo até o topo antes de enrolar um lenço em volta do meu pescoço. Então ele faz o mesmo por Jeremy e o levanta nos braços. Não quero me concentrar nisso, em como ele pode ser um pai amoroso, mas a cena toca algo dentro de mim enquanto saímos. Nós três sentamos no gazebo, onde a zona de guerra de Jeremy ainda está pateticamente incompleta. O anjinho se instala entre nós com seus pés balançando alegremente enquanto sua atenção voa de mim de volta para seu pai. Quem sabe quanto tempo faz desde que seus pais brincaram com ele?

— A mamãe não sabe como fazer isso, papai.

Os lábios de Adrian se contraem um pouco.

— Ei, isso não é verdade. Eu estava indo devagar, então ele aprenderia.

— Muito lento, aparentemente. — Adrian estuda as peças erradas encaixadas. — Tem certeza de que não é você quem está aprendendo?

Eu flexiono meus dedos. — Sim eu tenho certeza.

— Você é uma péssima mentirosa, *Lenochka*.

— Eu não estou mentindo.

— Isso é o que todos os mentirosos dizem.

Eu fico olhando para ele por cima da cabeça de Jeremy, e ele me encara de volta, uma expressão fácil, quase extrovertida em seu rosto. — Como você pode saber quando alguém está mentindo tão facilmente?

— Então você admite que estava mentindo?

— Não. — Eu murmuro um ‘Jeremy,’ para que ele não me rotule como uma mentirosa na frente dele.

Os lábios de Adrian esboçam um pequeno sorriso. Santo inferno. Fico feliz que ele não sorria com muita frequência porque eu teria uma parada cardíaca ou algo assim. Ele parece estar de muito bom humor agora e me pergunto o que o desencadeou. Foi infligir minha punição em seu escritório ou simplesmente estar aqui comigo e Jeremy? Conhecer seu caráter controlador e dominante, é provavelmente a primeira razão.

Ele pega algumas peças do jogo de Jeremy e as monta sem quebrar o contato visual comigo. — A menos que você seja treinado para mentir, as pessoas contam. A fricção do nariz ou da mandíbula, inquietação ou olhar em uma direção diferente para conjurar uma mentira. A razão para isso é porque mentir não vem naturalmente e consome muita energia, então a maior parte do oxigênio do sangue corre para o cérebro, deixando o resto dos membros dormentes ou frios. É por isso que você tem flexionado os dedos.

Eu aperto meus dedos no material do meu casaco e Adrian me encara com diversão absoluta, sem dúvida encontrando diversão em me encurralar.

Jeremy me lança um olhar de desaprovação. — Mentir é ruim, mamãe.

— Eu não estava mentindo, Jer. — Eu suavizo meu tom, mesmo enquanto olho para Adrian.

— Tudo bem, — ele concorda prontamente como o anjinho que é. — Ensine a mamãe como fazer minha zona de guerra, papai.

— Hmm. — A cabeça de Adrian se inclina para o lado na minha direção. — Acho que vou.

Eu franzo os lábios para ele, mas ele apenas estende a mão para enrolar o lenço em volta do meu pescoço antes de começar a trabalhar. Ele literalmente termina de construir toda a zona de guerra em menos de quinze minutos. Tento não ficar impressionada, mas fico.

— Oba, papai! — Jeremy beija seu pai na bochecha, alegria brilhando em seus olhos arregalados.

Adrian me encara. — Acho que sua mãe deveria mostrar apreciação também, não deveria, *Malys*h?

— Sim, mamãe! Beija o papai.

Eu olho para Adrian pela maneira como ele está manipulando uma criança, mas não faço disso um problema enquanto me inclino e pressiono meus lábios na barba por fazer em sua bochecha. Por uma fração de segundo, parece normal, como se fôssemos na verdade uma família que está no jardim, fazendo coisas familiares.

Estou prestes a me afastar quando meu olhar se desloca para cima. Não sei por que olho na direção da pousada em um momento como este. Eu não sei por que meus olhos sobem imediatamente. Tudo que sei é que não deveria. Eu realmente, realmente não deveria.

Uma figura me encara da janela. Seu rosto está tão pálido quanto sua camisola, mas seus olhos são de um azul violento enquanto ela me encara.

Meus olhos.

O fantasma que Jeremy mencionou está olhando para mim e ela parece pronta para me matar.

Capítulo Vinte e Um

Winter

— Levante os braços.

Eu sigo o comando de Adrian para que ele possa deslizar a camisola de seda sobre o meu corpo. É uma sensação suave, calmante, mas ainda é muito contra a minha pele sensível. Acabamos de terminar outra sessão de punição. Desta vez foram três orgasmos sucessivos por falar com ele três vezes hoje.

O número foi diminuindo na semana passada. Talvez um dia seja zero e eu poderei receber minha recompensa, mas não parece que isso acontecerá tão cedo. Já se passaram duas semanas desde que entrei na casa de Adrian e ele sempre, sem falta, encontra algo pelo que me punir. Acho que também não estou sendo cuidadosa o suficiente, mas ele não é nem um pouco tolerante.

Se eu disser 'certo,' é um.

Se eu perguntar por quê, são dois.

Se eu não olhar para ele enquanto ele me fode com os dedos ou com a boca, são três.

Se ele me chamar de Lia e eu não atender imediatamente, são quatro.

Não há como vencer com ele, porque ele expôs todas as circunstâncias, para que trabalhassem a seu favor. Todas as noites, depois que Jeremy vai dormir, venho a este quarto com o coração na garganta, antecipando o que ele fará a seguir. Às vezes, ele não espera até lá e me chama em seu escritório para que possa extrair sua punição. Em seguida, ele reiniciará a contagem para garantir que suas mãos estejam ocupadas durante a noite.

Mãos que estão abotoando a parte de cima da minha camisola. Mãos grandes e cheias de veias com dedos longos e magros para as quais eu não conseguia parar de olhar, mesmo se quisesse. Mãos que podem trazer prazer ou dor ou ambos, dependendo do humor de seu dono.

Meus olhos estão caídos e estou exausta com a quantidade de orgasmos que ele me deu de uma vez, mas permaneço sentada na frente da cama enquanto Adrian está ajoelhado diante de mim. Ele está ajoelhado, porra, e ainda assim o movimento não impede nada de seu poder. Pelo controle que ele tem sobre mim, fisicamente, pelo menos.

Apenas fisicamente.

Ele acabou de me dar banho. Desde aquele dia em seu escritório, ele está aberto sobre como cuidar de mim. Ele ensaboou todo o meu corpo com sabão e até lavou meu cabelo. A certa altura, minhas pernas não conseguiam me carregar e me sentei no chão do chuveiro. Adrian se ajoelhou atrás de mim e terminou com meu cabelo. Suas mãos estavam em cima de mim, nos meus ombros, minhas costas, entre as minhas pernas e correndo sobre a cicatriz do nascimento.

Era demais. Ainda é. Eu não quero que ele cuide de mim dessa forma. Eu não gosto de ser cuidada. Isso me faz sentir fraca, mais fraca do que a situação em que fui jogada. E eu com certeza não quero que Adrian faça isso. Porque ele não é genuíno. Ou talvez seja, mas não para mim. É para sua esposa.

Ele agora está com calça de moletom preta e sem camisa. Eu estudo as duras cristas de seu abdômen e os pelos finos de seu peito masculino. Eu me pergunto por que ele não tem tatuagens lá.

Seus braços e mãos estão totalmente pintados, mas mesmo enquanto eu os vejo, não consigo dizer o significado por trás da maioria de suas tatuagens. Há uma bússola em seu antebraço, mas não acho que indique a direção. Há pássaros escapando em cima de seus ombros. Uma flor ensanguentada está pintada no meio de um mapa intrincado que não parece ser o mesmo do mundo. Talvez seja um mapa da Rússia. Eu me pergunto o que ele estava pensando quando as fez.

Mas por que eu me perguntaria? Eu não sou nada para este homem. Apenas uma substituição. Tento gravar essas palavras na memória para não ser pega em seu toque gentil, na maneira como seus dedos roçam contra os meus seios inchados de vez em quando.

Ele não vê você, Winter. Ele vê Lia.

Minha mente vagueia de volta para a figura que vi nas janelas naquele dia quando estava beijando sua bochecha. A mulher pálida com olhos furiosos, que se parecia comigo. Quando pisquei, ela desapareceu.

Ou eu estava imaginando coisas ou o fantasma de Lia estava realmente lá. Escolhi a primeira opção porque a segunda me apavorou. Sempre que Jeremy e eu brincamos no gazebo, fico olhando para a mesma janela para o caso de ela reaparecer.

Ela nunca fez isso.

Eu provavelmente teria uma chance melhor de descobrir se minhas alucinações são verdadeiras ou não se eu for lá, mas os guardas de Adrian estão de olho no jardim, ou em nós, o dia todo. Sem falar que o próprio homem está sempre nos observando como um falcão da janela de seu escritório.

Yan também está constantemente lá.

O único momento em que eu poderia entrar na casa de hóspedes sem ser notada é durante a noite. E isso me assusta pra caralho. Esta casa me assusta pra caralho.

O homem na minha frente me apavora mais porque ele é a razão pela qual eu sinto que estou rastejando em algum território fodido. Adrian se levanta assim que termina e se posiciona atrás de mim, agarrando o secador. O zumbido lento da máquina enche o quarto enquanto ele remove a toalha da minha cabeça e seca meu cabelo.

Eu tremo por uma razão completamente diferente do meu cabelo molhado encontrando meu pescoço. Eu mantenho meus olhos baixos porque não quero olhar no espelho para vê-lo cuidando de mim e secando

meu cabelo. Não quero ser pega por esses momentos que não foram feitos para mim.

Lia era uma mulher de sorte. Ou talvez fosse o oposto, considerando a forma selvagem como ele me toca, *ela*.

Eu me pergunto como foi a sensação de ter um homem tão duro quanto Adrian cuidando dela assim, como se ela fosse o seu mundo. Ela estava formigando como eu, ou ela considerou isso sufocante como eu deveria? Eu me pergunto se ele também a fez esperar antes de transar com ela. Eu balanço minha cabeça internamente. Por que diabos estou pensando sobre ele transando com ela? Ou eu?

É que não faz sentido para ele continuar gozando na minha barriga, nos meus seios ou mesmo na minha bunda. Sua ereção parece dolorosa, mas ele ainda se recusa a me foder. Eu me recuso a deixá-lo me ouvir gemer ou gritar, então acho que isso não vai acontecer no futuro próximo. Foi isso que ele fez com Lia também?

— Como foi seu casamento com Lia? — Eu pergunto antes que eu possa me impedir.

Minha voz está baixa em comparação com o secador, então rezo para todas as estrelas acima para que ele não tenha me ouvido.

Mas então ele diz. — Foi um casamento.

Minha mortificação por ser ouvida desaparece com sua resposta. Ele tem essa maneira irritante de evitar perguntas. Ele não se recusa

exatamente a responder, mas dá algo vago ou reformula a pergunta original.

— Como vocês se conheceram?

— Por que você quer saber?

Por que eu quero saber, realmente? Por que estou interessada em saber sobre ele e sua esposa?

Batendo minhas unhas, eu continuo olhando para elas. — Achei que deveria saber caso alguém pergunte.

— A versão oficial é que nos conhecemos em uma festa.

Minha cabeça levanta lentamente e eu olho para ele pelo espelho. — Existe uma versão não oficial?

Ele está ocupado com meu cabelo enquanto fala. — Correto.

— O que é?

— É um segredo entre Lia e eu.

— Achei que fosse a Lia.

— Achei que você não gostasse de ser chamada de Lia. — Ele enfia os dedos no meu cabelo para uma secagem rápida.

— Você ainda me faz desempenhar o papel dela.

— Você ainda não pensa que é ela e isso não a torna a par dos meus segredos com ela.

Abro a boca para dizer algo, mas opto por não, porque tudo o que eu soltar vai sair pela culatra na minha cara. O idiota doente está tentando me apagar completamente, então eu vou me tornar sua esposa. Se eu baixar a guarda, não sobrá nada de mim.

— Você vai me acompanhar a uma festa de aniversário em alguns dias,
— ele anuncia do nada, desligando o secador e escovando meu cabelo.

— Festa de aniversário de quem?

— Igor.

Eu apertei os olhos. — Igor Petrov?

Ele concorda. — O que você sabe sobre ele?

Faço uma pausa, sentindo-me atacada por um teste de repente. Tento me lembrar dos detalhes que li sobre ele. — Ele está no topo da irmandade. Não tão alto quanto você, mas ele tem uma posição notável.

— E?

— E o que?

— A família dele. Quantos membros existem?

— Eu... não me lembro.

Ele me encara pelo espelho.

— O que? Há muitas pessoas em sua organização e eu sou péssima com nomes. Tenho certeza de que vou ficar bem quando os encontrar.

Ele envolve sua mão em volta do meu cabelo e puxa para trás, inclinando minha cabeça para olhar nos meus olhos. — Você aprenderá tudo sobre eles antes do aniversário. Você não tem permissão, em nenhuma circunstância, de cometer erros. Está claro?

— Certo, quero dizer, tudo bem. Tudo bem! — Caramba. Ele tem uma maneira estranha de passar de suave para áspero em uma fração de segundo. É como se ele tivesse uma personalidade dividida ou algo assim.

— Oglá fará perguntas até que ela tenha certeza de que você aprendeu tudo.

— Adorável, — murmuro baixinho.

— O que foi isso, *Lenochka*?

— Nada.

Ele aperta meu cabelo com mais força, mas ele deixa o assunto ir.

— Vamos dormir. — Ele estende a palma da mão e eu quero recusar. Eu quero fingir que não existe, mas isso só vai resultar em mais punição e eu realmente quero dormir.

Todas as noites, tento fugir para a beira da cama, de costas para ele. Adrian não me impede, como de costume, mas ele me pega por trás, seu joelho empurrando entre minhas coxas e seu queixo apoiado no meu ombro. Ele cheira a madeira e gel de banho. Limpo e forte como tudo nele.

Sua mão desliza sob meu braço e envolve minha barriga. Às vezes, ele agarra meu seio e distraidamente provoca um mamilo até que esteja

sensível e dolorido. Eu fico olhando para a luz suave na mesa de cabeceira, tentando apagar sua existência de meu entorno, para fingir que sua pele não está cobrindo a minha. Que não sou refém do meu próprio corpo.

Se eu pelo menos bebesse, não me sentiria tão vitimada agora. Eu teria anestesiado tudo sobre isso. Quatorze dias sem álcool, além do leve gosto que precedeu o primeiro e único beijo de Adrian. Eu não acho que era muito alcoólatra se consegui passar duas semanas sem uma gota dele. Talvez eu apenas tenha me convencido de que era uma.

Meus desejos se foram de alguma forma, mas meu anseio por aquele estado de espírito que o álcool me proporcionava é definitivamente real e sempre presente. Adrian traça uma linha invisível sobre o pano na minha barriga e é hipnotizante, como seu toque. Adormeço quase imediatamente.

Eu não deveria me sentir segura o suficiente para adormecer nos braços de um monstro como Adrian, mas simplesmente acontece.

Um pequeno som me faz abrir os olhos. Eu ainda estou dormindo de lado, Adrian enrolado em volta de mim. Eu pisquei o sono para longe quando o som veio novamente. É quase como os passos de uma criança, mas eles são mais pesados do que os de Jeremy.

Algo move a maçaneta. Ela gira, mas rola de volta para o lugar por causa da fechadura.

Quem diabos tentaria entrar no quarto principal à noite? Os guardas de Adrian não entram, exceto por Kolya e Yan às vezes, mas nunca à noite. Oglá também nunca nos incomodou durante esse tempo. Todos os sons

desaparecem e acho que estou imaginando coisas, mas a maçaneta está emperrada novamente, chacoalhando com mais força desta vez.

Eu suspiro, sentando na cama e puxando o lençol contra o meu peito. Os braços de Adrian caem ao meu redor e eu agito seu ombro, hesitante no início, mas se torna mais urgente a cada segundo que passa. — Adrian... acorda...

A maçaneta ainda está girando e girando com velocidade supersônica.

— Adrian! — Eu assobio, mas ele não se move.

A porta se abre e eu respiro fundo com a vista. O fantasma que vi da janela está parado na porta. Seu vestido branco simples cai abaixo dos joelhos. Seu cabelo está preso para trás e seu rosto está pálido, mas fora isso, ela é uma réplica de mim. Mesmo seus olhos com círculos escuros e bochechas encovadas se parecem com as minhas de quando eu morava nas ruas.

— L-Lia...? — Eu sussurro.

— Então você sabe quem eu sou, mas ainda ousa roubar meu marido como se fosse seu direito dado por Deus.

Eu balanço minha cabeça freneticamente. — Não... eu não...

— Boceta destruidora de lares.

Eu balancei minha cabeça novamente. — Eu não queria... Adrian... — Estendo a mão para acordá-lo, mas sou interrompida por sua voz áspera.

— Não toque nele! Vá embora!

— Eu não posso... — Estou chorando agora, minha voz rouca com o quanto estou tentando formar em palavras que eu nunca quis isso. Nunca pensei em tomar o lugar dela, nem o nome dela, nem o marido.

Ela se lança em minha direção e eu cruzo minhas mãos na frente do meu rosto para protegê-lo. Mas ela não me alcança. Em vez disso, um som gorgolejante emerge no silêncio. Eu espio por entre meus dedos e suspiro quando uma mancha de sangue explode na camisola de Lia, algo afiado saindo de seu abdômen, uma faca.

Um grande corpo está atrás dela, aquele que a esfaqueou, e eu acho que é um dos guardas, mas seu rosto está sombreado.

O pescoço de Lia fica pendurado em uma posição anormal, mas seus olhos permanecem em mim, me observando, me seguindo, me rastejando para fora da minha pele maldita.

É como se ela quisesse me arrastar com ela para qualquer lugar que ela vá. Eu bato a palma da mão sobre a boca para abafar um suspiro, mas uma coisa dura de metal atinge meus lábios. Confusa, eu olho para minha mão e encontro meus dedos em volta de uma arma.

O que...?

— Puxe o gatilho, — sussurra a sombra atrás de Lia. Sua voz é monótona, quase robótica. — Você tem uma missão.

— Puxar o gatilho para quem? — Não tenho ideia de por que essa pergunta me escapa, porque não importa. Eu não vou fazer isso.

— Eu matei essa vadia por você. Puxe. O. Gatilho.

Eu balanço minha cabeça violentamente, mas então uma risada sinistra escapa da sombra. É longo e irrita meus nervos como unhas arranhando as paredes do meu cérebro.

— Pare com isso, — eu assobio.

— Você já tirou uma vida. O que é mais uma?

— Não...

— Mas você não consegue ver? Está feito.

— O que?

— Sua arma.

Eu fico olhando para minha mão e vejo com horror enquanto minha arma aponta e meu dedo pressiona o gatilho. Direto para o peito de Adrian.

Ele nem se mexe quando uma mancha de sangue cobre seu ombro e peito, em seguida, forma uma poça ao seu redor, encharcando os lençóis.

— Nããão! — Eu grito e meu mundo fica escuro.

Capítulo Vinte e Dois

Adrian

Thud.

Thud.

Thud.

Um som gorgolejante ecoa no ar como se alguém estivesse sufocando com o próprio sangue. Ou vomito.

Meus olhos se abrem. Fico imediatamente alerta, meu coração batendo forte enquanto a cena se materializa na minha frente. Lia está se debatendo durante o sono, seus pés chutando no ar e seu corpo está pesado como uma pedra sendo jogada no fundo do oceano. Ambas as mãos estão fechadas com tanta força que há um corte na palma de suas unhas e gotas de sangue colore os lençóis brancos de vermelho.

Mas não foi isso que me acordou. Foi o som. O gorgolejo. O engasgo com sua própria saliva. Duas linhas de baba caem em cascata por seu queixo e pescoço, uma espuma se formando rapidamente em sua boca.

— Lia!

Ela não dá nenhum sinal de me ouvir e continua se debatendo, se contorcendo. *Engasgando*.

Enfio dois dedos em sua boca e a abro bem na tentativa de ajudá-la a respirar. Ela não respira. É como se ela estivesse bloqueando sua própria traqueia com uma mordaca imaginária.

— Lia! Acorde! — Eu coloco a mão sob sua cabeça, levantando ela com cuidado. Ela arrasta os lençóis com a mão fechada, seu corpo ainda rígido como uma tábua.

Sua cabeça se move para o lado, em seguida, rola para trás, a posição teria quebrado seu pescoço se ela estivesse sozinha. Eu apoio sua nuca e continuo sondando sua boca aberta com a outra mão.

Seus lábios estão ficando azuis e seu rosto está ficando vermelho. Ela não está respirando, e não respirou em pelo menos um minuto.

— Lia! — Eu a sacudo, mas isso não me traz nenhum resultado.

Ela está perdida em algum lugar que eu não consigo alcançar. Um lugar onde ela possa se manter escondida de mim, a sete chaves. Nada vai trazer ela para fora. Exceto talvez...

— Winter, — Eu chamo com cautela, ao que ela respira fundo, ofegando e tossindo quando o ar atinge seus pulmões. Eu libero sua boca para que ela possa respirar corretamente.

Enquanto eu a vejo inalar oxigênio em seus pulmões, permitindo a vida de volta, eu deveria estar aliviado. Eu estou. Mas arames farpados se enrolam em meu peito, picando minha pele, centímetro a centímetro

agonizante. Seus olhos abrem lentamente, mas o azul deles está em branco, como se ela não soubesse quem ou onde ela está. Prendo a respiração enquanto os segundos passam e ela permanece assim, em transe.

— *Lenochka?*

Ela pisca uma, duas vezes, antes de seu olhar encontrar o meu. A umidade se acumula em seus olhos e uma lágrima escorre por sua bochecha. Limpo com a ponta do polegar enquanto ela treme incontrolavelmente em meus braços.

Parecendo estar fora de seu transe, ela se levanta de um salto, se ajoelhando na minha frente na cama. Sua expressão está frenética agora enquanto ela agarra meu bíceps, move sua mão para cima, em seguida, verifica meu lado, meu peito e até mesmo minhas costas.

Ela está me tocando em todos os lugares, sentindo, inspecionando, completamente alheia ao quão duro eu me tornei no curto espaço de tempo de suas ministrações. Eu tive bolas azuis desde que ela entrou neste quarto, mas não posso transar com ela ainda. Não quando ela está tendo todos esses pesadelos e construindo suas paredes.

— Você não foi baleado, — ela respira em um sussurro.

— Eu pareço como se fui? — Tento manter minha voz calma, embora meu maxilar esteja contraído, e não apenas por estar duro, mas porque ela respondeu a Winter e não a Lia.

— Não. Mas parecia tão real, tão visceral... — Ela segura minha bochecha e congela quando sente minha mandíbula apertar sob seu controle, então rapidamente deixa cair a mão ao seu lado.

— Outro pesadelo?

Ela acena com a cabeça uma vez.

Não é a primeira vez que tenho que acordá-la por causa de um pesadelo. Aconteceu duas vezes na semana passada, mas ela realmente não abriu os olhos para falar. Ela apenas voltou a dormir, então duvido que ela se lembre deles. Eu sim.

Os sons gorgolejantes e sufocantes que ela faz são como o meu inferno feito sob medida. Às vezes, eu ouço mesmo quando estou acordado e tenho que verificar as câmeras, caso esteja acontecendo em tempo real.

— Lia estava lá, — ela disse calmamente. — Ela queria me matar e então... então...

Eu toco seu braço suavemente. — Você não precisa falar sobre isso.

Ela me encara com aqueles olhos enormes. Eles estão perdidos como se ela não soubesse para quem está olhando e, de alguma forma, ela ainda está presa dentro do pesadelo.

— Por que você me trouxe aqui, Adrian? — Ela murmura, sua voz dolorida.

— Você sabe.

— Porque eu pareço com a Lia?

Eu concordo.

— Eu não sou ela. E quanto mais você me compara a ela, mais me sinto apagada, esquecida. Eu não quero ser esquecida.

Eu a agarro pelo braço e tento colocá-la sob o lençol. — Durma por agora.

— Não. — Ela puxa o braço livre. — Eu não quero dormir.

— Então o que você quer?

— Winter. Pela primeira vez, apenas me chame de Winter. *Por favor.*

Eu fiz e odiei. Eu odiei tanto que quero derramar alvejante na porra da minha garganta.

— Não.

— Por favor... — Lágrimas caem em cascata por suas bochechas. — Por favor, não me apague. Por favor, Adrian.

— Não me implore por algo assim. Você é Lia. Acostume-se.

Um soluço sai de sua garganta e seus lábios se apertam, um deles maltratado e cortado pelo quanto ela o morde. Isso tem que curar antes que ela seja vista em público. Ela precisa sair dessa mas sei que não será fácil fazê-la obedecer. Isto é, se for possível.

Desta vez, ela não resiste enquanto a coloco debaixo das cobertas. Ela voluntariamente fecha os olhos e sussurra. — Eu gostaria de nunca ter conhecido você.

Meus lábios roçam sua testa. — Eu vou te encontrar uma e outra vez, se
for preciso.

Capítulo Vinte e Três

Winter

Três dias depois, vamos para a festa. Porém, a julgar pelo número de guardas armados presentes, eu não chamaria exatamente de festa.

É a primeira vez que saio da casa de Adrian desde que cheguei lá, e embora achei que seria libertador, é de alguma forma mais sufocante. Parte disso se deve ao número de guardas que nos acompanham em um carro separado. Cinco, além de Kolya e Yan.

Parte é porque Jeremy chorou quando eu disse a ele que não estaria lendo uma história para dormir para ele esta noite. Suas lágrimas criaram um buraco negro em meu peito que ainda não foi curado.

Esta noite está errada em muitos níveis. Vou cometer um erro? Todos os avisos de Adrian e Ogla se tornarão realidade? Eu quero rastejar de volta para o quarto de Jeremy, beijar suas bochechas macias e fingir que o mundo inteiro só existe por causa dele.

Mas aqui estou eu, no meio de uma festa, comemorando o aniversário de um homem que nunca conheci antes.

O *Pakhan*, Sergei, decidiu comemorar o aniversário de Igor em sua mansão, o que aparentemente é uma grande honra. O complexo da

irmandade é enorme, ainda maior do que a casa de Adrian, e tem um jardim que se estende por quilômetros. É cercado por muros altos e câmeras que piscam em todos os cantos.

É mais assustador do que o lugar que deixei para trás, mais vazio, maior. O que é estranho, já que acho a casa de Adrian aterrorizante. Sempre que caminho pelos corredores, sinto que suas paredes vão abrir bem a boca e gritar na minha cara ou me arrastar para o nada. Sua alma é tão negra quanto a de seu dono.

A casa de Sergei Sokolov é assustadora por causa do desconhecimento dela, dos nervos que continuam me atormentando, a pressão absoluta de alguma forma cometer um erro. E se alguém descobrir que não sou Lia? E se eu colocar Adrian em perigo e fizer com que Jeremy perca seu pai?

— Relaxe. — Adrian envolve sua mão em volta da minha luva que está segurando sua jaqueta. — Você está bem.

Suas palavras imediatamente acalmaram minhas entranhas nervosas. Eu não sei o que há de calmante em sua voz. Não deveria ser, considerando o quão profundo é, mas durante momentos insondáveis, parece que sua voz é a única âncora de que preciso.

— Tudo o que você precisa fazer é ficar quieta. Todo mundo está acostumado com isso de você. — Sua mão cai da minha e eu quero agarrá-la e colocá-la de volta. Mesmo através da luva, seu toque ofereceu a quantidade certa de conforto que eu precisava.

Mas Adrian tem assumido a missão de me privar do que preciso nos últimos dias. Desde a noite em que sonhei com Lia sendo morta por uma sombra desconhecida e eu atirando nele, ele se afastou de mim. Ele ainda cuida de mim, passa pomada no meu lábio cortado, seca meu cabelo, enrola um lenço em volta do meu pescoço quando acha que está frio. Mas ele não me toca sexualmente.

Sem punição. Sem orgasmos. Nada.

Eu até conversei tanto com ele durante o café da manhã que as sobrancelhas de Oglá encontraram a linha do cabelo e ela finalmente me disse para calar a boca. Eu não tenho. Continuei fazendo todas as coisas que sei que Adrian odeia. Eu disse a ele 'certo' mais do que pensei que poderia, mas ele me ignorou. Eu uso camisetas sem mangas na frente de Yan, e ele simplesmente dispensa seu guarda de casa.

Ele ainda me toca por trás todas as noites, mas seu toque parece mecânico e distante. Ele está tão distante que acho que nunca poderei alcançá-lo. Isso deve me encantar. Afinal, quero que ele me deixe em paz. Mas eu quero?

A resposta é não.

Desde que ele se retirou, fiquei perplexa com o quanto me acostumei com ele, com seus castigos. Para sua... proximidade.

Ele apenas a arrancou como se nunca tivesse existido e eu quero exigir que ele me diga o porquê. Eu quero colocar meu pé no chão e fazer isso parar. É mais cruel do que se ele nunca mais tivesse colocado as mãos sobre

mim. O toque de agora é a primeira vez que ele se sente perto de mim em três dias, e quero lutar com unhas e dentes para segurá-lo.

Eu discretamente espreito para ele, absorvendo tanto quanto possível de sua aparência. Ele está vestindo um smoking preto sob medida. Isso o faz parecer mais alto, o que não deveria ser possível com sua altura, mais nítido e mais parecido com um homem de negócios. Seu cabelo está penteado para trás e sua espessa barba por fazer aumenta sua majestade. A roupa esconde suas tatuagens, dando-lhe a imagem de um cavalheiro, como alguém que você veria na capa da Forbes.

Eu escolhi um vestido para combinar com ele. Não tenho ideia do por que fiz isso, mas pensei que ficaríamos bem juntos se eu usasse um vestido preto. É um daqueles que são apertados nos seios e na cintura, mas cai solto até o chão, sua cauda me seguindo a cada movimento. Prendi meu cabelo em um coque elegante e usei brincos pendentes. Eles combinam com a pequena bolsa na minha mão, contendo meu telefone. Completei o visual com luvas brancas elegantes do armário de Lia e o par de saltos mais alto que pude encontrar. Eles doíam, mas eu não queria que minha altura me desse um complexo de inferioridade.

A reunião está em pleno andamento. Homens e mulheres estão vestidos para a ocasião e conversando animadamente entre si. Música clássica toca ao fundo e, de alguma forma, o som me dá um pouco de serenidade, uma promessa de que tudo ficará bem.

Adrian me leva até onde três homens idosos estão sentados em uma área de estar. Eles parecem estar em uma liga própria antes mesmo de

abordá-los. Homens altos e corpulentos como Kolya ficam atrás de suas cadeiras como estátuas, e eu sei que eles não hesitarão em fazer uso das armas que aparecem debaixo de seus paletós.

Não é nenhuma surpresa que eles estejam separados do resto da multidão. O que está no meio é o próprio *Pakhan*, Sergei. À sua direita está o homem da hora, Igor Petrov. O da esquerda é Mikhail Kozlov. Os três têm cerca de duas vezes a minha idade e são os pilares da máfia russa em Nova York, além do pai de Adrian e do irmão de Sergei, que agora estão mortos.

Para ocupar minha mente nos últimos dias, gastei todo meu tempo no maldito documento sobre a irmandade e a teia de aranha de outros círculos do crime organizado relacionados a ela. Até Ogla ficou impressionada com o quanto eu aprendi, e isso quer dizer algo.

— Adrian. — Sergei gesticula para ele, falando com um pronunciado sotaque russo. — Venha. Venha.

Adrian pega sua mão, beija-a e a coloca em sua testa. Eu faço o mesmo porque isso é o que se espera quando você está na presença do líder de uma organização assustadora.

— Lia. — Os olhos de Sergei vagam sobre mim como se ele estivesse verificando se algo está faltando. — Você parece bem para alguém que não estava bem.

— Obrigada, — eu falo com um sorriso. — Eu não poderia perder o aniversário de Igor.

— Muito apreciado, — Igor diz com um sotaque russo semelhante, seu tom hostil.

— Feliz aniversário. Trouxe algo para você, embora não seja muito.

Ele levanta uma sobrancelha. — Já recebi o presente do Adrian.

Os olhos de Adrian encontram os meus por um breve segundo. Certo. Não contei a ele sobre meu presente para Igor. Eu estava fora da linha? E se eu o insultar? Mas se eu voltar atrás agora, vai parecer ainda mais suspeito.

— É um separado.

— Um separado? — É Mikhail quem pergunta, extraíndo as palavras, e eu imediatamente não gosto dele. — Desde quando sua esposa traz um presente separado, Adrian?

Meu falso marido permanece em silêncio, então eu falo com calma, quase como se eu não fosse desencorajada pelo que acabou de acontecer. — Achei que, como Igor teria muito bolo açúcarado hoje, eu deveria adicionar mais um bolo especial de aniversário.

— Na idade dele, isso é demais, — diz Sergei.

— Ele tem razão. — Igor concorda com desgosto. — Minha esposa não aprovaria tanto açúcar.

— Isso é o que torna o meu especial. Tem um tipo de açúcar que não faz mal à saúde. Tente. — Eu sorrio. — E se você não gostar, eu vou compensar você.

Igor acena com a cabeça, mas as rugas não diminuem ao redor de seus olhos. Parece que ele quer me estrangular, como se eu o tivesse ofendido em uma vida anterior.

— Meu, Adrian. Eu não sabia que Lia sabia cozinhar. Ela sempre está muito mal. Achei que ela fosse um cadáver agora. — Mikhail toma um gole de uma bebida transparente, me olhando com desconfiança.

Merda. Não sei por que sinto que um deles vai tirar uma máscara da minha cabeça e me expor por ser uma farsa.

— Ela está melhor, — diz Adrian em seu tom calmo de costume.

— Obviamente. Fico feliz em ter você conosco. — Sergei está me observando de uma forma enervante. Estou feliz por estar usando luvas, porque minhas mãos estão tão suadas que brilhariam sob a luz.

— O prazer é todo meu, *Pakhan*. — Eu não sei como diabos consigo falar em um tom seminormal.

Sergei aponta para uma cadeira vazia ao lado de Igor. — Sente-se, Adrian.

Não perco que ele apenas menciona o nome de Adrian. Meu falso marido hesita por um instante antes de me soltar e se dirigir ao assento que o chefe designou para ele. Eu sei o que isso significa, eu preciso ir. Mas eu não quero. Para onde irei no meio de todas essas pessoas que não conheço?

No entanto, eu forço minha cabeça a se mover em um pequeno aceno enquanto me viro e saio. Quero pensar que Adrian está cuidando de mim, que Kolya e Yan estão em algum lugar aqui e virão em meu auxílio, mas

minhas pernas estão tremendo enquanto vou para a varanda mais próxima. Preciso de ar fresco e voltar para casa, para Jeremy. Eu vou até ficar feliz com a conchinha distante de Adrian esta noite.

— Lia!

Meus pés param com a voz feminina chamando meu nome. Quero fingir que não a ouvi, mas ela chama de novo e sou forçada a me virar. Uma bela loira com maquiagem impecável acena para que eu me junte a seu círculo. Rai Sokolov.

Sobrinha-neta de Sergei e a única mulher que pode rivalizar com os homens na irmandade. Ela está com Damien Orlov e Kirill Morozov. Ambos são líderes. Outro homem, Aleksander, o guarda mais próximo de Kirill, que está basicamente na posição de Kolya, está com eles, mas um passo para trás.

Eu ando para o círculo deles com passos hesitantes até que estou a alguns passos de distância. É quando eu noto a barriga do bebê de Rai sob seu vestido azul royal.

Ela beija minha bochecha e eu retribuo o gesto. — Como você está, Lia? Já se passou muito tempo desde a última vez que te vi.

— Vou bem obrigada.

— Ela é como uma lua, esta aqui. — Damien inclina a cabeça para o lado, me observando de perto. — Me diga a verdade. Adrian está engordando você para oferecê-la como um sacrifício aos seus ancestrais demoníacos?

Eu separo meus lábios para falar, então os fecho, sem saber se é uma piada ou como responder. Damien é bonito, alto, largo e com um olhar furioso, mas está marcado no documento como imprudente e imprevisível.

— Cale a boca, Damien, — Rai o repreende.

— Estou muito curioso. — Ele se inclina, me olhando como se eu fosse um manequim em uma loja. — Por que ele está escondendo você como se você fosse uma versão fodida da Bela Adormecida? Ele faz rituais satânicos que eu preciso saber?

— Talvez seja ela quem faz os rituais? — Kirill diz lentamente, reajustando seus óculos de armação preta. Ao contrário dos velhos, esses dois mal têm sotaque.

Kirill parece um contador, bem vestido e com os óculos, mas o documento mencionava algumas coisas sobre seu histórico de desconfiança e que ele não iria parar por nada em sua agenda.

— O que isto quer dizer? — Eu pergunto com meu queixo erguido.

— Eu não sei, Sra. Volkov. Por que você não me conta?

— Por que você não vai se foder? — Rai diz à queima-roupa. — Eu só quero Sasha por perto, não você.

— *Aleksander*, — Kirill enfatiza, — é meu guarda, Rai. Nós viemos como um conjunto. Acostume-se.

— Tenho certeza de que a única razão pela qual ele está com você é porque você está segurando algo sobre a cabeça dele. — Rai dá um tapinha

na mão de Aleksander. — Não se preocupe, Sasha. Eu vou te salvar desse demônio.

Sasha, *Aleksander*, um guarda que é ainda mais bonito que Yan, abaixa a cabeça, pigarreando desajeitadamente.

— E eu, Rai? — Damien pega a mão livre dela e beija as costas dela. — Quando você vai me salvar? Tudo que você precisa fazer é divorciar-se de Kyle e então podemos cavalgar para o pôr do sol, ou para o campo de batalha. Mesmo resultado.

Ela rapidamente puxa sua mão da dele. — Só Kyle pode me tocar. Faça de novo e vou chutar suas bolas.

Espero que Damien fique ofendido, mas ele sorri. — Perversa. Eu amo isso.

— Falando em perverso. — Kirill me encara novamente. Ele não parou de me observar desde que me juntei a eles. — Adrian aprendeu alguma coisa nova ultimamente?

— Ele vai te matar, porra, se ouvir você falando com a esposa dele sobre perverso. — Damien aperta o ombro de Kirill. — Descanse em pedaços, filho da puta.

Rai abre a boca, provavelmente para vir em minha defesa. Ela está acostumada a fazer isso? Lia era um capacho que deixava alguém pisar nela? Mas eu não sou Lia. Eu sou Winter.

Erguendo meu queixo, eu enfrento Kirill. — Essa pergunta é desagradável, Kirill. Você não me vê perguntando sobre seus assuntos

particulares, porque simplesmente não é da minha conta. Eu acredito que o que meu marido e eu fazemos na privacidade de nossa casa não diz respeito a você também.

Minha resposta tem efeito exatamente oposto ao que pretendo. Kirill sorri como se soubesse de algo.

— Quem é você e o que fez com a muda Lia? — Damien me observa de perto. — Você nunca falou nada quando nós a cutucamos.

— Foi por respeito, mas se você não me mostrar nenhum, por que eu deveria?

— Essa é minha garota. — Rai entrelaça seu braço com o meu. — Vamos, vamos deixar esses idiotas, além de Sasha.

Eu a sigo com prazer, mas sinto o olhar de Kirill em mim, mesmo depois de desaparecermos em uma varanda silenciosa. Eu solto um suspiro na brisa e Rai sorri.

— Você fez muito bem. Estou tão orgulhosa de você, Lia.

— Obrigada. — Tento não me sentir inferior agora que somos apenas nós dois. Não se trata apenas de sua aparência bombástica ou de sua altura, *pessoas altas são horríveis*, mas também de seu caráter. Eu sei que Adrian a considera um membro digno da irmandade, ou ele não a teria incluído nas primeiras páginas desse documento.

Talvez alguém como ela, forte, destemida, seja de quem Adrian precisa ao seu lado.

Rai se inclina, observando os arredores antes de sussurrar. — Você não me disse o que aconteceu. Eu estava preocupada.

— O-O quê? — Eu fico olhando para ela com os lábios entreabertos.

— Você me pediu para ajudá-la a escapar, e então eu soube que você voltou para o lado de Adrian como se nada tivesse acontecido. Você sabe o quão confusa eu estava?

Espere. O que?

Lia pediu a Rai para ajudá-la a escapar de Adrian? Quando diabos foi isso?

Mas não posso fazer essas perguntas, porque isso vai me denunciar como uma fraude.

Eu limpo minha garganta. — Eu não conseguia escapar dele.

— Mas você estava tão empenhada nisso.

— Jeremy, — eu deixo escapar. — Eu não posso deixar Jeremy.

— Eu entendo, mas você poderia pelo menos ter me ligado ou me deixado uma dica. — Sua voz abaixa um pouco mais. — Adrian está atrás do meu pescoço. Ele suspeita que tenho algo a ver com sua tentativa de fuga. Eu disse que não o quero como inimigo, Lia. Que eu estava ajudando você porque você estava à beira de um colapso.

Lia estava à beira de um colapso quando quis deixar Adrian. Rai a ajudou, mas ela... o quê? Ela morreu?

— Sinto muito, — eu sussurro.

— Apenas me diga se Adrian viu Ruslan naquele dia.

Ruslan é seu guarda sênior. Ele é aquele que está parado na entrada da varanda para afastar qualquer um, eu suponho. É a primeira vez que vejo seu rosto, além de sua foto no documento. Ele deve ter ajudado Lia a escapar em nome de Rai, mas não tenho a mínima ideia se Adrian o viu.

— Não me lembro bem, — digo vagamente.

Rai me agarra pelo ombro. — Pense, Lia. Quando Adrian estava perseguindo você naquela noite, você escapou de Ruslan. Mas Adrian o viu?

— Não, eu penso que não. — Estou falando sem lógica aqui, porque se Ruslan ajudasse Lia a escapar e Adrian o tivesse visto, ele já estaria morto.

Adrian pode estar calmo, mas ele é letal. Ele não perdoaria ninguém que tenta levar sua maldita preciosa Lia. Até Rai estará em perigo se descobrir sobre o envolvimento dela.

— Isso é bom. — Ela solta um suspiro.

— Sinto muito por ter você envolvida nisso, — eu não deveria estar me desculpando em nome de Lia, mas ela era uma mulher egoísta. Ela não apenas deixou seu filho para trás, mas também envolveu outras pessoas, sabendo muito bem que Adrian iria erradicá-los.

Eu me pergunto por que ela tentou escapar dele. Não poderia ser porque ela estava se sentindo invisível como eu. Por alguma razão, o conhecimento de que seu casamento não era tão sólido quanto eu pensava me relaxa um pouco. Eu sou uma pessoa horrível.

Mas mesmo esse pequeno relaxamento não dura. Não importa que ela tenha tentado escapar. Adrian ainda se preocupa com ela. Ele ainda me idolatra porque pensa que sou ela.

— Vamos voltar para dentro. — Rai sorri para mim. — Sergei vai nos chamar para jantar a qualquer minuto.

— Tudo bem.

Estou prestes a sair quando sinto olhos me observando. Eu paro na varanda e olho para baixo. Existem alguns guardas estacionados do lado de fora. Um deles é o motorista de Adrian, que está fumando um cigarro e conversando animadamente com outro guarda, provavelmente em russo. Todos eles falam em russo na casa. Até Adrian se dirige a eles em russo, a menos que eu esteja por perto. É quando ele muda para o inglês. Jeremy também conhece algumas expressões, mas acho que ele ainda tem problemas em misturar as duas línguas.

Estou prestes a nomear a sensação que acabei de sentir como paranoia, mas minha pele se arrepia novamente. A sensação é tão forte que estremeço visivelmente.

Eu procuro nos homens que estão lá embaixo por mais alguns segundos, então meus olhos vagueiam sobre os veículos estacionados à distância. É quando eu vejo. Uma sombra espreitando silenciosamente entre os carros. Apenas suas costas são visíveis enquanto ele desaparece no meio da área de estacionamento.

Assim como a sombra do meu pesadelo recente. Minhas pernas tremem e minha respiração se aprofunda até que estou ciente de cada inspiração e expiração. *É paranoia. Apenas paranoia.* O pesadelo era apenas isso. Um pesadelo. Não há como uma sombra do meu subconsciente pular para a vida real. Deve ter sido um dos guardas fazendo sua ronda.

Meu telefone vibra na minha pequena bolsa e eu pulo, meus nervos levando a melhor sobre mim. Apenas Adrian me envia mensagens de texto neste telefone. A menos que seja Ogla? Eu disse a ela para me ligar se algo acontecesse com Jeremy.

Pego o telefone tão rápido que quase o deixo cair. Não é Ogla. Uma mensagem de um número desconhecido acende a tela. Eu clico nela, a sensação de pavor de alguns segundos atrás me agarrando pela garganta. Minha bolsa cai no chão enquanto leio o texto.

Número desconhecido: *Você tem uma missão. Puxe a porra do gatilho.*

Capítulo Vinte e Quatro

Adrian

Lia não tem sido ela mesma desde que nos sentamos para jantar.

Seu corpo está rígido e, de vez em quando, um estremecimento a agarra e ela deixa cair o garfo. Então ela o pega novamente para arrastá-lo pela comida. Suas mãos estão se movendo, mas ela raramente leva algo à boca. Desde que veio das ruas, as refeições são sagradas para ela.

Essa não.

Eu sabia que trazê-la aqui não seria completamente sem problemas. Quando eu a vi conversando com Damien e Kirill mais cedo, eu fantasiei sobre as milhões de maneiras que eu queria cortar a garganta dos dois filhos da puta, mas me conformei batendo meus dedos contra minha coxa para não mostrar desrespeito a Sergei. Ou pior, dar a ele um incentivo para atacar.

Ele está focado em mim mais do que o normal esta noite, e a última coisa que quero é confirmar o que está acontecendo em sua cabeça.

Vladimir, que agora está sentado à minha frente, não se dirigiu a mim a noite inteira. Ele é enorme, volumoso e tem uma barba que lhe dá uma aparência assustadora para o mundo exterior. A única vez que ele fala mais

do que o necessário é quando Rai está à vista. Ele prometeu protegê-la e ao sobrenome Sokolov desde tenra idade. Essa é basicamente sua força motriz, o que significa que ele não se preocupa com outros assuntos.

Embora eu não tenha descoberto seu ângulo sobre mim, sei que sua lealdade é profunda para Sergei por causa de seu sobrenome. Se o *Pakhan* der uma ordem para me eliminar, Vladimir será o primeiro a fazer isso acontecer.

Na mesa de jantar, há uma conversa fácil da qual ele não participa e apenas balança a cabeça quando Rai sussurra algo para ele. Kyle rapidamente rouba sua atenção porque ele não gosta que ela fale com ninguém além dele.

Um pequeno suspiro deixa Lia e, embora eu tenha por missão não olhar para ela em público, fico tentado a dar uma espiada. Seria uma quebra no meu padrão, algo que Vladimir, Rai e especialmente aquele filho da puta do Kirill notariam.

Meu alerta máximo sobre esta noite está me transformando em um idiota paranoico, como Mikhail. Nos seis anos em que estou casado com Lia, tratei-a como uma estranha em público. Todos na irmandade pensam que ela não significa nada para mim, e que a única razão de eu ter uma mulher com cara de boneca doentia ao meu lado é por causa de uma gravidez não planejada.

Sergei não hesitou em sugerir que eu deveria deixá-la, mesmo na cara dela. É por isso que aproveitei todas as oportunidades que tive para não a trazer aqui. Sergei e os outros anciãos, Igor e Mikhail, nunca aprovaram

suas origens desconhecidas ou seu status de ‘ninguém.’ Eles preferiram que eu me casasse com a filha de Igor e procriasse para produzir uma linhagem russa ‘pura.’

A agressão deles em relação a ela é tangível, é por isso que eu não queria dar a eles razões mais tangíveis para agirem contra ela. Ela não deve chamar a atenção deles para si mesma. Em absoluto.

Lia solta um segundo suspiro e eu me inclino, fingindo pegar um pedaço de pão enquanto sussurro. — O que há de errado com você?

Ela recua, sua mão em torno de seu garfo quando ela encontra meu olhar com o seu largo. — Porque pergunta?

— Você não está prestando atenção ou comendo.

— Não é nada.

— Lia, — advirto baixinho.

— É Jeremy, — ela deixa escapar. — Estou preocupada com ele.

Eu não acredito nela, não porque ela não esteja preocupada com Jeremy, mas seu tom sugere que é apenas uma desculpa.

Ela secretamente toca a lateral da minha jaqueta, suas unhas cravando suavemente, quase hesitantemente, no material. — Podemos ir para casa?

Não perco a maneira como ela chama minha casa de ‘casa’ ou como sua voz treme em torno da palavra.

Ela provavelmente considera isso por causa de Jeremy, mas ainda levo um momento para deixar essa palavra penetrar enquanto a encaro. Com

seu desespero e a maneira como ela está respirando pesadamente. Definitivamente há algo errado com ela, e vou descobrir, mas isso fica para depois.

Balançando a cabeça uma vez, digo. — Tenho uma reunião de negócios para participar.

Ela solta a mão do meu lado e se concentra novamente em sua comida, enfiando uma garfada na boca. Eu me forço a desviar o olhar dela porque ela tem minha atenção mais do que eu gostaria de mostrar.

Eu percebo o sorriso de Kirill na minha visão periférica. Ele está sentado à minha esquerda, lambendo o garfo e com um sorriso astuto. *O filho da puta*. Pelo resto do jantar, eu não olho em sua direção de novo, mesmo quando eu a vejo roubando olhares para mim, implorando com seus olhos para pegá-la e ir embora.

Não há nada que eu queira fazer mais do que isso, mas Sergei convocou uma reunião para depois do jantar. Não apenas pelos membros da elite da irmandade, mas também pediu aos chefes de outras organizações criminosas que se juntassem a nós. Como uma demonstração de respeito à posição de Igor, ele convidou Lazlo, o Don da família Luciano, e seu subchefe. Há também Kai, o segundo em comando do ramo da Yakuza em Nova York, e seu líder, Abe, um velho que tem o temperamento de uma montanha silenciosa. No entanto, ele tem incomodado Damien ativamente durante todo o jantar, algo pelo qual nosso próprio touro negro está prestes a despedaçar a mesa. Ele não tem absolutamente nenhuma paciência quando se trata de usar métodos diplomáticos.

Alguns outros membros das Tríades também estão sentados à mesa de Sergei. Eu preciso estar naquela reunião hoje à noite. O que significa que tenho que deixar Lia novamente. Nestas circunstâncias, isso é a última coisa que eu quero, mas pelo menos Kirill e Damien estarão lá comigo e eu não terei que me preocupar com eles. Yan recebeu ordens claras para ficar de olho nela de longe.

Assim que o jantar termina, todos se levantam. Quando Lia se levanta e começa a me seguir, digo. — Fique aqui, — sem me virar para ela.

Se eu a vir, se for pego por seus traços suaves e aqueles olhos azuis tristes, ficarei tentado a tocá-la. Não ajuda que eu não tenha me enchido dela nos últimos dias, então ela não vai mais cortar o lábio.

— Adrian... — ela murmura.

— O que? — Eu digo asperamente, ainda sem olhar para ela, porque agora Sergei e Kirill estão parados lá me olhando em vez de irem para a reunião.

— Eu quero te contar uma coisa.

— Agora não.

— Mas...

— Agora não, Lia. — Meu tom é baixo e firme, não oferecendo espaço para negociação.

Eu não a vejo, mas posso sentir que ela fica rígida atrás de mim. Quando faço menção de sair, Kirill e Sergei finalmente se viram e sobem para seu escritório, onde será realizada a reunião.

Eu sigo depois, mas paro na base da escada para olhar para Lia e ter certeza de que ela está totalmente à vista de Yan. Rai está entrelaçando seus braços com ela, levando-a para uma seção de buffet. Não quero aquela mulher perto de Lia, mas, ao mesmo tempo, não posso interferir e me tornar visível.

Yan está parado cerca de três metros atrás e acena para mim quando eu encontro seu olhar. Embora ele tenha sido um pé no saco ultimamente, posso pelo menos confiar que ele a manterá segura.

Kolya para ao meu lado e sussurra em meu ouvido em russo. — Lazlo está vindo, senhor.

— Vá antes de mim.

Meu guarda obedece e eu sincronizo meus passos para que Lazlo e eu sejamos os últimos a subir as escadas. Seu guarda e subchefe estão um passo à nossa frente depois de receber a mensagem de Kolya. Planejamos estrategicamente para que nossa conversa aconteça nas escadas sem que ninguém suspeite de nós. Lazlo Luciano tem mais ou menos a mesma idade que Sergei, mas não tão doente. Seu cabelo é completamente branco e ele tem uma cicatriz na bochecha de quando alguém quis esculpir seu rosto com uma faca. Ninguém sabe o destino dessa pessoa ou por que ela fez isso, mas há um boato de que Lazlo os deixou ir. Um boato que significava fraqueza, e os italianos fizeram de tudo para provar que estava errado.

— Faz muito tempo que não te vejo, Adrian, — ele fala com um sotaque italiano.

— De fato, — contraponho com um russo, para destacar minhas raízes.

— Meus clubes e minha casa estão abaixo de você agora?

— Claro que não, Don. Eu estive ocupado.

— Ocupado. — Ele levanta uma sobrancelha. — Ocupado com o quê, Volkov?

— Negócio Bratva.

— Isso não o impediu de me fazer uma visita antes. — Ele me lança um olhar de soslaio. — Estamos caindo da graça um do outro?

— Não, mas posso estar caindo da graça de Sergei.

Ele faz uma pausa, pesando a gravidade da declaração. — Por quê?

— Você já sabe, Don. A morte de Richard Green serve a você, não à irmandade.

— Sim, sim. Mas podemos fazer funcionar, não? A bola nem sempre precisa estar do seu lado, Adrian.

— Se você não passar, você não terá mais um aliado em mim, Don.

— Você está me ameaçando, Volkov?

— Estou apresentando os fatos para que você possa escolher com sabedoria. Se você não nos der uma participação em seu novo candidato,

Sergei vai suspeitar que estou traindo a irmandade. Isso significa minha morte.

— Ele não iria te matar por algo assim.

— Ele iria. Ele já está procurando meu substituto. O filho mais velho de Igor, Alexei, é o principal candidato. — Ele não é realmente, mas é um incentivo para convencer Lazlo de como isso é sério. Igor não gosta de Lazlo por causa de um antigo rancor, e Alexei segue os passos de seu pai. Se Lazlo perder seu aliado mais forte dentro da irmandade, eu, ele não terá ninguém com quem recorrer.

Ele está se preparando para um novo empreendimento com um dos cartéis mais notórios da Colômbia. A última coisa de que ele precisa é um relacionamento tenso conosco ou uma guerra doméstica. Uso todos os fatos que sei sobre ele e seus planos de negócios a meu favor.

— Você está esperando que eu compartilhe meu bolo, Volkov? Trabalhamos tanto para finalmente expandir nosso alcance, e agora você está me dizendo que preciso desistir?

— Não desista. Use-o com sabedoria. — Eu recuo quando Damien sobe as escadas atrás de nós, acompanhado pelos japoneses.

Ele não presta atenção a essas coisas, mas Kai sim. Seus olhos escuros vagam sobre mim e o pequeno encontro que acabei de ter com Lazlo antes que ele acene em uma demonstração de respeito. Ele também é aliado de Rai, de certa forma, e só por esse motivo, não confio nele. Sergei, Rai,

Vladimir e Kyle são todos um pacote. Se eles se empenharem em me destruir, isso terá mais impacto do que o previsto.

Se fosse em qualquer outro momento, eu teria levado todos eles e ensinado a cada um deles uma lição. Eu teria usado meu sistema para destruí-los antes que eles pudessem me tocar. No entanto, isso não é mais apenas sobre mim.

A reunião vai bem na maior parte. A razão por trás disso nada mais é do que o fortalecimento dos aliados da irmandade com a família Luciano, a Yakuza e as Tríades. É a mesma conversa fracassada que Mikhail, Sergei e Igor lideram. Kirill também fala porque gosta de parecer um bom esportista. Damien passa a maior parte do tempo fumando e afastando os avanços de Abe para servir-lhe uma bebida. Vladimir está me observando. Ele está sendo discreto sobre isso, mas fui ensinado pela minha mãe a saber quando alguém é uma ameaça, mesmo quando eu não o vejo.

Fico em silêncio, como sempre, a menos que Sergei peça minha opinião. Hoje à noite, ele vai lançar golpes em mim. Eu os teria dispensado em qualquer outro momento, mas minha inquietação sobre esta noite está mais uma vez cheia de paranoia. Um sentimento que geralmente esmago antes que se infiltre em mim.

— Adrian tem as melhores relações com os italianos, — afirma Sergei.
— Como isso aconteceu de novo?

Ele sabe, mas quer que eu diga. — Eu ajudei o Don uma vez.

— Que tipo de ajuda? — É Vladimir quem pergunta desta vez.

— Ele salvou minha vida, — diz Lazlo com orgulho. — Na noite de um ataque ao meu clube, fui cercado pelos malditos Rozettis e quase morri, mas Adrian, que por acaso estava lá, me salvou.

— Por acaso. — Os olhos de Vladimir deslizam para mim. — Mas você não acredita em coincidências, não é, Volkov?

— Coincidências acontecem. — Kirill joga as mãos com desdém. — Se não fosse por coincidência, eu não teria nascido.

— Eu vou beber a isso. Para a existência de merda coincidente de Kirill.
— Damien levanta seu copo e todos os outros o seguem.

O assunto muda de mim para outros tópicos relacionados ao crime que geralmente incluem drogas, remessas e alfândega. Kirill me lança um olhar que diz 'de nada,' mas eu o ignoro.

Assim que a reunião termina, estou mais do que pronto para pegar Lia e ir para casa. No meu caminho para fora, Vladimir caminha ao meu lado e sussurra em russo, então só eu posso ouvir. — Eu sei que você teve algo a ver com a morte de Richard.

— Prova? — Eu permaneço calmo.

— Eu vou encontrar, e quando eu encontrar, você contará seus malditos dias, Adrian. Vou terminar sua vida com minhas próprias mãos.

— Boa sorte, Vladimir. Falo sério.

E com isso, Kolya e eu descemos as escadas correndo.

— Você verificou Yan? — Eu pergunto.

— Eu apenas disse a ele para levar a Sra. Volkov para o carro. Eles estarão lá antes de nós.

Apresso meus passos até chegar ao estacionamento. Kolya hesita atrás de mim, olhando para o telefone.

— O que?

Sua testa franze. — O carro está se movendo.

— O que você quer dizer com está se movendo? — Eu fico olhando para o GPS em seu telefone e, com certeza, nosso carro principal já saiu da mansão.

Eu pego meu telefone e ligo para Yan. O toque do outro lado da linha é o mais longo e doloroso que já ouvi.

Quando a chamada é finalmente atendida, há um farfalhar, respiração ofegante, mas não é a voz de Yan que me cumprimenta. É Lia, suave e em um pequeno grito-sussurro. — Yan! Yan, abra os olhos!

Eu não falo, porque eu não acho que ela está sozinha. Eu não quero denunciá-la por falar comigo.

— Yan! — Ela grita. — Adrian e Kolya estarão aqui. Eles ajudarão.

— Cale a boca, vadia, — uma voz diz ao fundo e então ela grita.

A linha fica muda. Eu agarro com força, minha mandíbula apertada com tanta força que está prestes a estalar.

— O que aconteceu? — Kolya pergunta em um tom inseguro.

– Lia foi sequestrada.

Capítulo Vinte e Cinco

Winter

Aconteceu tão rápido.

Um segundo, Yan estava me conduzindo para dentro do carro, e no próximo, ele foi baleado. Foi silencioso, rápido e eu não teria percebido se ele não tivesse recuado, batendo em mim.

O sangue cobria seu ombro, mas ele ainda estendeu a mão para me afastar. Mas era tarde demais. Enquanto eu estava preocupada em tentar estancar o sangramento em seu ombro, mãos inflexíveis me puxaram para dentro do carro enquanto ele acelerava.

Yan se agarrou a mim com todas as suas forças. Eles atiraram nele novamente no mesmo ombro. Eu coloquei meu peito no dele para que eles não fossem capazes de matá-lo e usei toda a minha energia para puxá-lo para dentro comigo.

Eu posso dizer que eles não me querem morta ou eles teriam atirado em mim também, então eu usei meu corpo como um escudo contra Yan. É claro que eles não queriam que ele se juntasse a nós, e eu provavelmente deveria tê-lo deixado cair fora do carro para que os outros o encontrassem

e ajudassem, mas eu não podia confiar que eles não o atropelariam em seu caminho para fora, apenas para ter certeza de que ele estava morto.

Meu corpo ainda está cobrindo o dele depois que um dos homens na frente interrompeu minha conversa com Adrian. Espero que as pequenas informações que dei ao meu marido falso permitam que ele e seus homens nos encontrem em breve. Não apenas porque tenho uma sensação horrível sobre para onde eles estão nos levando, mas também porque Yan perdeu muito sangue. Minhas luvas brancas ficaram vermelhas com o tanto que pressionei os dois buracos em seu ombro, mas o sangue não para de escorrer.

Seus lábios estão pálidos e ele continua tentando me empurrar com a mão boa, mas eu me recuso a ceder. Se eu fizer isso, o homem da frente que está segurando um maldito rifle não hesitará em atirar nele.

Não prestei atenção para onde estamos indo, mas as estradas são isoladas, silenciosas e escuras. Existem dois homens na frente. Quem está dirigindo usa uma jaqueta de couro, cabelo escondido por um boné e uma máscara preta cobre tudo, exceto a boca e o nariz. Ele é o silencioso, aquele que não falou desde que chegamos aqui. O outro homem está aninhando um rifle como se fosse seu animal de estimação. Foi ele quem atirou em Yan, pela segunda vez, pelo menos, e cortou minha ligação com Adrian.

Eles não estão falando, então eu não posso dizer de que nacionalidade eles são, mas o Homem Rifle falou com um inglês com sotaque agora.

Não tenho ideia do que seja, mas tenho quase certeza de que tem a ver com Adrian. Eles estão me sequestrando para forçá-lo a fazer algo? Não

acho que seja por causa de um resgate, ou eles já teriam feito suas exigências.

Nesse documento, foi mencionado que Adrian foi alvo de muitas tentativas de assassinato. Por causa de sua posição, ele sabe mais do que deveria e usa isso para os benefícios da irmandade. Seja para tomar o poder, ordenar um golpe ou roubar negócios. Seu controle sobre informações críticas o tornou um alvo para várias organizações criminosas e cartéis, incluindo os aliados clássicos da Bratva. Oglá mencionou uma vez que trabalha em casa para sua própria segurança e que o *Pakhan* prefere isso porque mantém o bem mais valioso da irmandade, Adrian, longe do perigo.

— Me solta, — Yan geme.

Eu balanço minha cabeça em seu ombro. Estou montada em seu colo, ambas as mãos pressionando seu ferimento. — Eles vão te matar.

Ele levanta uma sobrancelha. — Se não o fizerem, o chefe o fará.

Eu faço uma carranca. — Este não é o momento para pensar sobre a possessividade estúpida de Adrian.

— Ele vai realmente me matar por tocar em você.

— Você não está tocando. Eu estou. — Eu fico olhando para os homens silenciosos atrás de mim. — Quem são eles?

Yan balança a cabeça e não tenho certeza se isso significa que ele não sabe ou que não devo falar sobre eles quando podem nos ouvir. Provavelmente ambos.

Tudo o que sei é que esses homens são perigosos, até mesmo profissionais. Eles conseguiram passar por baixo da forte segurança na festa de hoje à noite e até mesmo sair despercebidos. O carro tem vidros escuros, o que ajudou, mas ainda assim. Yan e eu fomos pegos completamente desprevenidos.

— Por que você está tão calma? — O guarda de Adrian me pergunta, o suor escorrendo por suas têmporas.

Eu fico olhando para minhas mãos firmes. Até minha respiração está calma. Não entrei em pânico, nem mesmo quando Yan foi baleado. Meu pensamento imediato foi tirá-lo são e salvo dessa situação. Ainda é.

Mas desde que recebi essa mensagem, tive a premonição de que algo ruim iria acontecer. É por isso que eu praticamente implorei a Adrian para nos levar para casa.

— O pânico não nos fará nenhum bem, Yan.

— Você é tão diferente. — Ele agarra minha mão com a sua mão ferida e tenta me tirar de cima dele.

Eu o afasto o mais suavemente possível. — Pare de se preocupar com a reação de Adrian quando você estiver prestes a sangrar até a morte.

— Não é possível. Nós existimos para ele.

— Jesus. Isso é algum senso distorcido de lealdade.

— Ele está tão cego, no entanto... — ele para de falar, sua voz enfraquecendo. — Ele perdeu de vista o que é importante...

Eu pressiono mais forte em sua ferida e ele grunhe, franzindo os lábios para abafar um gemido de dor. Eu posso sentir minha força diminuindo e Yan ainda não para de sangrar. Não demorou muito para ele perder a consciência. Ele tenta lutar, vou admitir. Ele continua tentando abrir as pálpebras quando eu chamo seu nome, mas então ele desmaia.

— Yan! Não desmaie. Pense em seu chefe estúpido e em Kolya e Jeremy. — Minha voz é urgente, quase histérica. Ele é a única aparência de amigo que eu tenho desde que me coloquei no lugar de Lia.

Seus lábios secos se contraem, mas ele não tenta abrir os olhos.

— Yan!

— Cale a boca, vadia! — O Homem Rifle se vira e me acerta no rosto com a ponta do rifle. A dor explode em minha têmpora e sinto o gosto de metal em meus lábios.

Lágrimas enchem meus olhos de dor aguda, mas eu não as deixo sair. Eu também não libero o corpo inerte e frio de Yan. O carro para e eu me encolho ainda mais em Yan. Se eles o jogarem no meio do nada, ele não conseguirá sobreviver.

— É hora de você lidar com essa vadia. — Homem Rifle retira um cigarro. — Estou tão cansado da voz irritante dela...

Seu cigarro cai de seus dedos quando o motorista atira em seus olhos. Sua cabeça pende para o lado, o rosto contorcido de surpresa. Eu suspiro, meu corpo todo ficando rígido. Ele acabou de atirar em seu parceiro.

O motorista inclina a cabeça para baixo e o boné preto esconde sua expressão. Sua mão, coberta por uma luva de couro preta, repousa no volante, e a outra que está segurando a arma está em seu colo. Sua postura é relaxada, indiferente.

— Filho da puta barulhento, — ele murmura casualmente.

Meus lábios se separam quando a realização bate em mim. É a mesma voz do meu pesadelo. O mesmo tom. O mesmo tenor.

Você tem uma missão. Puxe a porra do gatilho.

A sombra. A sombra está aqui.

— Muito tempo sem te ver, Duquesa, — ele diz sem se virar. — Sentiu minha falta?

Tento me mexer para o lado para vê-lo, mas o boné e a máscara ainda camuflam seu rosto.

— Quem é você? — Minha voz está calma, mas cautelosa.

— Quem sou eu é uma forma interessante de colocar isso. Quem é você, duquesa? Qual é a sua missão?

— Eu não tenho missão.

— Sim, você tem. — Ele gira a arma em sua mão, seu dedo indicador pressionando o gatilho. — Você sabe. Eu sei isso. Se você não fizer isso acontecer, você pagará o preço.

— Eu não sei do que diabos você está falando, — meus lábios tremem quando as palavras os deixam.

— Encontrar brechas para falar com você é tedioso pra caralho, Duquesa. Pare de perder meu tempo e faça acontecer. Vou verificar você em breve. — Ele sai do carro e, antes que eu possa respirar, ele abre minha porta e me puxa para fora.

Eu seguro Yan e nós dois caímos no chão. Está escuro lá fora. Tão escuro que mal consigo ver os contornos do rosto de Yan. A sombra está na minha frente, mas não há como descobrir quem ele é. Ele é alto, magro e cheira a... alvejante.

Alvejante... por que ele cheira assim e por que é familiar?

— Eu não sou um homem paciente, Duquesa. Portanto, não teste meus limites.

E com isso, ele sobe no carro. Os pneus cantam no cascalho e na sujeira antes de disparar para longe. *Ele está nos deixando aqui?*

Não tenho nem meu telefone para ligar para Adrian ou pelo menos usá-lo como lanterna. Um gemido vem de Yan e tateio na minha frente até pegar algo quente. A mão dele. Graças a Deus é a mão dele e não outro órgão.

— Yan! Abra seus olhos.

Não há resposta e, quando toco em seu ombro, posso sentir o sangue ainda escorrendo. Se eu não fizer algo, ele certamente morrerá. Eu me esforço para colocá-lo de bruços, então me agacho na frente dele, coloco seu braço bom em volta do meu pescoço e agarro a bainha de sua jaqueta com a outra mão.

Levantando, tento carregá-lo. Ele é mais pesado, mais alto e mais volumoso do que eu, então essa missão é uma falha épica desde o início. Mas eu não o solto, mesmo quando todo o seu peso cai sobre mim.

Eu não paro.

Eu chuto meus sapatos e ando descalço para melhorar meu equilíbrio. Pedregulhos cavam nas solas dos meus pés como minúsculas agulhas. No início, sinto que minhas costas serão quebradas em duas, mas depois de alguns passos, uma onda de adrenalina percorre meus membros.

Lembro daqueles tempos em que passei a noite inteira no estúdio, dançando e torturando meus pés. Eu pratiquei várias vezes para aperfeiçoar minha postura, minha técnica e meu desempenho. Se eu pude sobreviver aquilo, eu posso sobreviver a isso. Porque não há nenhuma maneira no inferno de eu deixar Yan para trás. Ele levou essas balas por mim. Ele está morrendo por minha causa.

A noite está calma e escura. Não há nem lua para me ajudar a me orientar. Um calafrio me cobre da cabeça aos pés e meus músculos gritam de dor. Caminho tanto que começo a perder a sensibilidade nos pés. Preciso encontrar um lugar para pedir ajuda e preciso encontrá-lo logo. Meus dedos tocam uma superfície sólida e eu sorrio, mesmo enquanto me esforço para segurá-lo. — Eu encontrei uma estrada, Yan. Eu vou nos colocar em segurança.

Ele não emite nenhum som. Sua pulsação sob meus dedos está ficando mais fraca, seu corpo mais pesado.

— Vamos. Fique comigo, Yan.

Faróis brilham à distância e tento chegar à estrada. Eu paro no meio de um passo, recuando quando o carro passa por nós. Porra. Essa foi por pouco. Se eu estivesse na estrada, isso teria nos atingido. O carro para à frente, suas luzes vermelhas brilhando antes de dar marcha a ré a toda velocidade, parando bem na nossa frente.

Quase choro de alegria quando a porta do passageiro se abre e Adrian sai. Eu fico olhando para suas feições tensas e sua arma em punho. No modo como ele parece um senhor da guerra pronto para começar uma batalha e vencê-la.

Ele nos encontrou.

Não tenho ideia de como ele conseguiu fazer isso tão rápido, mas estou tão feliz que ele está aqui. Ele me agarra pelos ombros. — Você está bem?

Eu consigo fazer um leve aceno de cabeça e, em seguida, aceno para Yan. — Ele foi baleado. Em dobro. Ajudem ele.

As palavras não saem totalmente antes de Kolya tirar Yan de mim e carregá-lo. Eu não cedi de alívio por seu peso ter sumido, no entanto. Na verdade, meus dedos tremem enquanto pensamentos pessimistas correm para mim. Pelo menos quando ele estava inclinado nas minhas costas, eu podia sentir seu batimento cardíaco, por mais baixo que fosse, e dizer a mim mesma que ele estava vivo. Agora, parece que ele está mais perto da morte do que da vida.

Um segundo carro para atrás deste e Kolya coloca Yan cuidadosamente dentro.

— Lia.

— O que? — Eu respondo distraidamente, ainda observando o corpo sem vida de Yan.

— Lia!

— O que? — Eu grito com Adrian.

Ele está enxugando meus olhos. Sinto o gosto de sal e é quando percebo que estou chorando. Por quanto tempo, não tenho ideia, mas já faz tempo que estou fungando e tremendo. Adrian verifica minhas mãos, meu vestido e meu casaco.

— Não é meu. É de Yan, — eu digo para explicar o sangue.

O polegar de Adrian passa sob minha bochecha e eu estremeço quando ele toca meu lábio cortado. — Onde está o filho da puta que fez isso?

— Ele morreu.

— Morreu?

— Seu parceiro o matou.

— E onde está o parceiro dele?

— Ele saiu no carro. — Eu fico olhando para ele enquanto o veículo carregando Yan gira à distância. — Ele vai ficar bem?

Posso sentir a hesitação em Adrian. Ele o viu. Ele viu o sangue. Ele sabe que seu segundo guarda mais próximo pode não sobreviver.

— Vamos embora. — Ele me conduz ao banco de trás e dois de seus guardas entram na frente.

Adrian mantém seus braços em volta de mim durante todo o trajeto para casa. As lágrimas estúpidas não param de cair e eu continuo tremendo como uma folha no inverno. Ele tira o paletó e o envolve sobre meu casaco ensanguentado, mas isso não alivia a dor que estou sentindo no fundo do meu peito.

Estou chorando, mas não é só por causa de Yan. Também estou chorando porque acho que conheço aquele homem, a sombra, aquele que disse que eu tinha uma missão. E algo me diz que essa missão é mais perigosa do que eu poderia imaginar.

Capítulo Vinte e Seis

Winter

Prendo minha primeira respiração de verdade quando o médico diz que Yan vai sobreviver. Ele perdeu muito sangue e ainda está inconsciente, mas não há ameaça imediata para sua vida.

Essas palavras rasgam meu peito e se alojam contra meu coração com uma força que me rouba o equilíbrio. Eu agarro o braço de Adrian e me apoio enquanto estamos no meio do quarto de Yan que está localizado na casa de hóspedes, o lugar que Adrian nunca me permitiu entrar antes.

Ele está deitado nas costas, com o peito enfaixado, sem mais sangue deixando seu corpo, mas ele também não está abrindo os olhos. Seu lindo rosto de modelo é pálido e pastoso e seus lábios estão rachados.

Kolya está ao seu lado, verificando sua temperatura exatamente como o médico mostrou. Não perco que eles tenham um médico no local, ou que ele não fez perguntas sobre por que ele teve que tratar um paciente baleado na casa de Adrian. Ele apenas balançou a cabeça e saiu como se isso fosse uma ocorrência diária. Provavelmente é.

— Como está a temperatura dele? — Eu pergunto a Kolya enquanto ele olha para o dispositivo em sua mão.

O quarto é simples, com uma cama no meio e um armário no canto. A única luz vem da lâmpada na mesa de cabeceira, lançando sombras escuras no rosto pálido de Yan.

— É alta, mas não alarmante. — Kolya se endireita e, embora sua carranca usual esteja amarrada no lugar, há uma cautela sutil em sua postura. — Vou me certificar de que desça durante a noite.

Eu dou um passo a frente. — Eu também vou ficar.

— Não. — Adrian me agarra pelo cotovelo e me puxa de volta. — Você fez sua parte. Deixe isso para Kolya agora.

— Ele está certo, Sra. Volkov. Obrigado por tudo que você fez. Se você não o tivesse carregado ou tentado estancar o sangramento, ele não teria sobrevivido. — Kolya oferece o que parece um sorriso. Ele é exatamente como seu chefe nesse departamento. Eles precisariam de uma ou duas lições do animado Yan.

— Não foi nada.

Eu quero ficar e cuidar de Yan, mas Adrian me carrega em seus braços e sai da casa de hóspedes em direção à casa principal. Ele tem feito isso desde antes porque eu não estou calçada, e sou grata porque minhas pernas não conseguem me carregar adequadamente. Minhas mãos dentro das minhas luvas ensanguentadas descansam no meu colo e tento não ser pega pela visão delas e relembrar o que aconteceu com Yan.

— Segure em mim, Lia, — Adrian diz severamente.

— Elas estão ensanguentadas.

— Veja se eu me importo?

Ele não liga, mas eu sim. Mesmo enquanto envolvo meus braços em volta do pescoço dele, tento manter as luvas longe. Eu não quero sujar ele de sangue. Não deveria haver sangue perto dele. Assim que estamos dentro do quarto, eu me contorço para que ele me solte. Na luz forte, posso ver o carmesim em minhas luvas, em todo o meu casaco e no meu vestido. Está em toda parte, como uma segunda pele.

Adrian me abaixa e eu me afasto. Ele fecha a porta e, quando avança em minha direção, seus olhos estão encobertos, escuros, como se estivessem preparando uma tempestade, um vulcão ou ambos. Sua camisa de smoking branca tem manchas de sangue nela. Há um pouco em sua testa também. Eu não gosto disso. Eu não quero isso com ele e odeio ser a razão de estar lá.

Realmente não deveria haver sangue nele. Eu franzo a testa. É a segunda vez que penso nisso em alguns segundos. Não tenho ideia de por que estou atormentada por isso, mas sei que não consigo ver a cor carmesim nele. Isso puxa uma parte escura de mim onde existe aquela caixa preta em que eu estava preso.

— Eu... eu vou tomar um banho. — Eu passo por ele até a porta. — Vou fazer isso em um dos outros quartos.

Minha mão está na maçaneta da porta quando seu corpo achatou o meu por trás, seus músculos rígidos e constituição alta diminuindo meu corpo menor. Sua palma cobre minhas luvas ensanguentadas sobre a maçaneta

da porta enquanto ele sussurra contra a minha orelha. — Onde você pensa que está indo?

— Banho... — Minha voz é baixa, ofegante e soa insincera porque o banho é na verdade a última coisa que eu quero fazer agora.

— Você tem ideia de como eu estava preocupado? — Ele esfrega o queixo contra o lado da minha cabeça enquanto seus dedos desfazem as presilhas que prendem meu cabelo. Os fios caem nas minhas costas e ele esfrega o nariz contra eles, me inspirando. — Eu pensei que tinha te perdido de novo, Lia.

Meus olhos se fecham, absorvendo o tenor profundo e baixo de sua voz e a sensação dele atrás de mim. É seguro e tão familiar. Eu não deveria estar tendo esses pensamentos agora, não quando ele está falando sobre outra mulher, mas sou incapaz de pensar além de sua presença. Seu toque. Suas palavras.

Eu me tornei viciada nele em vez de álcool. Suas punições brutais e meus orgasmos opressores se tornaram minha nova dose, mas ele tirou isso e doeu mais do que não beber. Pelo menos com a falta de álcool, era uma dor de cabeça. Com ele, todo o meu corpo passou por retração. Eu estive morrendo de fome por tanto tempo, uma eternidade, ao que parece e os eventos desta noite só aumentaram minha fome.

Os lábios de Adrian roçam a curva da minha mandíbula e descem até o oco da minha garganta, mordiscando, sugando. Meus músculos perdem a rigidez de antes e eu relaxo em suas mãos, meus dedos liberando a maçaneta. Adrian segura meu queixo com dois dedos, levantando-o para

que ele possa beijar meu pescoço, então minha clavícula, antes de voltar para o meu queixo.

O sangue não o detém. É como se não existisse. Ele me gira e eu olho para ele quando meu traseiro encontra a superfície sólida da porta. Ele me encara de volta enquanto tira seu paletó e segue com meu casaco. Fico em silêncio, enquanto uma peça de roupa segue a outra, se acumulando ao meu redor.

Adrian enfia os dedos de uma mão pelo meu cabelo enquanto a outra encontra meu zíper, abrindo em um movimento rápido. O material desliza pelos meus braços antes de se juntar ao resto das roupas espalhadas pelo chão. Estou de pé com nada além de um sutiã sem alças e calcinha de renda preta. Estou seminua, mas não me sinto vulnerável, porque a maneira como Adrian me observa é aquecida, queimando, ao contrário de todos os olhares robóticos que ele me deu nos últimos dias.

— Estou tão orgulhoso do que você fez para ajudar Yan, *Lenochka*, — ele murmura contra o meu rosto enquanto enrosca os dedos na ponta da minha calcinha.

— Você está orgulhoso de mim? — Eu agarro as laterais de sua camisa para me equilibrar.

— Sempre tive orgulho de você. — Ele faz uma pausa. — Vamos mudar isso para principalmente.

Quero perguntar se ‘principalmente’ inclui eu ou Lia, mas escolho não estragar o momento. Eu não me importo com quem ele me vê agora, porque sou eu que estou aqui.

Não é Lia. Eu.

Adrian desabotoa o cinto e eu fico olhando com a respiração suspensa enquanto ele deixa sua calça e boxer cair em seus pés. Ele é sempre um espetáculo para ser visto, algo de que não consigo tirar os olhos, mesmo quando meus instintos me dizem que ele é perigoso. Apesar desse perigo, ou mais por causa dele, fui pega em sua órbita sem como escapar.

Ele levanta uma das minhas pernas e a enrola em sua cintura. Eu a mantenho lá, incapaz de desviar o olhar de seu pau. Está duro, grosso e tão pronto que minhas entranhas vibram com um tipo de desejo carnal.

Adrian entra em mim lentamente, e mesmo com meu núcleo liso, seu pau força seu caminho em meu corpo, me enchendo sem estar totalmente dentro. Enquanto ele toma seu tempo, eu percebo que não é apenas o desejo que está me agarrando, rasgando minha carne e encontrando refúgio em meus ossos. É algo mais profundo, escuro e sinistro. Neste momento, quero observar a maneira como ele está me possuindo, centímetro a centímetro agonizante. Eu quero ver como nossos corpos estão unidos. Um gemido gutural preenche o ar e eu percebo que é meu.

Adrian faz uma pausa e um gemido satisfeito sai de seus lábios. — Porra, *Lenochka*... você sabe quantas vezes eu pensei em ouvir sua voz gutural sexy?

Eu quero morder meu lábio, para acabar com isso, para não permitir que ele ouça minha voz quando ele ainda está me chamando pelo nome de outra mulher, mas o olhar em seus olhos me impede. O cinza é intenso, mas não áspero. É como estar presa em um sonho brilhante e saber que vou acordar em breve, então devo aproveitar cada segundo disso.

— Você é tão linda, — ele murmura, girando os quadris até que seu pau esteja totalmente dentro de mim. — Você é minha casa, porra.

Eu suspiro tanto com suas palavras quanto com a maneira como ele está me enchendo a ponto de me esticar da maneira mais deliciosa possível. *Casa.*

Ele me chamou de casa.

Meus braços circundam seu pescoço enquanto eu subo em seu corpo de modo que minhas duas pernas estão enroladas em sua cintura. Eu não me importo com o sangue ou como esta é possivelmente minha pior aparência agora.

A única coisa que fica soando na minha cabeça é a palavra ‘casa.’ Na verdade, nunca tive uma, não realmente, e o fato de Adrian estar me chamando de sua está ativando uma parte adormecida de mim que eu não achava que existisse. A parte que também quer uma casa e quer que ele me mostre o quanto eu sou sua casa. Adrian penetra lentamente em mim, a nova posição dando a ele uma profundidade que permite que ele me acerte em um ponto sensível com cada impulso sem pressa.

— Você é tão apertada, *Lenochka*. Vamos, abra para mim.

Eu percebo então que ele está apenas indo devagar, então ele não vai me machucar. Apesar de sua natureza implacável e suas punições implacáveis, Adrian às vezes me trata como se eu fosse um copo de cristal que vai quebrar se ele pressionar com força suficiente.

Isso pode ser verdade, já que ele é, de fato, enorme. Ele é tão grande que sinto uma queimadura toda vez que ele bate dentro, mesmo que eu esteja encharcada. Mas é o tipo requintado. O tipo em que as mariposas não se importariam de serem queimadas vivas, contanto que provassem.

Eu cavo meus calcanhares em sua bunda, incitando-o silenciosamente. Os lábios de Adrian capturam os meus conforme seu ritmo aumenta. Seu beijo combina com a ferocidade de suas estocadas. Primeiro, eles são profundos e sem pressa. Então, eles são rápidos e impiedosos, roubando-me qualquer senso de razão.

É impossível acompanhar, mesmo se eu tentar. Minhas costas atingem a porta, deslizando sobre ela e batendo contra ela para combinar com o poder afiado de seus quadris, de seu beijo, de todo o seu corpo.

Eu sou uma marionete em suas mãos, mas ele não está tirando minha lógica. Ele está se gravando sob a minha pele. Ele está roubando meu bom senso e minha respiração. Ele está abrindo portas dentro de mim que eu não sabia que existiam. Desde que ele começou a me beijar, não sinto falta de ar. Ele é meu oxigênio agora. A razão pela qual estou lutando com unhas e dentes para me segurar à vida.

O orgasmo me atinge com tanta força que não o vejo chegando até que exploda no meu rosto. Eu rolo minha cabeça para trás, meus lábios deixando os dele momentaneamente. — Aaaah... Adrian! Adrian!

— Foda-se, porra. — Ouvi-lo xingar só fortalece meu orgasmo. Ele não é do tipo que amaldiçoa normalmente, mas parece ter perdido um pouco de seu controle de ferro desde que me pegou em seus braços. Ele entra em mim com força animal, me fodendo contra a porta com golpes profundos e furiosos. — Repita isso. Repita meu nome.

— Adrian, — eu sussurro, então gemo. — Adrian!

Por um momento, sinto que estou suspensa no ar. Minha cabeça e meu coração estão tontos. Minha cicatriz não formiga, meu peito não dói. *Eu estou livre*. Nos braços de Adrian, estou livre de tudo e de todos. Eu sou apenas eu.

Esses pensamentos expandem a onda do meu orgasmo, uma vez que me engole inteira. Não é nada como eu já senti antes e isso me assusta, mas eu monto, de qualquer maneira. Meus dedos cavam nos ombros de Adrian enquanto um longo gemido misturado com um choramingo sai dos meus lábios. Adrian goza então. Eu sinto seu esperma aquecendo minhas entranhas enquanto seus ombros se contraem sob meus dedos.

— Porra, — ele respira contra o oco do meu pescoço.

Mas ele nem mesmo para enquanto chuta a calça e boxer e me carrega para o banheiro enquanto ele ainda está dentro de mim. Ele remove minhas luvas e meu sutiã, jogando atrás dele. Minhas mãos estão

ensanguentadas, mas Adrian não olha para elas com nojo, mais como com orgulho.

Estou orgulhoso de você, disse ele. *Você é minha casa*, ele também disse.

Ainda estou nas nuvens por causa do orgasmo ou isso é algo totalmente diferente?

Ele me coloca de pé, e estou um pouco instável, então ele mantém a mão no meu braço enquanto sai de dentro de mim. Eu tremo com a perda dele, então meus olhos caem quando seu esperma escorre pelas minhas pernas.

Jesus. Isso deveria ser excitante?

Adrian observa a evidência de sua foda completa enquanto tira a camisa, revelando seus músculos rígidos e a tinta etérea decorando seus braços. Eu quero tocá-los, abraçá-lo, mas sempre parece que não é minha função fazer isso. Como se eu não tivesse absolutamente nenhum direito sobre ele para estudar suas tatuagens.

Adrian aperta o botão e a água nos encharca em um segundo. Ele esfrega lentamente o sangue das minhas mãos e usa uma escova para removê-lo de debaixo das minhas unhas. Em seguida, ele passa para o meu rosto, meu pescoço e meus braços. Estou prestes a derreter com a maneira como ele me toca. O cuidado em seus olhos. A suavidade que não combina com seu personagem que ele mostra apenas para mim.

Quando ele termina, ele envolve seus braços em volta da minha cintura e me levanta, cavando a ponta dos dedos na minha bunda. Então ele bate dentro de mim com um golpe implacável. Eu gozo. Bem desse jeito.

Eu nem estava excitada, mas acho que a maneira como ele me lavou foi tão estimulante que tudo o que ele teve que fazer foi entrar em mim para que eu tivesse um orgasmo. Não é nem mesmo o estímulo físico, é o significado por trás disso, a ternura, a preocupação em seus olhos cinzentos que ele sempre dedicou apenas a mim. Eu não me incomodo em abafar meus gemidos, meus gritos e minha alegria absoluta enquanto ele me fode debaixo do chuveiro. Eu o seguro com as duas mãos, não querendo deixá-lo ir.

Nem agora, nem nunca.

Ele não para de me foder, me possuir, muda de posição de vez em quando. Suas mãos estão por toda parte, segurando meus seios, beliscando meus mamilos, puxando meu cabelo para que ele possa mordiscar um ponto sensível na minha garganta. Ele me beija e depois morde minha língua. Ele chupa meu mamilo, depois o puxa. Ele entra em mim lentamente, depois leva a um nível irregular e enlouquecedor.

É como se ele não se cansasse de mim e quisesse aprofundar nossa conexão a cada toque. Ele fode como fala, com uma escuridão aparente calma, mas sutil. Estou tão estimulada que sinto que um orgasmo continua sangrando no outro.

Minha frente está agora contra o vidro transparente enquanto ele entra em mim por trás enquanto prende meus dois pulsos com uma mão no vidro acima de mim. Minha boca está aberta em um 'O' enquanto eu tomo cada impulso delicioso e cada pontada de dor que vem com ele.

— Ahhh... Adrian... estou gozando...

Ele aumenta o ritmo, beliscando meus mamilos com a outra mão até que fiquem doloridos e eu grite de dor. — Tão sensível.

— Adrian! — Eu caio sem aterrissar. Eu continuo caindo e rolando, encontrando uma pausa apenas para que eu possa cair novamente.

Se eu soubesse que seria assim, eu o teria deixado ouvir minha voz, então ele teria me fodido há muito tempo.

Adrian ainda não gozou. Se qualquer coisa, meu orgasmo o fez ficar mais duro dentro de mim. Seus lábios encontram meu ouvido enquanto ele sussurra. — Obrigado por me receber em casa.

E então ele goza dentro de mim novamente. Eu fecho meus olhos para memorizar a sensação e suas palavras.

Obrigada por ser minha casa, estou prestes a sussurrar em resposta, mas sua cabeça cai no espaço entre meu pescoço e ombro e ele beija a pele lá. — Porra, eu senti sua falta, Lia.

Meu corpo inteiro afrouxa contra ele. Tudo o que aconteceu esta noite. Sua preocupação, sua paixão desenfreada e até mesmo a maneira como ele está mordiscando minha pele e balançando levemente seus quadris nunca foram feitos para mim.

Ele não me vê. Ele está apenas ficando com Lia. Esse pensamento me corta tão profundamente que uma lágrima desliza pela minha bochecha, se misturando com a água e caindo pelo ralo. Porque eu sei, só sei que ele nunca vai me ver como Winter.

Eu sempre serei Lia.

Capítulo Vinte e Sete

Adrian

Eu não consigo parar. Eu digo que vou depois de mais uma vez, enquanto a levanto e a deito de bruços, abrindo bem as pernas e empurrando nela por trás. Eu disse que iria parar depois de levá-la mais uma vez na cama na noite passada. Eu disse que iria parar depois de acordá-la, meus dentes mordiscando seu pescoço e os dedos provocando seu clitóris.

Mas eu sou um maldito mentiroso.

Não tenho vontade ou plano de parar. Quanto mais eu a provo e inalo o cheiro tangível de sua excitação, mais fico tentado a me deleitar com isso. Para comê-la, engula-a tão profundamente que ela nunca vai pensar em encontrar uma saída. Eu venho com método após método para arrancar dela um orgasmo após o outro.

Normalmente, eu sou do tipo que sabe o momento exato para parar. Você não pode exagerar ou fazer pouco. Encontrar esse equilíbrio é impossível para a maioria das pessoas, mas não para mim. Sempre me destaquei por ser o tipo de pessoa da ‘quantidade certa.’

Eu nunca me importei muito ou pouco. Nunca exagerei, nunca ultrapassei os limites. Nunca tive vícios ou coisas das quais não poderia me livrar facilmente. Lia é a exceção de tudo isso. Ela é o vício que eu não esperava chegar, e quando finalmente a notei, ela já estava fluindo em meu sangue. Ela é aquela cujos limites deveriam ser empurrados, mas acabei sendo aquele em uma confusão de problemas.

Esta mulher é inebriante. Ela rastejou sob minha pele e injetou sua magia negra em meus ossos. Agora, ela é a razão de eu respirar. Eu sinto que se eu parar de tocá-la, se eu a deixar ir, ela vai desaparecer novamente.

Eu nunca vou tê-la novamente.

Minhas estocadas se tornam profundas, afiadas e animais com o pensamento. Nunca estive tão duro como na noite passada e esta manhã. Meu pau está em uma necessidade constante de reivindicá-la, possuí-la e ensiná-la que ela nunca irá a lugar nenhum, voluntariamente ou não.

O corpo de Lia estremece, seus dedos agarrando o cinto que eu amarrei em torno de seus pulsos e preendi ao gancho na cabeceira da cama. Ela está tão linda e tão fodidamente minha.

Seu corpo é pequeno, quebrável e tão frágil que dói pensar o que poderia ter acontecido com ela na noite passada. Cortes marcam as solas dos pés e há um hematoma se formando sob o olho. No momento em que a vi ofegando, chorando e em um leve estado de choque, jurei encontrar quem a tocou e quebrar a porra do pescoço com minhas próprias mãos.

Ao mesmo tempo, quando a vi lutando para segurar Yan em pé e sabendo que ela provavelmente o carregava por um longo tempo, a julgar pelos arranhões em seus pés, tive um profundo sentimento de orgulho. Porque embora Yan devesse protegê-la, eles se encontraram em uma posição invertida e ela não deixou um homem para trás.

Esta pequena fodida mulher carregava um homem grande nas costas como se isso fosse normal. Esses pensamentos só me encham de mais desejo por ela, mais necessidade de me gravar sob sua pele e em seu sangue. Eu cavo meus dedos em sua bunda enquanto minha outra mão levanta seu estômago um pouco. Com um dos meus joelhos firmemente plantado entre suas coxas abertas, esta posição me dá mais espaço para poder entrar dentro dela.

Lia morde o travesseiro, abafando seus sons novamente. Ela está fazendo isso desde que a tirei do chuveiro na noite passada. Eu libero sua bunda e me inclino para que meu peito cubra suas costas.

Seus músculos se dobram sob o meu toque, cedendo um pouco enquanto suas paredes se fecham em torno do meu pau. Enfiei dois dedos em sua boca, abrindo-a. — Não se esconda de mim, Lia. Me deixe ouvir sua voz.

Seus olhos encontram os meus, a umidade se acumulando neles. Eles são silenciosos, mas desafiadores. Determinados, mas tristes, como um desastre natural que não quer arruinar a vida das pessoas, mas sabe que isso tem que acontecer de qualquer maneira.

— Lia. Abra.

Ela envolve seus lábios em torno dos meus dedos e morde com força enquanto suas entranhas me estrangulam. Eu gozo ao mesmo tempo, minhas bolas doendo com a intensidade da minha liberação.

Os joelhos de Lia dobram e ela desaba o colchão. Eu quero cair sobre ela também, beijar sua garganta e morder seus mamilos eretos e rosados. Eu quero adorar seu corpo inteiro apenas para que eu possa fazer tudo de novo. Mas eu saio dela e me mantenho em uma posição de flexão para não esmagá-la com meu peso. Ela é tão pequena que dói imaginar que iria machucá-la dessa maneira.

Lia para de morder meus dedos e os solta, deixando um rastro de saliva e marcas de seus dentes. Ela tenta desviar o olhar, mas eu deixo cair um dos meus joelhos entre suas pernas e a agarro pelos cabelos, forçando-a a ficar no lugar.

Eu corro as pontas dos meus dedos indicador e médio, aqueles que ela apenas mordeu, sobre seus lábios. — Se você gosta de algo, confesse.

Ela encara meus dedos, franzindo os lábios enquanto eu deslizo a ponta da minha língua sobre sua garganta antes de encontrar seu ouvido. Seu corpo todo estremece e posso sentir sua luxúria, mesmo sem tocar entre suas pernas. Seus olhos se arregalam, sua respiração se quebra e sua pele fica quente ao toque, um pouco suada, um pouco bagunçada e perfeita pra caralho.

— Por que você está se silenciando de novo, hmm? — Eu sussurro em palavras baixas, tentando o meu melhor para não deixar meu temperamento soltar.

— Pergunte a si mesmo, — diz ela, sem fôlego.

— Estou lhe perguntando. Responda.

Ela franze os lábios novamente.

— Você está com vontade de algum castigo, Lia? Já faz algum tempo, então talvez seu corpo esteja desejando aquela onda de dor.

Ela zomba.

— Esse é um, Lia.

Seu brilho encontra o meu e eu acho que é por causa da punição, mas ela range os dentes cerrados. — Eu não sou Lia.

— Dois. E você é.

Novas lágrimas enchem seus olhos enquanto ela pula para fora da cama, tentando me afastar. Posso facilmente dominá-la, especialmente com ela amarrada e presa para ser tomada, mas as lágrimas me impedem. Não são lágrimas de prazer como quando ela estava soluçando durante o orgasmo enquanto era chicoteada. São lágrimas de dor.

Eu dou espaço a ela, sentando de joelhos para abrir o cinto de suas mãos. Estou tentando massagear seus pulsos, mas ela os puxa de volta e aponta o polegar para si mesma. — Winter! Meu nome é Winter. Pare de me chamar de Lia. Simplesmente pare!

Minha mandíbula aperta. — Três.

— Faça cem. Eu não me importo. — Ela bate no meu peito com o punho fechado. — Você está me apagando, Adrian. Você está me eliminando da existência.

Eu envolvo a mão em sua cabeça e a puxo para mim, forçando um fim a sua birra. Ela luta contra mim um pouco mais, suas mãozinhas empurrando, seus dentes mordendo as saliências do meu peito, mas sua energia diminui com um soluço que sai de sua garganta. Está em carne viva, mas salta direto contra minha caixa torácica e desaparece.

Eu não dou a mínima para o motivo pelo qual ela está chorando.

Logo depois, seus níveis de respiração se estabilizam, embora seus punhos ainda estejam agrupados contra meu peito. Acho que ela adormeceu até murmurar. — Winter. Meu nome é Winter...

E então ela desmaiou. Eu a coloco na cama, vou ao banheiro e volto com uma toalha molhada para limpá-la. Eu a levanto, removo os lençóis que estão molhados com meu esperma e sua excitação, e a envolvo no edredom grosso. Ainda há lágrimas em seus olhos e eu as limpo com as costas dos meus dedos. Ela se inclina para o meu toque porque, mesmo durante o sono, seu corpo está sintonizado comigo.

Depois de me certificar de que ela está confortável, tomo um banho rápido, me visto e me junto aos meus homens lá embaixo. É um pouco cedo, mas não é muito cedo para o que temos que fazer. Eles estão prontos e já recebi relatórios dos meus hackers.

Meus olhos estreitam enquanto leio o e-mail de um dos hackers que pedi para forçar a entrada no GPS do meu carro depois que ele desapareceu na noite passada. Ele respondeu que o encontraram em um penhasco, não muito longe de onde pegamos Lia e Yan.

Envio dois de meus guardas para investigar antes que a polícia apareça no local do acidente. Se houver algo para limpar, eles farão isso também. Mas, acima de tudo, preciso saber quem diabos se atreveu a sequestrar minha esposa.

Minha. *Esposa.*

Nem aconteceu nas ruas ou em um lugar insignificante. Eles ousaram tirá-la de um evento realizado por Sergei em sua própria casa. Eles têm bolas, vou admitir isso, mas vou aproveitar cada segundo para cortá-las.

Envio mais alguns guardas para investigar a casa de Sergei, caso alguém saiba sobre o incidente. Depois que recebi o telefonema de Lia, meus homens e eu tomamos o cuidado de não alertar os outros. Qualquer risco de segurança na presença de outras famílias criminosas refletiria negativamente na irmandade e em Sergei. Eu não queria dar a ele mais um motivo para cavar em mim ou me forçar a expulsar Lia. Ele provavelmente pensaria que eu encenei toda a porra do sequestro e sacrifiquei Yan para me fazer parecer inocente sobre o fiasco dos italianos.

Isso é algo que o filho da puta do Kyle faria, não eu. O marido de Rai não hesitaria em se colocar em perigo contanto que ele pudesse seguir em frente. Eu não sou assim. Eu nunca sacrificaria meu povo ou colocaria Lia em perigo para meu próprio benefício.

Sergei não tem muitas câmeras no estacionamento, então preciso que meus homens me digam se alguma coisa foi capturada nas filmagens, e então vou me preocupar com isso. Depois de me certificar de que todos os meus homens estão onde deveriam estar, vou para o quarto de Yan na casa de hóspedes.

Eu levo um segundo para respirar. Por mais que o filho da puta esteja me dando nos nervos, não gosto de pensar na morte de Yan. Kolya sempre costumava brincar que ele é como nosso filho, com o quanto o idolatramos, e ele é, de certa forma. Vê-lo ser baleado foi equivalente a ver Jeremy sufocar alguns meses atrás.

Depois de um momento, empurro a porta. Kolya está sentado em uma cadeira ao lado da cama de Yan e segurando uma toalha molhada. Seus olhos estão injetados, mas alertas. Ele definitivamente não dormiu nada na noite passada porque ele tem uma fraqueza pelo bastardo imprudente deitado na cama.

Meu segundo em comando tenta se levantar, mas faço um gesto para que ele fique e pergunto em russo. — Como ele está?

— A febre baixou, — responde Kolya na mesma língua. — Mas ele ainda não acordou.

— Ele vai.

— Eu sei. — Ele hesita. — Você descobriu alguma coisa?

— Os outros homens dizem que não receberam a ordem para ir para o carro, então não testemunharam nada do que aconteceu.

— Yan provavelmente queria levar a Sra. Volkov para o carro primeiro.

— Sim. — Eu fico olhando para o peito enfaixado de Yan, tocando o dedo contra minha coxa. — Lembra quando Kyle foi baleado fingindo proteger Sergei, quando era ele quem estava por trás do ataque?

Kolya franze a testa, provavelmente sem saber aonde quero chegar com isso, mas concorda.

Minha atenção permanece em Yan enquanto eu falo. — Você sabe por que ele fez isso?

— Para entrar nas boas graças de Sergei.

— Que era basicamente sua camuflagem. Seu encobrimento. Ele recebeu uma bala não fatal como forma de sacrifício.

Os olhos de Kolya se arregalam, finalmente entendendo meu ponto. — Você não pode querer dizer... você não está acusando Yan do mesmo, está?

Minhas batidas param quando os olhos de Yan se contraem. — Hmm. Quem sabe?

— Com todo o respeito, senhor, Yan o serviu desde que era um bebê. Ele não é um assassino sem nome como Kyle, que está tentando cair nas boas graças de alguém. Ele levou duas balas pela sua esposa!

— Cuidado com o seu tom, Kolya.

Ele franze os lábios, mas não se desculpa. Depois de um momento, ele engole. — Tudo o que estou dizendo é que Yan não faria isso com você.

— Você está dizendo isso porque o conhece há toda a vida. Você acha difícil suspeitar dele por causa de seu vínculo.

— Aparentemente, você não tem nenhum problema com isso. Parabéns.

— Eu disse para ter cuidado com o seu tom, e não, Kolya, não tenho problemas em desconfiar das pessoas.

— E agora? Você vai matá-lo?

— Eu não sou tão cruel. Eu não o mataria sem questioná-lo primeiro.

Posso dizer pela expressão de Kolya que ele está furioso, desapontado e provavelmente quer me dar um soco no rosto. Podemos ter sido criados juntos, mas ele sabe que sou frio e calculista com as outras pessoas, não com os meus. Então, o fato de eu estar direcionando essas características para dentro, em Yan, está irritando-o como nada antes.

— Eu sou o próximo? — Ele pergunta baixinho. — Depois de Yan, é a minha vez?

— Não me dê um motivo. — Eu me viro. — Me diga quando ele acordar.

— Você sabe, — ele fala atrás de mim. — Por mais que odiasse seus pais, você é uma réplica deles.

Não estou sob a implicação de respondê-lo, então não o faço enquanto fecho a porta atrás de mim.

Uma réplica deles.

Possivelmente. Afinal, os monstros só podem gerar monstros.

Capítulo Vinte e Oito

Winter

Eu não posso mais fazer isso. Eu simplesmente não posso. Hoje acordei suando e chorando. Meu corpo inteiro tremia tanto que assustei Jeremy quando ele entrou em meu quarto.

Às vezes, não me lembro dos meus pesadelos, mas me lembro deste. Lembro de como Adrian estava me fodendo na cama, meus braços e pernas enlaçados em torno dele quando Lia irrompeu pela porta com uma faca. No entanto, desta vez, nenhuma sombra me salvou dela enquanto ela cortava minha garganta.

Adrian não olhou para mim duas vezes quando ela estava no quarto. Enquanto eu segurava meu pescoço sangrando, ele saiu de mim e foi até ela. Ele a abraçou de frente de uma maneira que nunca me abraçou. Ele respirou seu perfume e beijou suas têmporas.

— Senti sua falta, *Lenochka*, — ele sussurrou para ela enquanto ela segurava a faca ensanguentada que cortou minha garganta.

— Você finalmente está em casa, — ele murmurou entre beijos em sua bochecha, boca e garganta enquanto eu estava lá, gorgolejando, debatendo-se, chorando.

Ajuda! Eu gritei na minha cabeça. *Adrian, me ajude!*

Ele não fez isso.

Toda a atenção dele estava em Lia, em seu rosto, suas bochechas, sua garganta, sua boca. Ela olhou para mim, no entanto. Seus olhos encontraram os meus idênticos, e ela sorriu enquanto abraçava Adrian de volta e murmurava. — Meu.

Foi quando eu morri. Mas então fui empurrada para outro pesadelo, onde um homem envolveu a minha mão e me forçou a puxar o gatilho. O sangue cobriu minha pele enquanto eu gritava a plenos pulmões.

Então acabou.

Jeremy era quem estava tentando me acordar, parado ao lado da minha cama, segurando um de seus soldadinhos de brinquedo. Ele recuou quando me assustei.

Ele agora está parado perto da cômoda, seu rosto pálido e seus lábios tremendo. — Você é um fantasma, mamãe?

Minha respiração se acalma imediatamente e um tipo diferente de preocupação toma conta de mim. Jeremy parece estar com medo de mim e isso dói mais do que gosto de admitir.

Eu estendo a mão em direção a ele. — Eu sinto muito, Jer. Mamãe acabou tendo um pesadelo. Acabou agora.

— Mesmo? — Ele não parece convencido, mesmo enquanto olha para minha mão.

— Mesmo.

— Você não vai ser a Mamãe Fantasma?

— Claro que não, meu anjo.

Ele cautelosamente dá um passo à frente e coloca sua mãozinha na minha. Eu sorrio e ele sorri de volta. — Você é minha mamãe.

— Eu sou.

Ele sobe na cama e envolve seus pequenos braços em volta de mim. — Você sempre pode ser minha mãe?

O desespero e a exasperação de antes grudam na minha garganta enquanto penso no que dizer a ele. Eu não vou ficar mais aqui.

Eu não me importo se a polícia me prender. Eu simplesmente não posso, sob nenhuma circunstância, permanecer em uma casa que me dá arrepios com um homem que está me apagando da existência. Já se passou uma semana desde o ataque. Sete dias inteiros desde que ele me fodeu pela primeira vez.

Ele fez isso de novo e de novo desde então. Às vezes, duas vezes por dia. Às vezes, como forma de punição. Ontem à noite, foi porque ele descobriu que eu passei a maior parte do dia cuidando de Yan, um fato de que ele não gosta.

Ele foi duro, inflexível e não saiu de mim até que meus lábios sangraram com o quanto eu os mordi. Estou feliz que ele me limpou e

cobriu meu corpo com uma camisola, porque a última coisa que eu quero é que Jeremy me veja nesse estado.

Mas, novamente, Adrian oferece o melhor tratamento posterior que já testemunhei. Eu só conheci homens egoístas que prestavam atenção ao seu próprio prazer e ao inferno com o meu. Adrian não apenas garante que eu goze primeiro e várias vezes, ele também nunca me deixa suja e vai embora. Ele sempre me dá banho, me veste, penteia meu cabelo, me ajeita e até diz a Ogla para me trazer comida na cama quando sente que estou dolorida demais para me mexer.

Eu quero me convencer de que não gosto de nada disso. Que eu não tenho escolha a não ser seguir em frente. Mas será que é assim que o meu corpo sempre se desfaz? Se eu o desejo assim que sua mão está em mim?

Não é o toque dele que eu odeio. É ele e a maneira como ele nunca me chamou pelo meu nome. Parei de pedir, porque não só é inútil, mas sempre sou punida por isso. Duro, com mais dor do que prazer, como se quisesse apagar esse pensamento do meu cérebro. E é por isso que preciso escapar. Meu coração sangra por deixar Jeremy, que está olhando para mim com expectativa, seus olhos cinzentos enormes. A não ser que...

Meu coração dá um salto quando uma ideia maluca se forma na minha cabeça.

— Mamãe?

— Sim?

— Você não me respondeu.

Eu zombo. Ele está definitivamente assumindo a personalidade exigente de seu pai.

— Eu sempre serei sua mãe, Jer. Nada vai mudar isso.

— Podemos brincar juntos hoje?

— Sim, mas primeiro temos que fazer uma visita a Yan.

— Ele ainda está doente porque salvou você, mamãe?

— Sim.

— Vou dar a ele um dos meus brinquedos então.

— Você é um menino tão bom, Jer. Vamos. Vamos ficar prontos.

Depois de nos vestirmos, levo Jeremy para baixo para tomar café. Oglá me observa estranhamente, mas não diz nada. Estou empacotando torradas e geleia quando ela finalmente fala. — Onde você está levando isso, Sra. Volkov?

— Para Yan e Kolya. Eles mal tomam café da manhã de verdade hoje em dia. — Embora eu quase não os tenha visto, ou os outros guardas, comerem antes, sei que Oglá costuma fazer suas refeições em algum prédio nos fundos onde moram e comem.

— Você não tem permissão para visitar Yan.

Eu levanto minha cabeça, parando minha tarefa. — O que?

— Antes de sair esta manhã, o Sr. Volkov deu ordens específicas de que você não tinha permissão para visitar Yan.

— Oh, que se foda ele e suas ordens específicas.

Os olhos insossos de Ogla se arregalam como se não acreditasse no que acabei de dizer. Eu a deixei sem palavras pela primeira vez.

Jeremy ri enquanto puxa meu vestido. — Palavirão, mamãe.

— Desculpe, anjo. — Eu sorrio, então direciono meu olhar para Ogla. — Diga ao seu chefe que ele não pode me impedir de cuidar de um paciente.

E com isso, pego a comida e digo a Jeremy para vir comigo. Entramos na casa de hóspedes. Ao contrário dos outros guardas, Kolya e Yan aparentemente vivem aqui. Como de costume, há dois soldados com armas em punho na frente do prédio. Estou preparada para dizer a eles o que penso se tentarem me impedir, mas não o fazem.

Quando entramos no quarto de Yan, o encontramos dormindo. Ele acordou há alguns dias, mas o médico prescreveu analgésicos que o fazem dormir mais. Ele está coberto por um edredom cinza puxado até o queixo, uma ligeira barba por fazer em sua mandíbula, mas ele não está tão pálido quanto nos primeiros dias.

Kolya está sentado ao lado dele, digitando em seu laptop. Estou surpresa de encontrá-lo aqui, porque ele geralmente é a sombra de Adrian, e desde que Ogla me disse que Adrian tem negócios externos hoje, pensei que Kolya estaria com ele.

Mas, novamente, havia uma tensão fervilhando entre os dois desde a lesão de Yan. Eles mal se dirigem um ao outro, mesmo em russo. Adrian

tem saído muito durante o dia com os outros homens, e Kolya quase não saiu do lado de Yan. Quando entramos, ele fecha seu laptop e se levanta.

— Ele está melhor? — Ofereço comida a Kolya.

Ele a pega e coloca na mesa de cabeceira. — Sim. Eu acredito que sim.

Jeremy está sentado no chão passando sua estatueta pelo lençol, mas está longe o suficiente de Yan para não causar desconforto.

— Sra. Volkov.

Minha atenção desliza de Jeremy para Kolya. — Sim?

— Por favor saia. O chefe deu instruções claras sobre não a receber mais aqui.

Eu cerro meus dentes. Aquele idiota de merda.

— Eu não vou embora. — Eu cruzo meus braços. — E se Adrian disser alguma coisa, diga a ele que eu insisti.

O rosto de Kolya permanece impassível enquanto ele murmura. — Você está tornando o caso de Yan pior, não melhor, Sra. Volkov.

— Certamente ele não machucaria seu homem ferido porque eu quero visitá-lo.

— Não, mas ele vai suspeitar mais dele.

Eu franzo a testa. — Suspeitar dele?

— Chefe acha que Yan pode estar por trás do seu sequestro.

— Que diabos? Ele levou um tiro. Dois.

A mandíbula de Kolya aperta. — Ele acha que Yan poderia ter feito isso de propósito para se safar.

— Puta merda. Seu chefe é um ditador de merda.

Posso dizer que Kolya quer defender Adrian, mas algo o impede. Ou alguém. O corpo inerte de Yan. Então essa é a razão por trás da tensão entre eles. Adrian suspeita de Yan, e o guarda sênior não gosta disso.

— Você contou a ele sua versão dos eventos, Sra. Volkov?

— Claro. — O bastardo me fez repetir várias vezes, como se para ter certeza de que não estava inventando as coisas e que estava recontando como aconteceu.

Eu não mencionei a sombra do homem e o que ele disse. Eu estraguei alguns detalhes para fazer parecer que os sequestradores nos jogaram para fora do carro e foram embora. Ouvi Adrian falar com um de seus homens, que disse ter encontrado um cadáver desfigurado com o carro que caiu no penhasco. Deve ter sido o Homem Rifle.

Ninguém mencionou nada sobre o outro homem. A sombra, que disse que eu tenho uma missão e me chamou de Duquesa. Eu duvidava que isso ajudasse Adrian de alguma forma, e teria sido ruim para mim. Porque mesmo eu ainda não entendo o que suas palavras significam. Mas não achei que Adrian acreditaria que Yan o havia traído. Ele é um bastardo por suspeitar de suas pessoas mais próximas.

— Mamãe. — Jeremy puxa meu vestido.

— Sim, anjo?

— Eu quero trazer minha zona de guerra aqui.

— Certo. — Eu faço uma pausa antes de obedecer. — Você pode fazer isso, Kolya?

— Estou cuidando de Yan.

— Eu vou fazer isso.

— É melhor se você não fizer isso. O chefe não gosta.

— Eu te disse, não me importo com o que ele gosta ou não gosta.

Kolya permanece lá por alguns segundos e quando fica claro que não vou ceder, ele solta um pequeno suspiro. — Muito bem.

— Eu também quero ir! Eu quero ir também! — Jeremy me solta e vai até o guarda mais próximo de seu pai. — Me leve, Kolya.

— Fique de olho nele. — Kolya inclina a cabeça na direção de Yan e eu aceno.

Depois que a porta se fecha atrás deles, puxo as cobertas um pouco sobre seu corpo. — Lamento que seu chefe seja um grande idiota, Yan.

Seus lábios se movem no que se assemelha a um sorriso antes de seus olhos se abrirem. Quando ele fala, sua voz está rouca. — Ele sempre foi. Você só está vendo agora?

— Yan! Precisa de alguma coisa? Devo pegar para você água ou comida ou...

Minhas palavras são interrompidas quando ele levanta a mão e a envolve na minha. — Obrigado por me salvar.

— Certo...

O olhar em seus olhos juntamente com seu toque está me confundindo. Há algo por trás deles, mas o quê?

Como se sentisse minha reação, ele puxou sua mão da minha. — Para mostrar minha gratidão, quero que você vá a um lugar.

— Em um lugar?

— Kolya é o único guarda aqui dentro. Então você não terá ninguém para impedi-la agora que ele não está aqui.

— Me impedir de quê?

— O outro andar, Sra. Volkov. Aquele que você está olhando há semanas.

Meu coração salta para minha garganta quando suas palavras são registradas. Ele percebeu. Tenho pensado em subir lá desde que tive a chance de vir aqui e visitar Yan, mas Kolya sempre, sem dúvida, me acompanha para fora após cada visita. E não tive coragem de voltar durante a noite, especialmente com a frequência com que desmaio devido à foda completa de Adrian.

— Kolya é o homem e confidente número um de Adrian, — diz Yan. — Sua lealdade está com ele e sempre estará, não importa o que o chefe faça.

Não se engane, se ele encontrar você, não hesitará em traí-la, então é melhor se apressar.

— E você, Yan? Isso não te colocaria em apuros?

— Sou apenas um paciente dormindo. Vou fingir que não sei nada. — Ele pisca e meu coração dispara.

Puta merda. Eu vi aquela piscadela antes, mas onde? Onde?

— Vá, — ele sussurra.

Uma parte de mim não quer, uma parte de mim quer enterrar minha cabeça na areia como a pequena senhorita avestruz. Mas essa parte não vence.

Porque a maior parte de mim quer subir lá e ver o que está acontecendo. Talvez se eu fizer isso, eu possa encontrar uma solução para a situação em que estou. Talvez eu possa finalmente me livrar dos pesadelos.

Eu aperto o braço de Yan como uma mensagem de agradecimento, em seguida, saio do quarto. Subo as escadas de dois em dois degraus porque sei que Kolya não demorará muito para voltar. Assim que estou no segundo andar, uma sensação sombria sobe pela minha pele.

Cordas de marionete estalam no meu pescoço enquanto eu dou passos mecânicos pelo corredor. Eu não deveria saber para onde estou indo e, ainda assim, parece que sim.

Eu não abro a primeira ou a segunda porta e, em vez disso, paro na frente da última à direita. Aquela com a janela que vi naquele dia. Meus

dedos tremem quando viro a maçaneta. Espero que ela esteja fechada e me deixe do lado de fora, mas um clique suave ecoa no ar. Ao abrir, as dobradiças fazem um pequeno som estridente como os de filmes de terror e thrillers de tirar o fôlego.

Não sei por que acho que um monstro está esperando por mim do outro lado. Não é. É muito pior. Alguém está deitado em uma cama simples. Os fios são enganchados no braço da pessoa. Ele está parado, imóvel, como se estive morto. Mas a máquina de bipes à direita mostra uma batida normal.

Beep. Beep. Beep.

Meus dedos suados soltam a maçaneta da porta enquanto me aproximo da cama lentamente. Meus pés estão prestes a falhar, meu coração está batendo tão forte que teria quebrado a máquina se estivesse ligada a uma. Minhas mãos cobrem minha boca enquanto olho para a pessoa deitada lá.

Ela está vestindo uma camisola branca como no pesadelo, seu cabelo escuro espalhado por todo o travesseiro e sua pele é branca pastosa. O lençol de lã cobre-a até os seios e suas mãos estão cruzadas sobre o estômago como se ela estivesse em um caixão.

Lia Volkov.

A verdadeira Lia Volkov.

Eu pensei que ela estava morta. Como ela poderia estar...? Por que ela está...?

Meus pensamentos caem um sobre o outro sem uma direção clara enquanto uma sensação nauseante se instala sobre meu estômago, exigindo

que eu vomite meu café da manhã. Seus olhos se abrem, seu azul colidindo com os meus. Eu tropeço para trás quando minha boca se abre em um grito.

Capítulo Vinte e Nove

Winter

Isso é um pesadelo. Isso só poderia ser outro pesadelo. Eu realmente não acordei esta manhã e estou tendo outro pesadelo. Fecho os olhos com força e os abro novamente. Lia ainda está lá, olhando, mas não para mim. Seu olhar não me seguiu quando tropecei.

Eu me belisco em uma tentativa desesperada de acordar, mas apenas uma dor lancinante me cumprimenta. Meu corpo inteiro treme quando me aproximo dela novamente. Ela continua a olhar fixamente, mas nada em seu corpo se move. Nem suas mãos, nem seus membros. É como se ela estivesse dormindo com os olhos abertos.

— Lia, — sussurro, com medo de que algo mais alto a faça pular da cama e cortar minha garganta como fez em meu pesadelo mais recente.

Ela não mostra nenhuma reação ao me ouvir. Seus olhos ainda fixos em frente, presos em uma terra estrangeira. Eu passo a mão na frente de seu rosto, mas ela não segue. Ela nem está piscando, completamente em transe. Agora que não estou mais em choque, posso ver que seus olhos estão vazios, mais claros do que os meus, como se os sentimentos que os iluminavam tivessem desaparecido completamente.

Eu lentamente toco seu ombro, embora meu corpo esteja em guarda, pronto para fugir daqui a qualquer segundo. Lia não se move. Nem mesmo um centímetro.

Ela está paralisada? Morte cerebral? O que é exatamente que faz com que uma pessoa permaneça neste estado sem fazer um único movimento?

— Lia... — murmuro novamente.

Nada. Mas isso não me dá alívio. Na verdade, o pavor e a tristeza de antes golpeiam minha caixa torácica e apertam meu coração. Minha perna vibra e eu suspiro, pensando que Lia me tocou. É o telefone. *Apenas o telefone.*

Eu o retiro com dedos trêmulos. O texto que me saúda aprofunda meu estado de tremor.

Número desconhecido: *Você já encontrou sua missão?*

Meu olhar desliza da tela para Lia e depois de volta, meu coração trovejando na minha garganta. Ele... a sombra tem algo a ver com isso? Eu digito uma resposta.

Lia: *Tem alguma coisa a ver com a Lia?*

Número desconhecido: *Você se tornou Lia Volkov por um motivo. Encontre. Faça. Estou perdendo a paciência, Duquesa.*

— O que diabos isso quer dizer? — Eu murmuro baixinho.

A cabeça de Lia rola para o lado em um ângulo não natural, como se estivesse prestes a se quebrar. Seus olhos piscam rapidamente e sua boca se

abre quando um longo gemido de dor a deixa. É cru, profundo e assustador.

Eu saio correndo de seu quarto, batendo a porta atrás de mim. Meus dedos tremem ao redor do telefone enquanto corro. Eu não paro de correr até estar do lado de fora. Meu coração bate na garganta e tenho quase certeza de que os guardas notam, mas se notam, não comentam. Eu me forço a andar em um ritmo moderado até chegar à casa principal. Eu corro escada acima, entro no quarto e me escondo embaixo das cobertas.

Minha mão ainda está enrolada firmemente em torno do telefone como se fosse uma linha segura dos dedos fantasmagóricos que sinto tentando tirar as cobertas de mim ou das cordas de marionete tentando me direcionar para um túnel escuro.

E se Lia me seguisse? E se ela me matar agora?

O suor cobre minha testa e meus dedos estão rígidos enquanto eu olho para a luz do telefone sob a escuridão das cobertas. As mensagens do número desconhecido brilham de volta para mim. Ele sabe de alguma coisa. Ele disse que eu ocupei o lugar dela por um motivo. Mas o que? Além de ser coagida por Adrian a isso, eu não tinha motivo para ser Lia. Eu não quero ser Lia.

Então, a compreensão do que vi me atinge como uma marreta. Ela está viva. *Lia Volkov está viva*. Eu mal estava pendurada por um fio antes, mas agora que sei que ela está viva, me sinto dez vezes pior do que esta manhã.

Tudo que Adrian fez comigo foi fodido, mas eu pensei que era contra alguém morto, alguém que não existe. Mas ela existe. Ela respira. Ela está bem ali, na mesma casa maldita, enquanto uma sem-teto está transando com o marido dia após dia.

Eu tirei a vida dela, seu filho, seu marido. Tudo. Acho que vou vomitar.

Não admira que eu tivesse pesadelos com ela me matando ou tentando. Eu teria feito o mesmo. Se meu marido, o homem que amo, trouxesse outra mulher para foder sob meu teto, eu o mataria com minhas próprias mãos. Eu não me importaria que ele a chamasse pelo meu nome ou que ele apenas a trouxesse como uma substituta. Ela não é eu.

É trair.

Está errado pra caralho. Posso ter ficado quieta sobre isso antes, mas agora que sei, não posso continuar assim. Eu não estou tão doente quanto Adrian. Eu não sou uma destruidora de lares. *A outra mulher.*

Trazendo minha conversa com a sombra, eu sei que ele é o único que pode me permitir uma fuga. Afinal, ele me sequestrou daquela festa de aniversário, no meio de toda aquela segurança, só para uma conversa. Ele pode fazer isso de novo se eu mentir e disser que conheço a missão.

Desta vez, não vou voltar para o lado de Adrian e seus jogos doentios e distorcidos. Desta vez, vou precisar sair, porra.

Capítulo Trinta

Adrian

Quando entro em nosso quarto, a primeira coisa que sinto é... rosas.

Há algumas velas acesas na mesa de cabeceira, suas luzes piscando no quarto escuro. Eu paro na entrada enquanto tiro meu paletó. Hoje foi tedioso pra caralho e a reunião na mesa de Sergei foi toda sobre dar golpes. Embora eu normalmente não pestaneje para isso, a ameaça visível que Vladimir e Sergei estão mostrando contra mim me deixou cauteloso.

Felizmente, as câmeras na mansão de Sergei não capturaram nada sobre o sequestro daquela noite. Eu mesmo assisti, fingindo que tinha perdido meu cartão, mas essa parte foi completamente cortada da filmagem. A última coisa que mostrou foi Yan conduzindo Lia para dentro do meu carro antes que ela agarrasse seu ombro e o puxasse com ela.

Assisti às imagens das câmeras opostas, depois parei e aumentei o zoom para ver os rostos dos agressores, mas os dois usavam máscaras. O motorista estava de boné e nunca ergueu a cabeça o suficiente para que eu visse seu rosto.

O outro não foi tão cuidadoso, e isso faz sentido, já que presumo que seja ele o que encontramos no sopé do penhasco. Ele era um Spetsnaz que

se tornou um assassino. Um mercenário de ponta a ponta, sem nenhuma aliança real e, como a maioria dos Spetsnaz profissionais, é impossível rastrear como ele entrou em contato com seus clientes.

Eu estava e ainda estou, mais interessado no filho da puta que escondeu o rosto o tempo todo, porque parecia que ele segurava as rédeas de toda a operação. Assisti a todas as filmagens do estacionamento naquele dia e até levei comigo o equivalente a uma semana. Ele não apareceu na câmera. Em absoluto. O que significa que ele sabia tudo sobre eles e fez questão de ir em seus pontos cegos.

Ele também sabia como atirar em Yan de uma forma que não seria capturada pela câmera, então usou estradas sem vigilância. Agora, essa é a parte que não faz sentido, porra. Por que ele passou por todos esses problemas apenas para deixá-los ir? Ele poderia ter causado mais danos em mim se tivesse me ameaçado com a vida de Lia.

Se Yan não fizer parte disso, e eu tenho noventa e nove por cento de certeza que ele não faz, ele poderia simplesmente ter matado meu guarda. Por que diabos ele liberou os dois?

A menos que seu objetivo nunca tenha sido capturá-los.

Yan disse que ficou inconsciente durante a maior parte do percurso de carro e não conseguia se lembrar de muita coisa. Ele está mentindo. Eu posso dizer quando Yan mente. Mas eu ainda não consigo entender por que ele está mentindo, então eu disse a ele que seu sustento depende de ele se lembrar ou não do que aconteceu naquele maldito carro.

Kolya me olhou feio antes de perceber que não deveria estar me encarando. Meu segundo em comando é muito generoso quando se trata de Yan, tanto que até ele se deixou enganar por seu desempenho. Ele só vê sua dor, mas eu vejo muito além disso.

Eu vejo o vínculo que ele formou com Lia ao longo do tempo que ele está olhando para ela, por mais que eu odeie isso. Vejo como sua lealdade a mim não é mais absoluta. Está dividido entre mim e ela e isso só vai machucá-lo no longo prazo.

Eu fecho a porta do quarto atrás de mim. Quando Ogla e Kolya disseram que Lia desafiou abertamente minha ordem de ficar longe de Yan, eu estava vindo aqui com a intenção de puni-la, mas isso foi antes de ter essa visão. Lia está sentada em sua cômoda, escovando o cabelo sobre o ombro delgado e delicado. Ela está vestindo uma camisola de cetim azul que combina com a cor de seus olhos brilhantes.

A alça cai da curva cremosa de seu ombro e ela não se preocupa em segurá-la. Sua atenção está no espelho enquanto ela escova lentamente os fios brilhantes de seu cabelo escuro. Eu abandono meu paletó na cadeira enquanto meus pés se movem em direção a ela. Eu não tenho escolha em querer estar perto dela. Está gravado na própria medula dos meus ossos, sem opção de purgá-lo.

O cheiro de rosas enche minhas narinas quando estou perto. Como se finalmente sentisse minha presença, os dedos de Lia param na escova e ela encontra meu olhar através do espelho, com a boca aberta. Seus lábios

estão pintados com um batom vermelho escuro que eu quero deslizar minha língua e espalhar em suas bochechas rosadas.

— Você está de volta, — ela murmura.

— Estou de volta, — falo baixinho enquanto coloco minhas mãos em seus ombros. Em vez de levantar a alça, empurro a outra pelo braço dela. O material escorrega, revelando seus seios pálidos e seus mamilos rosa macios.

Eu solto um de seus ombros e pego um seio na palma da minha mão. Ele se encaixa perfeitamente, como se tivesse sido feito para a minha mão. Meu polegar acaricia seu mamilo e ela respira fundo enquanto ambas as mãos descansam em seu colo.

— Velas? — Eu pergunto com indiferença, como se eu não estivesse, de fato, pensando em transar com ela no chão agora. Ela parece tão tentadora, como se minha fantasia mais complicada se tornasse realidade.

Estou falando para distrair o animal em mim de agir sobre esses desejos carnavais e de alguma forma acalmar minha ereção furiosa. Essa estratégia está falhando enquanto falamos.

— Elas cheiram bem. — Sua voz é ofegante, erótica pra caralho, e não está ajudando minha missão. — Você não acha?

— Elas cheiram. — Eu agito mechas de seu cabelo e levo-o ao nariz, inalando profundamente. — Mas não mais do que você.

— Mesmo?

— Mesmo.

— O que eu cheiro?

— Como rosas e vícios de merda.

— Como você sabe como cheiram os vícios?

— Eu não sabia. Até você.

— Eu? — Ela arrastou a palavra.

— Sim você. Hmm. Se eu não soubesse melhor, diria que você está me seduzindo, *Lenochka*. — Eu belisco seu mamilo e ela engasga antes de morder o lábio inferior.

O fato de que ela está se silenciando deve ser desagradável, mas estou muito longe para esta mulher registrar isso. Eu solto seu cabelo e coloco dois dedos em sua boca, esperando que ela me morda. Pelo menos posso sentir o quanto ela me quer assim. Quanto mais forte for sua mordida, mais ela anseia por mim tanto quanto eu por ela.

É um senso de autoafirmação fodido. Algo que me mantém à tona. Estou totalmente ciente de que ela se afastará de mim depois que terminarmos. Que ela vai virar para o lado dela e me dar as costas, me apagando de seu mundo. Mas agora, enquanto a estou tocando, ela é minha para a tomada.

Minha para possuir. *Minha para possuir, porra.*

Em vez de morder, porém, Lia passa a língua em meus dedos. Seus olhos encontram os meus através do espelho, milhares de brilhos passando por todos eles de uma vez.

Eu belisco seu mamilo, puxando o botão rosado e apertado e ela engasga em torno dos meus dedos. Eu os puxo antes de empurrá-los novamente. Ela os chupa, diligentemente e com energia renomada, seus olhos nunca deixando os meus.

— Que se foda isso. — Eu a levanto, um braço envolvendo sua cintura. Ela é tão pequena que se aninha em mim, mesmo com uma das mãos.

Eu empurro o que quer que esteja em sua cômoda com a outra mão e ela engasga quando seus dedos cavam em meus ombros. Algumas garrafas se espatifam no chão e outras coisas caem. Felizmente, nenhuma das velas está aqui, porque eu teria começado um incêndio.

A melhor opção teria sido carregá-la para a cama, ser um maldito ser humano, mas não tenho paciência para chegar à cama agora. A pequena distância parece estar a um ano-luz de distância. Meu controle de aço é nulo e vazio quando se trata desta mulher.

É por isso que a mantenho longe da irmandade. É por isso que prefiro não sair em público. Sempre fico tentado a sair em uma matança se alguém olhar na direção dela, quanto mais falar com ela. Sempre fico tentado a nos trancar em um lugar onde ninguém possa nos encontrar. Eu desabotoei minha calça e a puxei para baixo com minha cueca boxer para liberar meu pau ingurgitado. Lia me observa, sem piscar, sem se mover. Ela até para de respirar por um segundo. Ela geralmente observa minha ereção com uma

expressão meio atordoadada, meio animada, e estou rezando para que a parte animada ganhe, porque estou prestes a explodir.

— Vou te foder forte e rápido esta noite, Lia. Eu não vou ser gentil. Eu não posso ser gentil, mas se eu te machucar, se ficar insuportável, me diga.

Seu peito sobe e desce pesadamente, seus seios de pontas rosadas empurrando para cima e para baixo a cada movimento.

— Está claro, Lia?

Ela acena com a cabeça uma vez, seu olhar deslizando para o meu.

— Use suas palavras. Quero ouvir você.

— Me ouvir?

— Sua voz. Eu quero ouvir, Lia. Então, quando eu te foder, não se cale para mim.

— Por que isso é tão importante para você? — Ela sussurra.

— Porque é tudo de você. — *E porque ela será minha Lia. Totalmente. Totalmente.*

Meu braço ainda está enrolado em sua cintura enquanto uso minha outra mão para separar suas coxas e rasgar sua calcinha. Ele se desfaz de uma vez, juntamente com seu suspiro, enquanto eu bato dentro de seu calor úmido.

Ela me recebe em seu calor, as paredes se fechando e as pernas tremendo. Seu corpo cede no meu e seus braços envolvem meus ombros, unhas arranhando minha pele com cada movimento dos meus quadris.

Como prometido, eu a tomo forte e rápido. Suas costas batem no espelho com cada uma das minhas estocadas. Eu posso sentir ela apertando em torno de mim em preparação para seu orgasmo. Mas ainda não.

Eu saio dela e ela libera um som que fica entre um suspiro e um gemido. Eu mordo seu lábio em minha boca antes de soltá-lo e virá-la para que ela fique de frente para o espelho.

Seus olhos se arregalam quando ela se vê, seminua, a camisola enrolada em volta da cintura. Ela rapidamente inclina a cabeça quando empurro dentro dela. Eu agarro sua mandíbula, dedos cavando em sua carne, e inclino sua cabeça na direção do espelho. — Olhe para o seu rosto quando eu te foder. Veja como seu corpo responde a mim.

Ela tenta quebrar o contato visual novamente, aparentemente com vergonha do que está vendo, mas eu mantenho meu aperto firme em torno de sua mandíbula, imobilizando-a.

— Olhe para mim, Lia. — Ela não faz, então eu rolo meus quadris, batendo mais fundo nela, meus dedos afundando em sua perna. — Olhe para mim.

Seus olhos encontram os meus através do espelho, hesitantemente, quase como se ela estivesse com medo do que encontrará em meu rosto. Não tenho certeza do que ela vê, pode ser minha necessidade animal por ela, minha obsessão sombria por ela, ou os segredos e mentiras que envolvem nossas vidas juntos.

O que quer que seja, a mantém enraizada no lugar enquanto eu a fodo com mais força, entrando nela com uma urgência enlouquecedora. Eu coloco uma mão protetora em torno de seu estômago para que ela não bata na borda da cama com cada uma das minhas estocadas violentas.

Seus seios pequenos e empinados saltam e suas pernas tremem com o poder de meus quadris.

— Adrian... — ela geme, sua voz é o som gutural mais doce, mais erótico que eu já ouvi.

Ela não morde o lábio, nem mesmo tenta desviar o olhar de mim. Os gemidos de Lia aumentam no ar como na vez em que eu a fodi depois que ela foi sequestrada. Eles estão crus e famintos, deixando os cantos de sua alma e batendo direto na minha.

Isso só me deixa mais duro, meu ritmo aumentando e meu ritmo saindo da porra do controle. O fato de que ela está me deixando ouvir sua voz, sem amarras, sem modificações, enche minha virilha e meu peito com uma sensação incomparável de luxúria, de propriedade e algo totalmente diferente.

Sempre quis arruinar essa mulher, mas também posso conquistá-la. Para confiscá-la.

Para tê-la só para mim.

Lia goza com um grito rouco, seus dedos agarrando a borda da cama. Eu me junto a ela logo depois, derramando minha semente nela e firmando minha reivindicação. A respiração áspera enche o ar enquanto nós dois

descemos lentamente do nosso alto. Lia ainda não desvia o olhar de mim, como se seus olhos encantadores estivessem em transe. Eu escovo meus lábios contra seus ombros. Um brilho de suor cobre sua pele, mas eu não dou a mínima para isso. Tudo nela é perfeito.

— Adrian? — Ela sussurra.

— Hmm? — Eu murmuro, continuando minha mordidela lenta em sua pele. Eu estou apenas dando a ela algum tempo de descanso antes de carregá-la para a cama e transar com ela novamente. Mais devagar dessa vez. Embora eu tenha certeza de que quando estiver dentro dela, não serei capaz de me controlar. Novamente.

— Tenho estado bem?

— Muito, *Lenochka*.

— Eu mereço uma recompensa?

— Hmm. — Eu deslizo minha língua por sua garganta antes que meus lábios encontrem seu ouvido. — O que você quer?

— Eu quero sair com Jeremy.

— Você faz, todos os dias. — Eu volto a morder seu pescoço, os dedos acariciando seus seios e mamilos, fazendo-a ofegar.

— N-Não para o jardim.

— Então onde?

— O Parque. Um lugar com crianças de verdade e pessoas que ele pode ver.

— Risco de segurança. Não.

— Adrian, por favor. — Ela se vira para me encarar, de modo que ela fica enjaulada entre mim e a cômoda, e coloca uma mão suave no meu peito. — As crianças da idade dele precisam sair e conhecer outras crianças. Será apenas por algumas horas, e tenho certeza de que seus guardas ficarão de olho em nós.

Eu não gosto deles lá fora, nem mesmo quando meus guardas estão com eles. Mas eu sei que ela está estressada. Eu percebi isso em seus gestos distraídos recentemente e na intensidade crescente de seus pesadelos. Se ela não liberar essa tensão, ela pode e vai começar a agir logo. Embora eu não tenha certeza sobre a extensão do que acontece, os padrões não mentem, e ela está desenvolvendo um.

Mas, em vez de concordar prontamente, levanto uma sobrancelha. — Uma condição.

Seus olhos brilham. — O que?

— De agora em diante, você vai me deixar ouvir sua voz.

Ela engole, hesitando antes de concordar. Não gosto daquele momento de hesitação, como ela quer dizer não, mas sabe que tem que dizer sim para conseguir o que deseja. Isso não significa que eu não vou cobrar isso dela, no entanto.

Eu levanto seu queixo. — Começando hoje à noite.

— Isso significa que você vai nos deixar?

— Eu farei arranjos.

— Obrigada. — Ela sorri largamente e eu beijo aquele sorriso. Eu me deleito com isso, enfiando minha língua dentro e beijando-a com uma violência que a deixa sem fôlego.

Eu amo fazê-la feliz. Eu amo como ela derrete em meus braços e pretendo mostrar a ela o quanto eu amo isso a noite toda. Mas até eu sei que essa fase chegará ao fim. Que ambos precisamos enfrentar nossos demônios. Eu a carrego em meus braços em direção à cama. Vou me preocupar com isso quando acontecer, porque agora, minha esposa é a única que importa.

Capítulo Trinta e Um

Winter

Nunca pensei que Adrian fosse realmente nos deixar sair. Quando eu criei esse plano, a única variável era Adrian. Ele sempre me mantém em uma torre de marfim que, de alguma forma, está bloqueada do mundo exterior.

Então, quando pedi a ele para deixar eu e Jeremy sair, pensei que ele recusaria, embora eu usasse meu corpo para relaxá-lo um pouco. Bem, usado é um exagero. Aproveitei cada segundo do sexo da noite passada. Na verdade, gostei tanto que fiquei um pouco apavorada com o puro desejo que vi em meu rosto no espelho.

Mas também usei isso a meu favor.

Adrian se torna mais aberto para mim quando ele está dentro de mim. Eu não diria que ele abaixa a guarda, mas ele está mais sintonizado comigo. E para isso, eu tive que deixar ir completamente, sacrificar minha luta para que ele caísse mais dentro de mim. Eu não teria conseguido se tivesse fingido ou resistido a ele. Ele é muito perceptivo, tão metódico que prendi a respiração a noite toda pensando que ele me pegaria.

Ainda estou prendendo a respiração.

Jeremy está brincando com seu carrinho de brinquedo enquanto nos sentamos no banco de um parque próximo. Dois dos guardas de Adrian não estão longe de nós, mas eu os convenci a nos dar algum espaço. Ambos são volumosos, carrancudos e assustadores como o inferno. Eles chamariam mais atenção em vez de desviá-la. O céu está nublado, o ar frio e o vento é uma lembrança constante da estação fria cada vez que sopra meu cabelo para trás.

O parque está cheio, porém, como eu esperava. As crianças brincam com seus brinquedos e os adultos correm ou andam de bicicleta. É o tipo de caos que mantém os guardas alertas e funcionará a meu favor.

O número de telefone desconhecido ou ‘sombra,’ como gosto de chamá-lo, disse que ele fará contato. Enviei a ele uma mensagem dizendo que estaria neste parque hoje, antes de deletar a conversa inteira.

Não tenho certeza se Adrian está mexendo no meu telefone, então não posso correr riscos.

Esperar que a sombra faça contato é um conceito totalmente novo de estressar os nervos. Estive observando meus arredores pela última meia hora como um viciado em busca de sua próxima dose. Obriguei-me a permanecer imóvel para não alertar os guardas. Eles não são Kolya nem Yan, mas são homens de Adrian do mesmo jeito. Eles estão alertas e não hesitarão em informar seu chefe se perceberem algo incomum.

Meu telefone vibra na minha bolsa. Meu coração troveja quando o retiro. *Adrian*. Embora eu deva ficar desapontada por não ser a sombra, meu pulso dispara ainda mais. Eu gostaria que houvesse uma maneira de

me impedir de ter essa reação sempre que Adrian está envolvido. Eu gostaria de não estar cobiçando um homem casado.

Porra. Não é apenas luxúria. É algo mais, e foi o que trouxe lágrimas aos meus olhos esta manhã no chuveiro. Não importa, no entanto. Ele não é meu e nunca será. É por isso que preciso sair. Ele não me liga normalmente, mas, normalmente, ele me mantém sob sua vigilância em casa.

Limpendo minha garganta, eu respondo. — Ei.

— Você e Jeremy estão se divertindo? — Sua voz calma e sofisticada transparece. Posso imaginá-lo sentado atrás de sua mesa e batendo o dedo na mesa.

— Sim. — Eu olho para Jeremy, que agora está preocupado em assistir um exército de formigas desaparecendo atrás do banco.

— Está frio.

— Usamos casacos, cachecóis e luvas. Você se certificou disso, lembra?

— Eu lembro.

— Estamos bem, Adrian. Realmente estamos.

— Eu gosto disso. — Sua voz diminui.

— Você gosta do que?

— Vocês dois estão bem.

Você quer dizer Lia e Jeremy. Mas eu não digo isso, optando por permanecer em silêncio.

— Tenha um encontro comigo esta noite.

— Um e-encontro?

— Sim. É quando duas pessoas se encontram juntas.

— Eu sei o que é um encontro. Só não sei por que você quer.

— Você já está tendo um encontro com Jeremy. Por que não comigo?

— Você está com ciúmes do seu próprio filho?

— Às vezes. O que você diz?

— Sobre o que?

— O encontro.

— Eu posso recusar?

— Sim, mas é mais divertido se não o fizer.

— Tudo bem.

— Eu te vejo mais tarde, *Lenochka*.

— Vá ver a porra da sua esposa em coma, — murmuro para o fim da linha enquanto solto um suspiro áspero.

Eu sei que tudo isso é atuação, mas está ficando entediante e eu quero sair de toda essa charada. Quero apagar o dia em que conheci Adrian. Quero voltar a ser o ninguém nas ruas, pensando em minha próxima

refeição com Larry. Eu me pergunto se vou encontrar meu velho amigo agora.

— Mamãe, olha! — Jeremy exclama, apontando para um mini circo que passa.

Alguns palhaços passam com grandes balões nas mãos. Um homem sobre pernas de pau joga bolas para o alto e outro homem com olhos pintados de branco e preto toca gaita. A atenção da multidão muda para eles. As crianças, incluindo Jeremy, estão completamente cativadas pelo show.

Eles param perto de nós, os palhaços dançando e pegando crianças pelas mãos. Um deles se aproxima de Jeremy e lhe dá um balão. Meu anjinho pega com um sorriso enorme no rosto. Os guardas de Adrian começam a cruzar a distância entre nós, provavelmente vendo os palhaços como uma ameaça.

Minha coluna endurece, mas por um motivo totalmente diferente. O mini circo está envolvendo Jeremy. Ele dança com eles, rindo e me chamando. Tento chegar até ele, mas eles me mantêm fora enquanto sorriem e fazem malabarismos com bolas no ar.

Eu empurro através deles, minhas palmas ficando suadas. — Jeremy!

Um aperto forte fecha em torno do meu pulso e eu grito quando sou puxada para trás, mas o som é abafado por uma mão contra minha boca.

Tudo que posso respirar é couro enquanto ele me arrasta para longe da multidão. Tento chutá-lo, mas ele me agarra pelos cabelos. — Fique quieta, Duquesa. Não queremos quebrar seu lindo pescoço agora, queremos?

— Jeremy! — Murmuro contra sua mão, mas mal sai como uma palavra.

Ele não me solta até que estejamos em um beco com minhas costas pressionadas contra a parede. Estou respirando com dificuldade enquanto olho para ele. Ele está usando um boné preto e uma máscara que cobre seu nariz e boca. Apenas seus olhos são visíveis, eles são castanhos, profundos e tão familiares.

— Eu disse que vou levar Jeremy comigo, — digo, ofegante.

Ele ri, o som condescendente. — Você acha que Adrian vai deixar seu único filho sair de sua vista? Ele vai virar o mundo de cabeça para baixo para ele.

— Ainda...

— Cale a boca com suas lamentações, Duquesa. Você disse que tem algo para mim.

— Eu não vou te dizer até que você me leve e Jeremy embora.

— Embora? Sua missão está aqui. Por que diabos você deveria ir embora?

— Mas...

— Você não se lembra, não é? — Ele solta um suspiro exagerado. — Você é um pé no saco, Duquesa. Sempre foi.

— O que?

Ele remove sua máscara e eu suspiro. Seu rosto, aquele com a barba por fazer e o nariz reto. É o mesmo do meu pesadelo. O homem que estava segurando minha mão enquanto eu agarrava a arma e puxava o gatilho. — Você!

— Sim eu. Seu único, o único ou seja o que for.

— Mas você não é real. Foi um pesadelo.

Ele belisca minha bochecha. Duro.

— Aí. Por que fez isso?

— É como você diferencia entre realidade e alucinação, Duquesa. Dor significa que é real. A falta de dor significa que é um jogo doentio em sua cabeça.

Minha boca se abre. — Como... como você sabe disso?

— Eu sei muitas coisas sobre você, mas o mais importante de tudo, eu sei que você não cumpriu sua missão, Lia.

— Eu não sou Lia, — murmuro. Pela primeira vez, as palavras pareciam falsas.

— Sim, você é, Duquesa.

— Não. A verdadeira Lia está deitada na cama, olhando para lugar nenhum.

Ele levanta uma sobrancelha. — Ela é real, entretanto? Você testou sua dor?

Minha língua gruda no céu da boca e eu forço para baixo enquanto murmuro. — Não. Eu não sou Lia. Eu sou Winter.

— Você realmente acredita nessa merda, não é? Quão longe você foi desta vez?

— É real, — eu estalo. — Eu não sou Lia.

Ele se inclina para sussurrar. — Então, como você me ajudou com a tentativa de assassinato de Adrian há um ano? O pesadelo em que você me viu? Sim, isso foi uma memória, Duquesa.

Eu balanço minha cabeça freneticamente, não querendo ouvir isso, não querendo deixar o influxo de energia que está fluindo em minhas veias bater na minha cabeça. Meus membros tremem e estou apavorada com o que esse influxo trará.

— Eu sou Winter. Meu nome é Winter Cavanaugh e...

Um flashback me atinge com tanta força que minhas palavras morrem na minha garganta.

Estou parada no meio de uma igreja, murmurando 'sim' enquanto olho para Adrian. Ele está em um smoking que o torna dez vezes mais bonito enquanto eu estou usando um vestido de noiva branco.

Sua mão forte envolve minha nuca enquanto ele me puxa contra seu peito. — Você é minha agora, Sra. Volkov.

Seus lábios encontram os meus em um beijo intenso que rouba minha respiração.

Eu não o beijo de volta.

Só penso em como terminar a vida dele.

Eu suspiro quando sou empurrada de volta ao presente.

— Você se lembra agora? — Luca pergunta. Esse é o nome dele. Luca. Meu parceiro em tudo isso.

E eu me lembro.

É verdade.

Meu nome é Lia. Lia Volkov.

Continua...

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de best-seller internacional de tudo que é romance de inimigo para amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é romântica no coração de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade tranquila no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.